

Janeiro/85 - N.º 444 - Cr\$ 4.000

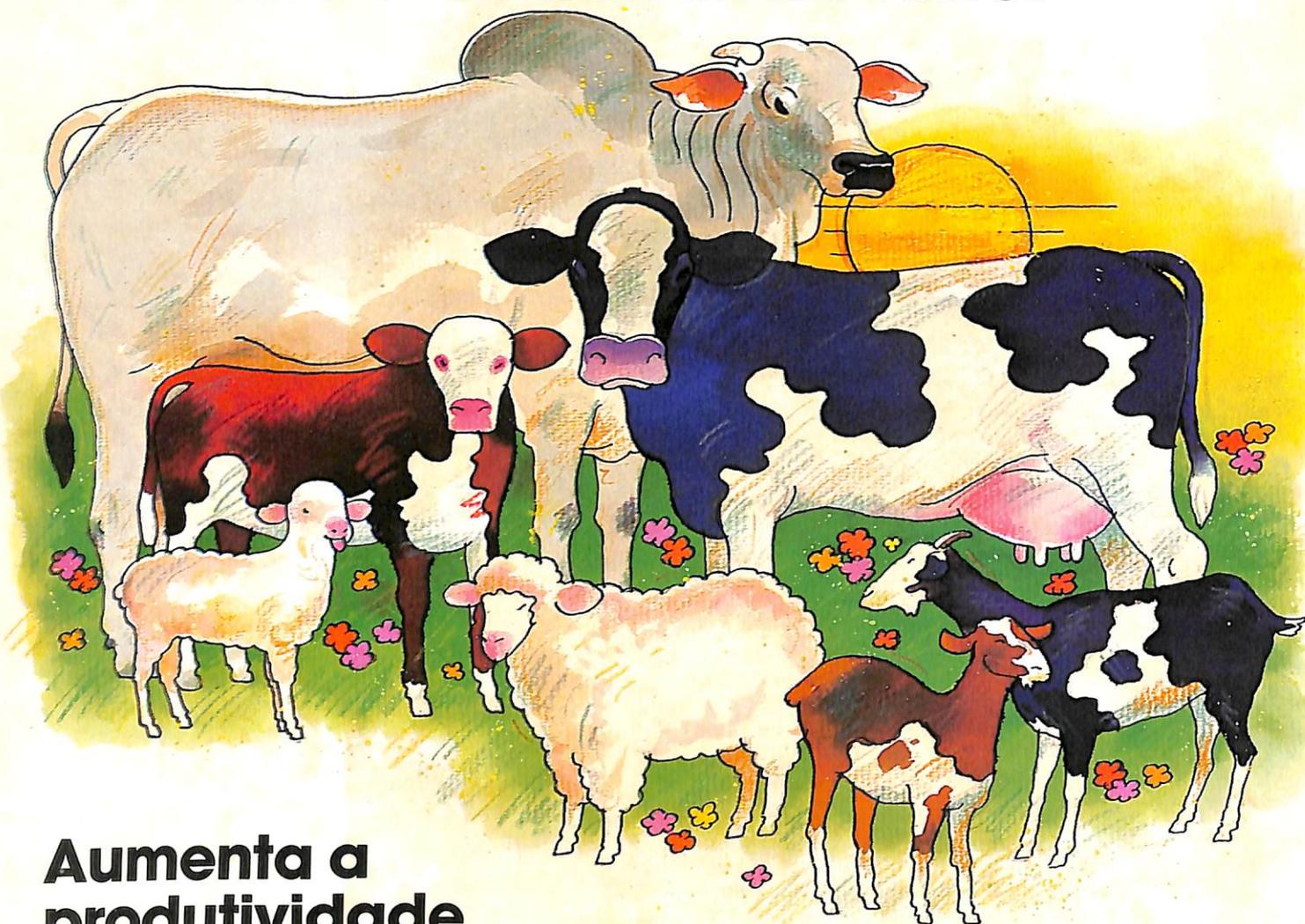
40 ANOS

REVISTA

Quarta

URÉIA PETROFÉRTIL

Mais Carne. Mais leite.



**Aumenta a
produtividade
do rebanho.**

Multiplica os lucros do criador.

Somos os maiores distribuidores de uréia pecuária no País. Temos por norma despachar as encomendas no mesmo dia da chegada dos pedidos. Em qualquer quantidade. Para onde quer que os compradores se encontrem.

É sempre com a garantia da tradicional qualidade de M. Cassab, mais de 20 anos dedicados à nutrição animal.



M. CASSAB

COMÉRCIO E INDÚSTRIA LTDA.

São Paulo: Alameda Campinas, 463 - 15º andar - CEP 01404 -
Telex (011) 23271 FEED BR. Salvador: M. Cassab Nordeste Com.
e Ind. Ltda. - Av. Antônio Carlos Magalhães, 1.034 - conj. 123-C -
CEP 40000 - Telex (071) 3213 FEED BR.



Fale com a gente
255-8211, em
ligações da Capital e
Grande São Paulo.

(011) 800-8211,
em ligações grátis,
do Interior paulista e de
outros Estados.

(071) 248-4834,
M. Cassab Nordeste.

Será um prazer atendê-lo.

URÉIA

Ma



Aumenta a produtividade do rebanho Multiplica

Somos os maiores dis
Temos por norma des
da chegada dos pedic
quer que os comprad
E sempre com a garantia da tr
mais de 20 anos dedicados
à nutrição animal.

90000

CARTÃO-RESPOSTA COMERCIAL

Não é necessário selar este cartão

O selo será pago por
EDITORA CENTAURUS LTDA.
DEPTO. CIRCULAÇÃO
Av. Getúlio Vargas, 1558
Cx. Postal 2890
Porto Alegre - RS

ISR 49-369/82
UP SIQ. CAMPOS
DR/RS



M. CASSAB

COMÉRCIO E INDÚSTRIA LTDA.

São Paulo: Alameda Campinas, 463 - 15º andar - CEP 01404 -
Telex (011) 23271 FEED BR. Salvador: M. Cassab Nordeste Com.
e Ind. Ltda. - Av. Antônio Carlos Magalhães, 1.034 - conj. 123-C -
CEP 40000 - Telex (071) 3213 FEED BR.

Fale com a gente

255-8211, em
ligações da Capital e
Grande São Paulo.

(011) 800-8211,
em ligações grátis,
do Interior paulista e de
outros Estados.

(071) 248-4834,
M. Cassab Nordeste.

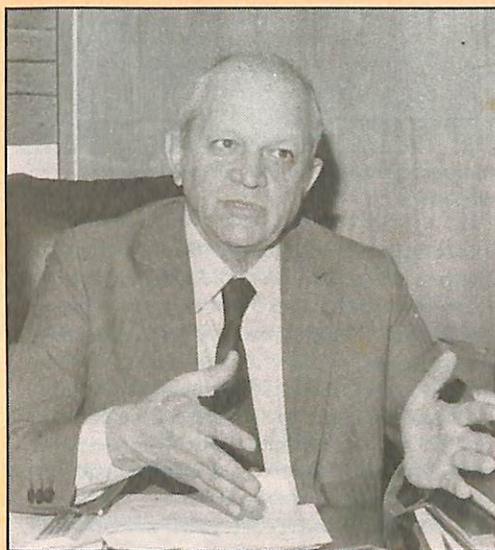
Será um prazer atendê-lo.

Alimento caro

Aos 53 anos de idade, filho de um representante de máquinas de costura Singer, o paulista de Itápolis, Olacyr Francisco de Moraes, amealhou um verdadeiro império agrícola: 300 mil hectares de terra, espalhados por Mato Grosso e Mato Grosso do Sul, e a marca de maior produtor individual de soja do mundo. Originário do setor de construção, a sua empresa Constran é uma das maiores do país e ele possui um conglomerado de empresas em áreas diversificadas, como exportação, processamento de dados e um núcleo financeiro liderado pelo Banco Itamarati.

Entusiasmado com a agricultura a partir da amizade com o pecuarista Tião Maia, Moraes não poupou esforços ao investir na área. Hoje, confessa que, ao implantar a Itamarati, em 1977, freqüentava com assiduidade o Instituto Agrônomo de Campinas, em São Paulo, conceituado centro de estudos, e lia exaustivamente sobre um único assunto: agricultura. Atualmente, a fazenda possui culturas de trigo, arroz e milho, além da soja. Emprega 1.200 empregados registrados, 17 técnicos de nível superior, entre agrônomos, engenheiros, arquitetos e economistas. As instalações abrigam 4.500 dependentes dos empregados em 170 casas, além de quatro alojamentos para solteiros. O refeitório coletivo tem capacidade para 1.200 refeições, havendo também padaria, horta

O empresário Olacyr de Moraes, considerado o maior plantador de soja do mundo, diz que é muito caro produzir alimentos e aponta dificuldades na definição de uma política agrícola.



Olacyr: lobby para a agricultura

coletiva, aviário, supermercado, hospital com 20 leitos, escola de 1.º grau, templo ecumênico e um clube desportivo.

Os 100 mil metros quadrados de área construída incluem armazéns, silos para secagem e armazenagem para dois milhões de sacas de cereais. A frota de implementos é composta por 146 colheitadeiras, 216 tratores, 89 plantadeiras e 59 semeadeiras. Ao mesmo tempo, são utilizados 173 veículos, dos quais 51 para transporte do pessoal (peruas, utilitários e automóveis), dois ônibus e 120 caminhões. O sistema de irrigação é formado por 64 pivôs centrais e cinco aviões Ipanema para aspersão de defensivos. Dois aviões, um Sertanejo e um Skylane, fazem o transporte executivo e usam 12 pistas de pouso. Na safra de 1984, foram usados 76 mil sacos de 50kg de sementes, 30 mil toneladas de calcário, seis mil quilowatts/hora e 15 mil litros/dia de combustível entre diesel, gasolina e álcool. A produção foi de 902 mil sacos de soja, 14 mil de arroz e 47.038 de trigo. Acompanhando minuciosamente a evolução dos negócios, Moraes afirma: "hoje vou à fazenda quinzenalmente, mas no início ia todas as semanas". O próximo passo é a instalação da Itamarati Norte, em Diamantina, no Mato Grosso, onde, em 100 mil hectares de Cerrado, serão investidos aproximadamente 100 milhões de dólares em soja, cana, arroz e milho.

A Granja — Na sua opinião, como seria estabelecida a política agrícola brasileira?

Moraes — No Brasil, nós não temos e não será fácil ter política agrícola. Isso porque o povo brasileiro é muito mal-informado e o governo muito pressionado. Toda vez que vivemos um aceleramento no processo inflacionário, o governo tenta resolver esse problema inflacionário pressionando os preços dos alimentos. Portanto, traçar uma política verdadeira não é fácil. Eu acredito também que o povo brasileiro está preparado para receber a verdade, mas acontece que o político teme muito uma iniciativa desse tipo. Ele

quer ser agradável e prometer alimentos baratos através de mensagens otimistas e imediatistas.

A Granja — Caso fosse feita uma tentativa baseada no quadro real, quais os elementos de maior importância?

Moraes — Em primeiro lugar, essa política deveria ser corajosa e mostrar ao povo brasileiro que, se quisermos mostrar a nossa real capacidade agrícola, devemos partir de uma premissa inquestionável: o alimento é caro. Custo é custo, e o produtor precisa de resultados para novos investimentos. Conseqüentemente, todo e qualquer tabelamento

gera um desânimo muito grande no campo, e o melhor retrato é a estagnação da produção brasileira, que há seis anos está nas famosas 50 milhões de toneladas. Existem diversos caminhos como saída e compete ao governo escolher qual deles. Nos últimos anos, tivemos um aumento enorme de custos financeiros, que representam mais de 40 por cento dos custos da produção. Atualmente, o produtor é capaz de plantar menos do que plantava antes, apesar de ter trabalhado o ano todo. Esta é uma situação absolutamente injusta.

A Granja — Como analisa a situação do ▷

produtor brasileiro frente a agricultores americanos e europeus?

Moraes — Comparado com o produtor americano, integrante da maior potência mundial, o brasileiro já começa em desvantagem. Isso porque o governo americano subsidia em muito sua agricultura. Em 1983, o subsídio foi na ordem de oito bilhões de dólares e, no ano passado, subiu para 20 bilhões. Todos os países procuram proteger seus produtores e toda nação tem medo de ficar sem alimentos, porque sabe o que isto significa em termos políticos. Exatamente por isso, as populações de todos os países cobram isso de seus governos, na tentativa de pelo menos serem auto-suficientes. O Mercado Comum Europeu subsidia de maneira impressionante sua agricultura. De acordo com dados que possuímos, os produtores europeus receberam em relação ao preço internacional dos produtos cerca de 120 por cento de aumento. E o que acontece com o produtor brasileiro? Nunca recebeu nem o preço internacional. Pelo contrário: hoje nós estamos comercializando milho a preço internacional, porque o governo fez uma licitação para importar milho. Portanto, a diferença de tratamento entre o produtor brasileiro e o de outros países é enorme.

Prioridade foi só frase de efeito, sem sinceridade

A Granja — Como fica a posição do governo, que neste mandato pretendeu prioridade à agricultura?

Moraes — A agricultura sempre foi considerada uma atividade de segunda classe. Essa prioridade não foi defendida só neste governo, mas também nos anteriores, pois todo mundo defende essa medida teoricamente quando começa o governo. Acontece que, na prática, o que se percebe é uma política cheia de manhas e artimanhas, já que não se tem a conscientização de que a agricultura precisa realmente ser desenvolvida para valer. Usa-se frases de efeito e praticamente nada é feito de positivo e com sinceridade.

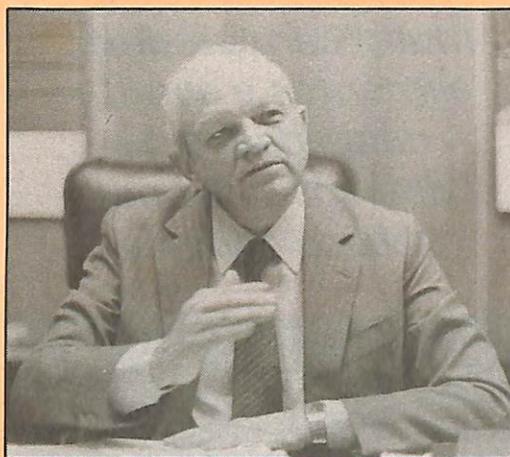
A Granja — Acredita que a agricultura como setor não tenha a mesma força da indústria, por exemplo, ao exigir atenção e direitos?

Moraes — Essa é uma observação importante. E, na verdade, o *lobby* de outros setores em relação ao agrícola é infinitamente maior. Hoje, a agricultura está relegada ao papel de simples fornecedora de matéria-prima. Eu acredito que tenhamos chegado a um ponto de estagnação no setor que até os setores que se utilizam da agricultura nesse papel serão penalizados, pois num futuro próximo terão que recorrer à importação a preços bem mais altos. Portanto, é de interesse geral desenvolver a agricultura no país. A única saída é aumentar, e muito, a nossa

produção neste ano, caso contrário serão enfrentados problemas sérios de abastecimento e preços altíssimos.

A Granja — O homem do campo é habitualmente classificado como conservador. Isso impediria atitudes como a formação de um *lobby*?

Moraes — O setor industrial tem muito mais informação. Os homens do setor industrial lêem muito e viajam muito, quando procuram se informar de tudo, porque faz parte de seu negócio. Em contrapartida, o setor rural se preocupa muito com sua lavoura, com o que vai ocorrer com o tempo e não tem preocupações em fazer *lobby*. Em razão das cooperativas, parte de nossos produtores está evoluindo bastante. É inegável, porém, que evoluímos de maneira bem mais lenta que outros setores. Somente agora com o



Moraes: governos temem ter que importar alimentos

que se chama de agricultura de exportação, o que não corresponde à realidade, foi preciso fazer verificação com o que ocorre no resto do mundo. O Brasil não exportava nada, toda a nossa produção era voltada ao mercado interno, e também não tínhamos a menor condição de competir no mercado externo. Portanto, o que não era possível não despertava interesse e, conseqüentemente, não se cogitava sobre o que ocorria no resto do mundo. Esta situação só foi alterada a partir do advento soja, que tornou o país competitivo no mercado externo.

Cultivamos em regiões de clima inadequado

A Granja — Com a priorização às exportações de produtos agrícolas, como equacionar mercado interno e externo?

Moraes — Evidentemente, o mais difícil já foi alcançado, isto é, possuir condições e, com pequeno auxílio do governo, participar do mercado externo. A agricultura fez um gigantesco milagre de conseguir produzir a

preços próximos de mercado externo, isto sem dúvida foi uma grande conquista. Portanto, abrir o mercado para o exterior é segurança para o consumidor interno. Quando o brasileiro consegue alimentos a níveis internacionais nessa área altamente competitiva, é o máximo que se pode fazer. Em termos de empresa e produtor, não se pode conseguir preços mais baixos. E, evidentemente, competirá ao governo fornecer alimentos às camadas extremamente pobres.

A Granja — Como classificaria os níveis de produtividade agrícola no país?

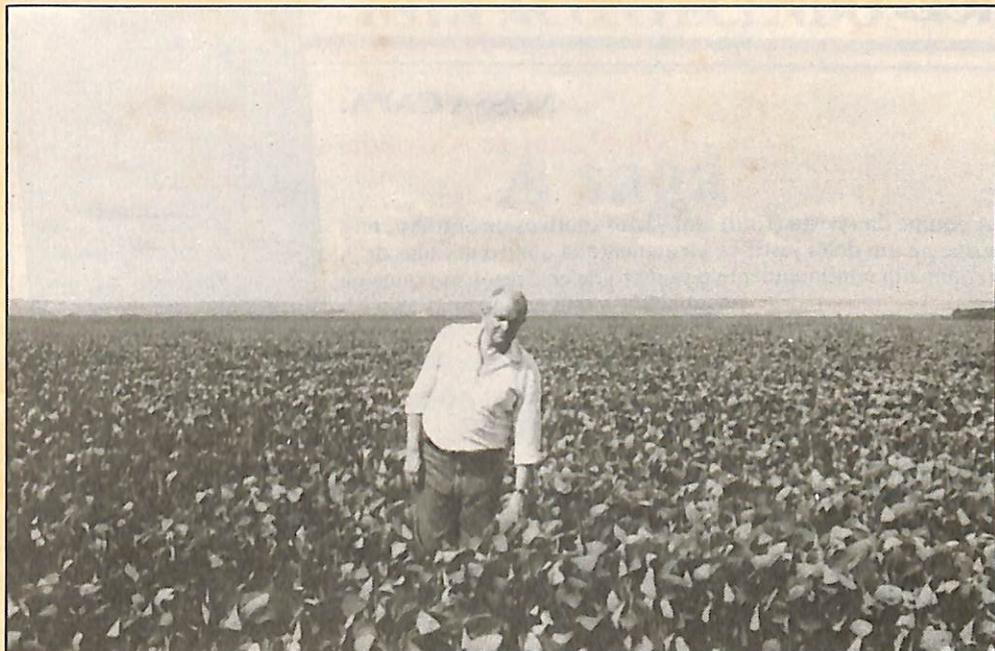
Moraes — Nós temos um bom nível de produtividade em soja. Mas a verdade é a seguinte: nós praticamos agricultura em áreas inadequadas no Brasil. Quando se analisa o Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Paraná e São Paulo, que é onde se pratica agricultura em grande escala, verifica-se que são regiões sujeitas a variações climáticas muito grandes. O que deve ser feito, já que são regiões dotadas de infra-estrutura e de energia elétrica, é minimizar esses riscos via, por exemplo, irrigação. As novas fronteiras, por sua vez, apresentam problemas de clima muito menor. Isso significa que, embora a distância seja muito maior, há a compensação da produtividade muito maior. Na verdade, torna-se mais vantajoso, pois reduz também o risco de frustrações da safra nacional. Logicamente, abrindo novas regiões, as perdas não acontecerão simultaneamente. As nossas produtividades são baixas, mas eu reputo como causa principal as áreas em que nós plantamos, hoje inadequadas.

A Granja — O agricultor brasileiro reclama de impostos. Em que medida isso funciona como um desestímulo?

Moraes — O consumidor brasileiro reclama dos preços dos alimentos e não deixa de ter certa razão. Isso porque sobre os alimentos produzidos no Brasil incide 25 por cento de impostos. O que é visto em raríssimas partes do mundo. Esse quadro de ICM, Funrural é tipicamente brasileiro. Não se cobra imposto sobre a comida no exterior, a não ser Imposto de Renda do produtor. E também a posição do governo não é fácil, já que à simples menção de se retirar ICM há uma grita tremenda. Como esta é a arrecadação dos estados, é preciso uma política muito firme, além de dar aos estados uma contrapartida na retirada do imposto. O governo federal vai ter que bancar isso.

A Granja — Quem faz a produção agrícola brasileira: os pequenos, os médios ou os grandes proprietários rurais?

Moraes — Há estatísticas que dizem que o pequeno produtor produz muito. Mas se você retroagir há alguns anos, só existiam pequenos produtores. O mundo mudou. Grande parte da população vivia nos campos e trabalhava praticando com as mãos. Atualmente, o homem não aceita mais o trabalho escravo. É preciso mecanizar, porque, se não fosse adotada a mecanização, os custos seriam absurdamente mais altos para alimentos. O que é agricultura? Você planta em um mês e colhe em um mês. E o que fazer o resto do ano? Uma colheitadeira substitui 150/200



Itamarati Norte: cem milhões de dólares em cem mil hectares no Cerrado

homens, portanto um verdadeiro exército que só trabalharia 30 dias.

A Granja — E o que responderia às correntes que afirmam estar na mecanização parte da culpa do êxodo do homem do campo?

Moraes — A mecanização é inexorável. E mais: a mão-de-obra atualmente é muito diferente de anos atrás, porque ela é muito mais cara, e o homem não se sujeita ao trabalho escravo. A tendência, por sua vez, também não é brasileira, mas mundial. Portanto, se não houver mecanização, os preços dos alimentos seriam inviáveis. Por outro lado, há também a geração de um número enorme de empregos, pois há tratoristas, mecânicos, pessoal de escritório. Toda uma infra-estrutura que se movimenta em prol da produção, comercialização e transporte. E muitas vezes, as fábricas contratam nas cidades gente que trabalha para a agricultura. O melhor exemplo é uma fábrica de tratores.

Há lugar para todos produzirem. Grandes, médios e pequenos

A Granja — Classificaria as propriedades brasileiras como dotadas de um nível satisfatório de mecanização?

Moraes — Nós podemos analisar esse dado a partir de pequenas, médias e grandes propriedades. No Brasil, há lugar para todas. Eu considero a micropropriedade em extinção à exceção de propriedades próximas da cidade, com o plantio hortícola. Eu reputo a propriedade média como ideal para o país. Ela teria estilo europeu em razão da área, cerca de 200/300 ou 500ha, muito mecanizada, a família morando no local e de 10

a 30 empregados. Com esse perfil, ela pode ser mecanizada e integrada num parâmetro economicamente viável. Mas também é importante para o país a existência de algumas grandes propriedades, onde seriam executados trabalhos de pesquisa e desenvolvimento.

A Granja — Como vê a posição do Brasil como produtor e exportador de soja?

Moraes — Esta foi a demonstração do que este país poderá fazer em termos de agricultura. Há 15 anos, o Brasil mal conhecia essa tal de soja. Bastou esse período para que nos tornássemos o segundo produtor mundial. Por outro lado, esse crescimento foi feito em 10 anos, pois os últimos cinco nada significaram, o que foi uma norma para o setor agrícola como um todo. As perspectivas da agricultura para os próximos anos são desalentadoras, pois acredito que tenhamos um período muito difícil. Os Estados Unidos reagiram a essa tomada de mercado pelo Brasil, Argentina e outros países. Os agricultores americanos devem 200 bilhões de dólares. E a produção americana é de tal ordem que mesmo os 20 bilhões de dólares subsidiados pelo governo são insuficientes para resolver esses problemas. Atualmente, o bushel (26,5kg) está a seis dólares e o mercado a 5,90. Eles estariam pagando para produzir em termos de mercado externo, com consequências sérias. Isso demonstra, por outro lado, que se abrissemos mão do imposto que cobramos sobre nossa produção, nós teríamos condições de ganhar o mercado. A produção mundial de soja é de 100 milhões de toneladas e está previsto para o ano 2000 cerca de 220/240 milhões. O mercado vai crescer, o consumo aumentar e o Brasil tem chance de aumentar sua fatia nesse mercado. A perspectiva, desde que haja decisão política, é de termos um ano muito difícil, mas no espaço maior a perspectiva é excelente.

A Granja — Como surgiu o seu interesse

pela agricultura e, em especial, pela soja, já que o senhor tem raízes urbanas?

Moraes — Eu sou amigo há mais de 20 anos de pecuaristas como Sebastião Maia e Marcus Maia e, depois de várias visitas às fazendas, o meu interesse foi crescendo. A cultura da soja tornou-se mais atraente em razão da resistência e a perspectiva do mercado externo. E, além do mais, uma empresa grande não tem condições de produzir batata, feijão e hortaliças. Nós entramos exatamente no período em que o país conseguiu um início de desenvolvimento. Paralelamente, há 15 anos era muito fácil fazer agricultura do que hoje, pois havia crédito subsidiado que ajudava o processo de implantação. Eu acredito que o que nós fizemos atualmente é inviável. É insuportável essa correção monetária de 200 por cento mais juros. E somente conseguimos sobreviver nessas condições porque temos a Fazenda Itamarati totalmente implantada.

Itamarati Norte, um projeto para dez mil hectares de soja

A Granja — Quais os resultados dos convênios que a Fazenda Itamarati firmou com a Universidade de Viçosa (MG) e com a Embrapa para pesquisa de milho, trigo, arroz e soja?

Moraes — Nós temos programas de pesquisa específicos para trigo, soja, milho e algodão. Esses programas são múltiplos, e muitas vezes fazemos testes com 10 mil linhagens de soja, 5/6 mil linhagens de trigo. Por exemplo: nós temos uma área enorme de plantio, e a pesquisa já demonstrou como fazer para que a semente resista durante 20/25 dias sem chuva. O nosso plantio deve começar dia cinco de outubro, quando o recomendado seria primeiro de novembro.

A Granja — Quais os seus planos para a Itamarati Norte, sua nova fazenda?

Moraes — A Itamarati Norte é o dobro da Itamarati, pois tem 100 mil hectares, mas ainda está em instalação. Nós já temos dois mil hectares de soja e o projeto é para o próximo ano passar para 10 mil. Nós podemos chegar a 50/60 mil hectares em plantio. Nós não pretendemos ficar só com soja, embora ela melhore os solos e seja capaz de transformá-los. Você tem que dar partida com a soja. Mas nós pensamos, também, em milho, cana e feijão. Neste ano, nós estamos começando a fazer na Itamarati Sul a adubação pela água através do pivô central para o milho. Acredito que tenhamos a produção bem maior, quando o nitrogênio não é jogado de uma única vez, mas aplicado na mesma dose em oito vezes. Em relação à armazenagem, nós estamos construindo silos para 1,2 milhão de sacas. Temos, também, um moinho de calcário. Esse projeto tem tudo para ser um sucesso. □

a granja



A GRANJA - Revista mensal de circulação paga, dedicada à agropecuária, fundada em 30.12.1944. É uma publicação da Editora Centaurus Ltda. Registro no DCDP sob n.º 088.P.209/73. REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO - Av. Getúlio Vargas, 1556 e 1558, fone: 33-1822, telex: 051-2333, cx. postal 2890, CEP 90000, Porto Alegre, RS.

PRESIDÊNCIA
H.F. Hoffmann
DIRETORIA DE OPERAÇÕES
Carlos M. Wallau
DIRETORIA ADMINISTRATIVA
Léo I. Stürmer
CHEFIA DA PUBLICIDADE
Ivano Casagrande
EDITORIA
Erico Valduga
CHEFIA DE REPORTAGEM
Sérgio Becker
REPORTAGEM
Márcia Mandagará
DIAGRAMAÇÃO
Luiz Antônio Pinheiro
SUPERVISÃO DE ARTE
Luiz Alberto O. da Fonseca
MONTAGEM
Ari R. Lima da Silva
COMPOSIÇÃO
Jair Marmet
Maria Helena F. da Rocha
Luís Henrique C. da Rocha
Paulo Cecconello
REVISÃO
Jomar de Freitas Martins
FOTOGRAFIA
J. M. Alvarenga
Ana Elisa Oriente (SP)
SUPERVISÃO DE CIRCULAÇÃO
Augustinho Raizel Ramos
CIRCULAÇÃO
Sinara Weber da Costa

SUCURSAL SÃO PAULO - Praça da República, 473, 10.º andar, conj. 102, fone: 220-0488, CEP 01045 - **GERENTE:** Stella Maris; **CONTATO:** Hitomi Sano; **REPÓRTER:** Maria Cecília Alves Teixeira - **REPRESENTANTES - PARANÁ** - RS Comunicação Integrada Ltda., Rua Ângelo Sampaio, 2013, fone: 223-1017, CEP 80000, Curitiba - **RIO DE JANEIRO** - Intermedia, Praça Tiradentes, 10 - Gr. 1901, fone: 224-7931, CEP 20060, Rio de Janeiro - **BELO HORIZONTE, BRASÍLIA, SALVADOR e RECIFE** - Republicar Ltda., Rua Mármore, 206, Bairro Santa Tereza, fone PABX (031) 463-4666, CEP 30000, Belo Horizonte, MG; SDS - Edif. Venâncio VI - sala 417, fone: 226-4784, CEP 70302, Brasília, DF; Rua Conselheiro Dantas, 8, Edifício Paraguassu, salas 103/104, fones: 242-0028 e 242-8568, CEP 40000, Salvador, BA; Rua Aurora, 295, conj. 505, fones: 221-1296 e 231-4862, CEP 50000, Recife, PE. **DISTRIBUIÇÃO** - Porto Alegre - Av. Getúlio Vargas, 1556 e 1558, fone: 33-1822, telex: 051-2333, cx. postal 2890, CEP 90000, Porto Alegre, RS - **ASSINATURAS** (via superfície) - **No país:** 1 ano, Cr\$ 25.000; 2 anos, Cr\$ 45.000; 3 anos, Cr\$ 60.000 - **No exterior:** 1 ano, US\$ 60,00; 2 anos, US\$ 110,00 (porte simples) - **Exemplar avulso:** Cr\$ 3.500; **exemplar atrasado:** Cr\$ 4.000.

ÍNDICE

NOSSA CAPA: Os 40 anos de A Granja

A equipe da revista (foto) tem vários motivos de orgulho, mas somente um deles justifica plenamente as quatro décadas de A Granja: aumenta continuamente o número de leitores. Um pouco da nossa história está nas páginas 18 a 27.



SEÇÕES

Caixa Postal n.º 2890.	8
Aqui Está a Solução.	10
Porteira Aberta.	11
Flash.	12
Eduardo Almeida Reis.	14
Mundo da Criação.	15
Remates & Exposições.	16
Crônica.	72
Agenda.	73
Trator/Colheitadeira.	74
Hortas e Pomares.	76
Novidades no Mercado.	80
Ponto de Vista.	82

28	Perspectivas de 1985
52	Agricultura com Tancredo
54	Hidatidose
57	Controle com <i>Baculovirus</i>
58	Eleição na Farsul
60	Cuidados com os carneiros
64	Peixes
71	Meteorologia
78	Avicultura

PRÓXIMA EDIÇÃO:

A maior exposição agrícola do mundo.

O bicho mineiro do café, pragas e doenças do feijão, uma experiência de semiconfinamento no Rio Grande do Sul e os primeiros resultados do plantio direto como prática habitual no Paraná.

A saga

Revista **A Granja**. Quarenta anos. Parece mentira. Afinal, poucas, para não dizer raras, são as publicações brasileiras que atingiram essa idade. São 480 edições da revista publicadas ininterruptamente.

Cada exemplar, aperfeiçoando o anterior, querendo ser cada vez melhor. Este foi, desde a fundação, o claro objetivo perseguido. São dias, noites, feriados e fins de semana de trabalho para levar ao leitor a informação correta, honesta, atualizada.

Nas páginas a seguir, o leitor vai saber um pouco desta saga. As dificuldades. A luta. O estado de espírito. As épocas diversas com seus problemas diferenciados. A vontade, a iniciativa e obstinação de seu fundador. O tempo de fazer as coisas de maneira familiar, amadora e artesanal.

E os dias de hoje, onde o computador, o profissionalismo e todo um esquema de marketing é colocado em ação para fazer de **A Granja** um produto mercadologicamente aceitável, correto e confiável.

A força

Ontem, como hoje, a grande força d'**A Granja** sempre esteve baseada no seu excepcional número de assinantes. É gente que paga para ter

A Granja mensalmente em mãos. Ora, tradicionalmente todo veículo pago é veículo forte. A circulação paga é sinônimo de qualidade. Aqui e em qualquer parte do mundo.

E **A Granja** conquistou este público cativo, que ano após ano renova a sua assinatura, além das novas que vão se agregando. Este patrimônio de incomensurável valor dá respaldo a que se diga que **A Granja** é um produto que tem força porque tem credibilidade. Porque conquistou a confiança do leitor.



A independência

Hoje, como ontem, **A Granja** só tem um compromisso. O compromisso com o leitor. **A Granja** sempre foi uma publicação absolutamente independente. Jamais recebeu qualquer tipo de favor governamental sob qualquer aspecto. Nunca algum anunciante significou mais de 5% do total de seu faturamento. Em tempo algum, **A Granja** foi porta-voz de determinado grupo ou segmento de interesses. **A Granja** tem, teve e terá somente uma única posição e essa sempre intransigente: defender, apoiar e lutar pela melhoria dos padrões de vida do homem do campo.

A autoridade

É óbvio. Quarenta anos dão autoridade. Por si só, quem viveu quarenta anos no segmento de mercado da publicação agropecuária tem história, tem vida, tem confiança conquistada palmo a palmo. Esta autoridade confere à revista **A Granja** a liderança do setor. E torna a sua responsabilidade maior ainda. Pois tem a obrigação de todo o mês fabricar uma revista melhor ainda, que se propõe a dizer o que aconteceu, o que está acontecendo e o que vai acontecer no setor da agropecuária. Com a autoridade que lhe confere os 40 anos bem vividos.

DISTINÇÃO

“Em reconhecimento pelos relevantes serviços prestados à agropecuária nacional, através da divulgação das ações extensionistas”, a Embrater (Serviço de Extensão Rural) distinguiu **A Granja** com uma placa de prata, datada de Brasília, 6 de dezembro de 1984 (36º ano da Extensão Rural).

EMPREGO

“Sou técnico agrícola, formado pela Escola Técnica de Agricultura de Viamão, RS, habilitado em produção de sementes de soja e trigo. Preencho, também, requisitos para prestação de serviços nas áreas de laboratório de análise, plantio direto, venda de insumos para agricultura, conservação de solo e assistência técnica. Aceito trabalhar em qualquer parte do país.”

Claudemir Todescatt

*Rua Santos Dumont, 2.546, fone: 52.3628
CEP 85900, Toledo, PR.*

“Engenheiro agrícola, formado em Alfenas, MG, em julho de 1984, ofereço meus serviços, cuja área de atuação está relacionada com fotografia, irrigação e drenagem, conservação do solo e água, construção rural, máquinas e mecanização, processamento e armazenamento de grãos.”

Degmar Voltolini

*Rua José Bonifácio, 218, fone (016) 665.0699
CEP 14350, Altinópolis, SP.*

ESTÁGIO

“Sou estudante de Agronomia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul e me interesso muito pela área de zootecnia, em especial por gado de leite. Pretendo fazer um estágio numa fazenda que produza leite tipo A ou B.”

Alice Moraes

*Rua Felicíssimo de Azevedo, 919
CEP 90000, Porto Alegre, RS.*

PESQUISA

“O ano de 1984 há de ser lembrado como o ‘Ano da Difusão de Tecnologia’, no qual inúmeras inovações chegaram ao homem do campo, provocando mudanças significativas nos sistemas de produção e nos rumos da economia rural.

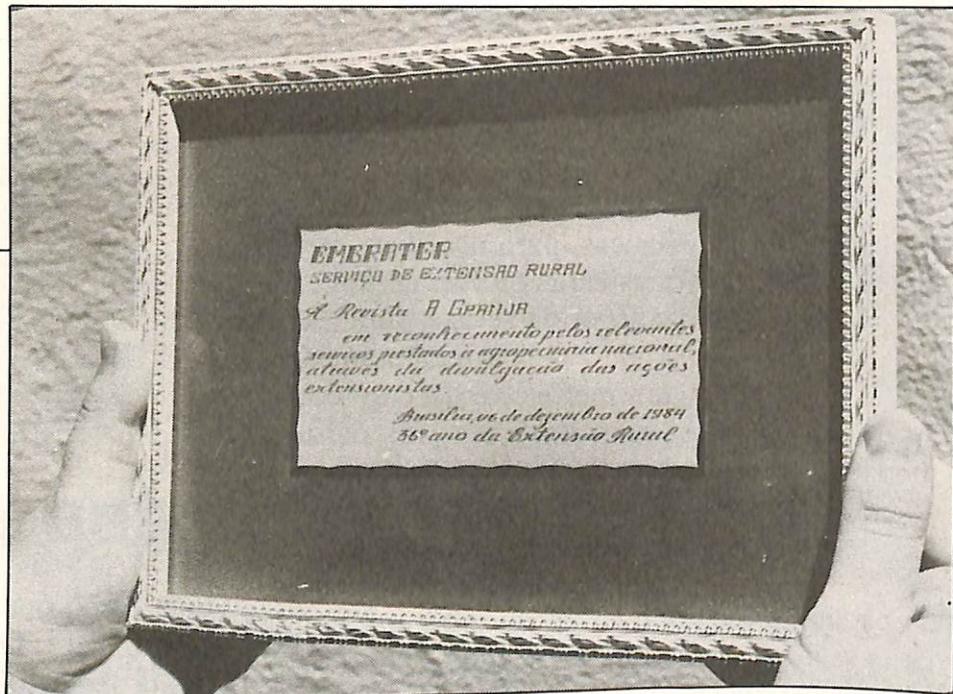
Os meios de comunicação mais uma vez cumpriram seu compromisso, oferecendo condições para o desenvolvimento da agropecuária brasileira, através da difusão dos novos conhecimentos exigidos pelos produtores.

Reconhecer a atuação da imprensa significa, portanto, para nós pesquisadores, sem dúvida, uma de nossas maiores fontes de incentivo.

A todos que participam deste processo os nossos agradecimentos.”

*Miguel Angelo da Silveira, coordenador de difusão de tecnologia e Joal José Brazzale Leal, chefe da Uepae
Bagé, RS.*

Correção: por engano, a foto publicada na página 70 da edição de dezembro/84 de **A Granja** se refere a melanose, e não ao cancro cítrico, objeto da matéria.



ANIVERSÁRIO

“Congratulo-me com a revista **A Granja** pela passagem de mais um aniversário. Faço votos que a equipe desse veículo de comunicação continue registrando novos sucessos em sua importante atividade, multiplicando boas idéias.”

*Jair Soares, Governador do Estado
Porto Alegre, RS.*

“Tenho grande prazer em cumprimentar a direção e colaboradores da revista **A Granja** por ocasião do aniversário de fundação, formulando os melhores votos de constante sucesso.”

*Deputado Nelson Marchezan, líder do governo
Brasília, DF.*

“Envio à direção e demais funcionários da revista **A Granja** efusivos cumprimentos pela passagem de mais um aniversário de sua fundação.”

*Deputado Antônio Lorenzi, 1.º secretário da Assembleia Legislativa
Porto Alegre, RS.*

“Em nome dos diretores, colaboradores desta empresa e no meu próprio, presto merecida homenagem a essa prestigiosa revista, na pessoa de seu diretor, pela passagem da data de sua fundação, solicitando que receba e transmita para toda a sua equipe fraterno abraço.”

*Celito de Grandi, diretor-presidente da Cia. União de Seguros Gerais
Porto Alegre, RS.*

“No transcurso de seu aniversário, sinto-me feliz e honrado em poder externar meus sinceros cumprimentos.”

*Deputado Caetano Borges Peruchin
Porto Alegre, RS.*

“A Associação Riograndense de Imprensa tem a satisfação de formular suas congratulações à revista **A Granja**, sua direção, colegas e servidores, pelo transcurso de sua data de fundação, a todos almejando votos de prosperidade e felicidade.”

*Alberto André, presidente da Associação Riograndense de Imprensa
Porto Alegre, RS*

“Recebam meus cumprimentos e votos de crescente prosperidade pela passagem de mais um aniversário dessa prestigiosa revista.”

*Francisco Salzano V. da Cunha, Secretário de Estado da Educação e Cultura.
Porto Alegre, RS.*

“É dia de seu aniversário. Isso é bom, pois nos traz alegria ter motivo para alegrar alguém de quem gostamos. Que este dia seja repleto de felicidades. É o que eu e minha equipe de trabalho desejamos.”

*Deputado Orlando Burmann, vice-líder do PDT
— Partido Democrático Trabalhista.
Porto Alegre, RS.*

“Estamos alegres e satisfeitos em saber que essa revista completou mais um ano de exitosas atividades. A ADVB-RS deseja que o dia de hoje signifique o início de novas conquistas.”

*Otávio Dumit Gadret, presidente da Associação dos Dirigentes de Vendas do Brasil/RS.
Porto Alegre, RS.*

“Não poderíamos deixar de compartilhar de sua alegria no dia do aniversário dessa revista.”

*Mukesh Chandra, diretor-superintendente do Hotel Laje de Pedra S/A.
Canela, RS*



Este é o nosso produto interno bruto.

UM PAÍS, OU UM ESTADO, É MAIS FORTE NA MEDIDA EM QUE SEUS FILHOS SEJAM SAUDÁVEIS, TENHAM ACESSO NATURAL À EDUCAÇÃO E AO TRABALHO.

PORQUE ACREDITA NESTA IDÉIA, O GOVERNO DO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL TEM ORIENTADO TODOS SEUS ESFORÇOS NA VALORIZAÇÃO DO HOMEM.

OS PADRÕES DE SAÚDE PÚBLICA DO ESTADO SÃO OS MAIS ALTOS DO BRASIL; O ENSINO PÚBLICO TEM SIDO PROMOVIDO, SEJA PAGANDO MELHORES SALÁRIOS AOS PROFESSORES, SEJA GARANTINDO VAGAS A TODOS OS ESTUDANTES; E OS PROGRAMAS DE DESENVOLVIMENTO DA PRODUÇÃO ESTÃO PERMANENTEMENTE APOIADOS COM A ABERTURA DE ESTRADAS E O AUMENTO DA ELETRIFICAÇÃO RURAL, ENTRE OUTRAS MEDIDAS.

MAIS DO QUE QUALQUER OUTRO PARÂMETRO DE AVALIAÇÃO, CONTINUAREMOS MEDINDO A RIQUEZA DO ESTADO PELO BEM-ESTAR DE TODOS OS GAÚCHOS.

O RIO GRANDE SOMOS NÓS.



FAÇA A SUA PARTE.
GOVERNO JAIR SOARES



WILTSHIRE HORN

“Na edição 84 do *Quem é Quem na Agropecuária Brasileira*, li com bastante interesse informações sobre a raça ovina Wiltshire Horn, de origem inglesa e própria para cruzamentos com outras raças para obtenção de cordeiros gordos. Além disso, a raça tem outras características vantajosas para o nosso clima, como ser deslanada e de fácil adaptabilidade a qualquer região. Gostaria de saber como adquirir reprodutores ou, em caso contrário, de sua importação da Inglaterra.”

Aloysio Gonçalves da Costa
Recife, PE.

R — O leitor pode se dirigir a Humus Pecuária Ltda., Via Armando de Salles Oliveira, km 356, (SP-322), caixa postal 26, fone (016) 652-1511 e 652-1512, CEP 14750, Pitangueiras, SP, ou, em caso de importação, a G.J. Powel, Rua Anita Garibaldi, 217/201, fone (0512) 31-6002, CEP 90000, Porto Alegre, RS.

TILÁPIAS

“Na edição de maio dessa revista foi publicado um artigo sobre a criação de tilápias, de autoria do engenheiro agrônomo Carlos Eduardo Torloni. Como estou interessada na criação destes peixes, gostaria de saber os endereços das instituições de pesquisas brasileiras que trabalham com a referida espécie, inclusive do próprio autor do artigo.”

Liriani Monte Freitas
Maceió, AL.

R — Entre em contato com o Departamento Nacional de Obras Contra as Secas — Centro de Pesquisas Ictiológicas Rodolpho Von Ihering, Avenida Duque de Caxias, 1.700, 7º andar, sala 718, CEP 60000, Fortaleza, CE; ou com a Universidade Federal de Santa Maria, Centro de Ciências Rurais, CEP 97100, Santa Maria, RS. Correspondência para Carlos Eduardo Torloni pode ser dirigida à Editora Centaurus Ltda., Avenida Getúlio Vargas, 1558, CEP 90000 Porto Alegre, RS.

CRIAÇÃO DE CÃES

“Necessito de maiores informações sobre cães de raça, principalmente o Pastor Alemão. E, também, gostaria de saber onde funciona o Kennel Club de Goiás.”

Romualdo Suzano L. Tiago
Goiânia, GO

R — Na edição passada desta revista (nº 422), foi publicado um artigo sobre criação de cães. Por outro lado, o endereço do Kennel Club de Goiás é: Avenida T-2, esquina com Rua T-41, Ed. D. Beth, Loja 5, Setor Bueno, CEP 74000, Goiânia, GO.

RURALÊS

“Está surgindo uma nova linguagem neste país: o ruralês, como seu antecessor economês e assim por diante. Vamos aos fatos: vacas, ovelhas, cavalos, porcos, cabritos e tudo o mais, agora, aparecem com letras enigmáticas. Por exemplo: POI, PPC, CH, RD, PP, AC, AD, SO, SOSO, PSI e outras tantas abreviaturas que acabam criando embaraço para os pobres mortais não acostumados a este entrelvero de letras. Gostaria que publicassem uma reportagem esclarecendo o que significam todas estas letras ou se é alguma coisa hermélica, só para iniciados nas artes cabalísticas. Garanto que muitos companheiros irão se beneficiar com isto e não se envergonharão mais ao toparem com estas siglas na próxima exposição de Esteio.”

Por outro lado, gostaria de saber como posso adquirir confrei e que quantidade seria necessária para 50 vacuns e 30 ovinos, sem contar com alguns coelhos de contrapeso.”

Aymoré G. Zingano
Porto Alegre, RS.

R — Atendendo a sugestão do leitor, no próximo anuário Quem é Quem na Agropecuária Brasileira será publicada uma matéria sobre a classificação zootécnica dos animais. Quanto ao confrei, mudas e maiores informações poderão ser conseguidas junto a Cooperativa Triticola Mista Alto Jacuí Ltda. O endereço da Cotrijal é Rua Dr. Liberato Salzano, 1, caixa postal 2, CEP 99470, Não-Me-Toque, RS.

GRAMAFANTE

“Solicito o endereço da Cooperativa Triticola Agropastoril Giruá Ltda, para que eu possa adquirir sementes ou colmos da forrageira.”

Lauro Soares de Oliveira
Nova Esperança, PR.

“Interessei-me bastante pela forrageira grama-fante, em virtude de seu teor de 24 por cento de proteína (MS), a qual está sendo lançada pela Cooperativa Triticola Agropastoril Giruá Ltda. Peço que me informem o endereço desta Cooperativa, pois quero obter maiores dados a respeito da forrageira.”

Gilberto Macarios
Sorocaba, SP.

“Na edição nº 440 da revista *A Granja*, foi publicada uma reportagem sobre a forrageira grama-fante, lançada pela Cooperativa Triticola Agropastoril Giruá Ltda. Solicito o endereço da mesma, assim como da Cooperativa Central Gaúcha de Leite e da Universidade do Vale do Rio dos Sinos, para que possa entrar em contato para a obtenção de mudas e informações técnicas a respeito.”

Rogério Kruger
Guarapuava, PR

R — A Cooperativa Triticola Agropastoril de Giruá está situada à Rua Sete de Setembro, 428, caixa postal 54, CEP 98870, Giruá, RS. O endereço da Cooperativa Central Gaúcha de Leite Ltda., Rua Dona Teodora, 1.042, CEP 90000, Porto Alegre, RS. A Universidade do Vale do Rio dos Sinos fica à Avenida Sinusinos, 950, CEP 93000, São Leopoldo, RS.

COGUMELO E BICHO-DA-SEDA

“Solicito literatura sobre o cultivo de cogumelos comestíveis e a criação de bicho-da-seda.”

Salvador Albino de Oliveira
São Sebastião do Passé, BA.

R — Sobre estes dois assuntos, consulte a revista *A Granja*. Na edição nº 417, de outubro/82, foi publicada uma extensa matéria sobre a criação do bicho-da-seda. Por outro lado, na edição nº 441, de outubro/84, esta revista abordou o cultivo de cogumelos.

DESMAME INTERROMPIDO

“Preciso de informações sobre o desmame interrompido ou desmame de bovinos aos 90 dias.”

Cláudio Moraes da Trindade
São Luiz Gonzaga, RS.

R — Técnicos da Equipe de Bovinos de Corte do IPZFO — Instituto de Pesquisas Zootécnicas Francisco Osório estão desenvolvendo um programa de desmame precoce em vários municípios gaúchos. O endereço do IPZFO é Rua Gonçalves Dias, 570, CEP 90000, Porto Alegre, RS.

PORTEIRA ABERTA

VENDEDOR DE MÁQUINAS — Durante a I Guerra Mundial, José Figueras abria uma empresa de táxi em Porto Alegre, que evoluiu para uma agência de automóveis. Até a década de 30, Figueras vendia várias marcas de carros. Mas naquela época a sua atenção começou a se voltar para a agricultura, tanto que em 1936 o revendedor introduziu a marca Caterpillar no Brasil. Sempre acreditando no desenvolvimento do campo, seis anos depois José Figueras importou cinco "combinadas" dos Estados Unidos que demoraram muito para serem vendidas. Quem lembra este início humilde do mais antigo revendedor Caterpillar do Brasil é José Figueras Filho, o "Seu Pepito", quando se aproxima a data de 65 anos de fundação de sua empresa, que será comemorada em março deste ano.

No momento em que todos falam em retomada da produção, o diretor da Figueras S/A está muito preocupado com o uso de métodos primitivos na lavoura. Ele propõe que a enxada seja esquecida. "Dizem até que o trator não funciona porque tem de andar para frente e para trás!" Para o "Seu Pepito", o que o país precisa é de uma reforma agrária, acompanhada de uma reforma bancária. E explica: "reforma agrária e a consciência do plantador de usar novos métodos e a reestruturação nos transportes, armazenamento e comercialização da safra".

O empresário compara o Brasil, a maior área agricultável do mundo, aos Estados Unidos, com menos condições de solo e mesmo assim no topo da produção. "O maior escândalo no Brasil é o desperdício de oportunidades", afirma. E, no momento em que vai mudar o governo em Brasília, ele classifica a situação como crucial e acha que há muito trabalho a fazer. A Figueras S/A, segundo o seu diretor, está se preparando para os novos tempos que virão daqui a dois ou três anos. "Temos o dobro de vendedores que é preciso. Estamos investindo no material humano." E também em equipamentos. A Figueras S/A importou Cr\$ 1,5 bilhão em equipamentos para dar assistência aos seus clientes.

"Temos condições de saber até quando uma máquina vai funcionar". A sua empresa é a única da iniciativa privada que tem um espectrofotômetro por absorção atômica, um equipamento utilizado para verificar através de uma amostra de óleo colhida de um trator quando o motor vai apresentar algum problema. Para José Figueras Filho, não interessa vender apenas uma máquina ao agricultor, mas todas que ele vai comprar no futuro. O "Seu Pepito" acredita tanto na alta tecnologia de sua empresa e no cuidado na preparação de operadores de tratores que o seu sonho é abrir uma escola de aperfeiçoamento de técnicos: "e vamos cobrar tão caro como uma universidade".

HOSPITAL DE PLANTAS — Há alguns meses, um casal de agrônomos, Regina e João Fernando Ribeiro, formados em Pinhal, SP, resolveram investir num tripé ligado à especialização em paisagismo. Assim, montaram no Jardim Paulista o que eles chamam de "hospital, pensão e comercialização de plantas". Os agrônomos prestam serviços que —

entendem — têm boas perspectivas junto aos moradores de apartamentos. Segundo João Fernando, o atendimento hospitalar começa com uma visita à planta enferma. Feito o diagnóstico, a medicação é prescrita no próprio local ou, então, é recomendada a "internação", cuja média de tempo não ultrapassa uma semana. As pragas que atacam com maior incidência as "scheffleras", árvores da felicidade e samambaias, plantas mais comuns na região, são a cochonilha e o pulgão. Os tratamentos indicados são naturais, à base de fumo de corda com querosene, ou químicos, com produtos que tenham como princípio ativo o malation ou diclorvos. No caso de fungos, a aplicação deve ser feita com produtos que tenham como princípio ativo o maneb e benomyl. "Quando a planta vem para o hospital — explica Regina —, fazemos inicialmente uma limpeza, o que permite nas plantas mais rústicas o uso de algodão com álcool ou água morna, seguida da aplicação propriamente dita."

Em relação a custos, João Fernando admite que a visita inicial, quando restrita ao raio de um quilômetro do hospital, custa Cr\$ 5 mil, distância que, ampliada, incide num aumento para Cr\$ 10 mil. O tratamento, dependendo do tamanho da planta, oscila entre Cr\$ 2 mil e Cr\$ 10 mil.

O serviço de "pensão" recebe qualquer planta e não há limite de tempo. A diária cobrada é de Cr\$ 1 mil para as plantas grandes e de Cr\$ 500 para as menores. Paralelamente, faz-se a manutenção dos vasos, quando é trocada e verificada a disposição da planta e o tamanho do vaso. Para os vasos maiores, o custo é de Cr\$ 20 mil, e a metade para os menores.

DESEMPREGO DE VETERINÁRIOS — "O produtor costuma perguntar quanto vai ganhar o veterinário que está contratando, quando deveria perguntar para si mesmo o quanto ele próprio vai ganhar contratando um técnico." A frase é do veterinário Virgínio dos Santos e foi lembrada pelo professor Air Fagundes dos Santos, presidente da Associação Brasileira do Ensino de Medicina



João Fernando e Regina Ribeiro

Veterinária, ao abordar o desemprego que atinge milhares de colegas seus e ao lembrar, também, que salvando um animal por dia o veterinário já estaria pagando seu salário. Na verdade, segundo o professor gaúcho, um profissional atende a mais de uma dezena de animais por dia.

Além do desemprego, os veterinários brasileiros enfrentam outro problema: a formação insuficiente e dirigida basicamente para o atendimento de grandes animais. Por isso, Air Fagundes dos Santos decidiu que a associação que dirige deve conhecer bem as 26 escolas brasileiras de ensino de Veterinária para auxiliá-las na mudança de seus currículos. Air defende a introdução de cadeiras como Ecologia, Antropologia, Matemática e Computação, de maneira que o veterinário saia da escola melhor preparado para desempenhar sua função na realidade vivida atualmente. O professor gaúcho não deseja que alguma escola venha a ser fechada, apesar de reconhecer o nível insuficiente e inadequado do ensino. No entanto, Air Fagundes dos Santos admite que nenhuma nova escola deve ser autorizada e que o número de vagas deve ser estabilizado em duas mil: "é preciso fechar um pouco a torneira", concluiu.

ALÉM DAS PALAVRAS — Os defensores da chapa da situação diziam, dois meses antes, que a eleição estava ganha com facilidade, "de cola erguida". Os defensores da chapa da oposição (desde 1974 ninguém se opunha) esperavam um bom resultado, pelo menos 60 por cento dos votos. Dia 21, data da eleição da Farsul (matéria na página 58 desta edição), o resultado: tinha razão a situação. Antes ainda do final, os candidatos Ary Marimon e Geraldo Pereira de Souza davam entrevistas às emissoras de rádio dizendo que, fosse quem fosse o ganhador, ambos estariam unidos, pois mais importante do que a disputa é a agropecuária do Rio Grande do Sul. A realidade, no entanto, parece ser outra. As primeiras palavras do derrotado afirmaram que "perdia o Rio Grande", enquanto o vencedor garantia em entrevista coletiva que eleições diretas na Farsul, reivindicação da oposição, somente com licença da OIT (Organização Internacional do Trabalho), para surpresa dos repórteres. Enfim, Farsul unida — foi a síntese de ambos os concorrentes. Nem bem voltavam para o interior do estado os 97 delegados dos sindicatos rurais com direito a voto e um jornal de Porto Alegre trouxe um "a pedido" em que um grupo de ruralistas agradeceu a participação de Pereira de Souza na disputa, reafirmando que ele continua líder da corrente que se opôs à situação na Farsul. Conclusão: unidade desunida, até a próxima eleição, em 1988.



Air Fagundes dos Santos

LIVRO

Os desvios de verbas ocorridos no escândalo do BNCC — Banco Nacional de Crédito Cooperativo e da Central Sul são de cerca de Cr\$ 4,3 trilhões, mais de cinco vezes todo o complexo imobiliário de Brasília, algo semelhante a 1.500 prêmios integrais da Loteria Esportiva ou próximo de 120 toneladas de ouro puro. A denúncia foi feita pelo jornalista Francisco Oliveira, autor do livro “Viva a Corrupção”, lançado pela Editora Mercado Aberto, recentemente. Na apresentação do livro, o jornalista afirma que este foi o maior escândalo da história econômica do país, porque golpes como os da Capemi, da Coroa-Brastel e de algumas instituições ligadas à área habitacional pouco representam se comparados com este.

FERTILIZANTES

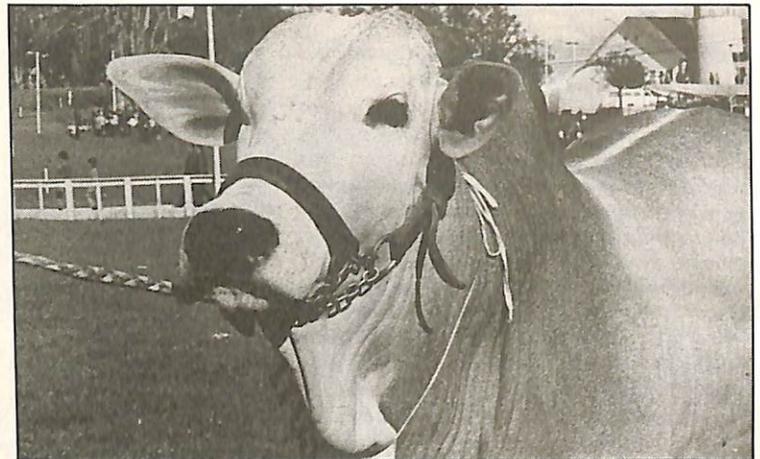
Na Europa Ocidental, os fertilizantes são mais baratos “fora de temporada”. Naquele continente, os agricultores conseguem uma redução nos preços quando compram os adubos antecipadamente e os armazenam na propriedade. Este desconto estacional, geralmente, é de 10 a 20 por cento. E os agricultores podem ainda ganhar, adicionalmente, entre 8,50 e 11,30 dólares por tonelada com a utilização de adubos a granel em lugar dos ensacados.

ESTIMATIVA

A produção mundial terá que duplicar em menos de 20 anos para poder satisfazer as necessidades alimentícias em expansão. O Instituto Internacional de Investigação da Política de Alimentação estimou o número de anos que necessitam os diversos países para duplicar sua produção agrícola para alcançar a auto-suficiência em alimentos: Argélia, 7; Costa Rica, 8; Filipinas, 12; Bangladesh, 13; Colômbia, 13; Nigéria, 13; Marrocos, 14; México, 15; Índia, 18; Brasil, 19.

NELORE

Das quase 100 milhões de cabeças de gado espalhadas pelo país, 70 por cento são Nelore ou aneloras. A estimativa é de Heydimilson Barreto, veterinário e vice-presidente da Associação Paulista de Criadores de Nelore, entidade que reúne 150 criadores naquele estado. A concentração maior da raça está nos estados de São Paulo, Minas Gerais, Mato Grosso e Goiás, embora existam muitos animais também em Pernambuco, Bahia e Sergipe. As últimas importações da raça foram feitas em 1962, e “de lá para cá, o progresso via seleção é visível e indiscutível”, na opinião de Barreto, que concluiu que isto só foi possível em razão da criação de provas de



desenvolvimento ponderal e pelo progresso obtido através da inseminação artificial e transplante de embriões. A consequência disso são preços estimulantes. Um touro alcança cerca de Cr\$ 4 milhões, um macho, Cr\$ 25 milhões e uma fêmea Cr\$ 15 milhões, sendo de qualidade muito boa.

LINHA DE CREDITO

Os produtores de ovos ligados à Apavi — Associação Paranaense de Avicultura têm uma linha de crédito especial, desde que foi firmado, recentemente, um protocolo entre essa associação, a Secretaria de Finanças e Banco do Estado do Paraná, com apoio da Delegacia Federal do Ministério da Agricultura naquele estado. São Cr\$ 3 bilhões, com encargo financeiro subsidiado e prazo de até 90 dias, sendo obrigatória a apresentação de cadastro de avicultor expedido pela Apavi em todas as agências regionais, com a colaboração de empresas como a Central Soya, Cotia, Ito Ovos, Ovos União, etc.

INSETICIDAS

Conforme levantamento feito pela Emater/RS, na safra 1977/78 eram feitas de quatro a cinco aplicações de inseticidas por hectare na lavoura de soja. Com um trabalho de difusão de métodos e comparativos de controle adequado de pragas na safra 81/82, a média estadual de aplicações caiu para 1,47 por hectare. Em 83/84, esta média subiu a duas por hectare, superior a safra anterior, que se situou em 0,89 aplicação por hectare. Isto aconteceu porque na última safra houve incidência de pragas antes do previsto, o que pegou os agricultores desprevidos, forçando-os a usar inseticida em maior quantidade.



TRITICALE

No dia 13 de dezembro, o Conselho Monetário Nacional aprovou para o triticale a mesma política de comercialização, industrialização, preço e financiamento da produção aplicada ao trigo. O Brasil é um dos primeiros países do mundo a ter a comercialização do triticale regulada oficialmente. Como as instruções para operacionalizar esta medida estão chegando às agências do Banco do Brasil, os agricultores que colheram triticale e ainda não comercializaram a semente devem entrar em contato com as agências bancárias que fazem a comercialização do trigo. Inclusive, a Comissão Estadual de Sementes/RS foi transformada em subcomissão de trigo e triticale. Os padrões de lavoura de sementes deverão ser elaborados brevemente e as primeiras cultivares de triticale lançadas oficialmente ainda no primeiro semestre deste ano.

FRIGORÍFICO

A Avipal S/A, Indústria, Comércio e Agropecuária de Porto Alegre já ocupa o terceiro lugar entre os frigoríficos de aves do país, ao lado da Chapecó, SC, e após a Sadia e a Perdigão, que ocupam o primeiro e o segundo lugar, respectivamente. Esta posição foi alcançada quando a Avipal arrematou, em leilão, por Cr\$ 6,9 bilhões parte do complexo industrial da Coopave — Cooperativa Avícola do Vale do Taquari, incluindo um abatedouro de aves, uma fábrica de rações e duas granjas.



**Seguro
nele.**

O seguro de Animais da Bemge Seguradora garante aos criadores, associações, cooperativas e sindicatos rurais o pagamento de indenização em caso de morte do animal segurado, em decorrência de uma série de acidentes ou imprevistos.

raios • incêndios • insolação • envenenamento • intoxicação • eletrocussão • asfixia por sufocamento ou submersão • ingestão acidental de corpo estranho • luta, ataque ou mordedura entre os animais do rebanho • parto ou aborto • inoculações vacinais • doenças infecciosas, infecto-contagiosas, parasitárias e orgânicas de modo geral.

Com todo o cuidado que você dedica ao seu campeão, existem riscos permanentes que não se podem prever.

Fale com o gerente em qualquer agência do Bemge e Credireal, ou com o seu corretor, e segure tudo o que você conquistou.

**Bemge**
Seguradora

Prezado Dr. Reynolds

Foi muito gentil de sua parte mandar-me ficha de inscrição para o Camel Trophy, versão Bornéu 85, sugerindo que eu entre nele com a cara e a coragem. Com isso, R. J. Reynolds, poderosa multinacional do tabaco, poderá testar-me no trato do veículo na lama, construção de pontes, orientação noturna, travessia de rios, uso do guincho, manejo da potência, da economia e do imprevisto.

Em sua versão 85, o Camel Trophy acontecerá em Bornéu, no sudeste asiático. Trata-se, como diz a ficha de inscrição, de uma das maiores ilhas do mundo, situada no arquipélago malaio, banhada pelos mares da China, de Java e das Célebes. A parte central da ilha é cortada pela Linha do Equador, a temperatura é elevada o dia inteiro e as chuvas são constantes. Dois terços da ilha são cobertos por uma densa selva equatorial, extraordinariamente heterogênea e perigosa.

É nesse cenário de selva, rios sem pontes, caminhos precários, animais selvagens, doenças, mosquitos, pântanos e perigos, que R. J. Reynolds quer que eu passe duas semanas, em abril de 85, dando ainda à sua firma o direito de usar foto e/ou material filmado com minha imagem, sem qualquer remuneração e por prazo indefinido.

Em troca, se eu demonstrar criatividade, coragem e determinação, não receberei qualquer prêmio em dinheiro. Farei jus ao Camel Trophy e, muito possivelmente, a um maço de cigarros fabricado pela R. J. Reynolds.

Passo a preencher os quesitos de sua ficha de inscrição, para que sua firma fique em condições de avaliar se posso viver a aventura diferente, perigosa e emocionante na selva do Bornéu.

Nome? Veja aí em cima, no canto esquerdo desta página. **Sexo?** Por enquanto, Dr. Reynolds, posso continuar preenchendo o quadrinho "M", OK? **Endereço?** São João da Cachoeira Alegre. **Bairro?** Zona rural. **Cidade?** Prejudicado. **Telefone?** Prejudicado. **CEP?** Já que o senhor insiste, Dr. Reynolds, as cartas podem vir aos cuidados da revista A Granja. **Nascimento?** Agosto de 1937. **Peso?** 94kg. **Altura?** 1m90. **Profissão?** Escritor de meia-tigela, jornalista marca barbante e produtor rural modestíssimo. Sou como pato, Dr. Reynolds, que nada, anda e voa, mas não faz nada direito. **Cart. Identidade?** M3 593478, da SSP-MG. **Cart. Habili-**

tação? 022453814. **Categoria?** "B". **Data Emissão?** 25.05.83. **Você tem passaporte?** Não. **Você tem carro?** Sim. **Em caso afirmativo: Marca?** Opala. **Ano?** 1979. **Experiência automobilística?** Corridas? Não. **Rally?** Não. **Gincanas?** Não. **Off-road?** Ora, Dr. Reynolds, eu vivo off-road. **A compra de um jornal, ou de uma bisnaga de pão, por aqui, requer uma viagem off-road de 52 quilômetros, sem guinchos ou tração nas quatro rodas. Não vou dizer que seja o melhor piloto off-road do mundo, porque não sou gabola. Mas devo, sem gabolice, formar no time dos melhores. Conhecimentos de mecânica: excelente? bom? razoável? pouco? nenhum? Fosse a pergunta feita há seis meses, Dr. Reynolds, e eu responderia nenhum. De lá para cá, entretanto, ocorreu-me retirar a correia do ar refrigerado do velho Opala, que estava torcida e fazia barulho. Com a ajuda de duas de minhas filhas adolescentes, uma chave de rodas e um canivete, que uso para cortar charutos, fiz o serviço à perfeição. Resmungando um pouco, sou também capaz de trocar um pneu. Portanto, digamos que os conhecimentos são poucos, mas sempre existem. Hobbies, Esportes Praticados, etc?** Sou fotógrafo de certa competência, lutei boxe há 30 anos e gosto de andar a cavalo. **Natação: excelente? bom? razoável? pouco? nenhum? Suficiente, Dr. Reynolds, para não morrer afogado. Idiomas: Inglês, Francês, Alemão, Malásio, Espanhol. Redação: fluente? razoável? nenhum? Fluente, Dr. Reynolds, não sou nem em Português. Mas já escrevi uma carta em Inglês, para um amigo australiano. Só lamento não entender aquele idioma para poder ler minha carta, que deve ter ficado originalíssima. Conversação: fluente? razoável? nenhum? Com duas garrafas de vinho, fico razoável em Francês, Inglês e**

Espanhol. Se acrescentar três doses de vodca, sou capaz de ficar fluente em Alemão e Malásio.

Você teria, em abril de 85, cerca de 20 dias livres para participar do Camel Trophy 85? Creio que sim. Você estaria disponível, em fevereiro de 85, para passar cerca de uma semana em um outro país fazendo um curso de direção com veículos off-road? Sim, Dr. Reynolds, mas julgo o curso desnecessário, a não ser que eu participe na qualidade de professor. Como lhe disse ai atrás, vivo off-road há mais de 15 anos, sem os confortos de um Land Rover diesel, 4x4, como os que vão ser usados no Bornéu. Quantos finais de semana do mês de março você teria disponíveis para fazer diversos testes: 1? 2? 3? 4? Possivelmente os 4, Dr. Reynolds. Esclareço que já estou vacinado contra a febre amarela e sou veterano de uma dúzia de malárias, se é que isso ajuda alguma coisa.

Se você acha que tem alguma característica ou habilidade que o ajude durante o processo de seleção, por favor, cite-a abaixo: Sou competente datilógrafo. Mau escritor, porém bom datilógrafo. E fumo charutos, o que pode não ser uma habilidade, mas é uma característica.

Você estaria à disposição do Camel Trophy até uma hora antes do embarque como substituto da equipe brasileira? Digamos que sim, Dr. Reynolds. Mesmo sabendo que Camel Trophy é uma competição internacional sem premiação em dinheiro (o vencedor recebe apenas um troféu), você ainda continua interessado em participar? Quem foi que lhe disse, Dr. Reynolds, que estou interessado em participar de seu Camel Trophy? Só estou respondendo ao questionário, porque sou sujeito educado e não deixo passar sem resposta uma ficha como essa que R. J. Reynolds encartou na revista Motor 3. Junte-se o fato de que fui, várias vezes, premiado com o Troféu Camelo, que se concede no Brasil aos sujeitos que vivem da produção comercial de leite.

Agora, se a R. J. Reynolds quiser mesmo que eu vá ao Bornéu, em abril de 85, como convidado especial ou como jornalista (especializado, é certo, em informação rural...), venham de lá o passaporte, as passagens e meia dúzia de dólares, como ajuda de custos. Sou pobre, mas não sou orgulhoso. E curto uma loucura desse tipo.

COMEDOURO PARA SUÍNOS

O médico veterinário Cláudio Bellaver e o engenheiro agrônomo Alfredo R. de Freitas, ambos da Embrapa, elaboraram um trabalho sobre a altura que deve ter o comedouro para suínos.

Os pesquisadores testaram a influência da altura da borda da câmara de consumo do comedouro, na redução de perdas de ração para suínos, quando são utilizados comedouros convencionais de madeira ou metálicos (Figura 1). Eles realizaram três ensaios, com animais de pesos diferentes (26, 58 e 85 quilos), onde foram testadas três alturas de comedouro para cada um dos pesos. A Tabela 1 apresenta os resultados referentes ao período experimental de cinco dias, baseados em informações de 72 suínos de ambos os sexos em cada ensaio, distribuídos em três tratamentos e com oito animais por baía.

A pesquisa concluiu que, com base na perda total de ração no período experimental para animais de 26 quilos de peso vivo, a altura do comedouro na borda da câmara deve ser de 14 centímetros, isto é, o fundo dos comedouros deve ficar rente ao chão. Para animais de 58 quilos de peso, os pesquisadores sugerem que a altura seja mantida em 26 centímetros, significando uma elevação aproximada de 12 centímetros nos comedouros convencionais. Para animais de 85 quilos, a altura recomendada é de 30 centímetros, correspondente a uma elevação aproximada de 16 centímetros no comedouro convencional.

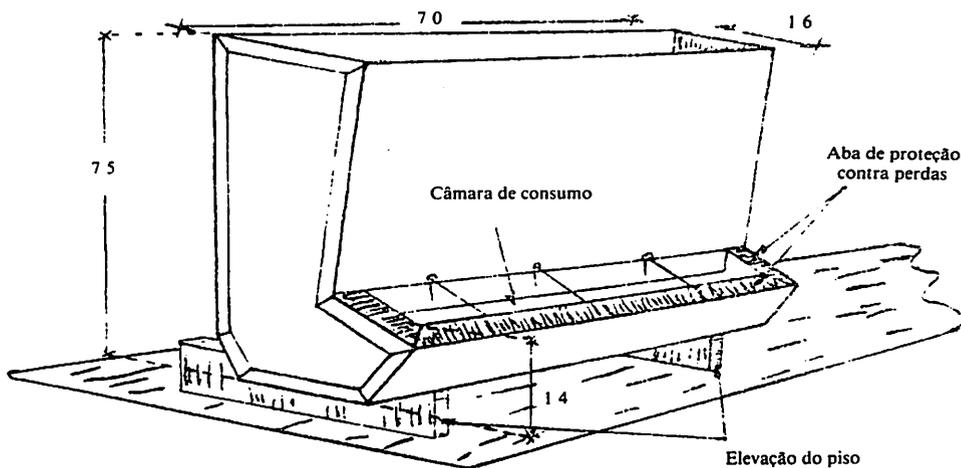


Figura 1 — Comedouro automático convencional para suínos (medidas em cm)

Tabela 1 — Efeitos de diferentes alturas do comedouro durante o período experimental de cinco dias.

Variável	Ensaio (peso) Altura (cm)	1 (26kg)		2 (58kg)			3 (85kg)			
		14	18	22	22	26	30	26	30	34
Peso médio inicial, kg		26,14	26,60	26,37	58,20	57,60	57,40	85,55	84,10	85,02
Peso médio final, kg		28,36	28,88	29,16	62,06	60,96	60,76	90,33	88,28	90,06
Consumo médio de ração, kg		6,60	6,93	6,96	10,87	10,23	10,45	14,93	13,70	14,70
Perda total de ração, g		592	1020	621	4881	2140	2726	4452	1588	1881
Perda média, %		1,12	1,84	1,12	5,61	2,61	3,26	3,73	1,45	1,60

HERMÁTRIA

A forrageira perene de verão hermáttria, cultivar Empasc 302, foi desenvolvida em 82 para atender aos produtores do Planalto Catarinense como mais uma alternativa para a produção de forragem.

A Empasc — Empresa Catarinense de Pesquisa Agropecuária recomenda, para a multiplicação das mudas dessa gramínea, a formação de viveiros nas propriedades rurais e posterior estabelecimento da pastagem. O viveiro deve ser formado numa área com boa fertilidade e sem espécies vegetais invasoras ou outras que possam prejudicar a qualidade e estabelecimento da hermáttria.

Após uma análise do solo, deve ser corrigida a acidez e a fertilidade. Para a correção da acidez, a Empasc recomenda a metade da dose de calcário indicada na análise.

A adubação de manutenção deve ser feita com 50 quilos de P₂O₅ por hectare, aplicados na primavera. A quantidade de nitrogênio aplicada em cobertura poderá ser de até 180 quilos por hectare, distribuída no mínimo três vezes, após pastejos e nas épocas de maior produção (primavera e verão).

A época mais indicada para o plantio de mudas é a primavera. O plantio deve ser feito em solos com boa umidade. A relação de multiplicação da hermáttria é de 1:100, ou seja, com um viveiro de 100 metros quadrados é possível estabelecer no segundo ou terceiro ano, conforme a fertilidade do solo e manejo, um hectare de pastagem. O espaçamento indicado é de 50 centíme-

tros entre plantas, e a muda deve ter de seis a oito estolões.

Após a "pega" das mudas e até o seu completo estabelecimento, a hermáttria deve receber pressão de pastejo leve e intermitente. Os animais devem permanecer na pastagem o tempo necessário para pastejar a forragem até que fique com seis a sete centímetros de altura, sem que comam os estolões.

Os animais devem entrar na pastagem quando esta apresentar uma altura entre 15 e 25 centímetros. Depois de saírem da pastagem, deve ficar um resíduo com altura entre cinco e seis centímetros, de onde brotará com vigor a nova produção, para outra entrada de animais.

Em solo de boa fertilidade, a hermáttria produz de 10 a 12 toneladas de matéria seca por hectare ao ano. Esta produção é concentrada no período de setembro a abril.

O cultivar Empasc 302 apresenta, na primavera, níveis de proteína bruta de 10 a 12 por cento na matéria seca e um teor de nutrientes digeríveis totais (NDT) de 61 a 62 por cento na matéria seca, valores considerados suficientes para a exploração de gado de corte e leiteiro.

No verão, em função do desenvolvimento da planta, ocorre um decréscimo dos níveis de proteínas e NDT na matéria seca para oito e 60 por cento, respectivamente.

GARÇA-VAQUEIRA

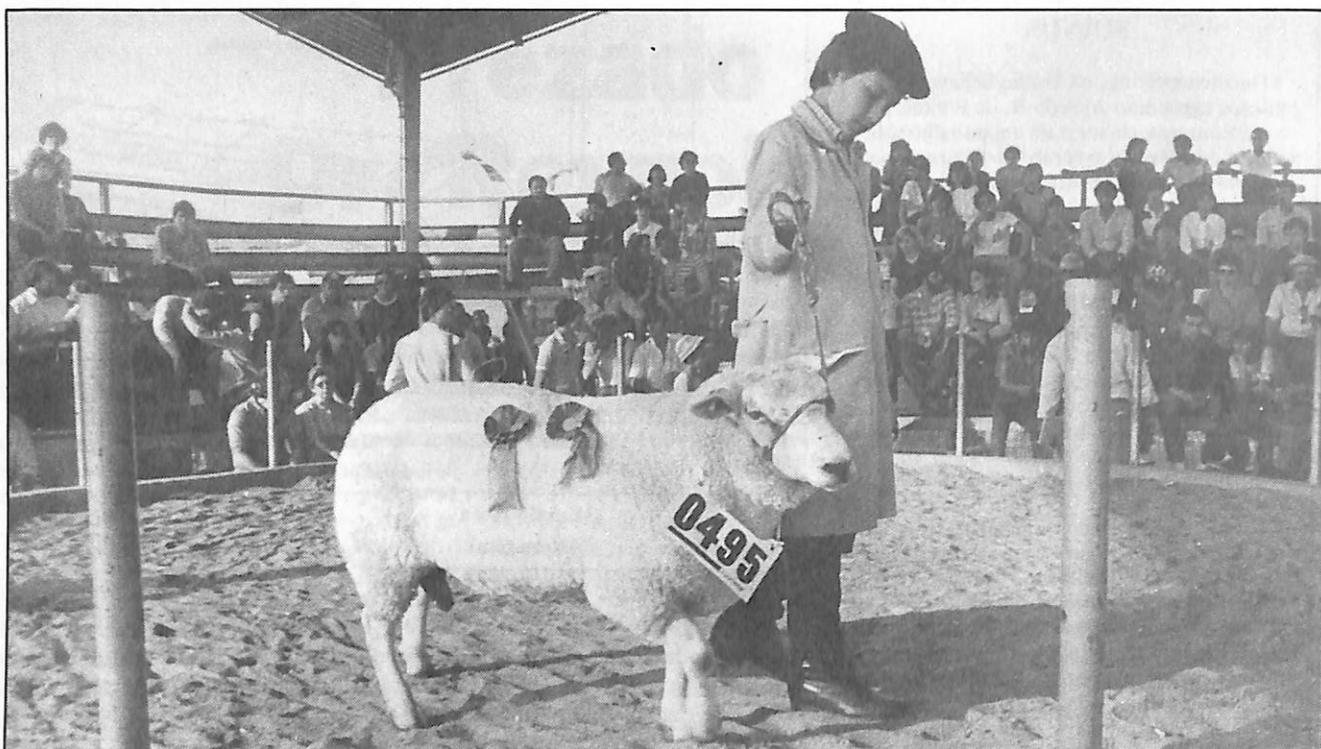
Em 1982, os técnicos da UEPAE de Bagé, RS, da Embrapa, observaram que a garça-vaqueira (*Egretta ibis*) se alimenta de carrapatos, quando notaram a presença de um grupo de 26 aves em áreas de estudo com animais altamente infestados. Os pesquisadores verificaram que as aves não só se alimentavam de teleóginas (fêmeas adultas de carrapatos repletas de sangue) que caíam ao solo, mas também das que eram retiradas do corpo dos animais, além de outros instares parasitários menos evoluídos.

A garça-vaqueira, também conhecida como garça-boiadeira, constitui-se no mais novo componente do ecossistema do carrapato (*Boophilus microplus*), causador de enormes prejuízos à bovinocultura do Rio Grande do Sul.

Esta ave pode ser facilmente identificada por ter, como principal característica, o hábito de acompanhar os bovinos e alimentar-se de insetos que são espantados por eles e dos que são retirados de seus corpos. A garça-vaqueira tem 45 centímetros de comprimento, plumagem branca, bico amarelado, patas pretas e apresenta, na época de reprodução, tons rosados na plumagem, na altura do pescoço e do peito.

A primeira ocorrência da garça-vaqueira no Rio Grande do Sul foi registrada em 1973, em Camaquã. Atualmente, podem ser encontradas, no estado gaúcho, em grupos de até 400 exemplares acompanhando bovinos e, também, em áreas onde o solo se encontra em fase de preparo para o plantio.

Os pesquisadores da Embrapa acreditam que a garça-vaqueira poderá desempenhar um importante papel no controle biológico do carrapato. Quatro aves abatidas por necessidade de pesquisa, ao serem necropsiadas, revelaram, cada uma delas, a ocorrência de 103, 119, 51 e 255 carrapatos ingeridos, o que equivale a uma média de 132 carrapatos por ave.



Os ovinos da raça Texel voltam à pista de remate de Esteio em março

Mercado em expansão

O Parque de Exposições Assis Brasil, em Esteio, RS, receberá, no dia 5 de março, às 16 horas, mais de 300 reprodutores e matrizes Hampshire Down, Suffolk e Texel no 2º Remate das Raças Ovinas de Carne, numa promoção conjunta das associações de criadores destas raças.

O presidente da Associação Brasileira de Criadores de Texel, Paulo Aginsky, da Cabanha Dedo Verde, de Viamão, RS, está com boas perspectivas, esperando que aumente ainda mais o número de animais inscritos até o dia do remate, para atender a demanda dos novos criadores de ovinos de duplo propósito (carne e lã). Na opinião de Aginsky, este é um mercado em expansão, apesar de haver alguns problemas de intermediação da carne e de falta de conscientização para que o mercado se amplie para atender às necessidades das populações.

O mercado dos ovinos de carne está realmente em expansão. Na última Expointer, a metade das transações realizadas com ovinos foi com animais para produção de carne. Ao

mesmo tempo, está havendo uma necessidade de organização da produção na medida em que o consumo interno do produto vem aumentando e que as exportações de carne ovina para o Oriente Médio, França e Países Baixos alcançaram US\$ 12 milhões em 84 contra US\$ 169 mil em 83.

Importações — Com vistas a atender o mercado em expansão, os cabanheiros estão se preparando, fazendo importações para o melhoramento dos seus rebanhos. Na última exposição de Esteio, alguns criadores de ovinos para carne ficaram bastante entusiasmados com os preços que os animais alcançaram e resolveram custear uma viagem à Inglaterra para o técnico da Arco — Associação Brasileira de Criadores de Ovinos, Júlio César Trindade, para fazer a seleção de matrizes e reprodutores. Junto com ele, foram também o diretor da empresa importadora Britpec, Geoffrey Powel, e os criadores Geraldo Terra de Azevedo, de Mostardas, RS, e João Batista Menarin, de Castro, PR.

Na primeira semana de janeiro, chegaram

ao Brasil os animais importados da Inglaterra, entre eles, o Supremo Grande Campeão do Royal Show 84, da raça Hampshire Down, adquirido por US\$ 5.600, junto com o Reservado de Grande Campeão da mesma exposição. Os dois animais foram comprados em condomínio pelas Cabanhas Caranegra, de Cachoeira do Sul, RS, de Alexandre Tollens Linck, e São Caetano, de São Borja, RS, de Wilson Muniz Barbosa. Estes ovinos são originários de Shapwick, de propriedade de Michael Tory, cujo rebanho iniciou em 1834, sendo o mais antigo estabelecimento do mundo a criar esta raça ovina de carne ininterruptamente.

Para melhorar o rebanho gaúcho de Suffolk, vieram da Inglaterra 30 reprodutores e matrizes, adquiridos pelas cabanhas de Lagoa Vermelha, RS, Refúgio (de Alduíno Sartori), do Posto (de Antonio Carlos de Andrade Nacul), Paraíso (de Edu Paim Hoffmann), Matonaço (de Milton Stella), Aldeia dos Índios (de Itibiricá Paim Lourenço); de Viamão, Cabanha Beth (de Jorge Dable); de Mostardas, Cabanha Condessa (de Breno Terra de Azevedo); de Cachoeira do Sul, Cabanha Cerro Coroado (de Armando Chaves Garcia de Garcia); de Passo Fundo, Cabanha Luana (de Leônidas Schell).

Junto com estes exemplares de raças para carne, vieram ainda dois ovinos Lincoln Long Wool, adquiridos pela Fazenda do Ipê, de Werner e Licie Hunsche, de Canela, RS, e 10 exemplares da raça deslanada Wiltshire Horn, destinados a Rivadávia Menarim e Regina Menarim Fiorillo, de Pirai do Sul, PR.



□ A 51ª Exposição-Feira de Dom Pedrito, RS, realizada recentemente, atingiu um total de comercialização de Cr\$ 4 bilhões, sendo que Cr\$ 998 milhões em animais e Cr\$ 3,7 bilhões em máquinas. Durante a exposição, as Cabanhas Guatambu e Alvorada comercializaram Cr\$ 640 milhões, recorde estadual em vendas particulares.

□ Promovido pela Remate, o 1º Leilão Nelore 5 Estrelas, realizado no Palace, em novembro, em São Paulo, comercializou Cr\$ 1,8 bilhão com a venda de 52 animais.

□ A VIII Exposição-Feira Agropecuária de Osório, RS, e I Feira Oficial de Búfalos do Litoral Norte, realizadas em novembro, comercializaram Cr\$ 400 milhões. Os resultados foram os seguintes:

Santa Gertrúdis	
Machos puros.....	6.000.000
Fêmeas 1/2 sangue.....	800.000
Charolês	
Machos PPC.....	3.000.000
Devon	
Machos puros.....	4.000.000
Red Poll	
Machos PPC.....	3.000.000
Normando	
Machos PPC.....	2.800.000
Poll Hereford	
Machos PPC.....	2.700.000
Búfalos	
Fêmeas.....	1.050.000
Machos.....	3.000.000
EQUÍNOS	
Crioulo	
Macho.....	5.000.000
OVINOS	
Texel	
Ovelhas 2ª cruza.....	130.000
Carneiros.....	400.000



LEILÃO

Dia 23 de fevereiro, às 14 horas, será realizado o primeiro Leilão de Todas as Raças em Mairiporã, SP, promovido pela prefeitura municipal daquele município. Na ocasião, serão colocados à venda animais POI, PO e PC, na Antiga Rua da Feira. A taxa de inscrição para bovinos é de Cr\$ 10 mil e para eqüinos, de Cr\$ 20 mil. As inscrições podem ser feitas até o dia 10 de fevereiro no escritório do leiloeiro Eneas Fernando de A. M. de A. Pedrosa, à Alameda Campinas, 579, CEP 01404, São Paulo, SP.

PARANÁ

Dia 10 de fevereiro, em Jaguariaíva, será realizado o II Remate de Gado Geral. E, de 23 de fevereiro a 3 de março, acontecerá em Umuarama a XII Exposição Agropecuária e Industrial.

SÃO PAULO

De 7 a 10 de fevereiro próximo, será realizada em São Paulo a Exposição Nacional de Gado Jersey.

RIO GRANDE DO SUL

O calendário oficial assinala diversas feiras de ovinos de verão, no Rio Grande do Sul, em fevereiro: de 1ª a 3, em Pinheiro Machado (juntamente com a 1ª Feovelha); de 4 a 6, em Erval do Sul; de 7 a 9, em São Gabriel; de 11 a 13, em Pelotas; de 15 a 17, em Quaraí; de 20 a 22, em Santana do Livramento; de 22 a 25, em Bagé; de 24 a 25, em Encruzilhada do Sul; de 26 a 27, em Dom Pedrito. Também em fevereiro a feira de cordeiros de Santana do Livramento, de 20 a 22; e a 4ª Feira de Reprodutores Suínos em Marau, de 22 a 24

MINAS GERAIS

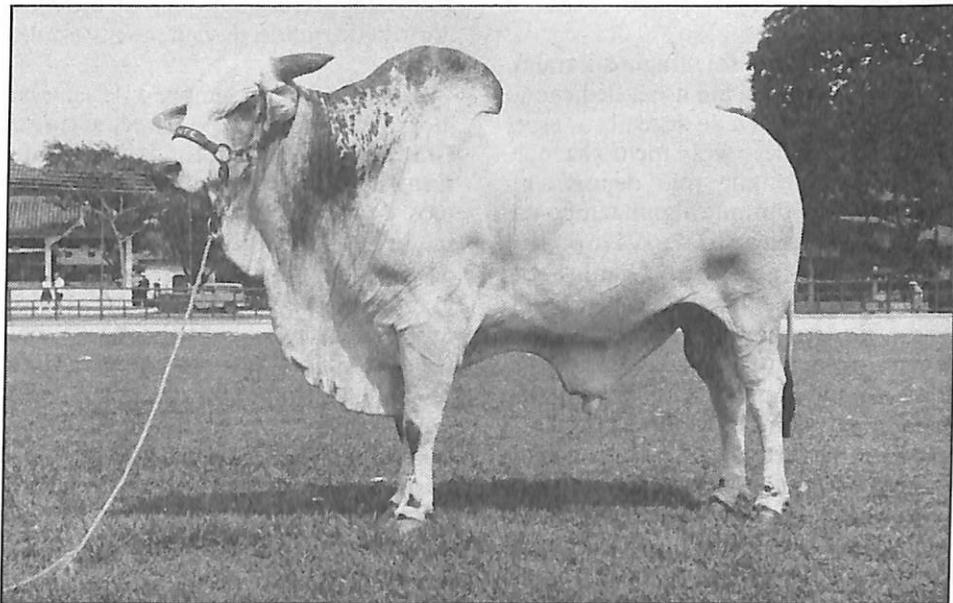
No mês de fevereiro, será realizada em Minas Gerais, nos dias 2 e 3, a III Exposição e Leilão de Animais em Campo Belo; dia 3, a I Exposição e Leilão de Animais em Itapagipe; dia 4, em Montes Claros, a II Exposição e Grande Leilão de Animais em Janaúba; dia 8, Leilão de Animais em Curvelo; dias 9 e 10, a V Exposição, Festa do Peão e Torneio de Montaria em Touros, em Tupaciguara.

SANTA CATARINA

Em Treze Tílias, SC, será realizada a 6ª Exposição Agropecuária e Industrial de 16 a 19 de fevereiro.

CEBOLA

No período de 14 a 17 de fevereiro, será realizada em Ituporanga, SC, a 1ª Exponace — Exposição Nacional da Cebola, oficializada pelo Ministério da Agricultura.



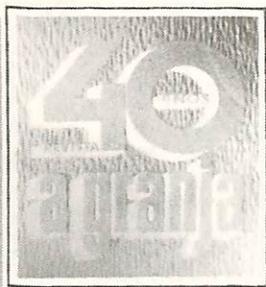
Nelore: comercialização em alta

□ A 14ª Exposição-Feira Agropecuária e Industrial de Ponta Grossa, realizada em novembro, comercializou 53 animais, alcançando um total de Cr\$ 103,5 milhões. As médias registradas foram as seguintes:

Touro Charolês.....	3.457.142
Touro Charolês Flor de Liz.....	2.800.000
Touro Charolês CH.....	2.400.000
Touro Charolês RP.....	1.062.500
Novilha Charolesa PO.....	2.500.000
Touro Nelore PO.....	3.150.000
Touro Canchim PO.....	2.666.666
Fêmeas Canchim.....	1.200.000
Novilha Holandesa.....	1.000.000
Borrego Hampshire.....	1.500.000

□ O Leilão de Ouro Fórmula Um, realizado em Carazinho, RS, no início de janeiro, estabeleceu o recorde nacional em eqüinos ao vender 70 potros PSI (todos que foram à pista) por Cr\$ 2,2 bilhões, num total equivalente a dois terços do movimento da última exposição agropecuária da América Latina. O leilão teve a participação de compradores de todo o país, da Argentina, Uruguai e Paraguai. Todos os potros vendidos no leilão têm a sua participação assegurada numa promoção de dois dias de corrida de cancha reta que será realizada em Carazinho em maio de 1986, com prêmio de Cr\$ 500 milhões ao vencedor. O preço mais alto do leilão foi obtido pela potranca Naraguta, que obteve Cr\$ 100,8 milhões, filha de Flyinb Boy e Fuga II, égua argentina recordista de 1.300 metros em Cidade Jardim, SP. A média geral de preços no leilão ficou em Cr\$ 31,5 milhões.

Nossa história de amor à terra



Há 40 anos, enfrentando todas as dificuldades da época, nascia a revista **A Granja** para defender os interesses dos produtores rurais. Há 17 anos, sob orientação de Hugo F. Hoffmann, **A Granja** cresceu e se expandiu, mantendo sempre o seu compromisso maior com o leitor. A partir desta página, contamos um pouco de nossa história. Afinal, são 40 anos de trabalho em favor da agropecuária brasileira.

No processo de evolução econômica do país, ontem como hoje e ainda por muitos anos, a agricultura e a pecuária e, com elas, as indústrias derivadas, serão o fator primacial da prosperidade nacional. Justo é, portanto, que às classes rurais sejam concedidos os meios mais indicados para que se façam ouvir, digam de suas aspirações, de seus interesses e de suas atividades. Com este propósito, manifesto em seu primeiro editorial, nasceu a revista **A Granja**, a 30 de dezembro de 1944, propondo-se a ser porta-voz dos agropecuaristas e elo de ligação entre estes e seus fornecedores, tanto de insumos como de bens de consumo. Fundada por Arthur Fabião Carneiro, **A Granja** nasceu consciente de sua condição pioneira, pois também em seu primeiro editorial já se apresentava como “a primeira revista rural especializada do Brasil” e, de início, se propunha ao incentivo do desenvolvimento da pecuária bovina leiteira, suinocultura e avicultura.

Esta limitação, no entanto, não durou quase nada, pois já em seu primeiro número, **A Granja** defendeu o fomento à horticultura no Rio Grande do Sul, uma necessidade que se registra até hoje, já que o estado ainda importa mais da metade de suas necessidades em hortigranjeiros. Também não durou muito a limitação imposta pelo primeiro eslogam de **A Granja**: “uma revista rural ao serviço do Rio Grande do Sul”, pois logo evoluiu para “uma revista rural a serviço do Sul do Brasil”. O marco desta evolução foi a edição n.º 61, de abril de 1952, quando **A Granja** publicou matérias sobre atividades produtivas em Florianópolis e arredores e, pela primeira vez, através-

sou a divisa. Curiosamente, uma das matérias daquela edição foi sobre os revendedores dos veículos Ford de então na capital catarinense, os irmãos Dahil e Esperidião Amin, ambos falecidos, tendo este sido o pai do atual governador de Santa Catarina.

O passo seguinte foi atingir o Paraná, o que **A Granja** faz até hoje, dedicando uma edição anual, a de dezembro, especificamente ao desenvolvimento agropecuário daquele estado, mas, depois, a revista dirigiu-se durante algum tempo para o sul. Já em agosto de 1947, poucos anos depois de fundada, **A Granja** abordava a recém-realizada exposição do Prado, no Uruguai. A revista chegou a ter um suplemento em Espanhol para facilitar o atendimento a seus assinantes do Prata, mas, acompanhando a direção da própria abertura de nossas fronteiras agrícolas, voltou-se para o centro e o norte do país, nos últimos 20 anos, tornando-se a principal publicação rural do Brasil.

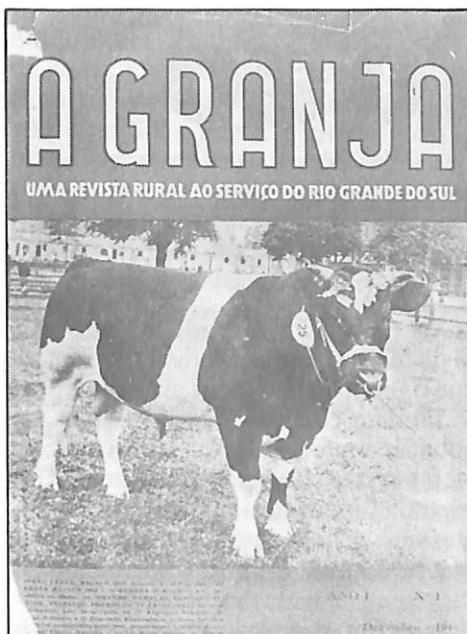
Lutas e campanhas — De início, **A Granja** assumiu uma campanha pela erradicação da febre aftosa, sendo que em maio de 1945 abordava a prática da inseminação artificial. Naquela época, no entanto, a inseminação surgia como a grande novidade que estava sendo experimentada nas propriedades rurais ao redor de Nova Iorque e, talvez, nem todos imaginavam que tão rapidamente se tornaria uma prática costumeira. Também no início de sua história, **A Granja** contou com a colaboração do escritor Érico Veríssimo, que, em artigo publicado na edição número dez, em 1945, enaltecia a produção e o consumo de leite nos Estados Unidos. Curiosa, também, foi a in-

trodução da ordenhadeira mecânica, cuja amostragem de funcionamento provocava reunião de grandes grupos de criadores para ver. Isto, é claro, quando **A Granja** ainda publicava classificados de granjeiros oferecendo vagas ou ordenhadores procurando serviço para se estabelecer.

Acompanhando sempre o desenvolvimento da atividade agropecuária, **A Granja** registrou um fator de crise que faria a alegria, hoje, de milhares de agrônomos e veterinários, atualmente enfrentando o desemprego. A falta de técnicos de nível superior na atividade era tão grande, em meados de 1952, que a revista teve que defender a formação de mais técnicos em seu próprio editorial. Interessante, também, foi o anúncio, feito por um político em maio de 1957, segundo o qual “dentro de três anos o Brasil não importará mais trigo” (deputado César Prieto, presidente da Comissão de Finanças da Câmara Federal, edição n.º 120, maio de 1957, página 18).

Muita gente se surpreendeu quando **A Granja** publicou em sua capa uma foto de um zebuino. Mas, muito mais rapidamente do que a introdução da inseminação artificial ou da ordenhadeira mecânica, o cruzamento entre zebus e gado de origem européia tornou-se realidade corriqueira. Seria difícil, hoje, enumerar todas as campanhas e as lutas em que **A Granja** se envolveu, mas, sua condição de porta-voz dos produtores e elo de comunicação entre fornecedores e consumidores, fez com que em muitas oportunidades sobressaísse o pioneirismo da revista.

Anunciantes e consumidores — Ainda hoje serviria para debate a postura ado-



Desde a primeira edição a serviço da agropecuária brasileira



Dois momentos da revista. No ano de fundação, A Granja registrou a visita do então diretor do Departamento Nacional de Produção Animal, Mário Oliveira, à Associação de Criadores de Holandês para tratar sobre a importação daquele gado por criadores gaúchos. Aparecem na foto o fundador da revista, Arthur Fabião Carneiro, e os pecuaristas Carlos Balthazar de Bem, Raul Bordini, Hélio Fernandes, José Faria Corrêa e Francisco Garcia de Garcia. O Rio Grande do Sul também importava gado europeu de corte.

De importador, o estado passou a exportar no mercado interno. A Granja, que evoluiu junto à agropecuária brasileira, também mudou muito nestas quatro décadas. Se modernizou. Prova disto é o sofisticado equipamento de computação para composição dos textos da revista e, também, para atendimento rápido e eficiente a seus milhares de assinantes. Na segunda foto, uma funcionária compõe um texto para esta edição.

tada pela revista **A Granja** em meados de 1953, quando, na edição n.º 74, publicou duas coisas antagônicas. Depois de reproduzir, na página 91, artigo do zootecnista Raul Briguet Júnior alertando para a possibilidade de os antibióticos e a vitamina B₁₂ serem prejudiciais às aves, publicou anúncio, na página seguinte, no qual o produto Ave Sano se afirmava “melhor ainda” por possuir, em sua formulação, justamente antibióticos e vitamina B₁₂. Esta aparente contradição é, no entanto, sintoma maior de independência da revista, que desde a fundação mantém seu maior compromisso com o universo de seus leitores, hoje espalhados por todo o país e, inclusive, com muitos assinantes fora das fronteiras do Brasil.

Afora sua independência, **A Granja** acompanhou, nestes 40 anos de existên-

cia, a evolução de seus próprios anunciantes. É o caso da Varig, por exemplo, que inicialmente prometia “viagens rápidas e confortáveis” para o Rio Grande do Sul e o Prata, depois para Buenos Aires e Curitiba e, mais recentemente, para qualquer parte do mundo. Fiel, também, foi a participação dos Adubos Trevo, da Indústria de Adubos Luchsinger Madörrin, que desde o primeiro número de **A Granja** participa com sua mensagem publicitária.

Aliás, o pioneirismo da revista e de seu fundador foram marcantes também na questão publicitária. Arthur Fabião Carneiro foi bastante criticado, em sua época, por publicar anúncios de produtos classificados como urbanos. De forma pioneira, ele justificava, então, que o consumidor do campo muito se assemelhava ao da cidade, embora até hoje ain-

da exista quem discorde disso. A par do desenvolvimento do setor de consumo, **A Granja** acompanhou, também, a evolução das próprias palavras. Em seu primeiro editorial aparece, por exemplo, o emprego do termo “primacial”, que era o “prioritário” da época. A longo de seus 40 anos, verifica-se que a palavra herbicida evoluiu de ervicida para hervicida e, finalmente, para o herbicida como conhecemos hoje.

Da impressão a chumbo ao sistema off-set e à computação, do cavalo à moto no campo, do manual ao automatizado, do artesanal à informática, enfim, nestes 40 anos **A Granja** “tirou a gravata”, como costumamos dizer aqui na redação, e cada vez mais assumiu seu compromisso com a defesa da agropecuária brasileira, na trabalhosa, mas gratificante, condição de porta-voz de seus agentes.



Do artesanato ao profissionalismo

Em 1967 foi constituída a Editora Centaurus, integrada por um grupo de empresários e publicitários, sob a inspiração de Hugo Hoffmann, com o objetivo maior de salvar administrativamente a revista **A Granja**. Acontece que naquela época, embora a revista se mantivesse com seu sucesso editorial, na verdade a nível empresarial e administrativo enfrentava a ameaça da própria falência. Por isso, tornava-se extremamente necessário resgatá-la a nível gerencial e empresarial, e o grupo formado sob o comando de Hoffmann cedeu às pressões feitas por várias lideranças governamentais e assumiu a publicação.

Na oportunidade em que a Editora Centaurus adquiriu o título e passou a editar **A Granja**, foi dada a capatazia a Carlos Maria Wallau, que vinha de uma

brilhante carreira no setor de publicidade e soube se cercar de colaboradores competentes ao assumir o empreendimento.

Foi a partir de 1967 que a revista teve um grande impulso, ainda que gradativo, no sentido de ampliar o seu universo de leitores, aumentando sempre o número de assinantes. A relação publicação-leitor é extrapolada pela revista **A Granja**, pois seus assinantes a lêem de ponta a ponta, antes de guardá-la em suas coleções pessoais. Assim, os cupons de assinatura tiveram que ser colocados como encartes e não mais publicados nas páginas, porque os leitores queixavam-se de não desejarem recortar nenhuma parte sequer de sua revista.

Profissionalismo — A verdade é que a história d'**A Granja** poderia ser facilmente dividida em duas fases. A primei-

ra, de 1944 a 67, que poderia classificar-se de mais romântica, amadorística, em que o mérito esteve sobretudo no esforço familiar e pessoal dos envolvidos em publicar uma revista que contemplasse os interesses da produção primária. A segunda fase se classificaria de mais empresarial e mais profissional, na qual passou a haver propostas mercadológicas claras, orientação publicitária definida, enfim, o período em que tanto editorial como publicitariamente **A Granja** passou a caracterizar-se muito bem.

Percepção — Não existe nenhum exagero em afirmar que **A Granja** acompanha o avanço da fronteira agrícola brasileira e que percebeu e promoveu a mecanização da agricultura, pois, ao constatar o valor da moderna tecnologia e seus reflexos na produção e produtividade, tem sempre estimulado o emprego

Quem faz seguros



A Cia. União de Seguros garante e assina embaixo. Faça seguro.

dos insumos. Já antes do início da década de 70, a revista se apercebeu de que o trigo provocaria a mecanização da lavoura no Sul e que se somaria à então nova opção pela soja, inexorável na medida em que divide com a triticultura a mesma terra e os mesmos instrumentos. Estimulou, também, o sistema cooperativista e os defensivos agrícolas, mas soube apontar os seus aspectos negativos no momento oportuno, fossem os desvios ou má administração no primeiro ou danos causados pelo seu uso indevido.

Quantas vezes **A Granja** percebeu com antecedência um rumo ou a necessidade de utilizar determinada tecnologia? Sem falsa modéstia, **A Granja** é feita para aqueles que os americanos denominam de "influential man", homem que influi, aquele líder técnico ou comunitário que faz com que os que o cercam ajam de forma semelhante a sua. Este tanto pode ser um líder grupal ou comunitário, como o produtor, que passa a ser copiado apenas por ser um exemplo em sua região. Enfim, aquele que habitualmente consegue maiores índices de produtividade.

Simultaneamente ao aumento gradati-

vo de assinantes, que levou **A Granja** a um constante aumento de tiragem, a revista passou a conhecer melhor a agricultura. De raízes firmes na pecuária, **A Granja** acompanhou não só a integração lavoura-pecuária, mas, também, o próprio avanço da primeira em áreas antes dedicadas apenas à criação extensiva. Em síntese, a revista cresceu com o Brasil, acompanhando o avanço das fronteiras agrícolas.

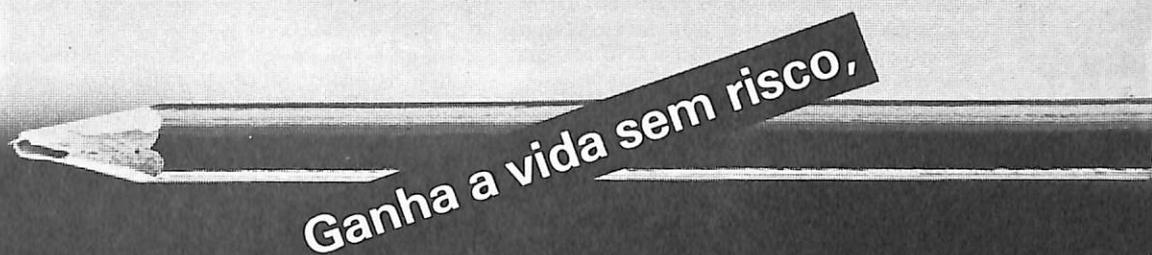
Patrimônio — Foi em 1979 que a Editora Centaurus deu um grande impulso e adquiriu uma casa na Avenida Getúlio Vargas, no Bairro Menino Deus, de Porto Alegre, próximo ao centro da cidade, para abrigar sua sede, administração, equipamento sofisticado e numerosa equipe de trabalho. O prédio já é amplo, mas o terreno ainda permite sua expansão na medida em que for registrada esta necessidade.

Dez anos antes, a empresa já havia comprado a primeira fração de terras que daria origem ao Rancho Centaurus, em São Francisco de Paula, de 420 hectares. A compra e sua administração foi movida pela filosofia de unir teoria e prática e fazer da propriedade rural uma espécie de laboratório, um campo de ob-

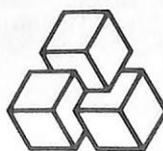
servação. Depois de aquisições de sucessivas frações, o Rancho Centaurus tem hoje mais de 1.500 hectares.

O ano de 1984 foi decisivo para a Editora Centaurus. Além da construção de mais de 500 metros quadrados junto à sede, a empresa adquiriu equipamentos e implantou o sistema de computadorização (dois equipamentos com quatro terminais de vídeo), que se constitui no sistema mais moderno para fotocomposição. Também em 84, a Editora lançou a Revista Centaurus, atendendo um mercado muito promissor, que é aquele que reúne as pessoas que se dedicam à criação de cavalos.

Todo esforço de executar investimentos, num momento conjuntural desfavorável como o ano passado, não foi ao acaso e nem gratuito. Tampouco se limita ao âmbito empresarial. A modernização do equipamento da revista se justifica, sobretudo, pelo compromisso com seus assinantes. Fiel a princípios imutáveis desde sua fundação, como o do respeito à credibilidade conquistada no decorrer destes 40 anos, **A Granja** avança. Honrando o passado, assumindo o presente e projetando o futuro. Sempre com a preocupação inequívoca com o maior de seus compromissos, o leitor.



Ama e não esquece.



**Cia. União
de Seguros Gerais**

Há quase um século, a melhor garantia de segurança.



No começo, uma empresa familiar

“**A** revista **A Granja** foi fundada em 16 de dezembro de 1944, em reunião a que compareceram o jornalista e técnico rural Arthur Fabião Carneiro, o jornalista, advogado e escritor Dâmaso Rocha e o engenheiro civil João Carlos Baltazar de Bem, que na época dirigia a Associação dos Criadores de Gado Holandês (AHC).

A Sociedade Editora A Granja Ltda. foi constituída com o capital de Cr\$ 15.000,00, em quotas de Cr\$ 1.000,00. Arthur Fabião Carneiro e Baltazar de Bem subscreveram seis quotas cada um, e Dâmaso Rocha as três restantes.

A revista foi dirigida por Fabião Carneiro e Dâmaso Rocha, como se vê no expediente do número um. Mais tarde, absorvidos por atividades públicas e privadas, Dâmaso e Baltazar afastaram-se da sociedade.

O contrato social foi registrado na Alfândega de Porto Alegre no dia 6 de janeiro de 1945, e não está datado, como se pode ver da cópia em poder da Editora Centaurus, hoje proprietária do título, fornecida por gentileza da Sra. Victória Ribeiro Carneiro, viúva de Arthur Fabião Carneiro.

A época — O número um foi lançado em de-

zembro de 1944, estampando na capa a foto do touro Ipanê Cezar, HB/ACH 1380, Grande Campeão da IV Exposição Brasileira de Gado Holandês, de propriedade de Ismael Chaves Barcelos e Nestor Moura Jardim, da Granja Santa Rita, em Guaíba. Como acontece com praticamente todos os veículos de comunicação social em seu primeiro número — preparado com o entusiasmo e o acaudamento que todos nós, jornalistas, conhecemos —, houve um erro na capa: dá-se o touro nascido em 15-8-12, quando deve ter nascido realmente em 1942...

A **Granja** foi a primeira revista rural do estado, e estava originalmente destinada a tratar de assuntos ligados à criação de gado leiteiro (especialmente o Holandês), avicultura e suinocultura. Mais tarde, ampliou seu programa, abrangendo o gado de corte e se preocupando com a lavoura de trigo e de soja. Posteriormente, agregou um número importante de técnicos que promoveu a criação de ovinos.

A revista surgiu nos últimos meses da Segunda Guerra Mundial e no fim da primeira etapa da Revolução de 1930, que apenas hoje chega a seu desdobramento final. Discutia-se implantação da indústria brasileira, que se ergueria sobre o capital acumulado na lavoura e na pecuária nacional.

O processo de urbanização já estava em pleno desenvolvimento e as grandes cidades **inchavam** em conseqüência do contínuo êxodo rural. O governo do então interventor federal, tenente-coronel Ernesto Dornelles, buscava, através da Secretária da Agricultura, dirigida por Ataliba de Figueiredo Paz, estimular a produção de alimentos capazes de substituir, em algumas medidas, o consumo intensivo de carne bovina. O leite, a carne de aves e de suínos eram, aparentemente, a saí-

da oportuna e desejável. O aparecimento de **A Granja** coincide com ou é o resultado lógico desse momento e desse pensamento.

Modificações tão profundas no hábito alimentar do gaúcho não poderiam, contudo, consolidar-se em poucos anos. Seria necessário um espaço de tempo capaz de mostrar ao empresário rural as vantagens da substituição da carne de vaca por proteínas de outra origem. Através das vicissitudes decorrentes de uma certa reserva do consumidor, a revista navegou contra marés montantes.

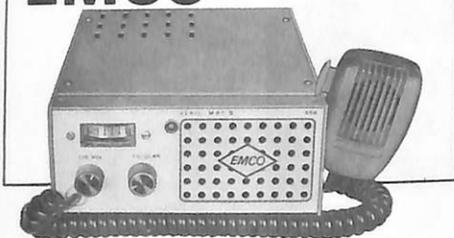
Mas Arthur Fabião Carneiro era um obstinado. Ano após ano, manteve a revista em circulação, contra todos os prognósticos. Diferente dos muitos “poetas rurais”, que pregavam na época uma ilusória “volta aos campos”, Fabião Carneiro mantinha os pés no chão. O curso na Escola Técnica de Agricultura de Viamão dera-lhe um sentido objetivo na apreciação do fenômeno rural da época. Jornalista, com atuação na área comercial do Jornal da Manhã, estava a par do que acontecia no mundo na área da agricultura.

No entanto, ainda não se haviam estabelecido as condições ideais para o desenvolvimento de uma revista rural. Tudo era difícil. Na área técnica da produção da revista, dependia-se da importação de papel que, apesar do dólar privilegiado, ainda era cara; dependia-se da circulação, praticamente nas mãos dos Correios e Telégrafos, na época uma instituição lamentável; dependia-se de corretores sem nenhum preparo para a venda de assinaturas e angariação de anúncios; dependia-se de um parque gráfico ainda incipiente.

O pior de tudo era a redação. Pouquíssimos técnicos aventuravam-se a escrever artigos especializados, reduzidos praticamente ao corpo docente da heróica Escola de Agronomia e Veterinária, sempre voltados às aulas teóricas e práticas onde tudo faltava, menos a inteligência.

Os novos tempos — Nos seus primeiros dez anos de circulação, a revista dependeu praticamente da família de Arthur Fabião Carneiro. Dona Victória, sua segunda esposa, e os filhos do primeiro matrimônio, Aníbal, Lígia, Dalva e Glória,

A menor distância entre você e seus negócios. RADIOCOMUNICADOR EMCO



Assuma o comando de um Radiocomunicador EMCO e controle seus negócios com a máxima segurança, onde quer que eles estejam. Seja qual for a distância, você administra a fazenda, as filiais, o que quiser, da sua própria casa ou escritório.

O resultado é aquela economia de tempo, dinheiro, energia. E o que é mais importante: a última palavra continua sendo sua.



Empresa de Comunicações Ltda.

Rua do Manifesto, 1427, Ipiranga - CEP 04209 - São Paulo, SP.
Tela.: (011) 278-5465 e 278-8762

Representante - Milton Rey Gomes & Cia. Ltda.
Rua Júlio de Castilhos, 751/789 - Cx. P. 163
Fones: 722.2153/2163 - Cachoeira do Sul - RS

ECONOMIZE: USE RÁDIO



ABUNDANCIA E BÓA QUALIDADE DA SUA COLHEITA DEPENDEM DO USO DO AFAMADO

ADUBO TREVO

é o mais barato porque mais produz certifique-se experimentando - o
LUCHSINGER MADORIN & C^{IA} L^{DA}
PORTO ALLÈRE PELOTAS
GALERIA MUNICIPAL - 13 | AV. GASPAR MARTINS
CAIXA POSTAL 37 | Nº 60

A Aveia Como Forrageira

Anacréonte Avila de Araujo



Dois anúncios da primeira edição. A Varig se expandia, divulgando a ampliação de suas linhas aéreas, e Adubos Trevo já garantia a qualidade de seus produtos. Desde aquela época, **A Granja** tem sido o veículo de informação do produtor



Pécio Pinto: velhos tempos

eram os “funcionários” que revisavam provas, providenciavam clichês, envelopavam os exemplares e despachavam os pacotes. O arquivo da revista repousava no casarão da Rua Lima e Silva, no exato ponto onde hoje passa o eixo da Avenida Perimetral.

No entanto, na década de 1950, a revista afinal tomou um rumo definido, já dedicada a todos os assuntos relativos a lavoura e à criação. É depois de 1950 que a indústria brasileira (dístico triunfalista que aparece então em todos os produtos nacionais) alcança um ponto de estabilidade que lhe permitiria a decolagem em 1960. Dependente de anúncios, de repente a revista começa a receber programações nacionais: chegavam os agrotóxicos e a maquinaria em grande escala, ainda estrangeiros. Depois de 1955, a indústria nacional permite às revistas especializadas um lance mais ousado.

Por essa época, cheguei à revista **A Granja**, graças a um carnaval na praia de Santa Teresinha, onde conheci Dalva, a terceira filha de Arthur Fabião Carneiro. Ela e Dona Victória ainda defendiam a trincheira na redação de **A Granja**, no 2º andar do Edifício Sloper, para onde se havia mudado depois de ter sede, por muitos anos, na Casa Rural, na Avenida Borges de Medeiros. Por causa delas, de Dalva e de **A Granja**, deixei a subsecretaria da Folha da Tarde Esportiva em 1957, quando Arthur Fabião Carneiro faleceu aos 55 anos.

Constituímos nova firma, Dona Victória, eu e Anibal Teófilo Martins Carneiro, meu cunhado. A situação era bem mais promissora do que a dos duros anos até 1955, mas não permitia ainda maiores ilusões. Montei um laboratório fotográfico em casa, porque não havia fotógrafos que tivessem paciência para bater fotos de animais nas exposições; não chegava a ser um trabalho penoso, mas exigia paciência. Quem não tiver paciência, jamais chega a tirar uma boa foto de bicho ou de criação. Anibal embarafustou pelo interior do estado a visitar todas as cabanhas e fazendas que aparecessem em seu caminho e fez um trabalho tão bom que, dois ou três anos depois, já fechávamos contratos de publicidade por telegrama (telefone ainda não existia). A credibilidade da revista era realmente singular. Alguns cabanheiros, como o notável criador Ângelo Bastos, reservavam a capa três ou quatro meses antes da exposição, para qualquer que fosse o resultado no Parque do Menino Deus. Para quase todos, especialmente para os Bastos, era sempre um Grande Campeão Hereford, Corriedale ou Ideal.

Essa credibilidade, que a revista conserva até hoje, deve-se ao trabalho pertinaz de Arthur Fa-

bião Carneiro, especialmente depois que, no início da década de 1950, obteve a concessão para produzir o Catálogo da Exposição do Menino Deus. O catálogo era uma tragédia para todos nós que trabalhávamos 24 horas por dia de maio a agosto. Mas o catálogo saía sempre na data certa e — até hoje me surpreendo — com um número infimo de erros.

Atropelados — Como não há bem que sempre dure, um belo dia, pelos anos finais da década de 1950, surgiram editoras poderosas no Rio e em São Paulo. Montaram-se, com facilidades cambiais, parques gráficos de alta categoria para a produção de revistas nacionais. Tais parques ficavam muitas vezes ociosos, e tal ociosidade levou os editores daquelas praças a lançarem revistas rurais (e outras, como de construção civil) de distribuição gratuita, com anúncios angariados na base do “pacote” com outras publicações suas.

Dezenas de publicações regionais foram liquidadas com a nova política editorial, tanto no Rio Grande como em São Paulo e no Rio de Janeiro. Em 1963, transferimos o controle de **A Granja** para o prof. Luiz Carlos Pinheiro Machado e José Gonzales.

Hoje, **A Granja** pertence à Editora Centaurus, que a transformou em uma das mais modernas e eficientes revistas rurais do país. Quando recebo a revista, sinto o cheiro do papel e da tinta, examino cada detalhe de sua excelente impressão em offset, leio os artigos dos profissionais que foram alunos daqueles primeiros colaboradores de **A Granja** que lecionaram na velha Escola de Agronomia e Veterinária, rejubilo-me por Arthur Fabião Carneiro. Como ele gostaria de ver como sua última filha está cada vez mais linda.”

**UMA IDEIA BEM CULTIVADA
CRESC E DÁ BONS FRUTOS.
HÁ 40 ANOS A GRANJA
NOS DÁ A PROVA DISSO.**

*Nossa homenagem à revista
A Granja, por seus 40 anos de
esforços pela agropecuária e
agroindústria.*

Federação e Centro das Indústrias do Estado do Rio Grande do Sul

RS ANCS 00

FIERGS CIERGS

Grafic



Kurt: velhas recordações



Kurt Weissheimer: revista quarentona

“**E** eis que de repente tomo conhecimento de que **A Granja** está completando 40 anos. Quarentona. Parece que foi ontem que se tornara balzaqueana, mas são 10 anos dos que o Criador está me concedendo de inhapa (do quíchua yapa).

E como a minha “caixa-preta” ou meu “computador”, meu “funcho” ou meu cérebro, estão em pleno funcionamento (segundo meu julgamento), apresso-me a dirigir à revista aniversariante meu cordial abraço.

Começo a rememorar as quatro décadas transcorridas, durante as quais o precioso veículo de informação agrícola prestou inestimáveis serviços. Muito mais do que eu nos meus 74 vividos e talvez de 50 à procura de servir.

E como **A Granja** sempre auxiliou a es-

te pobre grumete nos seus sonhos de ajudar o homem rural, a base de toda a economia deste país!

Em 1956, estimulava-se o nascimento de um serviço de extensão rural entre nós, e **A Granja** dizia presente, nas reuniões que culminaram com a fundação da Ascar — Associação de Crédito e Assistência Rural, nos moldes da Acar de Minas Gerais, que foi pioneira e serviu de modelo.

Tenho que me emocionar, penso que com alguma razão, em ter vivido em estreita simbiose nesses 40 anos da “Quarentona”. Desde o saudoso Arthur Fabião Carneiro, seu fundador, entrando pela gerência do banco, todo respeitoso por sua esmerada educação e sua rebrilhante calva. E muita calma também, pleiteando o “papagaio”.

Depois veio a passagem do cometa,

nem sequer elíptico, do brilhante agrônomo e professor Luiz Carlos Pinheiro Machado. Com sua visão ímpar e seu entusiasmo juvenil, compra a maquinaria gráfica da revista Alterosa, que teve brilhante atuação em Belo Horizonte.

Foi uma fase nova de **A Granja** com uma apresentação moderna, pelas mãos habilidosas de um cérebro prenhe de planejamento, mas fugaz, com muitas analogias com o meu “computador”, embora este não possua o acervo cultural daquele.

Veio a transferência do empreendimento para Hugo F. Hoffmann e seu grupo de colaboradores.

Lance arrojado, na minha mensura vesga que não podia deixar de externar ao amigo Hugo Hoffmann pai.

Cândido engano deste administrador de banco de então. Hoje sei que entre todas as gerações de jovens, há sempre alguns que escapam a uma régua medidora comum.

Foi o caso de Hugo F. Hoffmann, na minha carente maneira de medir. É que eu estava à frente de um jovem, e não o sabia, gênio, espírito inspirador e tutelar da arte da administração. A revista **A Granja**, hoje quarentona, dedicando-se a aprimorar as lides agropecuárias em nosso meio, é um verdadeiro fenômeno. Só comparável à “Chácaras & Quintais”, já inativa, do saudoso amigo Conde Amadeu Barbiellini.

A vitalidade de **A Granja** — que se aprimora a cada exemplar — representa hoje um patrimônio valioso para o Brasil, honrando seu berço: o Rio Grande do Sul.

Que dobre pelo menos a idade em circulação. A revista bimensal “Hoard’s Dayryman” (embora especializada em indústria leiteira), fundada em 1885 por W. D. Hoard, em Wisconsin, EUA, está no “foyer” do centenário.

Que **A Granja**, num ambiente agropecuário desenvolvido, com o qual sonham todos os brasileiros, mantenha a liderança conquistada, são os nossos sinceros votos.”

CANTE DE  **APLICANDO**  **NA SUA CRIAÇÃO DE**  **E**  **TRANQUÍLO, COM MUITO** **NO BOLSO.** 

UNGÜENTO PEARSON

Ungüento Pearson: cicatriza as feridas; repele os insetos; resiste às chuvas; não mancha; econômico, basta passar uma vez; camada resistente que fica e protege até a cura.

O mais eficaz cicatrizante, anti-séptico e germicida do 

Cirne Lima: moderna e de boa informação

“**C**onheço A Granja desde os tempos do saudoso Arthur Fabião Carneiro, um encanto de pessoa e que durante largo período muito contribuiu para uma boa informação rural no Rio Grande do Sul.

De lá para cá, o mundo é outro, e A Granja se modernizou, acompanhando a vanguarda progressista da agropecuária brasileira. A bela qualidade gráfica faz com que seja um prazer manusear uma informação, habitualmente tosca e rústica, na qualidade refinada da impressão moderna.

Pedem-me que diga alguma coisa nesta comemoração dos quarenta anos e, logo, o que me acode, é no sentido de apelar para que o Hugo Hoffmann e sua equipe continuem “levando a coisa” assim como ela vai, porque, assim, “vai bem”.

Estamos em pleno processo de uma transição histórica, e o agrobrazileiro está com a respiração contida, na expectativa para ver como será o governo Tancredo Neves. Há plena e geral confiança na prudência e na sabedoria de Minas



Para Luiz Fernando Cirne Lima, política agrícola boa resulta em safra farta

Gerais que, mais uma vez, é chamada para conduzir a solução de graves situações institucionais.

Não se deve esperar acontecimentos extraordinários, no sentido literal da palavra. Creio que interpretando, gauchescamente, o estilo mineiro, deve-se supor que as decisões serão sempre as “lógicas” em termos do interesse nacional;

nada de raciocínios muito “elaborados”. Apenas, o simples. Diz-se, apropriadamente, que o mais comum dos sentidos é o “senso comum”.

Preparemo-nos, todos nós, cidadãos do campo ou da cidade, para o aperfeiçoamento institucional na sua plenitude. E esta não é apenas uma tarefa ao dr. Tancredo, mas de todos os brasileiros.

O “governo”, qualquer que ele seja, não é responsável por tudo de bom ou tudo de “mau” que existe no Brasil e, assim sendo, para podermos esperar que o ente governamental se reduza às suas funções específicas, devemos, nós outros, integrantes da sociedade, adotar uma atitude de coerência com esta postura.

Pedir que o governo intervenha quando um setor econômico está mal, é legítimar a ação do governo quando quer tirar mais impostos de um setor que está bem.

O que a agropecuária brasileira necessita é de regras estáveis, confiáveis.

Com este pressuposto, preparem-se os transportes e os armazéns.”

BAC-500 BANHEIRO CARRAPATICIDA E ASPERSÃO

Em base de cimento, é construído em madeira de lei (ipê) com parafusos franceses galvanizados, encanamento em PVC, que evita a tão comum ferrugem nos banheiros similares.

RENDIMENTO HORA: 500 ANIMAIS

CARACTERÍSTICAS TÉCNICAS:

COMPRIMENTO: 4,50m

ALTURA: 2,55m

LARG. MÁXIMA: 1,20m

ARCO ASPERSÃO: 6un.

ASPERSORES: 27un.

CAPACIDADE TANQUE: 500l

PRESSÃO: 17lbs

CONSUMO ANIMAL: 2,5 l/média

MOTOR BOMBA: 2 e 3HP

(elétrico ou gasolina)

COBERTURA: TELHAS DE

ALUMÍNIO

ECONOMIA DE TEMPO E RESISTÊNCIA. DISTRIBUIDOR PARA O BRASIL:

CONSAL

Estrada Edgar Pires de Castro, 3469

Fone: (0512) 42.3641 - 90000 - Porto Alegre - RS



Técnica moderna e equipe integrada



Uma publicação — como outros produtos — se faz com homens e máquinas. Mas, uma boa revista rural, conceituada, de tradição e confiança como **A Granja**, a gente faz com uma equipe numerosa e integrada e equipamento sofisticado. A começar pela composição e gravação dos textos, como este que você está agora lendo, que passou pelo seguinte processo: foi gravado (escrito) num dos dois teclados Compugraphic, modelo Editwriter 1750, e justificado (padronizado em sua largura) e fotografado num dos dois computadores Compugraphic, modelos 7500 e 7700. Para os leigos, se poderia traduzir melhor dizendo apenas tratar-se de um dos mais modernos equipamentos para compor textos em *off-set*, que se constitui no atual processo utilizado para impressão.

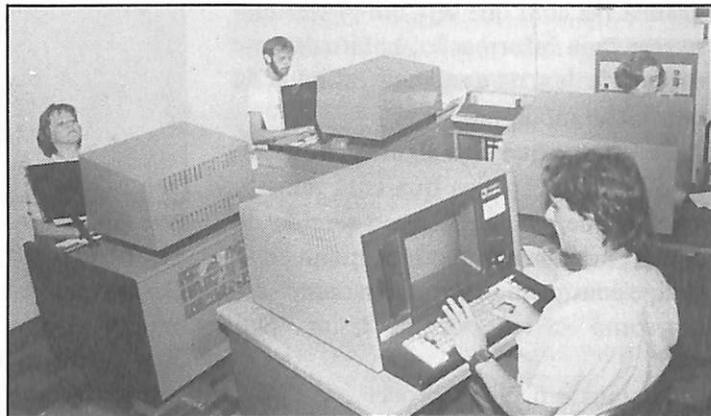
A impressão da revista é executada em modernas máquinas "*off-set*" Hei-

A revista é impressa em máquinas "*off-set*" Heidelberg

delberg.

Para distribuir suas milhares de assinaturas, **A Granja** também precisou se equipar. Além de ocupar um grande número de funcionários para remeter as revistas, duas funcionárias operam permanentemente o microcomputador marca Scopus, modelo UC 200, mantendo-o alimentado com a listagem dos assinantes. É o computador que faz o endereçamento e atualiza o endereço do

O sistema de computação é utilizado tanto para atender aos assinantes quanto para composição dos textos

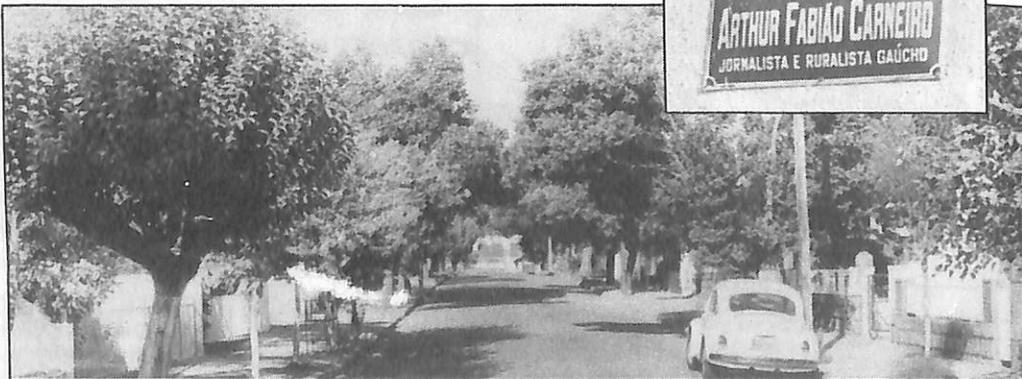


assinante quando necessário.

De valor inestimável é a coleção de todas as revistas publicadas em sua existência. Afora a questão afetiva, já que muitos colaboradores se confessam extremamente ligados à revista **A Granja** — “crescemos juntos”, admitiu um deles — é de se considerar o valor histórico e de pesquisa. Afinal, são poucas as publicações que podem se gabar de terem chegado aos 40 anos.

Na rua, a homenagem ao fundador

Pouca gente sabe que o fundador da revista **A Granja** recebeu uma homenagem e seu nome serve para designar uma rua calma do bairro Passo D'Areia, na Zona Norte de Porto Alegre. Uma rua de três quadras predominantemente residencial. Curiosamente é uma das poucas do bairro que está completamente arborizada, numa interação com o homenageado, que criou a revista em função de seu amor e dedicação às coisas do campo, como as árvores e os animais.





Pequena leitora, em Goiás

Embara sejam muitos milhares disseminados por todo o país e inclusive pelo exterior, existe uma unanimidade entre os assinantes de **A Granja**: a de que a revista contempla as necessidades de informação no setor agropecuário. Granjeiros, fazendeiros, veterinários ou agrônomos, empresários rurais ou apenas profissionais liberais que tem uma propriedade rural, todos têm reconhecido que **A Granja** publica exatamente aqueles assuntos sobre os quais precisam aumentar os seus conhecimentos. Os leitores gostam quando a revista é extremamente técnica e apreciam, também, quando serve de porta-voz dos produtores primários brasileiros. Das seções fixas, foram elogiadas com maior insistência a crônica de Eduardo Almeida Reis e a Porteira Aberta, justamente por conterem críticas "muito bem expostas", conforme salientou um antigo leitor.

Anívio Graf mora em Brusque, SC, e tem uma propriedade em Botuverá. Assina **A Granja** há muitos anos e gosta quando a revista publica artigos sobre caprinocultura. Possui entre 250 e 280 cabras e cria cavalos Mangalarga, o que faz Anívio se interessar por pastagens. Tem cabanha, mas não participa de exposições-feiras. Ele não faz reparos em relação à revista e sugere apenas que "continuem publicando reportagens sobre caprinos".

O agrônomo Marcelo da Rocha Soares assina **A Granja** exatamente há três anos, desde que se formou. Ele mora em Belo Horizonte, MG, e recomenda a revista a todos aqueles que, como ele, "mexem na área da produção primária". Tem uma fazenda com gado de corte e leiteiro e, embora considere a revista um pouco regional às vezes, reconhece que ela é muito útil, até porque julga que os gaúchos estão muito à frente tecnologicamente, principalmente em se tratando de gado bovino. O agrônomo mineiro qualifica **A Granja** como "boa" revista e gosta, sobretudo, quando ela aborda questões relativas à política agrícola. Ele foi um dos que elogiou a seção Porteira Aberta.

Empresa familiar — O Abatedouro Avícola Frangoiano Ltda. começou a funcionar em 1978 com o abate de dez aves por dia, em Goiatuba, estado de Goiás. Hoje, com uma capacidade instalada para o abate de oito mil frangos por dia, mantém um abate médio de 1,5 mil para atender o mercado específico das redondezas, vendendo direto ao consumidor praticamente a metade da produção. O abatedouro é mantido e administrado pela família Gobato, com seis filhos homens, entre os quais Ricardo, o gerente. Ele conta que assinam **A Granja** há três anos, desde que a conheceram, e a revista passa mensalmente de mão em mão e ainda encontram jeito de divulgá-la entre os fornecedores do abatedouro. Como há muita plantação de soja e milho na região, Ricardo acredita que muito brevemente será implantada ali a técnica do Plantio Direto, por isso pede que a revista aborde o assunto. Por fim, fica feliz ao saber que, a partir deste número, **A Granja** terá uma seção fixa sobre

Tem conteúdo, dizem leitores

avicultura: "é o que estava faltando", confessa.

Como Marcelo, Augusto Pilade Bcrin também assina **A Granja** desde que se formou: em Agronomia, há quatro anos. Ele mora em Lençóis Paulista, SP, e, segundo sua mulher, Marli, depois que lê, passa a revista para o sogro, que tem fazenda com criação de gado Nelore, porque "é o que dá menos trabalho". Sobre a revista, dona Marli lembra que não faz muito seu marido escreveu pedindo que fosse publicada alguma coisa sobre o teor da sacarose, porque ele é fiscal da associação local de produtores de cana-de-açúcar. Finalmente, pede que **A Granja** aborde mais vezes assuntos relativos a esta produção, porque "cana-de-açúcar é o que mais tem em nossa região".

Antigos assinantes — O veterinário gaúcho Arthur Cardoso Terra até já perdeu de vista quando foi que começou a assinar **A Granja**. Residente em Santa Vitória do Palmar, no extremo sul do Rio Grande, ele diz acreditar que assina e lê a revista "desde que ela existe", há 40 anos, e considera "uma leitura variada e boa, porque enfoca bem os assuntos agropecuários". Planta arroz e esorgo e cria

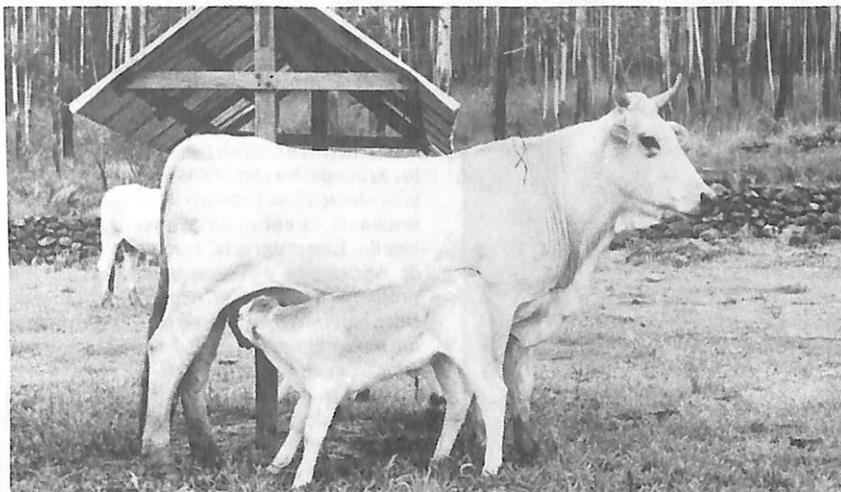
gado Hereford. Informa que a lavoura de arroz está bonita, embora tenha seu plantio um pouco retardado, devido ao frio que fez em dezembro e espera boa colheita neste verão. Se queixa do preço da carne, que baixou de Cr\$ 1.500 para Cr\$ 1.300 o quilo da vaca nos últimos dias, por isso gosta quando a revista faz "críticas procedentes", como habitualmente lê nas crônicas de Eduardo Almeida Reis.

Diversamente do veterinário Arthur, que é um dos mais antigos assinantes de **A Granja**, a neta de Francisco Monteiro Lima se enquadra entre os mais novos leitores da revista. Entusiasmado, Francisco remeteu espontaneamente a foto da menina, escrevendo no verso:

— Criança também ama a revista **A Granja**! A prova está na minha netinha, tão atenta lendo a revista na nossa fazenda em Luziânia, Goiás.

É claro que aí também existe o componente afetividade entre o avô e sua neta. Uma relação de amor que existe entre familiares, como pode existir também entre uma publicação e seu universo de leitores e amigos.

OPORTUNIDADE!



O Rancho Centaurus está oferecendo uma quantidade limitada de excepcionais fêmeas Marchigianas 3/4, registradas, de 1, 2 e 3 anos.



São Francisco de Paula/RS
junto à Barragem do Blang
Av. Getúlio Vargas, 1556/58 - Fone 33-1822
90000 - Porto Alegre, RS.

PERSPECTIVA 85

Apesar da crise econômica que provocou a estagnação de algumas culturas e até a redução de outras, os agropecuaristas estão animados neste início de 1985. Além da esperança que decorre de um novo governo federal, com evidentes reflexos nos estados, existe a certeza de que a curva das estatísticas de produção voltará a ser ascendente. Quase todas as pessoas envolvidas com o setor primário, o que inclui fornecedores, destacam esta expectativa.

O campo é unânime em afirmar que o volume da produção de alimentos precisa aumentar, não só para remunerar melhor quem produz, mas, sobretudo, para alimentar as populações cada vez maiores das cidades brasileiras. As sementes já foram lançadas à terra para as safras de verão, o clima tem favorecido (embora alguns bolsões de seca) e todos aguardam boas, se não excelentes, colheitas neste ano. Nas próximas páginas, as perspectivas.

Agricultura

Algodão

A área cultivada diminuiu. Mas, o aumento da produtividade compensou quem plantou.



A pesar da escassez de crédito, a cultura do algodão foi bastante rentável no ano passado. O preço médio pago ao produtor aumentou em 436,1 por cento, enquanto os custos de produção cresceram em 201 por cento, correspondendo a Cr\$ 11.440 e Cr\$ 4.760 por arroba, respectivamente. A produção nacional de algodão em pluma, conforme dados da CFP — Companhia de Financiamento de Produção alcançou 625 mil toneladas, das quais 465 mil toneladas foram originárias dos estados do

Centro/Sul e as 160 mil toneladas restantes provenientes do Nordeste. Este total foi suficiente para abastecer o parque têxtil brasileiro.

Somente o estado de São Paulo produziu 180 mil toneladas de algodão em pluma e, de acordo com dados do Prognóstico do Instituto de Economia Agrícola da Secretaria de Agricultura e Abastecimento estadual, houve uma redução na ordem de 21,8 por cento na área plantada em relação à safra anterior, deixando de serem cultivados 241 mil hectares. Esta redução, também segundo os técnicos daquele instituto, foi provocada pelos estímulos dados a culturas como a soja, milho e cana-de-açúcar, além da incidência do bicudo. No entanto, as condições climáticas favoráveis permitiram uma elevação na produtividade em 10 por cento, resultante, também, da campanha de combate ao bicudo. Este programa, executado pela Secretaria de Agricultura e Abastecimento de São Paulo, prosseguirá nesta safra, depois de ter atingido, na safra anterior, 3.047 hectares. Também estima-se um aumento de área na ordem de 15 por cento em relação a safra anterior.

Exterior — A produção mundial na safra de 83/84 foi de 67,5 milhões de fardos de algodão, mantendo-se inalterada em relação a anterior, porque a redução na produção norte-americana foi compensada pelo aumento de produção da República Popular da China. Mesmo mantidos estes níveis de produção, poderá haver um consumo mundial recorde, com a demanda de 69,3 milhões de fardos de algodão, principalmente devido aos Estados Unidos e República Popular da China. Na Europa Ocidental, o consumo mantém-se estável, como no Extremo Oriente, onde o declínio do Japão é compensado pelo aumento de consumo em Hong Kong e Formosa.

De uma maneira geral, a comercialização de algodão vem declinando em termos mundiais, com uma redução de 19 milhões de fardos nos últimos sete anos. Países como o Brasil, Egito, Índia e Paquistão têm gradativamente reduzido o volume de suas exportações.



Amendoim

Demora um pouco, mas necessidade de rotação levará a uma expansão de área.

Não é desta vez que a área cultivada de amendoim no país crescerá, mas tudo indica que haverá um crescimento inevitável nos próximos anos, segundo os técnicos que fazem o acompanhamento da lavoura a nível nacional para elaborar o Prognóstico do Instituto de Economia Agrícola da Secretaria da Agricultura e Abastecimento de São Paulo, estado que detém a hegemonia da produção de amendoim, seguido pelo Paraná e Rio Grande do Sul.

Para haver um crescimento — asseguram os técnicos — deverá haver uma reversão no quadro de produção estabelecido até agora, porque em 1982 a área cultivada foi de 176,7 mil hectares para uma produção de 243,6 mil toneladas do produto, enquanto que, em 83, ocorreu uma diminuição de 126 mil hectares cultivados e uma produção de 219,2 mil toneladas de amendoim. Esta redução tem sido justificada pelos altos custos dos juros,

falta de sementes melhoradas, dificuldades técnicas na calagem e secagem dos produtos e existência de variedades cultivares muito sensíveis a fatores climáticos.

No entanto, a Secretaria de Agricultura de São Paulo e produtores envolvidos acreditam numa retomada de produção de amendoim devido ao fato da cultura se prestar à rotação com a cana-de-açúcar, permitir dois cultivos por ano e ser muito acessível a pequenos produtores. Apesar de enfrentar as dificuldades do mercado interno, a produção de amendoim atingiu 105,9 mil toneladas no ano passado, conseguindo 39,5 milhões de dólares, o que permite aos técnicos acreditar num incremento da cultura nos próximos anos.



Arroz

Produtores mantêm cultura estável, apesar do fantasma da ameaça das importações.

Tradicional produtor de arroz irrigado, o Rio Grande do Sul evitará, este ano, que o volume da produção reduza drasticamente. Enquanto produtores do centro do estado diminuíram em aproximadamente 10 por cento a área destinada ao arroz, de acordo com estimativas extra-oficiais, o Rio Grande diminuiu em apenas 2,31 por cento a área cultivada, segundo levantamento feito pelo GCEA — Grupo Coordenador de Estatística Agropecuária do IBGE, que acrescenta outra previsão, a de que a redução na produção será da ordem de dois por cento no estado. Aí, surge uma pequena discordância, pois o presidente da FEARROZ — Federação das Cooperativas Produtoras de Arroz do Rio Grande do Sul, Homero Pegas Guimarães, adverte que a diminuição na produção será de aproximadamente cinco por cento, porque, além de dificilmente os produtores gaúchos alcançarem, este ano, a excelente

produtividade conseguida no ano passado, o índice de produtividade sofrerá os reflexos da redução de aplicação de insumos devido aos altos juros e a descapitalização do produtor.

Produção — Examinando o quadro de prognósticos levantados pelo GCEA, verificamos que foram cultivados 675.873 hectares de arroz irrigado no Rio Grande do Sul, com uma produtividade média esperada de 4.455kg/ha, induzindo então a uma produção de 3.010.988 toneladas. Somando-se o pouco expressivo arroz de sequeiro, teremos um total de 707.997 hectares cultivados e uma produção estimada em 3.056.773 toneladas de arroz.

Na safra 83/84, os produtores gaúchos cultivaram uma área total de 724.614 hectares e conseguiram uma produção de 3.119.013 toneladas.

No país, registrou-se uma reversão, pois a área destinada ao arroz vinha aumentando e este ano foi reduzida, com seus esperados reflexos no volume de produção. Uma consulta aos levantamentos do IBGE apontam um aumento de área de 4,72 por cento de 1983 para 84 (5.107.748 para 5.348.897 hectares) e um aumento de 16,25 por cento no volume da produção no mesmo período: 7.741.004 em 83 para 8.999.280 toneladas em 84.

Comercialização — Ainda em recente reunião do CMN — Conselho Monetário Nacional, no final do ano passado, a CFP foi autorizada a impor-

tar arroz, aterrorizando orizcultores de todos os quadrantes, principalmente os do Sul, que continuaram insistindo na tradicional cultura. O abandono maior do arroz no centro do país se justifica porque a região apresenta uma série de outras alternativas, como cana-de-açúcar ou milho, enquanto que no Sul os produtores dispõem de toda uma infra-estrutura e tecnologia adaptadas especificamente ao arroz.

No entanto, as informações seguintes começaram a tranquilizar os produtores de arroz, porque surgiu apenas o anúncio de importação de 23 mil toneladas do produto do Uruguai, o que serve somente para perturbar um pouco a comercialização, segundo Homero Guimarães, para quem a SEAP — Secretaria Especial de Abastecimento e Preços entende que o governo não pode ficar com estoque a zero quando começar a comercialização desta safra. Os produtores gaúchos, no entanto, estão mais preocupados com o clima e seus reflexos na produtividade do que quanto a comercialização. No ano passado, descontentes com o preço mínimo estabelecido pelo governo federal, orizcultores gaúchos promoveram movimento inédito na comercialização do arroz. Boicotaram o transporte do produto para o centro do país até que conseguiram preços reajustados.

Cacau

Apesar das dificuldades, país retoma liderança da produção mundial.

A pesar de pequena frustração de safra em 84, os cacauicultores brasileiros conseguiram uma produção de 360 mil toneladas, reconquistando a liderança da produção mundial, perdida desde 1979. O resultado obtido foi graças a mais alta taxa média de produtividade nas lavouras — 740kg/ha —, sendo que as exportações somaram uma receita em torno de um bilhão de dólares. De acordo com a Ceplac — Comissão Executiva do Plano da Lavoura Cacaueira, existem hoje 625 mil hectares implantados com cacau no país, 480 mil dos quais em produção.

Cacau					
Estimativa da disponibilidade interna em toneladas					
Ano	1978	1979	1980	1981	1982
produção	284.490	336.326	319.141	335.625	363.519
exportação	247.768	298.095	277.032	286.234	263.589



Para o ex-secretário geral da Comissão Executiva, José Haroldo Castro Vieira, o cacau brasileiro é extremamente competitivo no mercado internacional, prova disto é que "há mais de um século, toda a produção da Bahia é exportada". Introduzido em 1752 no sul da Bahia, depois de uma tentativa frustrada no sul do Pará, o cacau, naquela região, responde hoje por 90 por cento da produção nacional.

No lugar de José Haroldo, assumiu Emo Roy de Miranda, antigo funcionário da Ceplac, que, apesar de começar a dirigir o órgão em final de governo, pretende institucionalizar a comissão, transformando-a em autarquia, atendendo sugestão do próprio Tribunal de Contas e, também, porque até junho deverá ser aprovado projeto de lei neste sentido pelo Congresso Nacional. Em relação aos produtores, a Ceplac atua no sentido de aprimorar cada vez mais tecnologicamente a produção, orientando quanto ao beneficiamento do cacau, introduzindo inovações nos secadores, de forma a aumentar a eficiência e produzir maior economia. Para a região amazônica, a direção da Ceplac pretende auxiliar no fortalecimento do cooperativismo.

Embora se constitua numa das mais antigas culturas do país, faltam dados mais precisos sobre o cacau. No entanto, através do acompanhamento feito pela Fundação Getúlio Vargas, verifica-se que a produção cacaueira tem crescido gradativamente, apesar do retrocesso registrado em 1980.

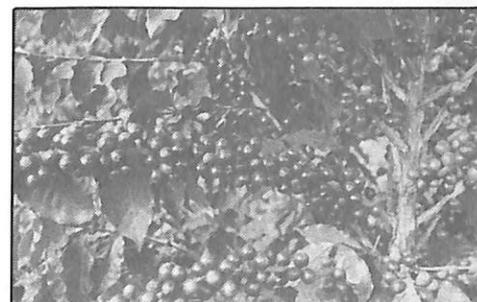
Café

Seca antecipou colheita. Os frutos foram menores, mas de qualidade superior.

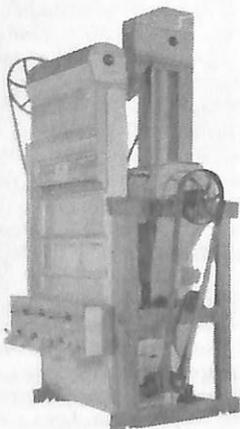
A previsão do Instituto Brasileiro do Café para a safra 84/85 é de 25,4 milhões de sacas de 60kg, com produtividade média de 30 sacas de café em coco por hectare. As maiores produções são dos estados de São Paulo, com 7,6 milhões de sacas, Minas Gerais, com 6,8, Paraná, com 4,7 e Espírito Santo, com 4,2. A Bahia deve produzir 0,7 milhão de sacas, e os demais estados 1,4 milhão de sacas.

Em função da seca, a colheita foi antecipada e os frutos produzidos, embora menores, apresentaram qualidade superior. Houve nessa safra infestação de ferrugem e ataque de broca, além da preocupação com o aparecimento de nematóides.

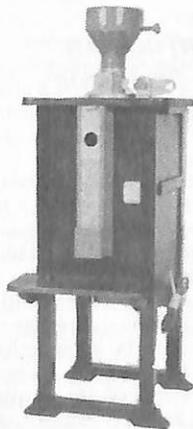
A previsão para o início de 1985 é de um "carry-over" de 18,0 milhões de sacas. A estimativa em abril do ano passado era de 10,1 milhões de sacas como estoques com particulares e 7,4 milhões em poder do IBC. Algumas medidas oficiais na co-



POLIDOR DE CEREAIS

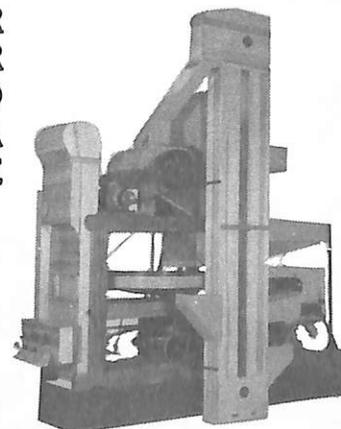


- LIMPEZA
- POLIMENTO
- VENTILAÇÃO



DESCASCADOR SUPER COMPACTO PARA CAFÉ

PREPARADOR DE AMOSTRAS DE CAFÉ



METALÚRGICA
PINHAL LTDA.

ROD. LONDRINA-CAMBÉ - KM 158
CX. POSTAL 158 - TELEX: (0432) 343
FONE: (0432) 53-1499
86180 - CAMBÉ - PARANÁ

LINHA COMPLETA DE EQUIPAMENTOS PARA RECEBIMENTO, BENEFÍCIO E ARMAZENAGEM DE GRÃOS

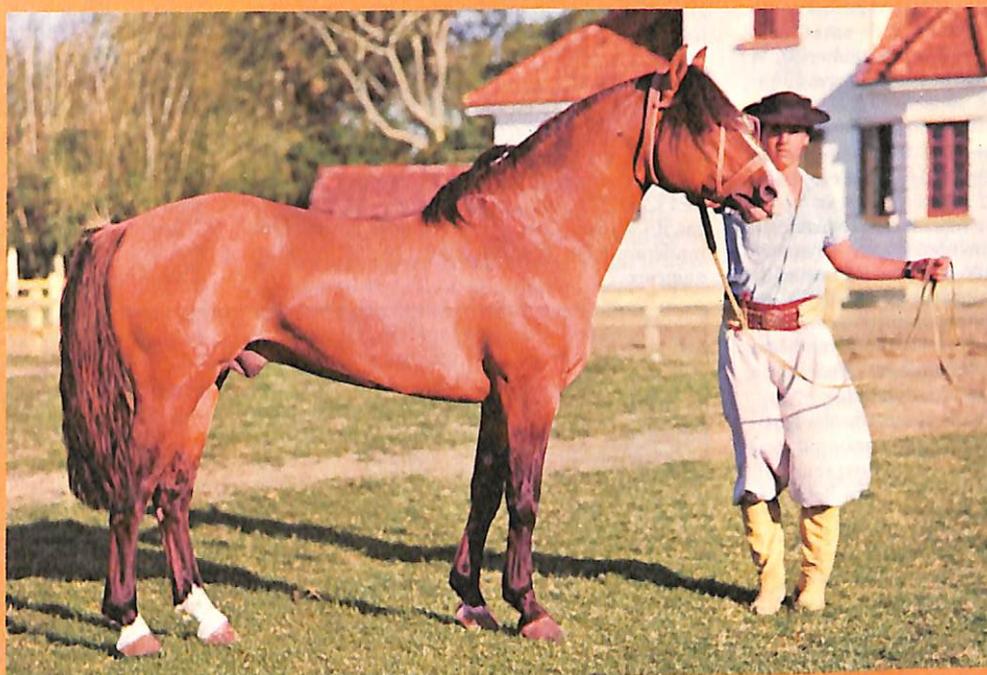
S

CABANHA CAVALHADA

— CRIoulos —

Prop. SINVAL VELHO

NASC. 12/12/79 - PELAGEM GATEADA



ÍDOLO DE SÃO MARTIM
(PAI DA CABANHA)
RP 61-M-SBB 29693 P.II

LA INVERNADA HORNERO SBB 532 DEF.

GUAJUVIRA DE SÃO MARTIM SBB 20191 P.III

- RESERVADO GRANDE CAMPEÃO — BAGÉ/81
- GRANDE CAMPEÃO — BAGÉ/82
- GRANDE CAMPEÃO — GOIÂNIA/83
- CAMPEÃO CAVALO E 3º MELHOR CAVALO — ESTEIO/83
- 1º PRÊMIO CATEGORIA CAVALO — EXPOINTER — ESTEIO/84

90% DOS VENTRES DA
CABANHA CAVALHADA SÃO DE ORIGEM
DA CABANHA CINCO SALSOS

VENDA PERMANENTE DE EQUINOS CRIoulos

S

CABANHA CAVALHADA

LOCALIZADA: ESTRADA DA CAVALHADA - MUNICÍPIO DE MOSTARDAS - RS
(NO KM 118 DA ESTRADA DE MOSTARDAS - ENTRAR À DIREITA + 15 KM)
ESCRITÓRIO: AV. SERTÓRIO, 1310 - FONES 43.6228 e 43.6690
90000 PORTO ALEGRE - RS

mercantilização do café foram importantes. Em primeiro lugar, desde março do ano passado, o IBC vendeu café dos estoques governamentais nos preços especiais na Bolsa de Mercadorias de São Paulo. Em segundo, desde maio, o IBC, com o intuito de impedir o contrabando de cafés finos aos países-membros, determinou um acréscimo sobre preços mínimos a alguns países não-membros da Organização Internacional do Café — OIC. Em terceiro, as cotas de contribuição foram diminuídas pelo IBC em seus preços, o que propiciou a redução dos preços do mercado externo. No mercado interno, a grande procura é por cafés finos para exportação.

A nível internacional, o Departamento de Agricultura dos Estados Unidos (USDA) estima como a produção mundial 92,5 milhões de sacas, com crescimento de 2,5 por cento sobre a anterior. A participação dos dois maiores produtores mundiais, Brasil e Colômbia, será de 29,2 e 13,8 por cento, respectivamente.

A safra comercial de 83/84 apresentou um "carry-over" de 46,8 milhões de sacas e calcula-se para 84/85 cerca de 46,3 milhões de sacas.

Os preços do mercado internacional alcançam preços altos e culminaram com a soma de quatro cotas extras de um milhão de sacas nos meses de dezembro, fevereiro e duas vezes em maio, de acordo com normas do Acordo Internacional do Café. A cota mundial de 83/84 foi aumentada em sete por cento, cerca de 60,2 milhões de sacas, e a cota brasileira subiu para 17,3 milhões.

Nos últimos anos, o Brasil aumentou sua participação nos principais mercados consumidores, em razão dos contratos de exportação ou contratos-padrão de suprimento feitos desde ja-

neiro pelo Instituto Brasileiro do Café.

Segundo o Prognóstico do Instituto de Economia Agrícola da Secretaria de Agricultura e Abastecimento do estado de São Paulo, o café na receita das exportações vem aumentando. Em 1982, por exemplo, foi de 10,48 e subiu para 10,62 no ano seguinte.

Para a próxima safra, João Kazuo Kanashiro, agrônomo da Divisão de Assistência à Cafeicultura, do IBC, em São Paulo, acredita que em relação à fitossanidade, só a partir de março deste ano serão analisadas as reais condições dos cafezais brasileiros quanto ao controle de brocas e nematóides. A produção em São Paulo deverá manter-se estável e a área inalterada. Conforme previsões do IBC, os estados apontados como maiores produtores manterão as seguintes áreas de plantio: Minas Gerais, 697.211 hectares; São Paulo, 600.358; Paraná, 460.362; Espírito Santo, 451.781; Bahia, 96.045 e os demais estados, 181 mil hectares, totalizando 2.486.757 hectares.

Conforme Adail Carlos Rangel, técnico do IBC, a receita entre janeiro e setembro de 1984 era de 13.231.575 sacas de café verde e 1.572.567 sacas do solúvel, que, transformadas em dólares, renderam 2.041.466.791 e 203.114.561, respectivamente.



Cana-de-açúcar

Superprodução começa ser problema devido a estoques e redução de consumo mundial.

No mês de junho do ano passado, foi reaberta, em Genebra, a Conferência das Nações Unidas sobre o açúcar, que pretende um novo acordo para regulamentar o comércio internacional do produto. Após uma série de consultas, dois pontos tornaram-se foco de divergência entre os maiores produtores, Brasil, Comunidade Econômica Européia — CEE, Cuba e Austrália: estoque e repartição de cotas.

Os estoques mundiais somam 35 milhões de toneladas e representam 38 por cento do consumo mundial, que é de 93/94 milhões de toneladas. Em razão da queda de consumo, mesmo a previsão de baixa de quatro milhões de toneladas, na safra 83/84, não favoreceu produtores, mas causou queda de cotação do produto, que perdeu mais da metade do preço em relação ao ano anterior.

Em relação a cotas, é necessário que todos os produtores cedam parte de seu total atual, já que a absorção do mercado mundial é de 20 milhões de toneladas e o total de cotas de todos os países produtores muito superior. O maior problema está sendo provocado pela Comunidade Econômica Européia, que não faz parte do Acordo Interna-

cional do Açúcar-AIA e reivindica para sua futura participação cerca de 5,4 milhões de toneladas contra 4,35 propostas pelo AIA.

Frente a este quadro, as perspectivas mundiais são desanimadoras, pois as cotações atingem sua maior baixa nos últimos 15 anos.

O Brasil, por sua vez, alcança preços de venda no mercado externo na ordem de 123 dólares/toneladas enquanto o custo interno de produção é de 275 dólares/tonelada portanto, o governo subsidia o produto para exportação em 50 por cento.

Brasil — O país produz nove milhões de toneladas, consome perto de seis milhões e exporta 2,8 milhões. Mantidas as atuais cotações, o país deverá perder 500 milhões de dólares nas exportações, comparadas a anos anteriores.

O Instituto do Açúcar e do Alcool-IAA elaborou para a safra 84/85 um plano de produção de 8,5 milhões de toneladas de açúcar e 9,064 bilhões de litros de álcool. Enquanto o volume do açúcar baixou em 500 mil toneladas em relação ao ano anterior, a produção do álcool cresceu em 19 por cento.

Segundo o Prognóstico do Instituto de Economia Agrícola, da Secretaria de Agricultura e Abastecimento do estado de São Paulo, a produ-

ção do estado corresponderá a 43,2 e 61,6 por cento das produções nacionais de açúcar e álcool, respectivamente. Em anos anteriores, a produção paulista foi de 50 por cento do açúcar nacional e 70 do álcool.

Na safra 83/84, o Plano da Safra viu cumprida suas metas de produção a nível nacional. Previse nove milhões de toneladas de açúcar e alcançou-se 9,086 milhões e 7,871 bilhões de litros de álcool, contra 7,615 bilhões previstos.

O estado de São Paulo é o maior produtor de açúcar para exportação e, em função da diminuição de cotas neste ano, sua produção baixou em 668 mil toneladas. Em relação ao álcool, houve uma ampliação de três e meio por cento na produção, embora isso seja considerado muito baixo.

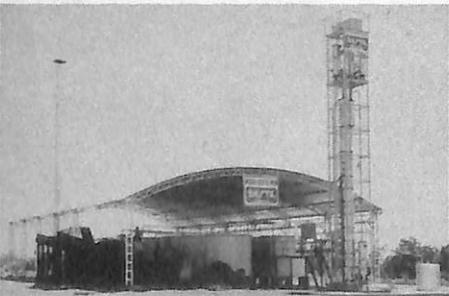
No ano passado, pela primeira vez, o governo autorizou reajustes de preços conforme a região produtora, e São Paulo conseguiu o maior percentual, Cr\$ 16.655/tonelada desde junho/84, o que foi considerado razoável pelos produtores.

Em junho do ano passado, os preços da cana haviam sofrido um aumento de 222 por cento em relação a mesma época do ano anterior.

Em 1983, o levantamento de Previsão de Estimativa de Safras, feito pelo IEA, revelava como área plantada 1.733.500 hectares, número que subiu para 1.821.300 no ano passado. Portanto, houve um aumento de 5,1 por cento. Nos últimos anos, algumas regiões têm tido como produtividade de cerca de 80t/ha, o que permite perspectivas boas na produção de cana.

ÁLCOOL

A ENERGIA DA NOSSA
TERRA.
MICRODESTILARIA: A
SOLUÇÃO!



PRODUZA SEU
COMBUSTÍVEL E
COMERCIALIZA O
EXCEDENTE

Destil Metalúrgica Ltda.
CALDERARIA — MECÂNICA
FUNDIÇÃO

DESTIL

FABRICANTE DE MINI E
MICRODESTILARIAS
Rod. PR 317 Km 2 - 0442 219 - Tel.
24.3332 - Maringá - PR

Feijão

A esperança é por uma reversão e o conseqüente aumento de área e produção.

Desde 1983, a área mundial de plantio do feijão vem sofrendo reduções, que naturalmente revertem para o total de produção. Assim, conforme dados do Prognóstico, análise do Instituto de Economia Agrícola da Secretaria de Agricultura e Abastecimento de São Paulo, em 1982 a produção mundial foi de 14 milhões de toneladas, reduzida, no ano seguinte, para 12,8 milhões. A nível de mercado interno, a situação culminou com a importação do produto em até 30 mil toneladas.

Em 1981/82, uma política especial criada como estímulo à cultura e composta por preços mínimos compensadores, crédito de custeio e disponibilidade de recursos para comercialização, entre outros, permitiu um aumento sensível da safra.

O quadro, porém, transformou-se desde o segundo semestre de 1983. Isso porque o custo de produção subiu de Cr\$ 89.153 (produtividade de 780kg/ha) para Cr\$ 269.383 (produtividade de 540kg/ha), na safra das águas, isto é, 202 por cento, enquanto os VBCs, mesmo reajustados, passaram a cobrir apenas entre 34 e 42 por cento daquele custo.

Como conseqüência, em 1984, foram plantados 211,2 mil hectares na safra das águas, 207 mil na



da seca e 48,4 mil de inverno, o que significa reduções de 31, 16 e 26 por cento, respectivamente.

O estado de São Paulo, que era auto-suficiente com 493 mil toneladas, transformou-se em importador. Na verdade, as três safras do ano passado não chegaram a 310 mil toneladas. Isso vale também para o país, quando a área plantada ficou próxima de 5,1 milhões de hectares, menor que os 5,4 milhões plantados em 1982/83 ou os 6,3 milhões da safra anterior. A produção, por sua vez, oscilou entre 2,4 e 2,5 milhões de toneladas.

E o fato de o produtor usar cada vez mais recursos próprios parece constituir-se no maior entrave à expansão da cultura. Os preços mínimos para o ano 83/84 não foram satisfatórios, embora representassem para o feijão das águas cerca de 196 por cento em relação à safra 82/83 e para o da seca 236 por cento, isto é, Cr\$ 20.457, e Cr\$ 30.078. Os custos de produção, calculados pelo Instituto de Economia Agrícola — IEA, determinam valores por saca de Cr\$ 20.722, para a safra das águas e Cr\$ 34.041, para a da seca.

Considerados os preços de mercado pagos ao produtor, a área de feijão deveria ser ampliada, mas a escassez, os custos de crédito de custeio e os de comercialização tornam-se fatores limitantes ao crescimento da área.

Fumo

Produtividade aumentou, apesar da área ter diminuído um pouco. Foi a troca por alimentos.

A área de lavouras de fumo tem sido um pouco reduzida de ano para ano no Rio Grande do Sul, mas, curiosa e simultaneamente, os produtores têm conseguido melhores resultados, a ponto de compensarem a perda em espaço. A afirmativa é do presidente da Afubra — Associação dos Fumicultores do Brasil, Hainsi Gralow, baseada nos dados estatísticos levantados pelo organismo que dirige, lembrando que, em parte, a redução de área se deve à proposta feita pelo Ministro da Agricultura, Nestor Jost, "muito meritória", que pediu aos produtores cultivarem mais alimentos.

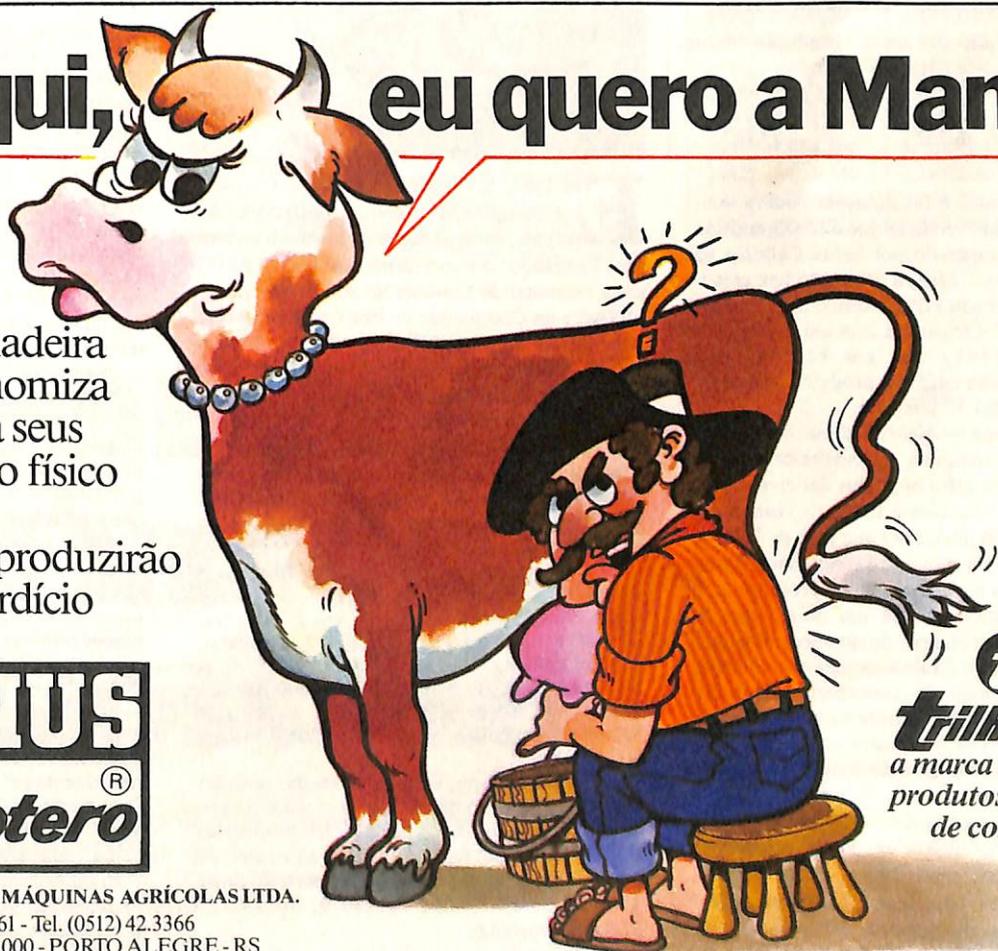
Inicialmente, o presidente da Afubra informou que 75 por cento da produção de fumo se concentram nos três estados do Sul, que exportam 50 por cento do volume de sua produção, enquanto nem se pode comparar a produção do Sul com a

Sai daqui, eu quero a Manus.

Com a ordenhadeira Manus você economiza tempo e aumenta seus lucros sem esforço físico nenhum.

As suas vacas produzirão mais e sem desperdício de leite.

MANUS
Trilhoteiro®



t
Trilhoteiro
a marca que marca
produtos e serviços
de confiança

TRILHOTERO INDÚSTRIA DE MÁQUINAS AGRÍCOLAS LTDA.

Rua Dona Teodora, 1461 - Tel. (0512) 42.3366
Telex (051) 1035 OTER BR - 90.000 - PORTO ALEGRE - RS



fumicultura do Norte, porque nessa região cultiva-se o fumo preto, destinado à fabricação de charutos, e no Sul o produto é usado todo na feitura de cigarros, mesmo o fumo escuro, de galpão. Outro detalhe: enquanto os três estados do Sul produziram 286.933 toneladas de fumo, todos os outros estados produtores juntos somaram um total de 112 mil toneladas.

Para justificar o aumento da produtividade em área menor no Sul, Hainsi Gralow expôs os seguintes quadros levantados pela Afubra:

Safrade 1982 comercializada em 1983		
Nº de produtores	área cultivada em ha	produção em ton.
RS 49.149	89.540	124.607
SC 48.661	91.632	137.203
PR 15.571	16.871	25.123
Safrade 1983 comercializada em 1984		
Nº de produtores	área cultivada em ha	produção em ton.
RS 49.616	87.588	147.240
SC 47.777	89.154	149.321
PR 15.543	16.352	29.747

Os levantamentos estatísticos da Afubra também têm permitido verificar que o Rio Grande do Sul vem sendo superado por Santa Catarina na produção de fumo. Mas, a produção tem crescido devido ao aumento da produtividade. Em 83, a safra gaúcha foi frustrada com um rendimento médio de 1.449kg/ha, em 84 chegou a 1.690kg/ha e agora em 85 os produtores esperam algo em torno dos 1.700kg/ha.

Briga pelo preço — Além do clima, os fumicultores enfrentam sempre a verdadeira briga que é estabelecer a cada safra os preços das diversas categorias do produto com a indústria compradora. E é no cenário de Santa Cruz do Sul, RS, que anualmente se dá a luta entre o Sindicato da Indústria do Fumo e a associação de produtores. É que sempre a indústria dá um pouco menos, quando não muito menos, do que pedem os produtores, mas Hainsi Gralow explica que em parte esta defasagem pode ser contornada se a indústria for um pouco complacente na hora da classificação, um sistema um pouco complexo e que sempre serve para margem de dúvidas na disputa indústria/produtor.

Em 1983, os fumicultores receberam uma média de Cr\$ 330 por quilo e em 84 obtiveram uma correção no preço entre 180 e 185 por cento, abaixo dos índices da inflação, conforme salientou o presidente da Afubra. No entanto, ele acrescentou que, como a indústria foi compla-

cente na classificação, os produtores praticamente compensaram a defasagem. Este ano, os produtores tentaram conseguir 300 por cento de reajuste no preço do fumo, admitiram baixar para 290 por cento mais correção mensal, mas a indústria fechou questão e ofereceu no máximo 275 por cento. E Hainsi conclui:

— Quanto ao clima e desenvolvimento das plantas, estamos bem este ano, cuja colheita termina em fevereiro, e tudo indica que teremos fumo de boa qualidade. Quanto ao preço, ficou um pouco abaixo do que desejaríamos, mas os fumicultores agora estão esperançosos que a indústria seja tolerante e com isso possa compensar a diferença.

Hortigranjeiros

Produção aumenta um pouco, principalmente em São Paulo, indiscutível maior produtor.



Em 1984, 5.578.406,2 toneladas de produtos hortigranjeiros foram comercializados no país, entre os meses de janeiro a novembro. Realizados nos mercados atacadistas do Sistema Nacional de Centrais de Abastecimento — SINAC e na Companhia de Entrepostos e Armazéns Gerais do Estado de São Paulo — CEA-GESP, estas comercializações significaram um aumento de 2,2 por cento em relação ao mesmo período do ano anterior.

Conforme boletim publicado pela Companhia Brasileira de Alimentos — Cobal, a soma dos volumes do mercado atacadista do SIMAC e CEA-GESP pode ser segmentada por regiões. Assim, na Região Norte, as vendas somaram 123.941,2 toneladas, com maior volume para o mercado de Belém, 94.999,9 toneladas; no Nordeste, 1.011.782,0 e maior vendagem em Recife, com 267.599,8; no Centro-Oeste, 336.432,1t e liderança para Goiânia, cujo total foi de 151.273,9; no Sudeste, 5.267.217,6 e destaque para Ribeirão Preto, 109.305,8; e, finalmente, o Sul, com 831.033,3 e maiores vendas em Porto Alegre, 306.709,1.

Ao mesmo tempo, volume de vendas nos mercados paralelos, composto por mercados do produtor, hortomercados, varejões, feiras cobertas, feiras livres, módulos de abastecimento, sacolões e sacolão-volante somaram, respectivamente, 370.252,3; 89.640,3; 76.280,9; 30.637,7 e 67.942,4 toneladas.

Segundo informações da Cobal — os produtos

que lideraram a comercialização foram citros (laranja e tangerina), batata, banana, tomate, cebola, cenoura e repolho.

A nível de produção, até outubro do ano passado, os dados do IBGE apontavam como totais 470.338 cachos de banana, 2.220.478 toneladas de batata e 1.746.759 toneladas de tomate.



Laranja/citrus

A frustração norte-americana se tornou grande negócio para produtores brasileiros.

Elevada a um dos primeiros lugares no grupo de produtos exportáveis, a citricultura brasileira pode ser avaliada como setor e ter seu desempenho traçado a partir de quatro itens básicos. Em primeiro lugar, melhores tratamentos culturais e início de produção de pés novos que superem em até 10 por cento a safra do ano passado, embora a longa estiagem tenha prejudicado as plantações. Em segundo, a taxa de plantio deve aumentar em razão de os produtores ampliarem seus pomares e os viveiristas as suas mudas. Em terceiro, a demanda por suco concentrado e seus preços devem continuar firmes, já que a produção americana, estimada em 110 milhões de caixas para este ano, demorará entre três a quatro anos para recuperar os antigos níveis. E, finalmente, como quarto, a renda da citricultura como um setor deve apontar resultados positivos para todos os segmentos.

No final da década, por sua vez, haverá um sensível aumento de produção, resultante de novos plantios, e a demanda de suco dependerá da recuperação da citricultura americana. A solução, portanto, será a política de novos mercados e a consolidação do mercado nacional.

Após a geada que atingiu os laranjais da Flórida e do Texas, em dezembro de 1983, os preços de sucos concentrados sofreram rápidos aumentos no mercado internacional, e a Cacex elevou os novos preços mínimos de exportação para acompanhar esse crescimento. A cota global de exportação, 600 mil toneladas para a safra industrial 84/85, foi mantida e eliminou-se o subsídio à exportação. Como consequência, no primeiro semestre do ano passado, foi comercializado todo o estoque remanescente da safra anterior até maio; por exemplo, foram embarcadas cerca de 270 mil toneladas de suco, quantidade superior as 200 mil toneladas embarcadas entre janeiro e maio de 1983.

Em janeiro de 1984, portanto, já havia compra de pomares, quando as indústrias adquiriram 80 por cento de suas necessidades de matéria-prima. No início das negociações, foi pago ao produtor o

preço de Cr\$ 3.000 por caixa. Após negociações, com a interferência da Cacex, alcançou-se o preço final de Cr\$ 4.500, mais uma parcela adicional de Cr\$ 1.500, a ser paga em 31 de janeiro deste ano.

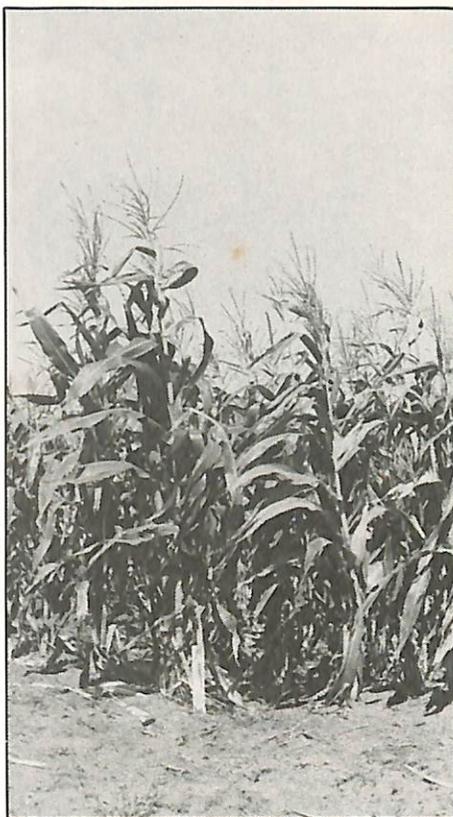
Portanto, a preço médio de Cr\$ 2.050 no segundo semestre do ano passado, o preço da matéria-prima passa a representar 2,14 dólares por caixa, abaixo do recorde de 1977, cerca de 2,20 dólares, embora mais do que o dobro obtido em 1983, conforme informações constantes no Prognóstico, publicado pelo Instituto de Economia Agrícola da Secretaria de Agricultura e Abastecimento do estado de São Paulo.

Enquanto este é o panorama no Brasil, o mercado externo mostrou queda na quantidade colocada, em razão das geadas da Flórida e México. À geadas somam-se modificações na estrutura da absorção de frutas. No ano passado, os Estados Unidos importaram entre 350 a 380 mil toneladas de suco concentrado, número bem acima das 284 mil em 1982 e 261 mil no ano seguinte. Além da importação americana, existem as compras do mercado da Europa Ocidental, que, somados, atingem 500 mil toneladas, 75 por cento desse total suprido pelo Brasil. Portanto, as perspectivas são mais do que animadoras para os produtores de citros, principalmente da laranja.

Milho

Área e produção menores vão se refletir no preço e na criação de aves e suínos.

A pesar de uma pequena disparidade entre as estatísticas — de oito a 12 por cento —, o certo é que os produtores gaúchos reduziram a área destinada ao cultivo de milho nesta safra. O governo federal prepara-se para importar 200 mil toneladas do produto, e a sorte do milho no futuro mais imediato vai depender, fundamentalmente, do comportamento do governo em relação ao volume importado. Se subsidiar, estará desestimulando o produtor brasileiro que, ao invés



de aumentar cada vez mais a produção de milho, estará gradativamente reduzindo sua área e sua produção.

De acordo com o diretor do GCEA — Grupo Coordenador de Estatística Agropecuária do IBGE, Raul Fernando Ehlers, houve uma redução estimada em 8,16 por cento da área de milho no Rio Grande do Sul, o que deverá provocar uma diminuição em 9,25 por cento em relação ao volume produzido no verão de 84. Já o Departamento Técnico da Fecotriga — Federação das Cooperativas de Trigo e Soja Ltda aponta uma redução de área em torno de 12 por cento em relação ao ano passado. No entanto, tanto o

diretor do GCEA quanto o agrônomo Waldir Bizzotto, da Fecotriga, concordam em relação às causas que determinaram esta retração: taxas de juros e custos dos insumos muito elevados e preço mínimo do governo desestimulante, justamente quando o agricultor preparava a terra para plantar as culturas de verão. E como a soja estabilizou sua área no Sul, surpreendendo os técnicos que também esperavam uma redução, eles acreditam que alguns grandes produtores tenham deixado a área de milho e substituído pela de soja.

Outro motivo apontado para a redução de área de milho no Sul foi o recesso nas criações, principalmente avicultura e gado leiteiro, devendo a falta do produto refletir-se nestes dois setores e, também, na suinocultura. Mais triste ainda é o fato da cultura de milho ser própria da pequena propriedade, o que revela um sintoma de que os pequenos produtores estejam produzindo menos, limitando-se à subsistência. Felizmente, no entanto, o início do verão tem apresentado um clima no Sul favorável não só ao milho, mas “a todas as culturas da época”, conforme salientou Bizzotto.

Embora discordantes durante o cultivo, os dados relativos ao passado são iguais entre o GCEA e a Fecotriga. O quadro da produção de milho no Rio Grande do Sul, nos últimos dez anos, é o seguinte:

Milho — Rio Grande do Sul			
Ano	Área Colhida (ha)	Produção (t)	Rendimento (kg/ha)
1975	1.603.000	2.489.500	1.533
1976	1.580.000	2.443.000	1.546
1977	1.673.000	2.680.000	1.601
1978	1.630.400	2.150.800	1.319
1979	1.787.500	1.853.600	1.037
1980	1.861.298	3.162.033	1.699
1981	1.818.696	3.808.793	2.094
1982	1.851.740	3.147.246	1.700
1983	1.778.993	3.174.771	1.785
1984	1.883.224	3.567.360	1.894

NÃO DEIXE SEUS NEGÓCIOS ÀS MOSCAS...

... Use o Mosquicida ideal para Granjas, Estábulos, Pó-cilgas, Canis, Áreas Externas de Indústrias Alimentícias, Armazéns, Depósitos de Lixo e todos os locais sujeitos à Proliferação de Moscas...



Para este ano, o GCEA calcula que a área cultivada seja de 1.769.001 hectares e, se tivermos um rendimento médio de 1.800kg/ha, chegaremos a 3.237.272 toneladas. Já a Fecotriga estima que a área cultivada seja de apenas 1.674.880 (12 por cento menos dos 1.926.000 hectares plantados na safra 83/84), o que dará, numa produtividade também de 1.800kg/ha, somente 3.030.384 toneladas.

A nível nacional, a produção deverá manter-se razoavelmente estável, com uma redução de área inferior a registrada no Rio Grande do Sul, mas, embora sejam produzidas quase 22 mil toneladas de milho, o governo já anunciou que pretende importar 200 mil toneladas do produto para completar as necessidades do país e, sobretudo, jogar com o estoque regulador no momento em que os produtores brasileiros colherem e pretenderem vender seu milho. Mas o economista Gladstone Cruz, do "pool" de comercialização da Fecotriga, adverte que a atitude da CFP — Companhia de Financiamento da Produção será decisiva para o milho brasileiro. Ele mantém a esperança de que o governo não subsidie o milho importado e concorda que o desestímulo para a cultura tem sido devido aos baixos preços mínimos e de comercialização obtidos pelo produto:

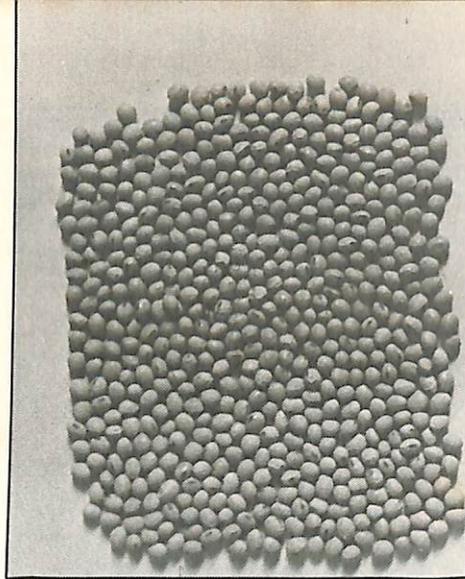
— O produtor gostaria de ver uma evolução no preço do milho de forma que ao menos empatasse com os seus elevados custos de produção, concluiu.

Soja

Depois de uma boa safra, a angústia pelo comportamento da Bolsa de Chicago.

Contrariando as primeiras previsões, que davam como certa uma pequena redução na área de plantio de soja na safra de verão, os produtores gaúchos terminaram cultivando área semelhante a do ano passado e a expectativa é de uma colheita entre 5.420 mil e 5.467 mil toneladas. A nível nacional, o GCEA, do IBGE, calcula uma safra total um pouco superior as 15,5 milhões de toneladas, apesar de alguns sojicultores do Brasil Central terem deixado de plantar por falta de recursos para comprar adubos e sementes.

No Sul, o atraso no fornecimento de recursos por parte do governo foi contornado pelos próprios fornecedores de adubos, que entregaram seus produtos com 30 dias de prazo a antigos clientes, conforme revelou o presidente do Sindicato das Indústrias do setor, Werno Tiggemann. Mesmo assim, técnicos e líderes do setor temem pelo índice de produtividade desta safra de soja. Acontece que a falta de recursos, o atraso nos financiamentos de custeio e a grande elevação dos custos financeiros, alguns casos correspondendo à metade do custo total da lavoura, levaram os sojicultores a reduzir ao máximo o gasto com insumos. Segundo o agrônomo José Antonio Fernandes da Silva, da Emater, práticas como o plantio direto e o cultivo mínimo foram mais difundidas, visando também uma redução nos custos de produção.



Para o agrônomo Waldir Bizzotto, do Departamento Técnico da Fecotriga — Federação das Cooperativas de Trigo e Soja, a área cultivada de soja se assemelha a da safra anterior, porque, inclusive, alguns produtores que deixaram de cultivar milho este ano destinaram a área correspondente àquela oleaginosa. Sinal de que os produtores decidiram apostar mais uma vez na soja, embora sua produção esteja se tornando tão cara que ela começa a perder a competitividade em relação a soja norte-americana.

Mas, onde os técnicos discordam um pouco é em relação a produtividade que deverá ser alcançada pelos sojicultores no Sul. Enquanto o Departamento Técnico da Fecotriga revela que pela redução dos insumos a produtividade cairá para algo em torno dos 1.450 quilos por hectare, o acompanhamento de safras feito pelo GCEA aponta um rendimento médio de 1.508kg/ha. A justificativa para um bom desempenho apesar da redução de insumos estaria no fator clima, que esteve muito favorável nos primeiros tempos da lavoura e, com isso, compensaria os prejuízos na produtividade.

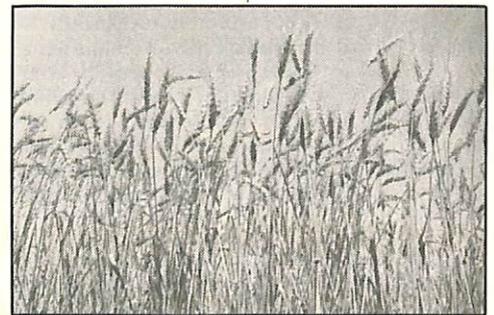
O ano de 1984 foi o período em que a Abiove — Associação Brasileira das Indústrias de Óleos Vegetais lançou a campanha pela duplicação, em dez anos, da produção de grãos no país, passando de 50 para 100 milhões de toneladas/ano. A idéia foi lançada pelo presidente da associação, Martinho Faria, que vê aí a única saída para a agricultura e a indústria brasileira de grãos. Foi o ano, também, em que a Heberle Soja lançou o Prolavoura, um programa de viabilização da formação de lavouras de soja através de um sistema de comercialização integrado de insumos aos produtores. Pelo programa de Viabilização da Lavoura, segundo o diretor da empresa, Alday Heberle, o sojicultor passa a receber adubos, sementes, maquinaria sem ter que sujeitar-se às altas taxas de juros dos financiamentos bancários.

Num retrospecto um pouco mais amplo, verifica-se que a área do plantio de soja aumentou em mais de 60 por cento na última década. No entanto, a produtividade média brasileira tem sido inferior a de dez anos atrás. Prova contundente de que os sojicultores estão investindo cada vez menos insumos devido seus altos custos. Se a sojicultura nacional tivesse mantido o desempenho de dez anos passados, estaríamos produzindo entre 17 e 18 milhões de toneladas na mesma área e não apenas as 15,5 milhões de toneladas previstas pelo GCEA. Comparando o rendimento médio brasileiro entre a safra 83/84 e a estimativa para esta safra de 84/85, verifica-se uma sensível queda:

SOJA - BRASIL			
ano	área cultivada em hectares	produção em toneladas	rendimento kg/ha
83/84	8.136.491	14.582.052	1.792
84/85	9.413.710	15.539.844	1.650

Fonte: GCEA/RS

Quanto à comercialização, tudo indica que mesmo depois de uma boa colheita, os sojicultores brasileiros viverão um período de angústia, com toda a atenção voltada para a Bolsa de Chicago. Segundo o economista Gladstone Cruz, da Fecotriga, as perspectivas não são boas, porque desde junho do ano passado que a cotação só tem caído e a comercialização tem sido muito lenta. Depois de lembrar que somente metade dos produtores conseguiram uma boa comercialização no ano passado, pois quem vendeu até junho se saiu bem, mas quem vendeu depois empatou ou até perdeu dinheiro, o técnico lamentou que os preços hoje da soja estejam aquém da expectativa do produtor, que espera uma reação do mercado até o momento em que for comercializar sua produção. E o vice-presidente da Fecotriga, Mário Krueh Guimarães, advertiu que os custos financeiros estão praticamente liquidando com a sojicultura brasileira, porque, ao chegarem ao nível de serem quase quatro vezes superiores aos custos financeiros da safra norte-americana, diminuem a competitividade do nosso produto. Ele prevê problemas de comercialização, porque o mercado interno não terá condições de absorver o repasse de altos custos, e desabafa: "se os preços não reagirem muito, somente uma maxi-desvalorização cambial salva a soja brasileira".



Trigo

Curiosamente, se a soja remunerar mal, a área tritícola aumentará muito.

Área destinada ao cultivo do trigo no país atualmente se assemelha a que se plantava na década de 60 e tem sido muito inferior às áreas de triticultura na década de 70, chegando a menos que a metade de 1979, por exemplo. Naquele ano, os triticultores brasileiros cultivaram 4,1 milhões de hectares e colheram 2,8 milhões de toneladas, enquanto que em 83 o espaço, que veio reduzindo gradativamente, ficou em 1,8 milhão de hectares e uma produção de 2,1 milhões de toneladas. Felizmente, como pode observar alguém mais atento, a produtividade evoluiu

de 702 para 1.154g/ha.

“A área despencou e reduziu em um milhão de hectares nos últimos 15 anos”, reconheceu o diretor do CTRIN — Departamento de Comercialização do Trigo do Banco do Brasil, Nilo Fenstenseifer, que, entusiasmado como é pela triticultura, defende a seguinte tese: “se o Rio Grande do Sul e o Paraná dedicarem cada um um milhão e 250 mil hectares para o trigo e consolidarem esta área, estes dois estados estarão produzindo algo em torno de três milhões de toneladas, o que corresponderá à metade do atual consumo nacional”. A outra metade seria preenchida com a pouca produção de outros estados produtores, a triticultura do Cerrado que avançaria gradativamente e devagar e, principalmente, pelas importações. Embora o país deva buscar a auto-suficiência, o diretor do CTRIN reconhece que um país tradicional importador não pode cortar bruscamente as importações, até porque elas estão ligadas a outros produtos e envolvem outras negociações, muitas vezes de troca.

Produção — Para Nilo Fenstenseifer, é muito cedo agora para fazer qualquer previsão para 85, por duas razões. Primeiro porque as culturas de inverno dependem fundamentalmente do resultado comercial das culturas de verão. Basicamente, a área de trigo depende da produtividade e do preço que a soja tiver alcançado.

Em segundo lugar, por se tratar de um produto em que o único comprador compulsório é o governo, o trigo sentirá muito profundamente os reflexos das diretrizes que o novo governo adotará em relação ao setor primário e cujos métodos ainda são uma incógnita. Mas, o diretor do CTRIN observou que Tancredo Neves “não tem como não dar prioridade à agricultura; só não sabemos de que forma ele fará isso”. Quanto ao trigo, ele acredita que a área deverá ser aumentada e, no caso específico do Rio Grande do Sul, ele calcula em 1,2 milhão de hectares a área ideal, porque, se são mais de cinco milhões de hectares destinados à soja e o milho, no verão, mesmo fazendo a rotação de culturas de um para quatro anos, o trigo poderia ser facilmente contemplado com aquela área.

Mas, em 84 houve uma retração na área tritico-

la, que ficou com apenas 700 mil hectares, quando as previsões menos otimistas ainda esperavam de 900 mil a um milhão de hectares. É que faltaram recursos, mesmo a juros de mercado, justamente na época do plantio e, curiosamente, algum trigo plantado tardiamente, por causa disso, terminou atingindo produtividade maior do que cultivado na época sugerida pela técnica.

Atualmente, o Paraná é o maior produtor de trigo, onde o café foi substituído também por outros produtos como soja, milho e algodão. Os triticultores paranaenses produzem quase o dobro do Rio Grande, conforme o quadro abaixo fornecido pelo CTRIN, relativo à produção de 1984, por cada estado. No Rio Grande, permanecem apenas os triticultores mais tradicionais.

Produção de trigo em 1984 em toneladas	
Paraná	1.079.846
Rio Grande do Sul	570.220
Mato G. Sul	106.566
São Paulo	98.000
Minas Gerais	21.547
Santa Catarina	8.585
Mato Grosso	298
Distrito Federal	264
Goiás	47
Total	1.885.373

Comercialização — A grande possibilidade de o trigo ganhar mais área se justifica por um fator decisivo, que é a compra estatal que, apesar de algumas reclamações, tem sido remuneradora ao produtor. Em 1982, o governo pagou 275 dólares a tonelada de trigo e, em 83, apenas 210 dólares, o que o fez o próprio diretor do CTRIN admitir que foi um pouco baixo o preço. No entanto, em 84 houve uma pequena recuperação, com a tonelada sendo adquirida a 225,8 dólares. Ora, este preço foi praticamente o dobro da cotação internacional do trigo durante todo o ano passado e rendeu Cr\$ 43.715 pelo saco de 60 quilos de trigo com PH78. Acontece que o maior volume da produção gaúcha é de PH75 e no mercado inter-

nacional todo o trigo oferecido é com qualidade correspondente ao PH78 ou superior a isso. Portanto, apesar de a produção mundial ter sido de 512 a 513 milhões de toneladas, com uma oferta muito grande, o governo praticamente continuou subsidiando o triticultor brasileiro ao pagar mais por um produto inferior ao importado.

Embora reconheça a credibilidade dos levantamentos de custos feitos anualmente pela Fecotri-go — Federação das Cooperativas de Trigo e Soja e que sempre indicam um preço superior ao estabelecido pelo governo, Nilo Fenstenseifer lembrou que se for comparado ao preço internacional, a remuneração proporcionada pelo governo é muito boa. Por isso e pela segurança de mercado, ele acredita que a tendência é de expansão da área de trigo no Brasil.

Uva

Colhidos os bons frutos, produtores querem pagamento rápido e com correção.

Ainda nos últimos dias do ano que passou, os 20 mil vitivinicultores gaúchos tiveram uma frustração com o presidente João Figueiredo, por causa do veto do Executivo ao projeto de lei do deputado Paulo Mincarone (PMDB/RS), aprovado pelo Congresso Nacional, que estabelecia correção de acordo com a variação das ORTNs — Obrigações Reajustáveis do Tesouro Nacional para o preço de comercialização da uva. Isto, pouco tempo depois de o governo ter fixado em Cr\$ 210 o preço do quilo da uva isabel, que corresponde a 65 por cento da produção gaúcha, responsável por mais de 80 por cento do volume produzido nacionalmente, enquanto os produtores reivindicavam um preço mínimo de Cr\$ 324, portanto, com uma defasagem bem superior a 30 por cento.

Ao menos, o governo admitiu a criação do Co-

USE

Moscafim
MATA MOSCAS
COM
ATRATIVO SEXUAL PARA MOSCAS

Não fique mais comendo mosca.
Use Moscafim

navin — Conselho Nacional de Vitivinicultura — projeto de autoria do deputado Victor Faccioni (PDS/RS) —, encaminhando a questão ao Legislativo Federal. Mas, líderes de produtores como Mário Gabardo, presidente do Sindicato de Trabalhadores Rurais de Bento Gonçalves, cidade maior produtora de uva e vinho da Serra gaúcha, advertem que o conselho tenderá a um favorecimento à indústria ao invés de proteger o vitiviniculador, porque sua composição é amplamente majoritária em favor dos setores industriais e comerciais.

Aliás, Gabardo repetiu uma antiga queixa dos produtores de uva e vinho, lembrando que, enquanto o vitiviniculador recebia Cr\$ 75 pelo quilo da uva, o consumidor pagava uns Cr\$ 1.600 por uma garrafa de vinho, no início do ano passado, numa relação de custo amplamente favorável aos setores intermediários de produção e comércio.

No entanto, os próprios produtores têm procurado melhores caminhos, e um deles foi o de aprimorar seus parreirais em termos de tipos de uvas, incrementando as viníferas, que dão vinho de melhor qualidade e remuneram um pouco melhor o produtor. Até porque, conforme observou o presidente da Comissão Estadual da Uva, Danilo Zanettin, “a família que somente se dedicar à produção de uva de mesa e comum não terá como substituir”. De sorte que as viníferas como *riesling*, *cabernet*, *merlot* e outras estão sendo remuneradas entre os valores de Cr\$ 483 e Cr\$ 628 por quilo.

Os líderes dos produtores são unânimes em reconhecer que a ameaça de redução de área não chegou a se confirmar, porque o parreiral é uma cultura mais permanente e não anual, e seria um absurdo abandonar as videiras. O que os vitivinicultores deixaram de fazer foi utilizar o crédito bancário, numa proporção de 40 por cento a menos que em anos anteriores. Também deixaram de utilizar todos os insumos a níveis desejáveis e, ao invés de incrementar o parreiral, destinaram áreas novas ao cultivo de hortigranjeiros, atualmente mais valorizados e de fácil produção na Encosta Superior do Nordeste gaúcho, onde os parreirais ocupam nada menos do que 43 mil hectares. Sem contar que a atividade vem sendo pra-



ticada com entusiasmo também na Fronteira gaúcha.

Esta safra que está sendo colhida neste verão é de boa qualidade, garantem todos os envolvidos, o que assegura a boa qualidade também dos vinhos que ela originar. Não teremos uma supersafra — advertem —, pois não alcançaremos as 435 mil toneladas de 82, mas também não teremos a frustração de 83. De uma maneira geral, industriais e produtores calculam em, aproximadamente, 400 mil toneladas a produção de uva este ano, o que permitirá uma produção de vinho em torno dos 300 milhões de litros. A expectativa agora é que logo depois de entregue a boa uva na

cantina, a indústria não retenha o pagamento ao longo do ano, como fez em períodos anteriores, desvalorizando o preço da uva.

E a luta continua, segundo Gabardo, mesmo porque o produtor hoje está mais consciente do que antes: “pela primeira vez, reunimos uma comissão que foi a Brasília reivindicar diretamente junto ao Executivo e ao Legislativo federais e, também, dialogar com as bancadas de deputados federais, onde seis deles foram eleitos por votos aqui da região”. E sem esquecer que este é mais um ano de festa, pois agora em fevereiro será realizada mais uma Fenavinho — Festa Nacional do Vinho — na terra da uva, Bento Gonçalves.

Produção gaúcha de uva e vinho de 80 a 84

Ano	1980	1981	1982	1983	1984
Uva	247.294	366.229	435.270	233.470	350.000 toneladas
Vinho	199.602	288.007	329.714	188.192	260.000 mil litros

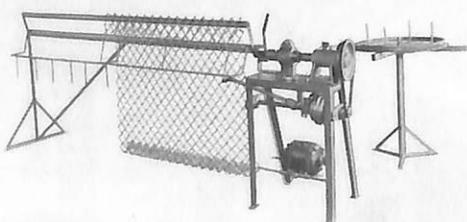
Fonte: Fecovinho — Federação das Cooperativas de Vinho do Rio Grande do Sul

Fabricando tela de arame, tudo o que cai na sua malha é lucro!



Com uma máquina SAUR para fabricar tela de arame, você inicia uma rendosa indústria. Depois, à medida que vai juntando as malhas e produzindo tela, você também vai acumulando lucros.

Mod. Motorizado



Construção de ferro. Caracóis para 8 tamanhos de malhas. Cavalete-suporte da tela com rolo giratório e jogo lateral. Motor elétrico trifásico ou monofásico de 0,75 HP, 380/220 V, 60 Hz, 1.700 rpm. Acessórios normais: 2 caracóis (para malhas de 5,5 x 8 e 8 x 11 cm), base, polia de três estágios, motor com correia “V” e 3 contra-pesos para a tela.

Mod. Manual

Construção de alumínio. Caracol e lâmina de aço.



METALÚRGICA SAUR LTDA.

Acesso à BR-285, km 1 - Fone: (055) 375-2122
Telex: 0552385 - 98280 - Panambi - RS

Revendedores:

Porto Alegre-RS:

Ferramentas Gerais S.A. - Telex:
0511566 - Fone: (0512) 42-0700

Joinville-SC:

Ico Comercial S.A. - Telex:
0474102 - Fone: (0474) 22-3077

Curitiba-PR:

Ico Comercial S.A. - Telex:
0415153 - Fone: (041) 232-7011

Campo Grande-MS:

Kepler Weber S.A.
Telex: 0672348 - Fone: 382-3113

Pecuária

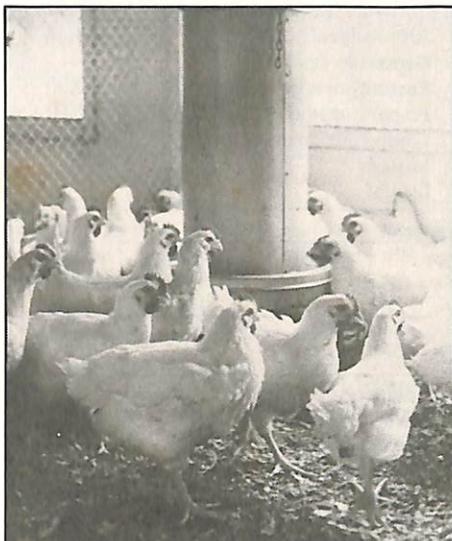
Avicultura

Setor se retraiu um pouco, mas mantém grande esperança de retorno e maior consumo.

A avicultura mundial continua, no momento, vivendo um processo de desaceleração devido as constantes altas nos preços das matérias-primas e rações e a redução de demanda. Em 1983, por exemplo, a produção mundial atingiu 30,3 milhões de toneladas, com apenas 1,7 por cento de aumento em relação ao ano anterior. Em 84, o crescimento foi mínimo, não ultrapassando a faixa de 30,9 milhões de toneladas.

O setor avícola brasileiro se ressentiu destes reflexos, mas, conforme análise feita pelo Prognóstico do Instituto de Economia de São Paulo, alguns traços animadores e indicadores de recuperação do setor poderiam surgir a partir de uma melhora nos preços das matérias-primas para rações, determinando inclusive a agilização de instalações ociosas a nível mundial.

No ano passado, a comercialização internacional foi marcada pela estabilidade, embora os maiores exportadores, países como Estados Unidos, França, Brasil e Hungria, mantivessem concorrência ferrenha. Para esse quadro contribuíram algumas mudanças nos países do Oriente Médio, tradicionalmente os grandes compradores, como a diminuição na compra em função da mudança dos preços do petróleo e o incremento desses mesmos mercados em busca de uma avicultura própria.



Em 1983, o Brasil exportou 289.738 toneladas, que corresponderam a 242.643 mil dólares FOB. No ano passado, exportou-se até novembro 260 mil toneladas, cujos resultados em dólares foram pouco superiores: 245 milhões.

A nível de mercado interno, as dificuldades são as mesmas: aumento de preços das matérias-primas e rações e demanda reduzida em função do baixo poder aquisitivo da população. Segundo a Associação dos Produtores de Pintos de Corte — Apinco, a produção de carne de frango, em 1983, somou 1.489 toneladas, o que equivale à produção de 1,1 milhão de pintos. No ano passado, a produção diminuiu para 1.356 mil toneladas e 1.045.000 pintos.

Neste ano, segundo Luiz Antonio Barrichello, presidente da Apinco, “é provável que, em fun-

ção da reativação da economia, haja aumento de consumo, embora não deva ultrapassar a faixa dos sete por cento. O consumo per capita que, em 1982, foi de 9,6kg, baixou em 1984 para 8,3 e deve subir para 8,8”.

A avicultura de postura, por sua vez, padece do mesmo perfil: insumos a preços elevados e demanda insuficiente. E mais: houve a desativação de grande número de granjas e insuficiência de poder de compra para absorver o possível aumento de preços de ovos em razão da diminuição da oferta. Descapitalizada como um todo e arcando com custos financeiros altos, o setor de postura tende a exigir longo prazo para sua recuperação. Segundo dados da APA — Associação Paulista de Avicultura e UBA — União Brasileira de Avicultores, a produção nacional de ovos brancos e vermelhos foi, em 1983, de 909.211.000 dúzias, número que caiu, no ano passado, para 870.501.510 dúzias.

Bovinos/carne

O consumo diminuiu, mas o preço aumentou tanto que compensou a retração.

O consumo de carne bovina baixou no último ano, e os abates também diminuíram em relação a 83. Mas o preço do produto aumentou muito (chegou a ter que ser reduzido para o produto voltar a ser consumido), e os produtores de gado de corte manifestam-se otimistas em relação a 85:

— Considerando a situação de crise econômica vivida pelo país em 84 — analisou Cláudio Lopes de Almeida, do Instituto Sul-Riograndense de Carnes — até que a pecuária de corte saiu-se bem. A verdade é que poderia ter sido muito pior do que foi.

Acontece que os pecuaristas brasileiros passaram quase todo o último ano em sobressalto com a possibilidade de importação de 600 mil tonela-

... E VEJA OS RESULTADOS!

PRÁTICO

Em forma cristalizada para pronto uso - dispensa mistura ou uso de equipamento. Embalagens de 30 g, 300 g e 1 Kg.

SEGURO

Não polui o ar - Não deixa cheiro. Contém Bitrex, repelente ultramarinho que evita Ingestão Acidental.

DIFERENTE

Fórmula exclusiva - contém Muscamone, Atrativo Sexual irresistível às Moscas, e Metomil Inseticida Fulminante.

ECONÔMICO

Bastam duas gramas, por metro quadrado, nas áreas de maior concentração de Moscas.



Fabricado por:
Vulcan - Divisão Zoecon.



IPIRANGA-SIPCAM
DEFENSIVOS AGRÍCOLAS S.A.

MATRIZ: Rua Antônio Carlos, 434 - 10º andar
Tels.: (011) 284-9011 - R. 222 (PABX)
Telex (011) 21769 - PTIPBR - CEP: 01309 -
SÃO PAULO - SP.

FILIAL: RIO GRANDE DO SUL: Rua Guilherme Schell, s/nº
Vila Rio Branco - Tels.: (0512) 72-2798/72-1664
Telex (0512) 9461 - PISBR - CEP 92000 - Canoas - RS.

EMCARTE



das de carne procedentes do Mercado Comum Europeu — MCE —, mas sentiram-se aliviados na medida em que a importação não chegou às 500 mil toneladas.

Mas, no mercado interno, realmente houve uma redução no consumo de carne bovina, que caiu de 21 kg/per capita ano para a média de apenas 13 quilos de carne consumida por ano por cada pessoa. Que reduziram os abates, basta comparar o acompanhamento feito pelo Instituto Sul-Riograndense de Carnes, segundo o qual, no período de janeiro a outubro de 83, foram abatidas 655.778 cabeças de gado bovino, caindo para 612.854 cabeças abatidas em igual período de 84. As exportações de carne bovina gaúcha foram de 44,7 mil toneladas em 83 e 44,4 mil toneladas nos dez primeiros meses de 84, rendendo respectivamente 103 e 102 milhões de dólares.

Que o preço aumentou significativamente, basta recorrer de novo ao levantamento estatístico do Instucarnes e comparar os diversos preços do gado de corte entre 83 e 84, conforme os quadros ao lado:

Varição dos preços do gado de corte - Outubro de 1983

Zonas	Peso		Vivo	Carne	Fria
	Boi	Vaca	Boi	Boi	Vaca
Campanha	578,74	423,21	1.085,83	875,96	768,00
Encosta do sudeste	463,00	323,00	964,00	890,26	820,00
Encosta inferior do nordeste	489,03	397,44	866,00	—	—
Alto uruguai	433,00	410,00	—	—	—
Depressão central	—	—	—	—	—
Encosta superior do nordeste	500,00	450,00	1.050,00	980,00	—
Planalto médio	500,00	420,00	—	—	—
Campos de cima da serra	450,00	455,37	—	—	—
Missões	397,67	409,84	1.100,00	1.030,12	—
Litoral	—	—	—	—	—

Varição dos preços do gado de corte - Outubro de 1984

Zonas	Peso		Vivo	Carne	Fria
	Boi	Vaca	Boi	Boi	Vaca
Campanha	1.650 — 1.922	1.350 — 1.547	3.400 — 3.588	3.100 — 3.159	3.215
Encosta do sudeste	1.750	1.350	3.645	3.500	3.500
Encosta inferior do nordeste	—	—	3.500	2.690	2.494
Alto uruguai	1.345	1.247	—	—	—
Depressão central	—	—	—	—	—
Encosta superior do nordeste	1.714	1.656	—	—	—
Planalto médio	—	—	3.641	3.532	—
Campos de cima da serra	1.671 — 1.700	1.315 — 1.500	—	—	—
Missões	1.575	1.298	3.400	3.200	—
Litoral	—	—	—	—	—

A redução no consumo de carne bovina, devido a falta de poder aquisitivo da população, em contraponto aos altos preços, terminou provocando uma queda nos preços do produto a nível de consumidor, que obviamente se refletiu a nível de produtor. Segundo Cláudio Lopes de Almeida, o quilo do boi vivo, que chegou a dois mil cruzeiros em setembro último, no início de janeiro estava em torno de um mil e setecentos cruzeiros. No entanto, considerando a variação do salário mínimo e sua perda de poder aquisitivo, o diretor do Instucarnes assegurou que, de novembro de 83 a novembro de 84, o trabalhador perdeu apenas três por cento de seu poder aquisitivo em termos de carne e que sua perda foi maior em relação a outros produtos, onde o índice oscilou entre 20 e 30 por cento.

Quanto à queixa de alguns produtores do interior, de que preferiam um preço menor com a garantia de venda, Cláudio Lopes de Almeida analisou assim a questão:

— Evidente que o maior interesse do produtor é pela fluidez do mercado, e realmente não existe hoje garantia de comercialização. Examinando um pouco melhor, vamos verificar que nos últimos dois anos os financiamentos minguaram para o setor agrícola e no caso da pecuária foram reduzidos a zero. Em contrapartida, tivemos uma inflação crescente, e o produtor se torna impaciente em transformar aquele gado em dinheiro, cuja falta aumenta as dificuldades.

No entanto, o diretor do Instituto Sul-Riograndense de Carnes e outros líderes pecuaristas se mostraram razoavelmente otimistas em relação a 85, em função da troca de governo e o conseqüente surgimento de novas medidas governamentais para o setor. Num aspecto, os criadores de gado de corte são unânimes: todos querem uma política bem definida, que privilegie a pro-



METAX

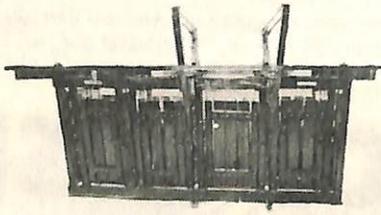
MARCA REGISTRADA

EQUIPAMENTOS AGROPECUÁRIOS E INDUSTRIAIS

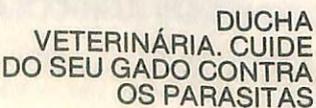


PESO EXATO P/SEU GADO

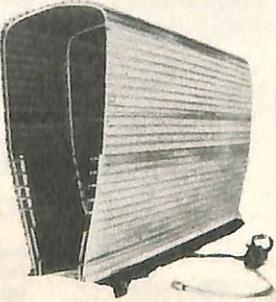
BALANÇAS P/BOVINOS, SUÍNOS, INDUSTRIAIS, RODOVIÁRIAS, FERROVIÁRIAS



TRONCO VETERINÁRIO TRATAMENTO MÉDICO VETERINÁRIO EM GERAL



DUCHA VETERINÁRIA. CUIDE DO SEU GADO CONTRA OS PARASITAS



ECONÔMICO PRÁTICO EFICIENTE

METAX - METALURGIA COM. AGRICULTURA LTDA.

FÁBRICA: BR-376 - km 347 - PARQUE INDUSTRIAL SUL - FONE: 0434-22.1497
 ESCRITÓRIO: AV. MUNHOZ DA ROCHA, 1562 - FONE: 0434-22.3131 - TELEX: 0432570
 CEP 86800 - APUCARANA - PR

dução, a indústria e o consumo nacional e que seja estabelecida para um médio ou longo prazo, de modo a evitar novos sobressaltos entre os produtores primários. Cláudio Lopes de Almeida foi mais específico e, depois de manifestar "a esperança" de que o novo governo estabeleça uma política a médio prazo, defendeu o atendimento ao mercado interno, lembrando que as exportações devem continuar, mas elas devem ser de excedentes da produção. Quanto ao subsídio, citou que de uma forma ou de outra quase todos os países o praticam em relação à produção primária e condenou a atual carga tributária que incide sobre a pecuária de corte, na qual de cada cem bois, 15 vão direto para o governo só em ICM, sem contar os outros tributos.

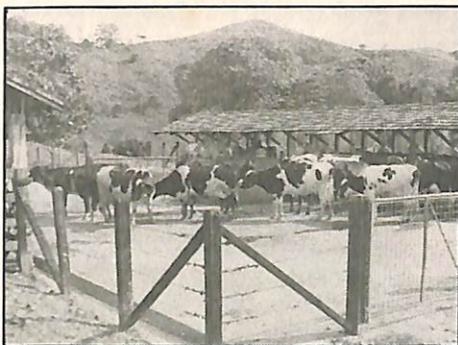
Por fim, defendeu o estabelecimento de uma política de abastecimento, pela qual o governo poderia subsidiar o consumo de produtos alimentares para as populações de áreas carentes, principalmente do Nordeste e de zonas atingidas por calamidades.

Bovinos/leite

Criadores gostariam de ter uma política estável e permanente para o setor

A política de reajuste de preços do leite e as condições de clima determinaram no início do ano passado o aumento de produção em níveis superiores aos que se verificaram nos mesmos meses em anos anteriores.

No estado de São Paulo, conforme dados publicados no Prognóstico do Instituto de Economia Agrícola da Secretaria de Agricultura e Abastecimento, o leite com 3,2 por cento de gordura e magro cresceu 14,2 por cento; o esterilizado, 16,6; o condensado, 131,2; em pó, 37,1; o creme de leite, 52; a manteiga, 9,5 e queijos e requeijões, 6,8 por cento. Isso foi contraposto pela



diminuição da demanda, embora o reajuste de preço para o produtor tenha sido de 228 por cento e os preços dos variados produtos não tenha ultrapassado, no seu maior expoente, 197 por cento. À queda das vendas pode ser somada a alta despesa com estocagem.

Mesmo reconhecidos como aumentos significativos, os reajustes trimestrais não resolveram os problemas do produtor e do consumidor. Assim, o criador de gado de leite sofreu o impacto dos altos preços dos insumos e ração, na ordem de 264 por cento; farelo de trigo, 354; vacinas, 267 e farelo de caroço de algodão, 232.

No ano passado, portanto, a atividade leiteira não apresentou alterações, já que vem com problemas há seis anos. Os produtores de Leite B, por exemplo, conseguiram a queda do ICM, que foi cobrado entre os meses de janeiro a maio, mas tiveram a comercialização do leite diminuída.

Em relação ao plantel leiteiro, a Associação Brasileira de Produtores de Leite B aponta 10 milhões de cabeças, englobada todas as raças leiteiras no país, cuja produtividade média gira em torno de três litros/vaca/dia.

Constatada a liquidação de plantéis puros no país, verifica-se não a redução do rebanho, mas o repasse de animais de criadores tradicionais para novos investidores. Isso significa, portanto, que, a nível de cabeças, o rebanho mantém-se estável.

A associação informa também que a tendência à miscigenação, mescla do gado puro com o zebrú, cresceu no ano passado.

Ovinos

Apesar do rebanho menor, ovinocultores estão bastante otimistas com carne e lã.

Os ovinocultores gaúchos se manifestam muito otimistas em relação a 85 e acreditam que o setor terá uma plena recuperação a curto prazo, tanto da comercialização de carne como de lã. Este otimismo foi unânime entre os ovinocultores reunidos recentemente na Cabanha Bela Vista (Santana do Livramento - RS), de Jair Menezes, presidente da Associação Brasileira de Criadores de Corriedale, durante o lançamento do oitavo congresso mundial da raça. Hoje, o Grupo Coordenador de Estatísticas Agropecuárias — GCEA, do IBGE, calcula um rebanho de aproximadamente 12 milhões de cabeças no Rio Grande do Sul, um pouco superior aos 11.044.614 existentes a 31 de dezembro de 83.

Extra-oficialmente, diz-se que o rebanho gaúcho chegou a ser reduzido a menos de oito milhões de cabeças e é bem verdade que a ovinocultura passou por maus momentos no início da década. Mas, houve uma reação nos preços de lã a nível internacional em 83, e o mercado de carne também reagiu, principalmente considerando o interesse dos árabes. Aliás, os técnicos, como Adair Coimbra Filho, da Emater-RS, registram que está havendo um direcionamento em favor do ovino-carne sobre o ovino-lã.

Falar em ovinocultura é falar no Rio Grande do Sul, que detém 65 por cento do rebanho brasileiro e constitui-se num centro irradiador de ventres, principalmente para o Paraná, embora existam ovinos também em Santa Catarina, São Paulo e Mato Grosso. Inclusive, raças deslanadas são criadas na Bahia e Pernambuco, em lugares mais secos, pois, conforme advertem os técnicos, a

Continua na página 44

PRODUTOS DE CONFIANÇA



SEMENTES FORRAGEIRAS P/PASTAGENS (OUTONO/INVERNO)

Aveias amarelas, brancas e pretas • Azevém • Alfafa • Centeio • Cornichão • Ervilhaca • Festuca • Lanudo • Trevos brancos e vermelhos e muitas outras.



SEMENTES FORRAGEIRAS TROPICAIS (PRIMAVERA/VERÃO)

Feijão miúdo • Lablab • Brachiarias • Capim Chorão • Rhodes • Pensacola • Pasto italiano • Ramirez • Setária Kazungula • Sorgos Forrageiros e Graníferos NK e muitas outras.



GRÃOS P/ALIMENTAÇÃO DE PÁSSAROS

Aveia descascada e em grãos • Alpiste • Colza • Girassol • Linhaca • Nabão • Niger • Painço.

SEMENTES P/FORMAÇÃO DE GRAMADOS



AVEIAS MACHACADA, DESCASCADA E EM GRÃOS P/ALIMENTAÇÃO DE BOVINOS, EQUINOS E OVINOS

BRINCOS JUMBO 2 E NYLTAG P/IDENTIFICAÇÃO DE BOVINOS, OVINOS, SUÍNOS E CAPRINOS



INSTRUMENTAL VETERINÁRIO ELETRIFICADO RES DE CERCA 110/220 V



ARTIGOS ÚTEIS P/O CAMPO E LAVOURA

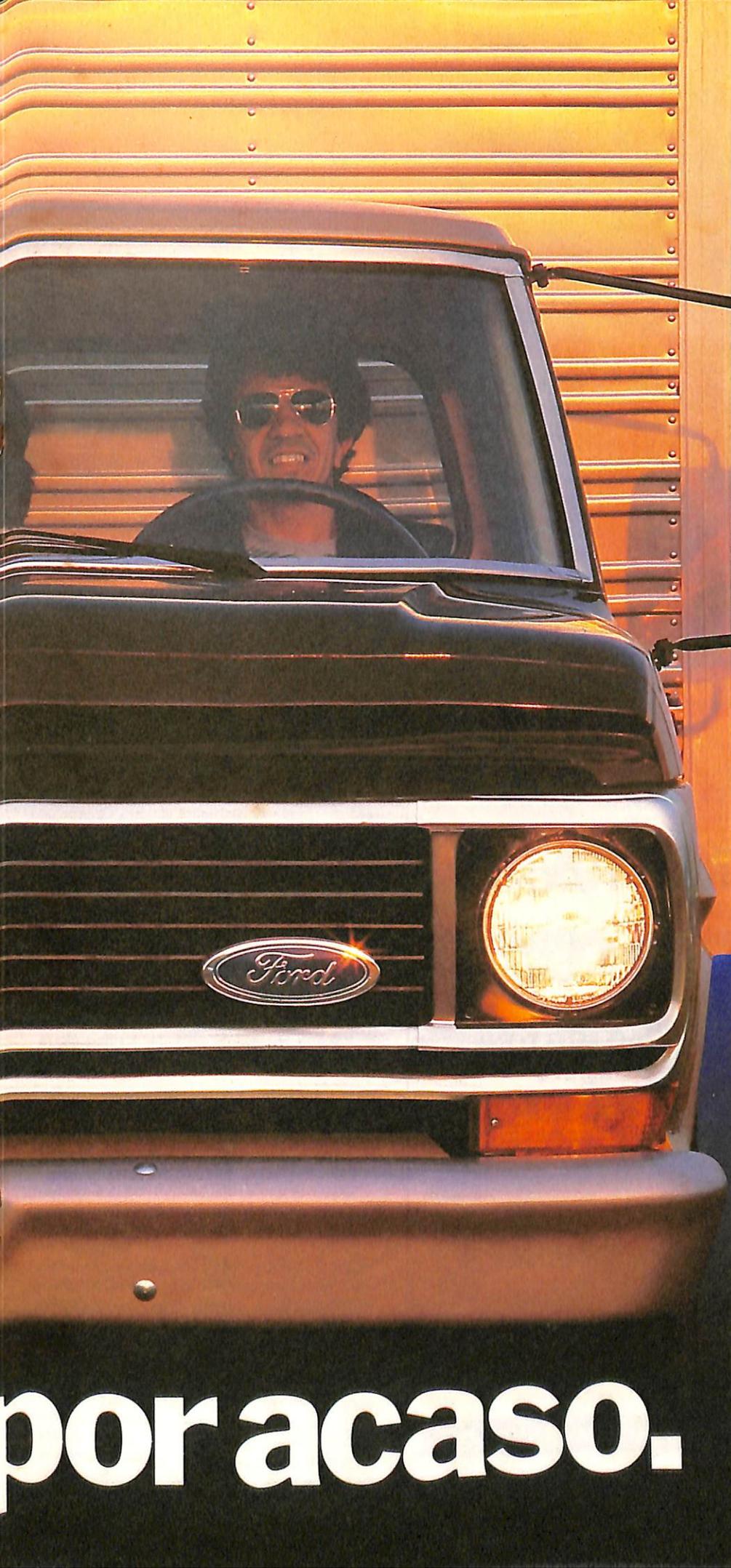


brazisul
agropecuária s.a.

Av. Fernando Ferrari, 330 (Bairro Anchieta) - Fone: 43-6777 - Telex: (051) 1823 BRAZ BR - End. Telegr.: "RIBRAL" - C.P. 1457 - P. Alegre - RS.



Ninguém é líder



8 anos seguidos de absoluto sucesso e absoluta liderança de vendas e de trabalho não acontecem por acaso. O F-4000 é o primeiro no competitivo negócio das entregas urgentes na cidade e no campo porque é mais em tudo.

Isso faz o líder:

Liderança na economia de combustível, graças ao possante motor Ford Diesel 4.4 ou ao tradicional MWM, bomba Bosch e mais o câmbio de 5 marchas sincronizadas. Liderança em qualquer caminho, graças à exclusiva e incomparável suspensão de barras duplas independentes.

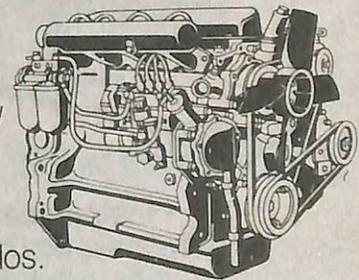
Liderança no incomparável chassi Ford. Liderança no conforto, no silêncio e no espaço para 3 pessoas na cabine.

Liderança em segurança, graças aos poderosos freios auxiliados a vácuo. Liderança já a partir do menor preço inicial.

Só o líder é Super Série.

Quem trabalha merece o melhor. E o F-4000 não deixa por menos: com pintura especial Super Série, luxuoso acabamento na cabine com bancos anatômicos em vinil e tecido,

buzina dupla, ventilador/desembacador e pneus borrachudos.



O melhor negócio é ser líder.

Passe no seu Distribuidor Ford e passe à frente com o F-4000. Você ganha mais no caminhão e depois ganha mais no trabalho.

por acaso.

FORD F-4000



ovelha só não gosta de calor e de umidade. De fácil criação, pois é um animal muito dócil e se alimenta de inços deixados pelo bovino, que prefere as gramíneas (é cena comum no Rio Grande do Sul a convivência dos dois nos campos da Campanha), os ovinos, no entanto, exigem um certo conhecimento e manejo. Produtores e técnicos alertam para os cuidados com a sanidade no caso de "importação" de ovinos e, também, para o conhecimento do manejo. Conta-se no Sul que novos criadores mineiros terminaram perdendo seus animais devido ao pasto tóxico e desconhecimento de manejo pelos empregados. Mesmo no Sul, às vezes acontece de um criador perder o rebanho inteiro, quando faz a tosquia muito cedo e os animais são atingidos por forte chuva no campo.

Curiosamente, está havendo uma certa socialização na criação de ovinos no Rio Grande do Sul, porque a retomada na criação está sendo executada não só pelos tradicionais e grandes ovinocultores, mas principalmente por novos e pequenos criadores. As estatísticas apontam que houve um aumento de 25 por cento no número de criadores de cordeiros e ovelhas, o que comprova esta espécie de socialização. Outra curiosidade é que, além dos tradicionais criadores da fronteira gaúcha, também nos Campos de Cima da Serra, região de Vacaria e arredores, o ovino está sendo criado.

Para 85, os ovinocultores gaúchos pretendem solidificar o mercado de lã, cuja produção chegou a ser reduzida de 39 para 25 mil toneladas no



período de 1970 a 1984 (o Rio Grande é responsável pela exportação de 97 por cento da lã brasileira) e, sobretudo, desejam expandir o mercado da carne ovina. É bem verdade que existem algumas dificuldades, pois numa tentativa anterior, promovida pela Secretaria da Agricultura, alguns criadores entregaram para abate somente animais velhos de descarte, o que frustrou o consumidor da cidade. Ainda hoje, inclusive, consumidores de São Paulo preferem carne ovina importada da Argentina, embora o Rio Grande do Sul tenha condições de abastecer completamente o mercado interno. Mas, já há iniciativas positivas, como a da Cicade — Cooperativa dos Produtores de Bagé, que está oferecendo cortes especiais de carne de animais jovens na safra entre novembro e fevereiro. E não é para se surpreender se em breve assistirmos alguma campanha institucional de incentivo ao consumo de carne de ovelha com receitas para donas de casa.

Suínos

Após períodos de crises, a esperança de mercado maior tanto interno quanto externo.

Os abates de suínos reduziram tanto no ano que passou que o setor no Rio Grande do Sul voltou ao estágio que vivia há 30 anos atrás, mas esta retração foi boa para o produtor, que teve um período em que o preço do produto foi sempre superior ao preço de custo. O Rio Grande do Sul (veja quadro), que na década de 70 produzia mais suínos do que Santa Catarina e Paraná juntos, hoje produz a metade do que Santa Catarina — 1,6 milhão de cabeças contra 3,3 milhões — e já está quase sendo alcançado pelo Paraná, que fechou o ano com o abate de 1,5 milhão. Os três estados do Sul correspondem a 70 por cento da produção de suínos do país.

Suínos
Abate no Rio Grande do Sul

Ano	n.º de cabeças
1980	2.402.939
1981	2.195.948
1982	1.719.291
1983	1.786.450
1984	1.304.878

Fonte: Instituto Sul-Riograndense de Carnes

As informações são do presidente da Associação de Criadores de Suínos do Rio Grande do Sul, veterinário Werner Meincke, no município de Estrela, que qualificou 84 de "um ano muito bom para o produtor" a nível de preço, em função da retração nos abates e uma conseqüente adaptação à demanda. Em sua análise, Meincke lembrou que não está havendo o repovoamento do rebanho gaúcho, hoje inferior a 2,5 milhões de suínos, quando já chegou a 3,5 milhões no início da década de 80, o que demonstra esta adaptação do criador às possibilidades de venda:

— Não sei se felizmente ou infelizmente — disse Meincke —, mas o fato é que a suinocultura está deixando de ser uma atividade própria do pequeno proprietário e está se tornando uma atividade empresarial. A crise de 83, quando o produtor passou todo o ano com preço do produto inferior ao custo de produção, aniquilou o pequeno e hoje o que se vê são grandes projetos ligados à indústria.

Quanto a anunciada falta de milho e sua importação, o presidente da ACSRGs observou que acontece uma coisa curiosa, pois com este dimensionamento que o criador está adotando, ele mantém hoje apenas 15 a 20 criadeiras, de forma que possa alimentá-las em regime de auto-suficiência, isto é, o produtor gaúcho hoje adaptou o número de suínos a sua capacidade de produção de milho.

No entanto, se houver uma política de distribuição de renda que recupere com certa rapidez o poder aquisitivo da população urbana e o conseqüente aumento do mercado interno ou se for efetivado o interesse já demonstrado por alguns importadores, já que o rebanho brasileiro está liberado em termos de sanidade, o presidente Wer-

ARTIGOS RURAIS

MUTTONI

MARCA REGISTRADA

GUSTAVO MUTTONI CIA.

- Troncos
- Bretes
- Mangueiras

- Porteiras
- Currais

TRADIÇÃO MUTTONI

DÉSDA 1879

BALANÇAS PARA GADO

1.500 - 2.500 - 5.000 - 8.000 kg

TRONCO 2 CEPOS

- Instalações e Projetos p/Manejo de Gado
- Galpões
- Estruturas Metálicas
- Mangueiras para Equinos.

Todos os nossos equipamentos são construídos com madeira de lei — Ipê.

GUSTAVO MUTTONI & CIA. LTDA.
 Rua Porto Alegre, 120 - km 10 - BR-116
 Fone: (0512) 80-1533 - C. P. 88 - Gualba - RS
REPRESENTANTES: Agropecuária Bageense Ltda.
 Rua Salgado Filho, 151 - Fone: 42-4260 - 96400 - Bagé - RS
Comercial Querência
 Av. Barão do Upacará, 1288 - 96450 - D. Pedrito - RS

GUIDADO COM AS IMITAÇÕES

Semeadeiras de Plantio Direto TD



Para quem não abre mão de qualidade.

A semeadura direta é uma prática conservacionista que permite colocar semente e adubo no solo, sem prepará-lo, sobre a resteva da cultura anterior, sendo indispensável a utilização de máquinas que atendam tais exigências.

Com isso a Semeato colocou à disposição a mais moderna tecnologia em máquinas para semeadura direta, a TD-200, TD-300 e TD-400. Sendo que estas pos-

suem um sistema mecânico que possibilita obter excelente desempenho agrônômico, isto é, o triplo disco (TD) que é composto por um disco cortante, mais um disco duplo, permitindo cortar a palha, abrir um sulco e colocar semente e adubo uniformemente com mínima mobilização do solo, exigindo baixa potência do trator e conseqüentemente baixo consumo de combustível.

Pelas suas características técnicas pode-se obter alto rendimento operacional.

Peça maiores informações sobre a qualidade da Semeadeira TD no seu concessionário Semeato.

SEMEATO®



O Plantio Direto que deu certo.

Fábrica: Rua Camilo Ribeiro, 190 - Telex (054) 2168
Fone (054) 313-1122
Divisão Comercial: Av. Presidente Vargas, 3800 - Telex (0543) 855
Fone (054) 313-1144 - CEP 99100 - Cx. Postal 559
Passo Fundo - Rio Grande do Sul - Brasil

ner Meincke reconhece que “a curto prazo não teríamos o que fazer, porque em suinocultura não se pode trabalhar a curto prazo”. Ele admitiu que agora o criador prefere “pagar para ver”, isto é, somente retomará o crescimento do rebanho e o aumento dos abates depois de ver alguma medida concretizada, já que no momento existe um equilíbrio entre produção e consumo. É que o suinocultor não pretende repetir o erro de fazer uma “corrida ao porco”, como já aconteceu anteriormente e, depois de criado, não ter mercado para sua produção. Ainda não foram esquecidas as imagens de produtores abatendo animais em praça pública devido a falta de preço e de mercado.

Quando à exportação, o diretor do Departamento de Produção Animal da Secretaria da Agricultura, Ptolomeu Assis Brasil, lembrou que há mais de cinco anos o rebanho suíno brasileiro está livre da anunciada peste suína africana (na verdade, muitos produtores até hoje duvidam de sua existência real e a atribuem à denúncia que



houve antigamente a concorrência desleal de produtores estrangeiros) e também da peste suína clássica. Inclusive, à redução do rebanho correspondeu uma melhoria nas condições sanitárias dos animais:

— Há interessados em importar nossa carne suína — concluiu Meincke —, compete agora aos órgãos oficiais e à indústria fazerem a sua parte e permitirem que o suinocultor brasileiro participe desse novo mercado.

em 1984, importou-se 1,7 milhão de toneladas de cloreto de potássio, 500 mil de sulfato de amônio, 900 mil de enxofre e 200 mil de ácido fosfórico.

Não houve exportações no ano passado, embora em 83 tenhamos obtido 52 milhões de dólares em divisas, comercializando com a China, Estados Unidos e Europa Oriental. Para este ano não há previsões de exportações, mas os produtores brasileiros acreditam firmemente na continuação de recuperação do mercado interno de adubos e fertilizantes.

Armazenagem

Não sabemos sequer nossa capacidade instalada. E precisamos de modernização



“É fundamental que haja continuidade de nos levantamentos feitos pela Cibrázem para que saibamos a real capacidade de armazenagem no país, já que os últimos dados disponíveis e especificados datam de 1981. Acredito, também, que o IBGE disponha de dados somente desta data”, afirmou Sebastião Nogueira Júnior, agrônomo do setor da Divisão de Comercialização do Instituto de Economia Agrícola, da Secretaria de Agricultura e Abastecimento do Estado de São Paulo.

O único dado esparso e global conseguido pelo técnico no ano passado, após muita insistência junto a órgãos federais, aponta para o ano de 1983 o total de 55,7 milhões de toneladas como capacidade estática. Não há especificação se para sacaria, granel ou divisão por estados da federação.

Segundo Nogueira Júnior, confrontado com a produção de 55 milhões de toneladas de grãos, a capacidade de armazenagem do país é suficiente. Isso porque a capacidade estática deve ser multiplicada por 1,5 em razão da rotação da mercadoria, o que transforma o total e o eleva para 83,5

Insumos



Adubos

A pequena recuperação de 84 animou produtores, que esperam manter tendência de crescimento

Em 1984, registrou-se um discreto crescimento no setor de fertilizantes, após três anos de estagnação na produção e vendas. Esse quadro ocorria em função da alta taxa de juros, redução dos subsídios nos empréstimos de

custeio e nos preços dos produtos agrícolas.

Conforme dados da ANDA — Associação Nacional para Difusão de Adubos, em 1984 o consumo foi em torno de 6,3 milhões de toneladas. Na safra 83/84, o crescimento registrado não superou a marca dos 10 por cento, embora a reação, iniciada no final de 83, deva ser creditada às perdas americanas nas safras de milho e soja.

A isso soma-se o fato de os fertilizantes, que deveriam ser entregues ainda no final daquele ano, só conseguirem chegar aos agricultores no início de 84. A recuperação perde então de aspectos como alta de preços da laranja, em razão da geada da Flórida, o que permitiu a compra de fertilizantes no início do ano; compras para aplicação em café; e antecipação de compras pelos produtores de soja para plantios futuros.

Segundo Marcos Rocha, diretor da ANDA, para este ano a expectativa é de continuação de crescimento na faixa de quatro a cinco por cento ao ano, caso continuar a situação atual. Isso ainda está muito longe dos 15 por cento, que era a faixa de crescimento da década de 70, mas acima dos 44 por cento de queda dos anos 81 a 83.

No ano passado, a importação somou 500 milhões de dólares, abaixo de 1,2 bilhão, marca do ano 80, em função da queda de mercado. Ainda

O primeiro bom negócio que um executivo pode fazer em Porto Alegre:

Restaurante internacional, coffee-shop, piscina, bar panorâmico, salão de convenções, sala de reuniões e secretárias.

E para os seus fins-de-semanas e feriados, o Continental Torres Hotel é a melhor opção.

uma reserva no Continental Hotel.



Continental Hotéis

★★★★

Porto Alegre:

Fone (0512) 25-3233 - Telex (051) 2038

Torres:

Fone (051) 664-1811 - Telex (051) 3466

COBERTURA TOTAL À NOSSA TERRA.



Aadubos Trevo, principal empresa do Grupo Luxma e uma das maiores indústrias de fertilizantes do país, há mais de meio século vem crescendo e espalhando suas raízes, por esse Brasil afora.

Com diversas unidades de produção, mistura e ensaque, mais de cinqüenta

pontos de entrega, importantes minas e centenas de pontos de venda, distribuídos por todas regiões do país, Aadubos Trevo dá cobertura nacional, em matéria de produtos e serviços, ao setor agropecuário. E, mais especificamente, ao homem da terra. Da nossa terra.

ADUBOS TREVO

ADUBOS TREVO S.A. - GRUPO LUXMA

"MÁQUINAS DE RAÇA"

A MASAL é uma empresa genuinamente nacional, trabalhando há mais de 30 anos, lado a lado com o homem do campo. Seus produtos são desenvolvidos com a mais avançada tecnologia industrial e construídos com o mais alto padrão de qualidade, tornando-os conhecidos em todo o território nacional e no exterior como as "máquinas de raça". Para atender as necessidades do agricultor durante as colheitas, a MASAL oferece a mais completa linha de carretas graneleiras.



CARRETA GRANELEIRA ARROZEIRA (M-LEVE) é a melhor solução para o transporte de cereais. Com suas características de construção leve e simples, mas robusta, este equipamento transporta mais carga útil proporcionando maior rendimento e conseqüentemente mais economia.



CARRETA GRANELEIRA - (4 RODAS) a solução para o transporte ou armazenamento temporário de grãos na própria lavoura durante a colheita. Fabricada em 5 versões com capacidades para 5.000, 8.000, 10.000, 12.000 e 15.000 quilos, proporciona descarga rápida por gravidade nas laterais ou por caracol (rosca sem fim) acionado na tomada de força do trator.

MASAL

Rua Alfredo Caetano, nº 2
Fones: (051) 662-1066/1543/
1121/1343/1321
CEP. 95500 - Caixa Postal 13
Santo Antônio da Patrulha - RS

milhões de toneladas. Quantitativamente, essa capacidade é suficiente, embora haja o problema de pólos de centralização e de novas fronteiras, que não são dotadas de infra-estrutura de armazenagem.

O crescimento do setor começou em 1975, com a criação do Pronazém — Programa Nacional de Armazenagem, que funcionou até 1978, quando possuía recursos. A rigor, o programa ainda existe, mas está desativado por falta de verbas. A sua atuação, porém, não foi definida a nível de país como um todo, mas por pólos. O incremento foi maior onde já havia estrutura cooperativista implantada, como no Paraná e Rio Grande do Sul. E mesmo em Mato Grosso, porque as cooperativas gaúchas lá se instalaram com sua tradição de armazenagem própria. Portanto, no Centro Sul, o nível é considerado bom, embora seja preciso uma modernização.

No passado, o ideal era a construção de um armazém geral que fosse utilizado para mercadorias encasadas. A tendência hoje é de se armazenar a granel, em função dos preços de custo de transporte e de manipulação. Essa modernização ocorreu com o crescimento da produção de soja. Atualmente, a idéia deve ser estendida às novas fronteiras agrícolas, disse Nogueira Júnior. Para modernizar a estrutura de armazenagem, ele entende que o ideal seria um movimento por parte das cooperativas, através do qual elas próprias conseguiriam a verba e montariam toda a infra-estrutura. Como esse investimento não é baixo, cabe ao governo tomar a iniciativa de auxiliar, concluiu.



Defensivos

Reposição de estoques provocou aumento de vendas, que deverão continuar crescendo

As vendas de defensivos agrícolas somaram 91.954 mil toneladas no período de janeiro a setembro de 84, com um crescimento de 20,1 por cento em relação ao ano anterior, cujo total foi de 76.596 mil toneladas. Isoladamente analisado, o setor vendeu 32.419 mil toneladas de herbicidas, 19.039 mil toneladas de fungicidas, 30.628 mil toneladas de inseticidas, 2.903 mil toneladas de acaricidas e 6.965 mil toneladas de formicidas. Os herbicidas foram usados especialmente nas culturas de soja e cana-de-açúcar.

Conforme dados da Andef — Associação Nacional de Defensivos Agrícolas, a importação de

princípios ativos, no mesmo período, foi de 12.091.706 toneladas, número bem mais altos do que as 7.531.145 do ano anterior, portanto, com um crescimento de 60,6 por cento. Desse total, 4.110.935kg foram de inseticidas, 2.687.574 de fungicidas e 5.293.197 de herbicidas. A importação está concentrada em países como Estados Unidos, Alemanha, Israel, Japão e Holanda.

Esse aumento pode ser explicado pelo fato de as indústrias estarem sem estoque e, paralelamente, haver acontecido infestações de lagarta na soja, ácaro-rajado no algodão e pragas na laranja. É preciso salientar, contudo, que esse aumento não significa expansão, mas apenas reposição de estoques.

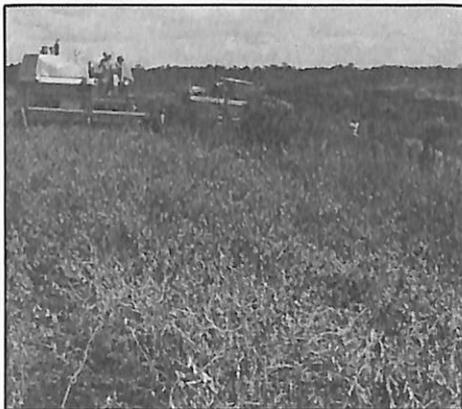
A nível de exportação, no período de janeiro a junho, o total chegou a 8.980.993kg/litros, segmentados em 887.536 de inseticidas, 305.554 de formicidas, 2.273.121 de fungicidas e 5.514.782 de herbicidas. As exportações totalizaram 26.328.074 dólares FOB e foram encaminhadas aos Estados Unidos, México, Argentina, Canadá, Austrália, Bélgica, Portugal e Egito.

Para este ano, a Andef reforça a idéia de reposição de estoques e acredita que o mercado agrícola reagirá, embora dependa do mercado financeiro, e de condições específicas da agricultura, como solo e clima. Além, é claro, de uma política agropecuária, que deverá ser estabelecida pelo novo governo.

Máquinas agrícolas

Preços melhores dos produtos e necessidade de repor frota fazem agricultor comprar mais

Desde 1984, o setor de tratores e implementos agrícolas começou a viver melhores momentos, motivados basicamente por dois fatores: preços agrícolas estimulantes ao agricultor e a necessária reposição da frota nacional. Configurado o quadro, os dados da Anfavea — Associação Nacional de Fabricantes de



Veículos Automotores apontam uma produção total de 46.626 unidades contra 23.901 do ano anterior, portanto, com um crescimento de 95,1 por cento.

A comercialização, a nível de mercado interno, atingiu 43.125 unidades, acima também das 24.029 vendidas em 1983, o que representa um crescimento de 79,5 por cento. Ainda no ano passado, as vendas segmentadas podem ser divididas em 39.592 tratores de rodas, 2.403 cultivadores e 1.130 tratores de esteiras.

No setor dos implementos, os dados da Abimaq — Associação Brasileira da Indústrias de Máquinas e Equipamentos, só disponíveis em relação às colhedoras automotrizes, indicavam para o período de janeiro a outubro a fabricação de 4.961 unidades, número bastante superior as 3.573 do ano anterior.

Em relação ao aumento de produção de tratores, embora animador, o total revela-se muito abaixo da real capacidade de fabricação, cerca de 110 mil tratores por ano. Essa queda vem acontecendo desde 1980, em razão do preço real muito alto da máquina e a restrição aos financiamentos para a compra de tratores. Em contrapartida, não se pode negar que o momento de dificuldades vivido pelos agricultores determinou o uso racional dessa máquina junto a uma atenção maior nos cuidados de manutenção.

As exportações de tratores começaram a declinar em 1981, quando foram exportadas 12.363 unidades. Isso é reflexo da recessão mundial. No

ano passado, no entanto, foram comercializados 3.197 tratores, número superior ao anterior, quando exportou-se 1.935 unidades.

Para este ano de 85, a expectativa entre os fabricantes de tratores e implementos agrícolas é de aumento nos níveis de produção, porque esperam que seja mantida a recuperação dos preços dos produtos agrícolas e, também, em função da necessidade de reposição das máquinas e equipamentos.

Produtos veterinários

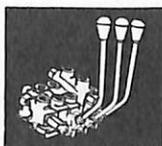
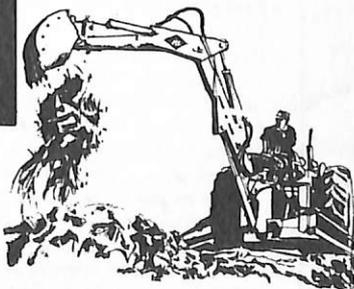
Recuperação dos setores da pecuária está permitindo retomada da produção e venda



O volume de vendas no mercado de produtos veterinários somou 280 milhões de dólares em 84, 10 por cento a mais do que no período anterior. A tendência de queda havia sido marcante nos anos 81, 82 e 83, em razão das condições econômicas do país e sua influência nos diversos setores. A recuperação, no entanto, prevista também para este ano, não deverá atingir os níveis de 81.

Segundo Nelson Antunes, presidente do Sindicato Nacional da Indústria de Defensivos Animais — Sindam, a melhora do ano passado pode ser

UMA EXCELENTE NOTÍCIA PARA VOCÊ: SUAS MÁQUINAS NÃO VÃO PARAR POR FALTA DE COMPONENTES HIDRÁULICOS



A Tecnidro dispõe para pronta entrega, componentes originais para suas máquinas, tais como:

- bombas de engrenagens
- comandos hidráulicos
- cilindros hidráulicos
- mangueiras, conexões
- filtros, acessórios

Prestamos toda e qualquer assistência quer seja a nível de assistência técnica ou de engenharia de aplicação
TEMOS OS MELHORES PREÇOS

tecnidro

com. e rep. Ltda

CONSULTE-NOS

Rua Souza Reis, 356
Fones: (0512) 43-6888 e
43-6694 - P. Alegre - RS

ACEITAMOS REPRESENTANTES P/ OUTRAS PRAÇAS

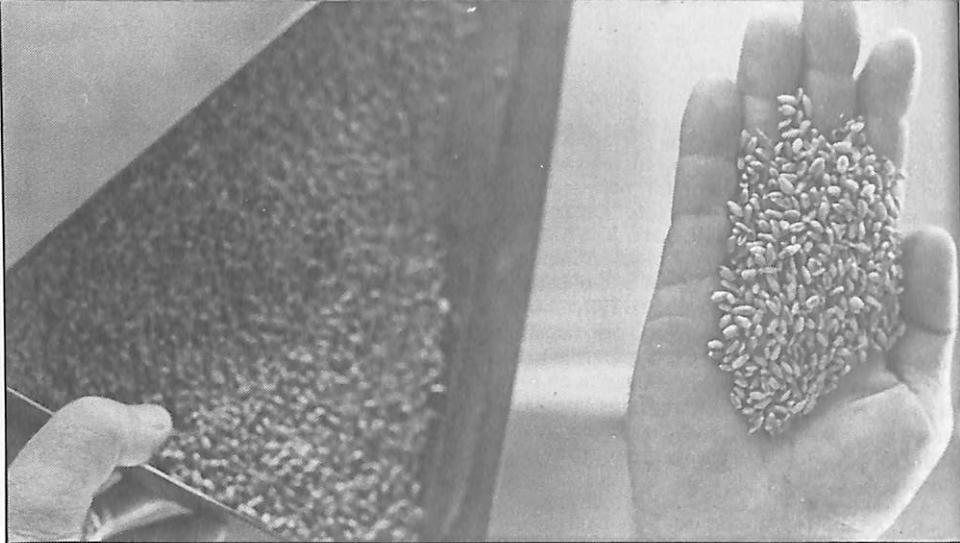
analisada a partir dos segmentos avicultura, bovinocultura e suinocultura. No primeiro, houve a melhora no preço do frango, que motivou o maior uso de medicamentos, embora os 15 por cento registrados ficassem bem abaixo do índice de 81, cerca de 30 por cento.

Na bovinocultura, apontada como maior fatia de consumo do mercado, um complexo de fatores contribuiu para o melhor desempenho: o preço do boi, que manteve-se firme, os lançamentos de novos carrapaticidas e vermífugos e os preços melhores alcançados pela vacina contra aftosa, cuja produção diminuída ainda cobriu a demanda do mercado.

E, finalmente, na suinocultura, foi detectada também pequena reação. Ao lado do aumento de preços alcançados pela carne suína, o Ministério da Agricultura decretou a liberação do plantel em relação à peste suína africana, o que deve gerar crescimento no setor.

Para este ano, o consumo de produtos veterinários está estimado em 310 milhões de dólares, dos quais 60 por cento movidos pela bovinocultura, 25 pela avicultura, 10 pela suinocultura e os restantes 5 por cento relativos a pequenos animais.

Antunes acredita que o mercado avícola deve manter-se oscilante, em razão do boicote organizado pela França ao produto brasileiro. E o mercado interno continuará na dependência das vendas externas. Se mantidas as duas campanhas que o governo federal pretende estabelecer para este ano — o controle da parasitose e mineralização —, a bovinocultura manterá sua posição de liderança. Ele acredita ainda que o novo governo, empossado em março, deve dar ênfase à agropecuária, correspondendo a sua real importância.



Sementes

Se agricultores cultivarem mais alimentos, produtores pretendem corresponder

O Brasil produziu um volume de sementes superior a 1,5 milhão de toneladas na safra 83/84, com a seguinte distribuição: 899 mil toneladas de sementes de soja, 375.662 toneladas de trigo, 153.950 toneladas para arroz e 141.764 mil toneladas de sementes de milho.

Para a safra 84/85, houve um aumento e espera-se um volume de produção na ordem de um milhão de toneladas de sementes de soja, 400 mil toneladas de trigo, 220 mil toneladas para arroz e 150 mil toneladas de sementes de milho. Crescimento que é esperado apesar de algumas dificuldades enfrentadas pelos produtores: a estiagem de outubro do ano passado com a conseqüente quebra de produção, o fato de o produtor de sementes precisar reestruturar suas metas iniciais, o que determinou o plantio tardio. De um modo geral, os agricultores atrasaram suas compras de sementes, e até dezembro último os estoques eram consideráveis.

Em relação a 1985, a expectativa do setor é grande e espera-se um impulso na agricultura em razão das necessidades de alimentos do país. O volume produzido deve ficar em torno de dois milhões de toneladas de sementes, com incremento maior para o sorgo e forrageiras.

Conforme José Ricardo Boscardin, secretário executivo da Comissão Estadual de Sementes e Mudanças — CESM-SP, as exportações no ano passado superaram as marcas de 1983. Neste ano, o mercado latino-americano e africano encontra-se em franco desenvolvimento para as sementes brasileiras de soja, milho e forrageiras. A nível de importação, o país continua dependente de olerícolas, “mas apenas as que não têm condições de produção no país”, salientou Boscardin.

Ainda no ano passado, em conseqüência da Resolução do Banco Central nº 706, que não mais obriga o agricultor ao uso de sementes fiscalizadas, algumas modificações ocorreram na classificação no estado de São Paulo. Assim, o sistema de certificação que, reconhecido a nível internacional, obriga o controle de gerações transformou-se num sistema de fiscalização, baseado em inspeção por amostragem e dispensando as análises em laboratórios oficiais.

As associações do setor, por sua vez, resolveram propor algumas medidas que consideram representativas, como: extinguir a divisão por estados na produção de sementes, criar em âmbito nacional procedimentos e normas de produção e comercialização, aumento da fiscalização do comércio e transferência da responsabilidade das entidades fiscalizadoras e certificadoras de sementes para a iniciativa privada. Isto, via associação de produtores com inspeção e fiscalização de órgãos competentes. Ao estado caberia a fiscalização do comércio.

Em relação ao registro de cultivares, a centralização seria através da Embrapa — Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária e da SNAP — MA — Secretaria Nacional de Produção Agropecuária do Ministério da Agricultura, além da cobrança da taxa de dois a três por cento sobre a semente básica vendida à entidade que criou e introduziu o cultivar.

decis
A decisão segura.

Fone: 41-1944
Telex: 0512656
Porto Alegre-RS

bvt

**BALANÇA TUBULAR
PARA VEÍCULOS**

Um erro na pesagem significa pouco, mas repetidamente poderá carregar com seus lucros.

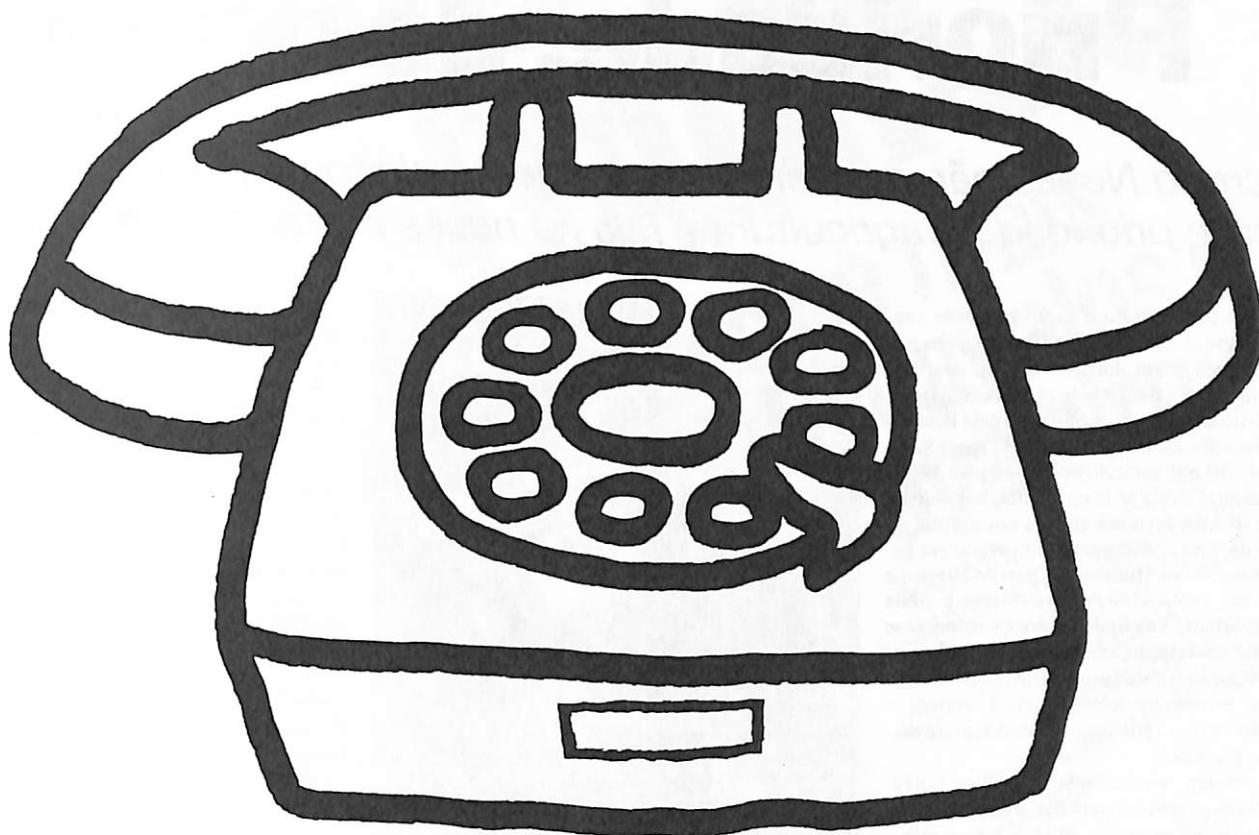
Evite estes erros com a qualidade e a precisão das balanças Ferrando.

A Ferrando fabrica balanças para todos os usos, Mecânicas, Híbridas e Eletrônicas.

A QUALIDADE QUE PESA TEM A MARCA

Uma divisão da Metalúrgica

Ponha sua lavoura na linha.



Ligue para o plantão agrícola ICI.

Se você tem alguma dúvida na hora da aplicação de defensivos na sua lavoura, ligue para a ICI.

O Plantão Agrícola está sempre pronto para atender e ajudar você no uso adequado dos produtos ICI, buscando assim contribuir para uma economia produtiva maior e melhor para sua lavoura.

E você não paga nada pela ligação. Use o telefone e peça a presença da Assistência Técnica Personalizada da ICI Brasil.



ICI Brasil S.A.

São Paulo: 872-3432. Outros Estados: (011) 800-3432.

Prioridade, de novo

Tancredo Neves não é o primeiro presidente eleito da República que garante prioridade à agricultura e fala na necessidade de alimentos.

O presidente eleito Tancredo Neves examinou a questão agropecuária pela primeira vez em dois de outubro de 1984, quando, ainda na condição de candidato, participou do Grito do Campo, promovido pela Fecotriço — Federação das Cooperativas de Trigo e Soja, que reuniu 40 mil agricultores no estádio Beirário, na capital gaúcha. Naquele dia, defendeu a execução de uma reforma agrária nos moldes do Estatuto da Terra, documento aprovado no governo do marechal Humberto Castello Branco e até hoje não praticado. Posteriormente e ainda como candidato, Tancredo Neves manifestou-se novamente em relação ao setor primário de produção, situando-o como prioritário, e advertindo: “qualquer projeto de desenvolvimento econômico que não tenha a agricultura como base está destinado ao fracasso”.

Ele prometeu realizar três alterações fundamentais na atual política agrícola, a serem implantadas a partir de sua posse, em 15 de março próximo, constituídas pela destinação de recursos aos produtores, realismo nos preços dos produtos e formação de estoques compatíveis de alimentos. Para Tancredo Neves, os recursos financeiros devem ser colocados à disposição da agropecuária “em volume e condições adequados”, os preços dos produtos devem assegurar “uma justa remuneração” e os estoques reguladores devem ser formados “de maneira adequada”.

Quando ao subsídio, o novo presidente foi explícito ao afirmar que subsidiar a agricultura se constitui em “medida imperiosa” para o enriquecimento nacional, pois “não há país no mundo que negue subsídios aos produtores rurais, já que a atividade produtiva primária, embora todo o avanço da técnica, continua sendo a mais arriscada sob o ponto de vista econômico”. Ele entende que é preciso remunerar com uma compensação futura o risco daqueles que se dispõem a cultivar hoje e considera que o setor foi abandonado:

— O governo praticamente suprimiu o crédito rural e, com esta redução, eliminação dos subsídios e fechamento das portas do Banco do Brasil, o produtor não tem a quem recorrer, a não ser às instituições privadas, onde o quadro é de poucos recursos, muita burocracia e, sobretudo, juros elevadíssimos. Enquanto o crédito se mantém insuficiente, os juros são amedrontadores e a agricultura não pode suportar as taxas de juros que lhe estão sendo impostas.

Em função deste quadro, Tancredo Neves prometeu “cuidar pessoalmente” do problema relativo ao crédito agrícola, e para combater a falta de alimentos preconizou uma política realista de preços dos produtos. Ainda como candidato, assegurou procurar sintonizar a política de preços dos insumos com a realidade do mercado de pro-



Tancredo: “cuidar pessoalmente” da agricultura

dutores agrícolas e com o próprio crescimento do setor.

Indicação pelo Colégio — Eleito presidente da República, Tancredo Neves fez um discurso sem mencionar a agropecuária especificamente. Mas, dois dias depois de sua indicação, rompendo um quase mutismo de 20 anos, em que os presidentes militares preferiam não falar ou dar entrevistas somente quando pressionados (Geisel falou somente uma vez e o próprio Figueiredo foi mais pródigo apenas em suas entrevistas no exterior), Tancredo Neves concedeu longa entrevista coletiva a jornalistas estrangeiros e do país. Foi quando assumiu compromissos muito claros com a agropecuária, pois, ao responder a uma pergunta, mostrou-se preocupado com o abastecimento e preços dos alimentos:

— É tudo o mesmo problema. Sobem os preços porque não se contém a inflação. Sobem os preços porque a agricultura, no Brasil, foi abandonada. Nós estamos há cinco anos colhendo 50 milhões de toneladas de grãos, enquanto a população cresceu, neste período, numa escala apreciável. Então — prosseguiu — temos de voltar à atividade agrícola, prestigiando-a, amparando-a e estimulando

a maior produção de grãos no Brasil para que haja uma maior oferta no mercado, e havendo uma maior oferta, caíam os preços.

Antes, bem no início da entrevista coletiva, Tancredo Neves havia assegurado que seu governo promoverá todas as reformas necessárias atualmente no país, entre as quais a reforma agrária. Disse que “vamos, realmente, levar a efeito as mudanças econômicas e sociais reclamadas por este país, abrangendo, inclusive, a reforma monetária, a reforma universitária, a reforma educacional, a reforma agrária, e todas as outras desse programa fixado por essas correntes políticas que nos apóiam”. Reconheceu, entretanto, que estas forças são bastante heterogêneas, mas assegurou que tem consciência disso e que vai procurar atender ao maior número possível, embora reconhecesse, também, que não terá unanimidade, pois esta “é impossível”.

Viagem de Trabalho — Pouco antes de viajar ao exterior e ao receber o título de cidadão do município de Barra do Garças, no Mato Grosso, Tancredo Neves foi taxativo na defesa da agropecuária brasileira e chegou a se valer de uma imagem: “uma nação poderosamente industrializada como a nossa, que não possui um sólido suporte agropecuário, é um gigante de aço sob pés de barro”.

A preocupação maior manifestada pelo presidente eleito foi em relação à falta de alimentos para as populações carentes, por isso, além de promover prioridade à agropecuária, assegurou criar um programa de emergência para alimentar adequadamente aquelas populações. Tancredo lamentou a estagnação da produção brasileira de grãos, que tem levado o país a importar alimentos, “quando tínhamos aqui condições de triplicar a nossa produção”. Lembrou que o Brasil é o único país do mundo em que a agricultura não conta com subsídios:

— Não se dá mais subsídios à produção — afirmou Tancredo — nem na colheita e nem na comercialização. Não teríamos que estranhar essa ausência desde que os preços mínimos assegurados pelo governo não fossem só no papel, porque na realidade estes não encontram nenhuma efetivação.

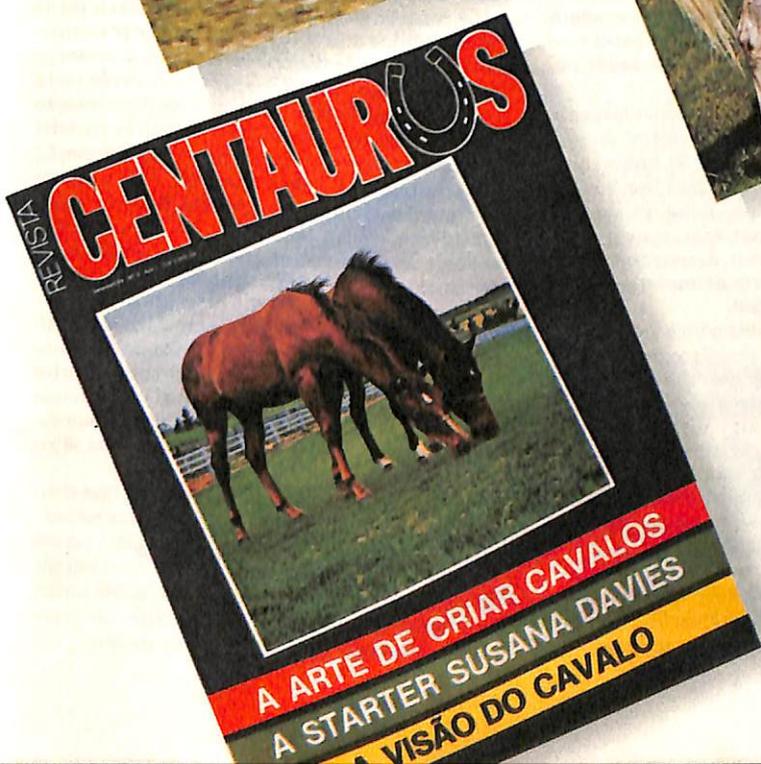
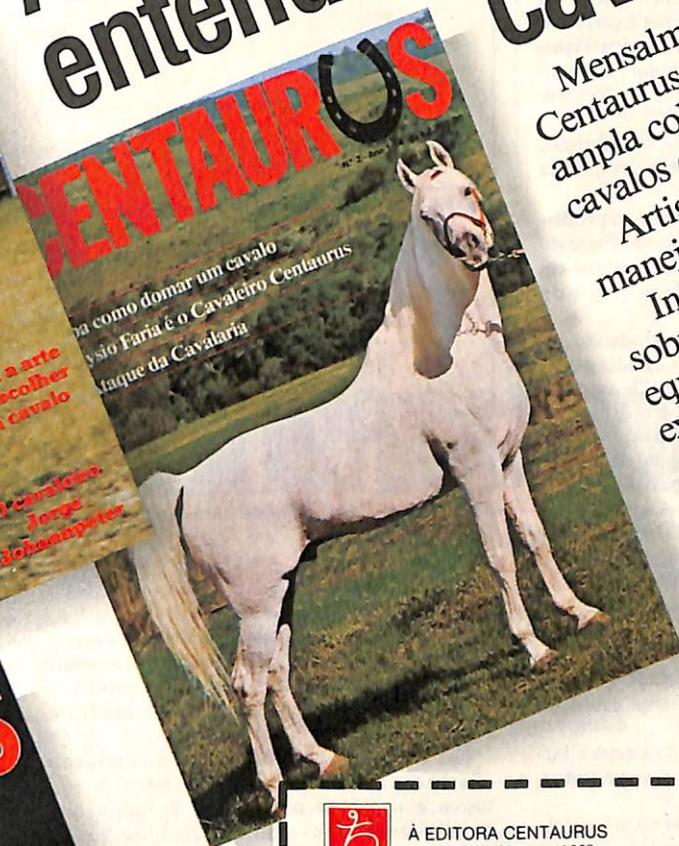
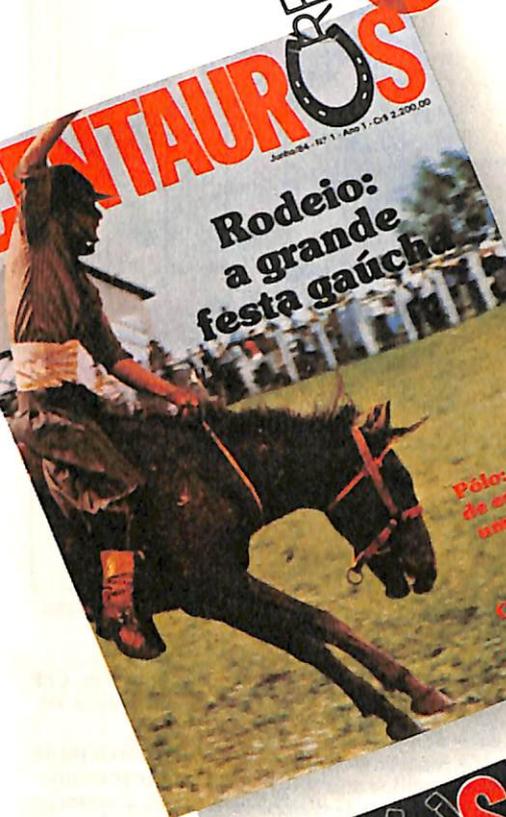
No comício, para milhares de presentes, o presidente eleito classificou os agricultores locais de “verdadeiros heróis”, devido à falta de crédito, de estradas, de transporte e inclusive de incentivo do governo. Assegurou a realização de uma reforma na estrutura fundiária do país através do fortalecimento do pequeno e médio produtor, vinculando esta “revolução nos campos” a uma mudança tributária, de modo a fortalecer os municípios brasileiros, o que também prometeu promover em seu governo. □

Assine

REVISTA
CENTAURUS

CENTAURUS

A revista que mais entende de cavalos e cavaleiros.



Mensalmente a Revista Centaurus traz reportagens com ampla cobertura fotográfica sobre cavalos e cavaleiros. Artigos técnicos como nutrição, manejo e sanidade equina. Informações completas sobre criação, raças, provas, exposições, rodeios, remates, Com a mesma seriedade informativa da Revista A Granja.

já

Faça sua assinatura.



À EDITORA CENTAURUS
Av. Getúlio Vargas, 1558
Caixa Postal, 2890
90000 - Porto Alegre - RS

Desejo assinar a Revista Centaurus por: Estou fazendo o pagamento por:

<input type="checkbox"/> 12 meses — Cr\$ 25.000,00	<input type="checkbox"/> Cheque
<input type="checkbox"/> 24 meses — Cr\$ 45.000,00	<input type="checkbox"/> Ordem de pagamento
<input type="checkbox"/> 36 meses — Cr\$ 65.000,00	<input type="checkbox"/> Vale postal

NOME: _____

ENDEREÇO: _____

ATIVIDADE: _____

CIDADE: _____

ESTADO: _____ CEP: _____ DATA: _____

ASSINATURA: _____



Atenção: hidatidose

A falta de informações faz com que a hidatidose progrida no Rio Grande do Sul e provoque bilhões de cruzeiros de prejuízos

Méd. Vet. Luiz Alberto Pitta Pinheiro

A hidatidose está intimamente relacionada com o hábito do homem do campo de alimentar os cães com vísceras cruas de animais abatidos para consumo, contaminadas com cisto hidático ou bolha-d'água.

A doença é cosmopolita e, no Rio Grande do Sul, é conhecida por hidatidose. Pode ser designada por hidatidose, bolha-d'água, cisto hidático e equinococose.

Apesar de existir mais do que uma doença com este nome, ficaremos restritos a que ocorre em nosso meio, envolvendo a presença do agente etiológico *Taenia echinococcus*, além de um ciclo evolutivo bem definido e que iremos ver no decorrer deste artigo.

Breve histórico — Os registros são antigos, mostrando que já há bastante tempo o problema existia.

1908 — Bassewitz pesquisou e elaborou as primeiras estatísticas sobre hidatidose no estado do Rio Grande do Sul, com dados obtidos em trabalhos desenvolvidos em Santa Vitória do Palmar.

1938 — O professor Daly Almeida, estudando novos dados sobre a doença no estado e com base nestes estudos, afirmava: "Se medidas sanitárias adequadas e regulamentos apropriados a uma profilaxia eficiente e anti-hidática não forem aplicados ao momento atual, marcharemos a longos passos pela senda já trilhada pelo Uruguai e Argentina".

1949 — Nesse ano, os professores Jardim Freire e Desidério Finamor apresentam planos e sugestões para o combate à hidatidose.

Em épocas mais recentes, registre-se os seguintes episódios:

1970 — O médico veterinário José Paulo Rosa faz alerta a respeito da gravidade que vem caracterizando a doença e a sua evolução em importância.

1971 — O professor José Mariano da Rocha Filho alerta para a gravidade que vem assumindo a hidatidose em nosso meio.

1972 — A Organização Mundial da Saúde inclui, em publicação oficial, o Brasil como país com altas taxas de hidatidose.

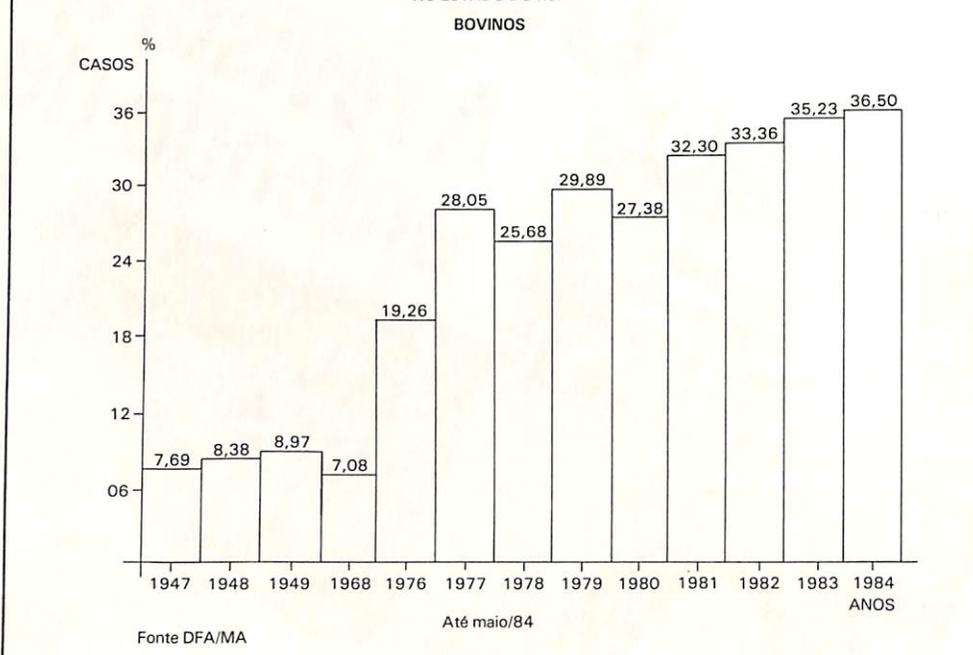
Introdução — O Rio Grande do Sul possui um efetivo bovino de 13 milhões de cabeças e de 10 milhões de ovinos, criados tradicionalmente em pastoreio conjunto.

O cão, principalmente no meio rural, faz parte dos hábitos criatórios do gaúcho como auxiliar nas lides campeiras. Este fato é importante fator na epidemiologia da hidatidose.

Segundo dados fornecidos pelo Serviço de Inspeção Federal do Ministério da Agricultura, no ano de 1983 a taxa de prevalência da hidatidose foi de 35,2 por cento para bovinos e de 26,1 por cento para a espécie ovina. Estes valores são os mais altos do Brasil e significam também uma das mais altas taxas de todos os países criadores do mundo.

Na área assinalada no mapa, está concentrado grande parte do efetivo bovino e ovino do estado.

TABELA 1 — DEMONSTRATIVO DA SITUAÇÃO DA HIDATIDOSE NOS ANIMAIS ABATIDOS EM ESTABELECIMENTOS SOB INSPEÇÃO FEDERAL NO ESTADO DO RS.



Prejuízos de Cr\$ 2 bilhões para a pecuária apenas no Rio Grande do Sul. Os dados nacionais são desconhecidos

Todos os municípios que integram esta área registram prevalência de hidatidose bovina superior a 30 por cento. Este é um valor alto e que, por analogia com outros países, permite dizer que a hidatidose, além de representar importante papel econômico, representa sério problema de saúde pública.

Nas Tabelas 1 e 2, se observa, especialmente em relação aos bovinos, a evolução crescente do problema, atingindo-se, na década de 80, índices nunca inferiores a 30 por cento de hidatidose bovina.

Em relação à espécie ovina, os índices são mais ou menos estáveis há alguns anos, o que, sob o ponto de vista epidemiológico, demonstra ser a espécie ovina potencialmente mais importante, pelo menos no Rio Grande do Sul.

A hidatidose e a sua problemática precisam ser analisadas em função dos prejuízos que determina, sob dois aspectos: problemas de saúde pública e prejuízos de ordem econômica.

Em relação ao primeiro aspecto, que é, talvez, o mais importante e visível, reveste-se de importância pela característica de ser uma doença que causa sérios transtornos de ordem física, pode determinar a morte do doente e que tem na cirurgia a única terapia apropriada e eficaz.

No que diz respeito à parte econômica, é importante referir que a hidatidose representa um sério prejuízo à pecuária do Rio Grande do Sul, sendo que as perdas referidas são altas, a cada ano. Em

1983, estas perdas foram estimadas em Cr\$ 1.069.000.000 (um bilhão e sessenta e nove milhões de cruzeiros). Fonte: DFA/MA.

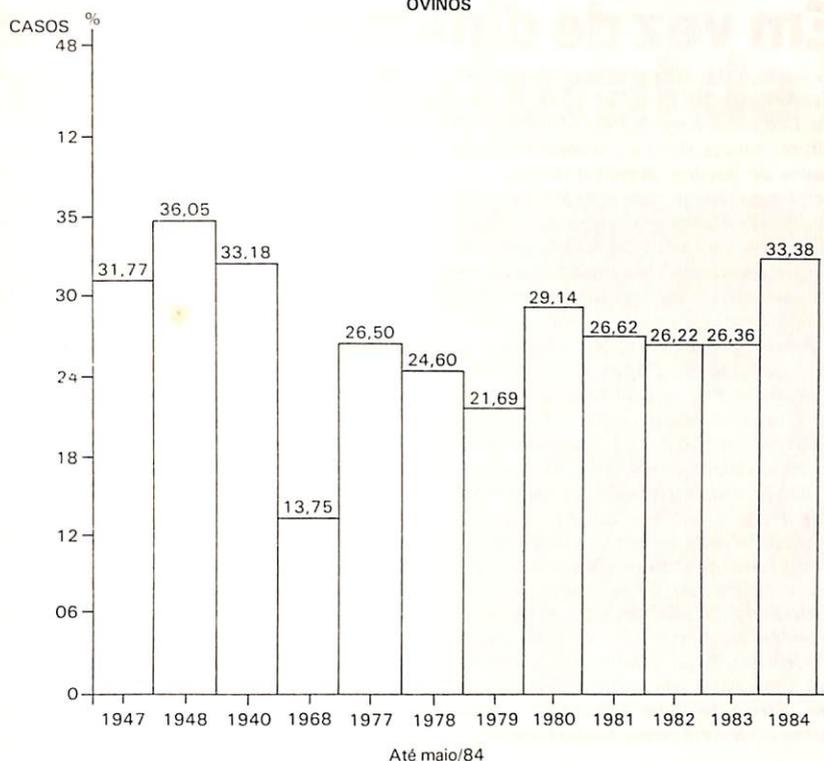
Se considerarmos ser este valor apenas a perda líquida obtida através de cálculo, onde se computa tão-somente os fígados condenados e sabendo-se que é necessário para a obtenção da perda real a inclusão, neste cálculo, de itens como condenação de outros órgãos, condenação de outras espécies animais, gastos adicionais para transformação das vísceras, mão-de-obra, energia, água, gastos de tratamentos de pacientes humanos, cirurgias, previdência social, diminuição da produção dos animais doentes, vemos que o valor é bem superior ao da perda líquida, o que, de fato, é preocupante.

A doença — A hidatidose é uma doença parasitária grave, causada pela fase cística do *Eschinococcus granulosus* (uma taenia), que se caracteriza pela formação de vesículas, repletas de conteúdo líquido em diversos órgãos dos mamíferos domésticos e do homem. Os órgãos de preferência são o fígado e o pulmão.

O ciclo de vida se caracteriza por ser a fase cística ou larval aquela que tem característica patogênica, já que o adulto, *E. granulosus* (uma taenia do cão), vive sem causar maiores danos no intestino delgado destes animais. Em infestações muito altas, pode determinar enterites e algumas vezes pequenas hemorragias nos cães infectados.

TABELA 2 — DEMONSTRATIVO DA SITUAÇÃO DA HIDATIDOSE NOS ANIMAIS ABATIDOS EM ESTABELECIMENTOS SOB INSPEÇÃO FEDERAL NO ESTADO DO RS

OVINOS



Fonte: DFA/MA

Até maio/84

A incidência da doença em ovinos nos últimos 38 anos mantém-se estável, e é mesmo inferior ao nível de 1948

O ciclo cão-ovino é o de maior importância epidemiológica em todas as partes do mundo, onde a doença ocorre e tem como explicação dois fatores importantes e que são os seguintes:

- O abate “para consumo” a nível de fazenda é muito maior na espécie ovina do que na bovina;
- As vesículas dos ovinos (cistos) são férteis em 92,5 por cento, ao passo que apenas 10 por cento dos cistos bovinos são férteis.

Isto origina o termo designativo de “Terras Clássicas de Hidatidose”, que significa a identificação de áreas, no mundo inteiro, onde há criação de ovinos, que são, via de regra, manejados com o auxílio de cães pastores, como ocorre no Rio Grande do Sul.

Mecanismo de infecção — A taenia adulta vive no intestino delgado dos cães infectados.

Quando atinge a maturidade sexual, o segmento grávido se torna livre e se desintegra, liberando os ovos, que se assemelham muito aos ovos de outras taenias.

Estes ovos, ingeridos pelos hospedeiros intermediários, chegam ao intestino, onde o revestimento do ovo (quitina) é digerido, deixando livres os embriões, o que é feito através de sucos digestivos da bile do homem, bovino, ovino e suíno. Quando o contato é feito com a bile do cão ou gato, não há muda ou é muito precária, residindo aí a razão da imunidade relativa destes animais.

O embrião transita, indo com mais frequência ao lóbulo hepático.

Quando se localiza, o embrião se transforma em larva hidática. Para que o ciclo se complete é necessário que a hidátide seja ingerida pelo hospede-

O BANCO QUE NÃO REFUGA SERVIÇO, TCHÊ.

BANRISUL - PROJETO RS

Quem tem conta no Banrisul está com tudo isso e não está prosa:

CONTA FAMILIAR:

até o valor de 50% dos seus vencimentos.

CHEQUE EXPRESSO CARTÃO VERDE-AMARELO:

garantido e descontável em mais de 3.000 agências dos Bancos Estaduais em todo o País.

COBRANÇA DE TÍTULOS COM CORREÇÃO MONETÁRIA:

com base nos índices de correções das ORTNs e UPCs. Mais uma vantagem Banrisul.

SISTEMA DE ACESSO A INFORMAÇÕES VIA TELEX:

contatos imediatos com o computador do Banrisul, via telex. Receba diariamente a posição de sua carteira de títulos e de sua conta corrente. Informações detalhadas.

DEPÓSITO VERDE-AMARELO GARANTIDO:

garante o depósito de qualquer Cheque Especial, saçado contra Bancos Estaduais Comerciais, dentro do Sistema ASBACE de Depósitos Garantidos. Inclusive Cheques Superiores a Cr\$ 50.000.

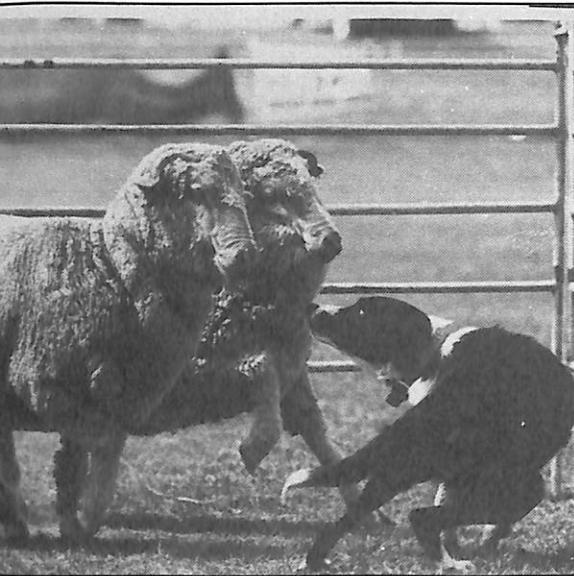
POUPANÇA ESPECIAL BANRISUL:

RDB e CDB com rendimento pré e pós-fixado, com pagamento mensal, trimestral ou no final do prazo. Letras de Câmbio. Open. Over e Ações.

E mais uma série de produtos e serviços a seu dispor. Fale com o Gerente de sua agência e use o seu Banco.

banrisul

BANCO DO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL S. A.  GOVERNO JAIR SOARES



Ovelhas e cães, um convívio perigoso

de definitivo, o que se viabiliza permitindo que os cães sejam alimentados com vísceras cruas contaminadas de animais abatidos, sejam ovinos ou bovinos.

Período de transmissibilidade — Não se transmite diretamente de indivíduo a indivíduo, nem de hospedeiro intermediário a outro. O cão começa a eliminar ovos de parasita cerca de seis semanas depois da infecção e deixa de eliminá-los dentro de oito a 12 meses, aproximadamente, se não houver reinfecção.

Profilaxia — No controle da hidatidose e na preocupação com a diminuição dos problemas por ela determinados, a profilaxia da doença é o ponto que possibilita ações mais imediatas. A profilaxia pode ser sintetizada da seguinte forma:

1. Controle da matança dos herbívoros, evitando que se forneçam vísceras cruas aos cães. Estas vísceras cortadas em pedaços e fervidas, por meia hora, podem ser fornecidas aos cães. O uso de carneadouras sanitárias (veja ilustração com modelo) é aconselhável para este fim.

2. Educação sanitária das populações rurais, com informações específicas sobre hidatidose,

evitando-se o excesso de cães nas propriedades.

3. Tratamento antelmíntico, periódico, dos cães. Este tratamento, preferencialmente, deve ser realizado de acordo com esquemas sanitários oficiais e com orientação técnica, usando-se vermífugos específicos à base de praziquantel.

Conclusões — A situação da prevalência da hidatidose no Rio Grande do Sul mostra serem válidas

medidas no objetivo da diminuição dos problemas de saúde pública e dos grandes prejuízos econômicos que a doença tem determinado.

A falta de informação sobre as características da doença por parte de muitos criadores, aliada a escassas condições de higiene de muitas propriedades, faz com que a hidatidose progrida no Rio Grande do Sul, como vem ocorrendo. □

Em vez de diminuir, aumenta

O prejuízo com a hidatidose no Rio Grande do Sul em 84 foi superior a Cr\$ 2 bilhões, conforme a Delegacia Regional do Ministério da Agricultura, que registrou a condenação de 255 mil fígados de bovinos devido a doença. Um exame no levantamento feito pelo Instituto Sul-Riograndense de Carnes demonstra que a hidatidose foi a doença de maior incidência em gado bovino e ovino durante o ano passado e a segunda doença em suínos, embora somente neste tipo de criação ela esteja se retraindo. Uma verificação no levantamento de doenças detectadas pela inspeção federal, elaborada pelo setor de estatística da Delegacia Regional do Ministério, apresenta um quadro alarmante, sobretudo devido a progressão da doença. Em 28 municípios gaúchos, a incidência de hidatidose em bovinos abatidos no ano passado foi superior a 30 por cento. Na cidade de Rio Grande, o índice chegou a 95 por cento dos bovinos encaminhados ao abate. Em Santa Vitória do Palmar, 79 por cento, em Jaguarão e em Piratini, 74 por cento e em Pinheiro Machado, 73 por cento. Também apresentam índices superiores a 60 por cento Bagé, Barra do Ribeiro, Erval, Pedro Osório, Pelotas e Quaraí. Em ovinos, a incidência maior foi em Alegrete, Arroio Grande, Esmeralda, Jaguarão, Lavras do Sul e Santana do Livramento.

De acordo com a veterinária Leonor Tupin, da Delegacia do Ministério da Agricultura, a hidatidose é uma doença tipicamente gaúcha, devido ao hábito de dar vísceras cruas de animais abatidos, principalmente ovinos, aos cães que ajudam no trabalho do campo.

O primeiro registro de hidatidose data de

1937, sendo que de lá até hoje 400 cirurgias tiveram que ser feitas em pessoas por causa da doença. Um momento de expansão da hidatidose foi em 1978, quando atingiu 25 por cento do gado bovino abatido. De lá para cá, a incidência cresceu, atingindo 36 por cento dos abates em 83, pois, de 1.063.000 bovinos abatidos, 266 mil estavam com hidatidose.

Ainda de acordo com a veterinária Leonor Tupin, existe um programa de controle à hidatidose mantido através de convênio entre os órgãos públicos de Saúde e Educação, visando principalmente a educação sanitária dos jovens e crianças nas escolas. Também é feito um trabalho junto aos criadores pelos extensionistas da Emater/RS. Curiosamente, a hidatidose se retiraria em muito se os criadores cozinhassem as vísceras antes de dá-las aos cães, interrompendo assim o ciclo da evolução da doença. E o impressionante é que, apenas diante da falta deste hábito, os criadores gaúchos vêm tendo grandes prejuízos. Inclusive, há uma equação muito simples para calcular as perdas econômicas por hidatidose:

$$p = (TF \times pm) pf$$

p = perda econômica

TF = total de fígados condenados

pm = peso médio dos fígados

pf = preço médio dos fígados

Assim, baseando-se na incidência e preço de 1983, verificaríamos que a perda econômica por hidatidose foi ordem de Cr\$ 1.069.080.600:

$$p = (254.543 \times 4) 1.050 - 1.069.080.600$$

A hidatidose continuou se expandindo, e, de Cr\$ 1.069 bilhão, o prejuízo cresceu para Cr\$ 2 bilhões.

O JEITINHO BRASILEIRO DE VOCÊ OBTER MAIORES LUCROS-TORNO ND 325 CE.

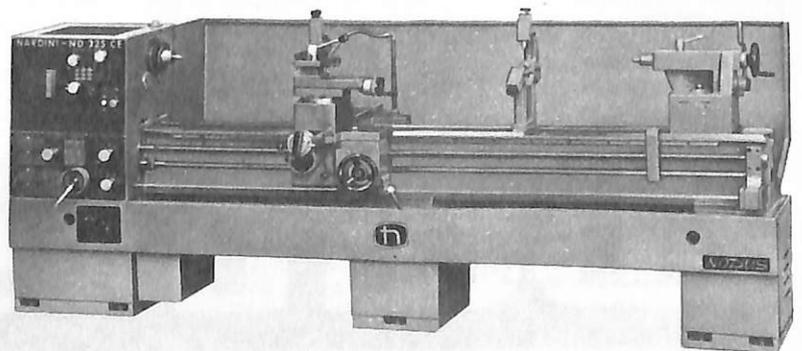
Você já pensou no lucro e tempo perdido cada vez que quebra uma peça do seu arado, trator, ou qualquer outro de seus equipamentos agrícolas? Prejuízo para o seu bolso, tempo gasto para consertar ou comprar peça na cidade mais próxima (que nem sempre fica próxima).

— Agora, porém, a Nardini coloca à sua disposição um Torno versátil, de baixo custo e fácil manuseio, ideal para reduzir seus custos de manutenção. Com ele você refaz as peças quebradas e não perde mais tempo. Nem dinheiro.



NARDINI

Av. Francisco Matarazzo, 999 - CEP: 05001 - S. PAULO - SP
Tel. (011) 864-5333 ou DISQUE
DDD GRATUITO (011) 800-8970 Telex: (011) 23007 INNA BR



Controle natural da lagarta

Com o lançamento oficial da campanha de aplicação do Baculovirus, o governo assume o controle biológico da principal praga da sojicultura.



A própria lagarta serve para sua destruição

Vinte mil doses do *Baculovirus anticarsia*, um vírus que infecta e mata a lagarta da soja, foram distribuídas entre produtores gaúchos pela Emater/RS no início deste mês, marcando o lançamento oficial da campanha do *Baculovirus*, que teve a participação do ministro da Agricultura, Nestor Jost, e do governador Jair Soares, em solenidade realizada no Palácio Piratini. Embora o número reduzido de doses — a previsão inicial era de 50 mil e cada dose corresponde à aplicação em um hectare —, a introdução do *Baculovirus anticarsia* no combate à lagarta se constitui num ato revolucionário, na medida em que seu uso evita a aplicação de inseticidas químicos nas lavouras.

A obtenção do *Baculovirus* é curiosa. De acordo com a Emater/RS, algumas lagartas que estão nas lavouras de soja adoecem, ficam amareladas e moles, deixam de comer e terminam morrendo. Estes são os sintomas de que aquelas lagartas contraíram o *Baculovirus anticarsia* e são justamente elas que são recolhidas para serem maceradas e dissolvidas em água, formando então um caldo leitoso. Coado o caldo, obtém-se o "suco" da lagarta infectada pelo vírus, que se constitui no inseticida natural.

O suco de uma dose corresponde a 50 lagartas grandes, cerca de 15 gramas, dissolvidas em 200 litros d'água, e serve para a pulverização de um hectare cultivado com soja. Os técnicos recomendam que o agricultor deve guardar as lagartas infectadas pelo *Baculovirus* em pequenos recipientes no congelador do refrigerador para que possam ser utilizadas em lavouras de safras posteriores.

Como cada uma das doses distribuídas este ano deverá se multiplicar em outras vinte novas doses, os técnicos da Emater/RS esperam atingir uma área de 400 mil hectares na próxima safra de soja, o que corresponderá, então, a uma economia de Cr\$ 6 bilhões, a custos de hoje, correspondente ao que seria gasto com inseticidas convencionais. Além da Emater/RS, participaram do projeto de

introdução do *Baculovirus* entidades como CNPSoja, CNPTrigo, Universidade de Pelotas, Ipagro (Instituto de Pesquisa Agropecuária), Fecotrigo e Cotrijui.

No Paraná — O emprego do controle natural através da pulverização do *Baculovirus anticarsia* teve uma inovação na presente safra, na região de Londrina. É que a Emater-PR resolveu envolver também as cooperativas, Associação dos Engenheiros Agrônomos e Técnicos Agrícolas e agricultores líderes. Em anos anteriores, o projeto — uma iniciativa inovadora no tratamento fitossanitário da soja — era executado apenas pela Emater-PR e Centro Nacional da Soja, da Embrapa, responsável pela geração dessa tecnologia.

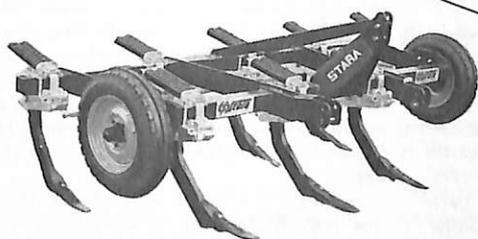
A estratégia visa concentrar a ação de assistência técnica e distribuição do *Baculovirus* junto a um número determinado de agricultores que durante todo o ciclo da cultura repassarão informações a seus colegas, atuando como elementos de multiplicação das vantagens do controle biológico.

A Emater-PR baseia-se na premissa de que o sojicultor, que receber assistência técnica assídua e confiável, adotará o manejo sem relutância, pois já se comprovou em três anos de experiência que, quando a técnica é seguida regularmente, o número de aplicações de defensivos químicos é reduzido em mais de 50 por cento. Há agricultores que, fazendo o manejo rigorosamente, reduziram seus custos de produção em mais de 80 por cento; outros não fizeram nenhuma aplicação, dispensando por completo o uso de defensivos químicos.

Na opinião dos técnicos encarregados da transferência desta tecnologia ao agricultor, os recursos necessários para execução do programa manejo integrado de pragas da soja poderiam ser obtidos com a redução dos custos de produção face à racionalização dos inseticidas. □

LANÇAMENTOS STARA 84

ARADO SUBSOLADOR
ESCARIFICADOR AUTOMÁTICO



CARRETA CAÇAMBA GRANELEIRA
HIDRÁULICA - CGH-5000



STARA S.A.
Indústria de Implementos Agrícolas

Av. Stara, 500 - Fones: 822, 823, 824
Caixa Postal 53 - End. Telegráfico STARA
CEP 99470 - NÃO ME TOQUE - RS

Rua Quintino Bocaiuva, 454
Fone (057) 421-4759
CEP 79800 - DOURADOS - MS

Deu Marimon, fácil

Vencedor quer "um estudo profundo e criterioso" sobre política fundiária.

Com uma diferença superior ao dobro dos votos de seu oponente, o ruralista Ary Faria Marimon foi indicado para dirigir a Farsul — Federação da Agricultura do Rio Grande do Sul nos próximos três anos, gestão que deverá iniciar com a posse em 20 de março. O resultado, anunciado pelo delegado regional do Trabalho, Luiz Alberto Macedo, foi de 70 votos para Marimon e somente 26 para Geraldo Pereira de Souza, não registrando nenhum voto em branco ou nulo e somente uma abstenção, do Sindicato Rural de Cacequi, cujo delegado não compareceu. A vitória não chegou a surpreender, pois desde o início da campanha eleitoral Marimon relacionava grande número de sindicatos que o apoiavam e que se constituíam em maioria absoluta entre os 97 votos. O que surpreendeu foi a grande diferença, pois o próprio candidato derrotado reconheceu, logo depois da contagem de votos, que esperava uma diferença de "no máximo três ou quatro votos".

Clima — Quando as portas da sede da Farsul foram abertas, um prédio moderno junto à Avenida Primeira Perimetral, em Porto Alegre, às nove horas de 21 de janeiro, somente o delegado do Sindicato Rural de Lavras do Sul aguardava para entrar. Mas, em poucos minutos, dezenas de delegados encheram o saguão da entidade, formando uma animada fila para votar. Entre eles, os dois candidatos e o presidente da Farsul, o deputado federal pelo PDS Balthazar de Bem e Canto, que procurava conversar com cada um dos delegados.

Orlandi Teixeira da Costa, de Lavras e o primeiro a votar, saiu admitindo ter votado no candidato da oposição porque esta tinha sido a decisão da maioria dos companheiros de seu sindicato, e todos entendiam que um delegado não vota pela sua preferência pessoal, mas, como sua própria designação indica, lhe é delegada a condição de votar em nome dos colegas. Na verdade, isto nem sempre aconteceu, pois antes mesmo da contagem dos votos, Geraldo Pereira de Souza denunciava a ocorrência de casos como do Sindicato Rural de Itaquí, onde a maioria dos associados preferia a chapa da oposição e o delegado votou na da situação.

Outra denúncia do candidato da oposição foi de que a entidade serviu para fins políticos partidários e, embora não citasse nominalmente o atual presidente Balthazar de Bem e Canto, que acumula a presidência da Farsul com o cargo de deputado federal, prometeu que se fosse eleito procuraria fortalecer politicamente a entidade, isentando-a de ligações partidárias e mantendo um bom relacionamento "com todos os partidos". Também ainda pela manhã, Ary Marimon negou a prática de política partidária dentro da Farsul, salientando que ali sempre foi praticada uma "política classista". No entanto, citando o regime democrático que temos, Marimon acrescentou que todos nós devemos participar da política partidária, pois entende que é muito incômodo "ficar em cima do muro".

— A classe rural — prosseguiu Marimon — tem seus representantes participando das mais diversas correntes ideológicas e seria desonesto alguém dizer que não tem preferência partidária. O que



Resultado confirmou favoritismo do candidato da situação

ocorre é que política se faz no partido, e aqui na entidade se faz política classista.

Embora resultante de uma luta bastante disputada, a eleição se desenvolveu num clima muito tranquilo, amigável até, permitindo algumas brincadeiras como de um eleitor que lembrou sua condição de delegado num "colégio eleitoral" e que, portanto, seu voto valia alguns milhões...

Ao meio-dia, 79 dos 97 delegados já haviam votado e, embora surgissem versões de que se todos votassem cedo a urna seria aberta antes das 16 horas, a legislação que rege os sindicatos exige o cumprimento do horário preestabelecido.

Derrota — Inconformado e surpreso a ponto de ruborizar-se, Geraldo Pereira de Souza cumprimentou Marimon logo que ouviu o resultado. Também foi muito cumprimentado na medida em que se retirou do auditório e respondia com afirmações curtas como "um ganha e outro perde", "agora, vamos fiscalizar", "foi a classe rural que perdeu". Ainda surpreso com a grande diferença de votos, Geraldo concedeu uma rápida entrevista na qual afirmou que o resultado refletia a vontade da classe rural gaúcha, que "é muito conservadora e tem medo de qualquer mudança". Reconheceu que o resultado cria "um descompasso" entre a nova presidência da Farsul e Tancredo Neves e, depois de anunciar que continuará lutando pela classe, admitiu que poderá voltar a se candidatar ao cargo em 1988 (leia seção Porteira Aberta).

Continuidade — Vice-presidente na atual gestão, Ary Marimon se constituirá numa continuidade da atuação da entidade rural nos últimos tempos (leia Ponto de Vista, na última página).

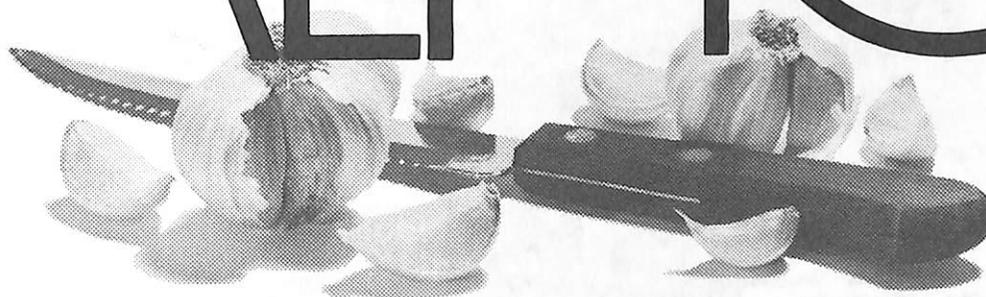
Em sua primeira entrevista após eleito, defendeu como meta prioritária lutar para resolver o que classificou de "sério problema", que é a questão dos financiamentos bancários. Além disso, repetiu a necessidade de o governo estabelecer uma política agrícola de ao menos médio prazo, "sem improvisos" e de forma a restabelecer a credibilidade e a confiança do produtor rural.

Marimon também defendeu a volta de alguma forma de subsídio à produção primária e alertou que, apesar da grita que existe pela preservação do meio ambiente, aos custos atuais de produção é inviável atender estas reclamações, e a tendência é desertificação, embora os produtores tenham consciência de que o solo "é um patrimônio da nação".

Sob a necessidade de uma mudança fundiária referida pelo próprio presidente eleito Tancredo Neves, que preconizou a aplicação efetiva do Estatuto da Terra, o presidente eleito da Farsul disse que é preciso fazer um estudo sério, profundo e criterioso sobre a situação fundiária do país e que as atitudes que venham a ser tomadas não considerem apenas a questão da terra, mas um conjunto no qual se inserem também diferenças regionais, "que são tão diferentes e precisam ser consideradas".

— Um estudo sério — enfatizou Marimon — que examine também as verdadeiras causas do êxodo rural e o inchamento das cidades. Que verifique o desespero dos agricultores que se deslocam por falta de escola, de assistência médica, de previdência. E, depois deste estudo, se parta, então, para uma solução efetiva.

ALHO POR ALHO.



DENTE POR DENTE.

Os catarinenses plantaram alho visando substituir a importação.

A partir daí, em apenas 6 anos Santa Catarina tornou-se o 2º maior produtor do país, responsável por 17% do total nacional.

Isto ainda é pouco. Recebendo o devido apoio, Santa Catarina tem potencial

para produzir até 50% do alho a ser consumido no Brasil.

Mas o Governo Federal está importando alho. Além de prejudicar toda a produção nacional, a importação nos custa preciosos dólares.

Por tudo isto, prefira o nosso alho. Você estará consumindo um produto superior e dando emprego a muitos brasileiros.

Como resposta, Santa Catarina compromete-se a produzir cada vez mais e melhor. Não coma alho alheio, coma o nosso. Alho por alho, dente por dente.

ASSOCIAÇÃO CATARINENSE DE PRODUTORES DE ALHO - ACAPA

COOPERATIVA REGIONAL AGROPECUÁRIA DO PLANALTO CATARINENSE LTDA.

APOIO:

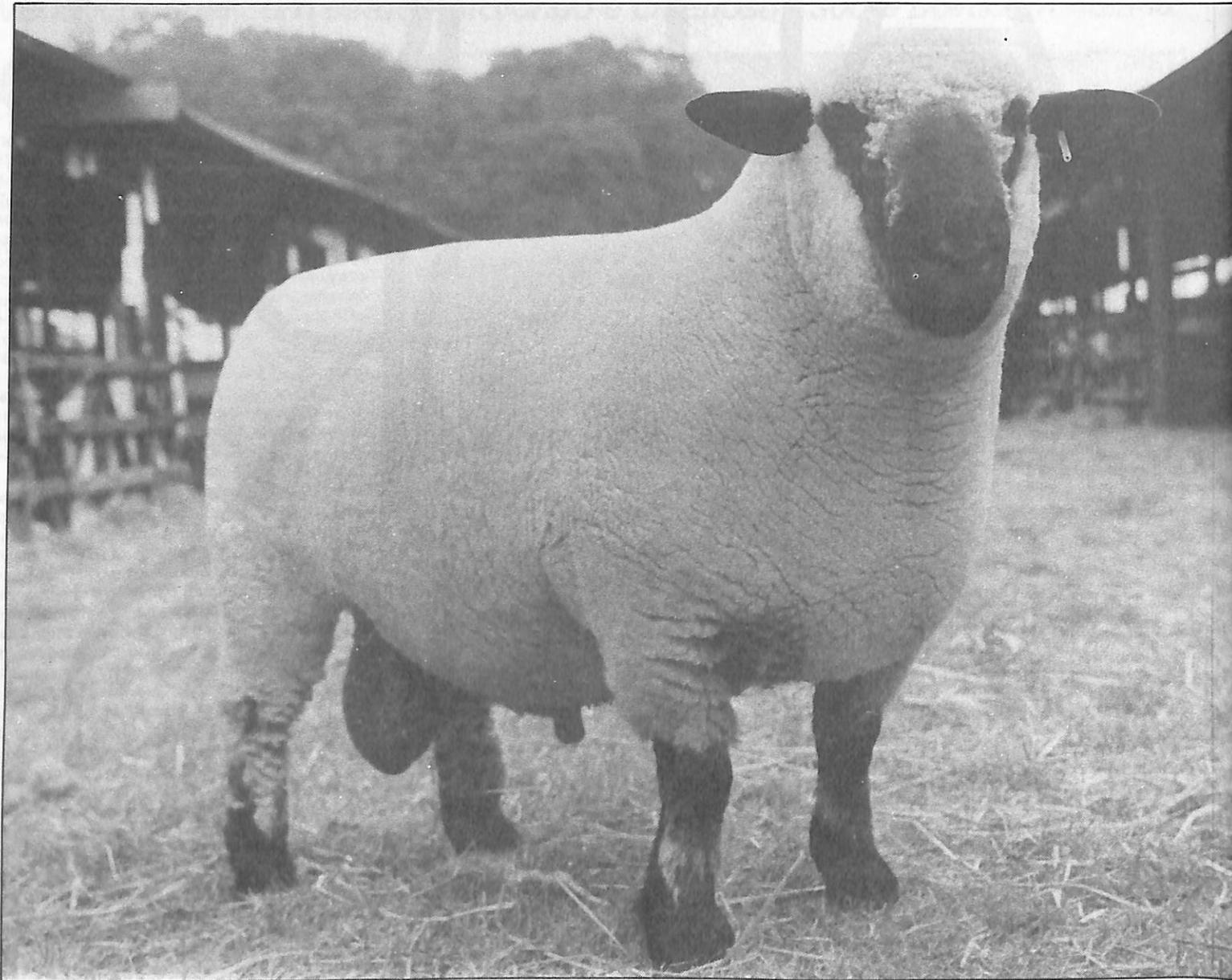


GOVERNO DO ESTADO

O MELHOR ALHO É O CATARINENSE. SIMPLEMENTE PORQUE É NOSSO.

□ OVINOS

Cuide da saúde



Medidor de UMIDADE

SASO 35
de bolso

Para
Sementes
Algodão
Cereais
Papelão
Rações
Cacau
Feno
Café

É ótimo também para
Bagaço de cana

BOMBA P/ POÇO

Em sítios
sem energia
elétrica

Mod.
ALLINOX-50

Você aproveita a bateria do automóvel, trator ou caminhão. Capacidade 600 L/Hora, até 30 m de profundidade. Portátil, você coloca e retira a bomba em 5 minutos! Baixo consumo (8 Amp.), na primeira saída com seu carro, a CARGA da bateria será COMPLETADA.

EQUIPADA COM: Motor de 12 V.
Flutuador, 35 m de mangueiras de 1 1/2"; Cabo para ligá-la à bateria.

Solução barata e prática para um problema comum.

Medidor de umidade.

Dole 400B

Para 9V e 110/220V



Para

- Cacau
- Café
- Cereais
- Feno
- Rações
- Sementes

Um carneiro sadio, como o Hampshire Down da foto, ajuda o criador a produzir bons cordeiros, além de cobrir maior número de ovelhas

ALLINOX INDÚSTRIA E COMÉRCIO LTDA. - RUA SERGIPE, 475 - HIGIENÓPOLIS
SÃO PAULO - SP - CEP 01243 - TELEX: (011) 24983 - FONE: 256-0855

de seus carneiros

A criação de ovinos não depende apenas de bons ventres, pois as ovelhas são muitas e os carneiros poucos. Veja os cuidados que você deve ter nesta época de encarneirar.

Os carneiros precisam receber prioridade do produtor por sua importância na produção de cordeiros e em função de seu reduzido número no rebanho. Deve haver cuidado especial antes do período de cobertura, pois qualquer problema de ordem sanitária (bicheira e manqueira, por exemplo) pode produzir esterilidade temporária ou reduzir a fertilidade do animal por até dois meses. Alguns produtores descuidam de seus carneiros durante nove ou dez meses ao ano e depois esperam que cumpram satisfatoriamente sua função no curto e esgotante período de acasalamento.

A falta de cuidado adequado faz com que os carneiros sejam responsáveis diretos por percentuais deficientes de parições. E não faz sentido cuidar e alimentar carneiros inférteis, ou correr o risco de disseminar doenças infecciosas no rebanho, por causa da utilização de reprodutores com problemas.

Segundo orientação da Embrapa — UEPAE, de Bagé, Rio Grande do Sul, um carneiro deve reunir os seguintes requisitos fundamentais para que possa cumprir com êxito sua função de reprodutor:

a) seus órgãos genitais devem ser capazes de produzir sêmen em quantidade e qualidade sufi-

cientemente para fecundar um grande número de fêmeas num período reduzido;

b) deve ter boa "libido" ou atividade sexual, para procurar ovelhas em cio;

c) deve ter "habilidade" para montar e cobrir satisfatoriamente as ovelhas em cio (capacidade de serviço) e

d) deve estar em bom estado físico para "resistir" ao trabalho durante todo o período de acasalamento.

Já um bom manejo dos carneiros antes do acasalamento deve considerar os seguintes aspectos:

Exame de fertilidade e controle sanitário — Os carneiros devem cumprir seu trabalho, que é o de "fecundar" as ovelhas. A maioria dos produtores seleciona ou compra carneiros com base nas características de lâ, tipo, conformação e outros caracteres visuais, mas não prestam maior atenção aos aspectos de fertilidade. A inspeção dos carneiros para verificar sua condição reprodutiva e sanitária deve se constituir num fato prioritário antes de sua seleção, aquisição ou utilização.

Os carneiros devem ser examinados de seis a oito semanas antes de serem utilizados. Aqueles que apresentam características indesejáveis como prognatismo, alterações dos órgãos genitais, quarto grosso, etc. devem ser eliminados. A pal-

pação dos testículos para verificar tamanho, consistência e anormalidades como epididimite, hipoplasia, etc. constitui-se em fator fundamental na escolha dos carneiros a serem utilizados. Na palpação, os testículos devem ter consistência "firme" e mobilidade, sendo indesejáveis aqueles de consistência muito dura ou branda. Nesse momento, a assistência veterinária é importante para completar o exame com avaliação do sêmen.

Alterações nos órgãos genitais constituem-se em causas frequentes de infertilidade nos carneiros, podendo ser detectadas mediante palpação cuidadosa dos testículos. O problema mais comum é, sem dúvida, a inflamação do epididimo, geralmente por causa infecciosa, sendo a brucelose a principal doença infecciosa que afeta o epididimo e testículo dos carneiros. Através da monta, o carneiro infectado deposita sêmen contaminado na vagina da ovelha, a qual pode atuar como portadora passiva da doença, contaminando outros carneiros que a cobrem posteriormente. Os carneiros infectados devem, portanto, ser eliminados não só por terem problemas de fertilidade, mas também porque podem disseminar a doença no rebanho.

Altas infecções de parasitos internos ou externos influem na condição geral da saúde dos car-



Cuidado adequado elimina piolho, sarna e bicheiras

**MODERNA
FÁBRICA DE
RAÇÕES EM
PASSO
FUNDO - RS**

**VENDE-SE
ATUALMENTE
EM OPERAÇÃO**

Área total do terreno 2.800m²
Capacidade de carga 35t/h
Capacidade estocagem 2.000t

Preço e condições de venda serão informados pelos telefones de
Campinas -SP:
Escritório: (0192) 39.3186
Residência: (0192) 2.6952
com Sr. Claude Balestra



Vitamina A ajuda a fortificar o reprodutor em tempo de seca

neiros, afetando indiretamente a sua fertilidade. Considerando que o período de acasalamento dos ovinos no Rio Grande do Sul (verão-outono) coincide com alta incidência de verminose, recomenda-se a dosificação dos carneiros no mínimo entre seis a oito semanas antes do período de cobertura e repeti-la ao início do acasalamento.

Também ao redor de dois meses antes do período de cobertura, os carneiros devem ser examinados para detectar possíveis presenças de parasitos externos, como piolhos e sarna, os quais devem ser tratados com inseticidas organofosforados. Nunca banhá-los com produtos arsenicais nas oito semanas antes de seu uso, pois produz degeneração testicular.

A bicheira, "pietín", abscessos, feridas e ou-

tras infecções podem alterar a fertilidade de um carneiro através do aumento da temperatura corporal e testicular e da redução na sua atividade sexual ao procurar menos as ovelhas em cio. Devem-se examinar as patas para verificar possíveis problemas de manqueiras e aparar os cascos, se for necessário, para evitar aquelas de origem mecânica. Os carneiros tratados contra bicheiras, feridas infectadas, pietín e abscessos devem ser usados com precaução, considerando que estas afecções podem ocasionar degeneração testicular com alteração da produção de sêmen em até dois meses.

Alimentação — A condição corporal dos carneiros no momento do acasalamento está intimamente relacionada com a sua performance reprodutiva. Como o carneiro deve procurar e cobrir repetidamente um grande número de ovelhas, ele necessita de boa reserva de energia e sêmen. Nas condições do Rio Grande do Sul, a alimentação de carneiros antes e durante o período de acasalamento é baseada geralmente em pastos naturais, os quais não suprem satisfatoriamente sua função. Além disso, o tempo para se alimentar será restringido durante seu "trabalho". Portanto, é recomendável que recebam uma boa alimentação durante as seis ou oito semanas que antecedem o encarneamento. Uma suplementação alimentar, tanto energética como protéica, mantendo os animais em boas condições físicas, contribui para melhorar consideravelmente sua atividade sexual e a produção de sêmen. A suplementação dos carneiros não deve ser um problema sério em nenhuma fazenda, pelo fato de ser um número de animais proporcionalmente reduzido. No caso de não haver uma área de pastagem melhorada (ex.: milheto, pangola), o feno de alfafa de boa qualidade constitui-se num bom suplemento na quantidade de 2kg por animal/dia ou uma suplementação à base de 1kg/aveia/dia. Deve-se assegurar que os carneiros estejam em bom estado, mas sem ficar excessivamente gordos. Em períodos de seca, ou quando os carneiros recebem pasto verde, é recomendável administrar-lhes uma dose de um milhão de unidades de vitamina A, seis a oito semanas antes do acasalamento, repetindo-a no início do encarneamento, se as condições de seca persistirem.

Tosquia — O excesso de lã tende a reduzir a atividade sexual dos carneiros durante o acasalamento, principalmente naqueles demasiadamente gordos. Por outro lado, a acumulação de "sujieiras" ou matérias vegetais ao redor do prepúcio pode ocasionar irritação que também afeta a atividade sexual. Uma prática recomendável é tosquiar os carneiros uns dois meses antes do período de cobertura. Isto permite que os animais tenham tempo para se recuperar de qualquer efeito adverso da tosquia, como por exemplo as feridas, e a quantidade de lã será adequada para manter bom

isolamento em dias quentes. A prática de tosar os carneiros alguns dias antes de seu uso não é recomendável, devido ao fato dos animais recém-tosquiados serem suscetíveis a experimentar "stress" e desidratação em dias muito quentes, especialmente com temperaturas acima de 32°C.

A tosquia dos carneiros duas vezes por ano pode apresentar vantagens em muitas propriedades, considerando que o número de animais é reduzido, que diminui a incidência de bicheiras e que uma adequada fertilidade é mantida.

Potreiro de manutenção — Os carneiros não devem ficar num potreiro de difícil acesso ou ignorados até o momento do acasalamento ou tosquia. Devem ser mantidos perto da sede central ou num potreiro usado freqüentemente por ou para outras atividades. Isto apresenta várias vantagens, sendo uma delas a de detectar rapidamente a ausência de algum carneiro e, no caso de mortalidade, prevenir possíveis perdas de outros reprodutores. Boas cercas evitam "parições não desejadas". Os potreiros devem ter suficiente sombra e água durante o período de calor, pois o aumento da temperatura reduz a proporção de espermatozóides normais e férteis no sêmen. Os carneiros jovens devem ser mantidos em potreiros separados até após seu primeiro período de cobertura. Esta precaução permite que eles recebam a melhor alimentação disponível, necessária por se tratarem de animais em crescimento, além de evitar que briguem com carneiros adultos, tenham menor risco de contato com enfermidades, como a brucelose, por exemplo, e possam ser melhor controlados.

Acasalamento — No início do período de acasalamento, o produtor deve ter bem definido os seguintes aspectos: a) número ou percentagem de carneiros a usar; b) número adequado de ovelhas a serem encarneadas por potreiro e c) tempo necessário de encarneamento.

Em continuação, analisaremos de forma sucinta cada um dos aspectos mencionados.

a) Não existe uma recomendação específica sobre o número ou percentagem de carneiros que possa ser aplicada em todas as propriedades, mas geralmente 2 a 3% é suficiente. O uso de mais carneiros significa aumentar o custo por cordeiro produzido, além de diminuir a pressão de seleção do rebanho. É melhor ter um reduzido número de carneiros de boa qualidade e boa performance reprodutiva do que muitos reprodutores de duvidosa qualidade, incluindo aqueles de baixa fertilidade.

b) O número ideal de ovelhas a serem encarneadas por potreiro dependerá da disponibilidade de potreiros e número de ovelhas de cria que possui cada produtor. Os potreiros pequenos são melhores que os grandes, pelo fato de evitarem a dispersão dos animais. A disponibilidade de pastos é provavelmente o principal fator que influencia o tamanho ideal do rebanho a ser encarneado por potreiro. Quando for suficiente a disponibilidade de pasto no potreiro, podem ser encarneados, de preferência, rebanhos em altas lotações.

c) A duração do encarneamento se reflete na extensão da parição. Encarneamentos prolongados, e, portanto, parições prolongadas, não são desejáveis do ponto de vista de manejo econômico. As parições concentradas têm a vantagem de produzir uma "cordeirada" mais uniforme e de reduzir o tempo gasto no controle, geralmente intensivo, que se faz durante a parição, além de facilitar o manejo das ovelhas de cria e das pastagens. Na prática, um período de seis a oito semanas é suficiente. No outono, quando a maior parte das ovelhas apresenta cio durante os primeiros 21 dias de encarneamento, aconselha-se um período de seis semanas, sendo que para a época de primavera ou verão, é preferível um período de oito semanas. □

FENO PARA SECA

Conheça a solução mais econômica no processo de enfardamento

Utilização com:

- Resteva
- Gramíneas
- Leguminosas
- E em especial Alfafa

Carregamento e Amarramento manual

Rendimento:

Manual - produz 100 fardos/dia de 10 quilos

Mecânica - produz 500 fardos/dia de 25 quilos

Solicite informações na Abil

Rua Albion, 563 - CEP 05077 -
Fones: 261.8391/95 - São Paulo - SP

Fé na terra.

A terra, o homem, a busca de uma maior produção, são metas prioritárias deste Governo.

A Secretaria da Agricultura tem participado da conquista de muitas dessas metas. Acreditando na capacidade do homem do campo. Introduzindo novas tecnologias que têm produzido resultados altamente positivos.

A Secretaria da Agricultura, que neste ano comemora 50 anos de bons serviços ao Rio Grande e ao país, acredita nesta terra, na tecnologia avançada e sobretudo no trabalho de assistência e apoio ao agricultor.

É uma questão de fé.



**Governo do Estado do
Rio Grande do Sul.
Secretaria da Agricultura.**

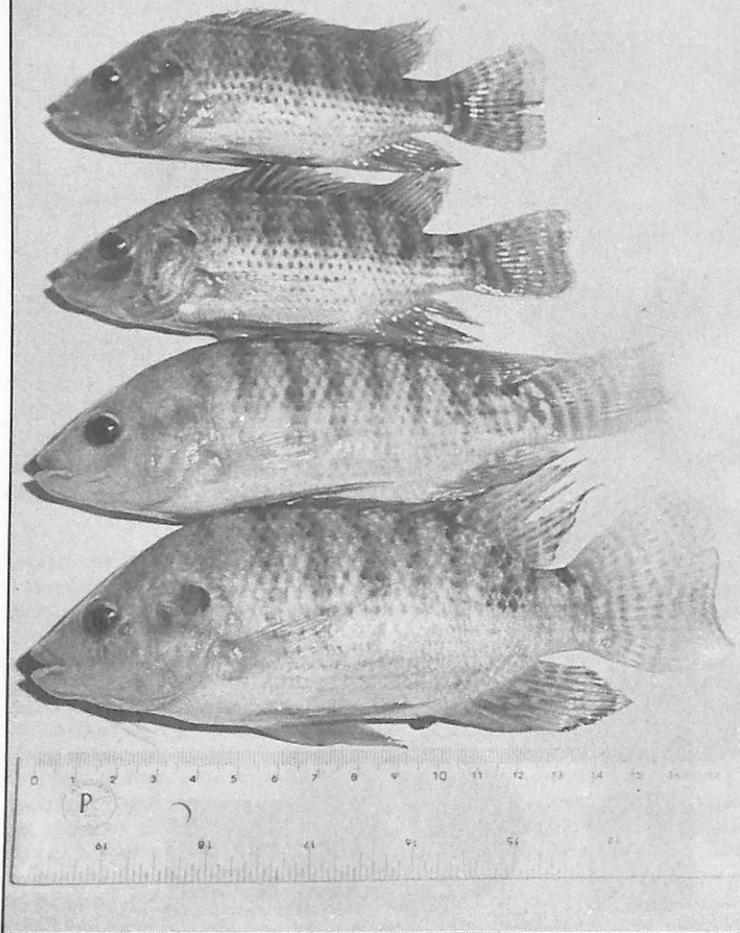


□ PEIXES

Segredo da tilápia está no predador

Hitoshi Nomura

A tilápia foi importada pela primeira vez em 1953, para substituir a carpa. Hoje existem diversas variedades.



Tilápia-do-nylo: primeiro lugar nos açudes do Nordeste

EMERGÊNCIA

**SUA EMPRESA PRECISA DE ASSISTÊNCIA?
NÃO ESPERE MAIS.**

- ★ Temos a melhor assistência médica para sua empresa.
- ★ Cuidamos de seu funcionário, preservando sua saúde para que ele tenha um bom rendimento em seu trabalho.

NÃO PENSE MAIS.

Faça um contato conosco.

A saúde de seu funcionário é a garantia do seu lucro.



SERVIMED

SERVIÇO DE ASSISTÊNCIA MÉDICA LTDA

Av. Independência, 944 - Fones: 27-2666 - 24-3400 - Porto Alegre - RS

Um baixo-relevo foi encontrado no Egito, no qual se pode notar a captura da tilápia-do-nylo, *Oreochromis niloticus*, num tanque artificial. Tal estrutura data de 2.500 anos A.C., sendo a mais antiga representação de uma criação de peixes. Modernamente, a criação de tilápias foi iniciada no Quênia, África, em 1924; depois foi a vez do então Congo Belga, em 1937, Zâmbia em 1942 e Rodésia em 1950.

Com a finalidade de encontrar um substituto para a carpa, *Cyprinus carpio*, Pedro de Azevedo, do Instituto de Pesca de São Paulo, resolveu importar a tilápia-do-congo, que na época se julgava tratar da *Tilapia melanopleura*, quando, na realidade, é a *Tilapia rendalli*. Foi introduzida no Brasil em 1953 e hoje se encontra disseminada em várias partes do país, mas, infelizmente, não é a espécie indicada para a piscicultura. Os pescadores, que antigamente estavam acostumados a fisgar lambaris e acarás nos lagos, só passaram, dessa época em diante, a capturar tilápias.

Essa tilápia vive bem a uma temperatura que varia de 18 a 28°C. Abaixo de 11°C ela morre. Já se adaptou desde pequenas altitudes até 1.300 metros. O lago Paranoá, de Brasília, que fica a 1.000 metros acima do nível do mar, está repleto delas.

No Espírito Santo, ela foi criada à temperatura média de 26°C e pH entre 6,8 e 7,0, tendo atingido 22cm e 254 gramas em 14 meses. Na Bahia, após vários anos de criação, foi capturado um exemplar de 2,6 quilos.

Em Ribeirão Preto, SP, em criação extensiva, chega a se reproduzir com 8cm de comprimento total. Tanto no Espírito Santo quanto no Rio de Janeiro, sua reprodução ocorre com 13-14cm de comprimento, quando está com sete meses de idade.

As tilápias desovam pelo menos quatro vezes ao ano. As fêmeas crescem menos em comprimento e peso do que os machos, sendo seu alimento usado para a elaboração de óvulos. Baseado nisso é que se recomenda somente a criação de machos.

Uréia Petrofértil. Mais carne, mais leite, mais lucro.

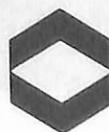


“Em outros tempos, com a falta de pasto bom, os animais sofriam demais. Agora eu estou usando Uréia Petrofértil na complementação da alimentação do meu gado leiteiro. O resultado está sendo excelente. Consegui manter a produção de leite gastando menos dinheiro. É muito mais econômico que qualquer outro método. Implantar o uso da Uréia Petrofértil foi o melhor negócio que já fiz na minha fazenda. E aconselho todos os produtores a fazerem a mesma coisa”.

ATENÇÃO:

Para utilizar a uréia de forma adequada, você precisa consultar um técnico.

Procure informações detalhadas com o extensionista da Emater, da Casa da Agricultura ou da sua Cooperativa.



PETROBRAS
FERTILIZANTES S.A. · PETROFÉRTIL

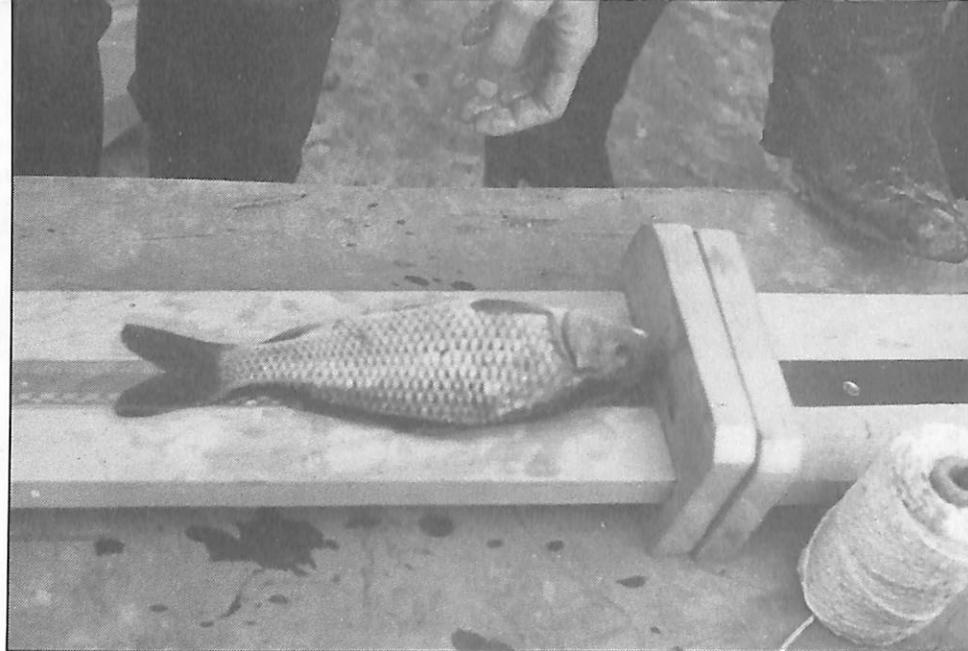
Em tanques adubados com esterco de curral ou com esterco mais superfosfato, a tilápia-do-congo aumenta bastante em peso. Alimentada com milho comum, milho opaco-2, soja desintegrada e torta de algodão, o melhor resultado foi alcançado com a última ração. Utilizando-se quatro tipos de forrageiras, o melhor índice de conversão foi conseguido com o rami, seguido do kudzu, soja e swanee-bermuda. Quando se usa estrume de suíno ou bovino, consegue-se melhor resultado com o primeiro.

Predadores — Todos que tiveram a infelicidade de povoar seus tanques, lagos e açudes com a tilápia-do-congo sabem que ela não cresce muito em monocultura. Um dos segredos consiste em criá-la com um peixe carnívoro, como o tucunaré, *Cichla ocellaris*, em clima quente, e o black-bass, *Micropterus salmoides*, em clima frio.

Verani & Marins (1983) verificaram que se consegue maior biomassa utilizando-se a proporção de seis ou nove tilápias-do-nylo para um tucunaré. Em Ribeirão Preto, Nomura *et al.* (1982) mostraram que a introdução de tucunaré melhorou o desempenho da tilápia-do-congo em cerca de 40 por cento no comprimento total e até 47 por cento no peso.

Em Itapina, ES, Moraes Filho criou essa tilápia colocando quatro exemplares por metro quadrado em consorciação com o tucunaré e o black-bass, usando um predador para cada 16 tilápias. A temperatura média da água foi de 26°C e pH 7, tendo obtido 9.680kg/ha/ano.

Fuad Alzuguir, na Estação Experimental de Pirassununga, SP, usou um black-bass para 20 tilápias, com temperatura variando de 12 a 32°C, ten-



Carpa: prolfica, mas substituída por causa da qualidade de sua carne

do obtido 8.350kg/ha/ano.

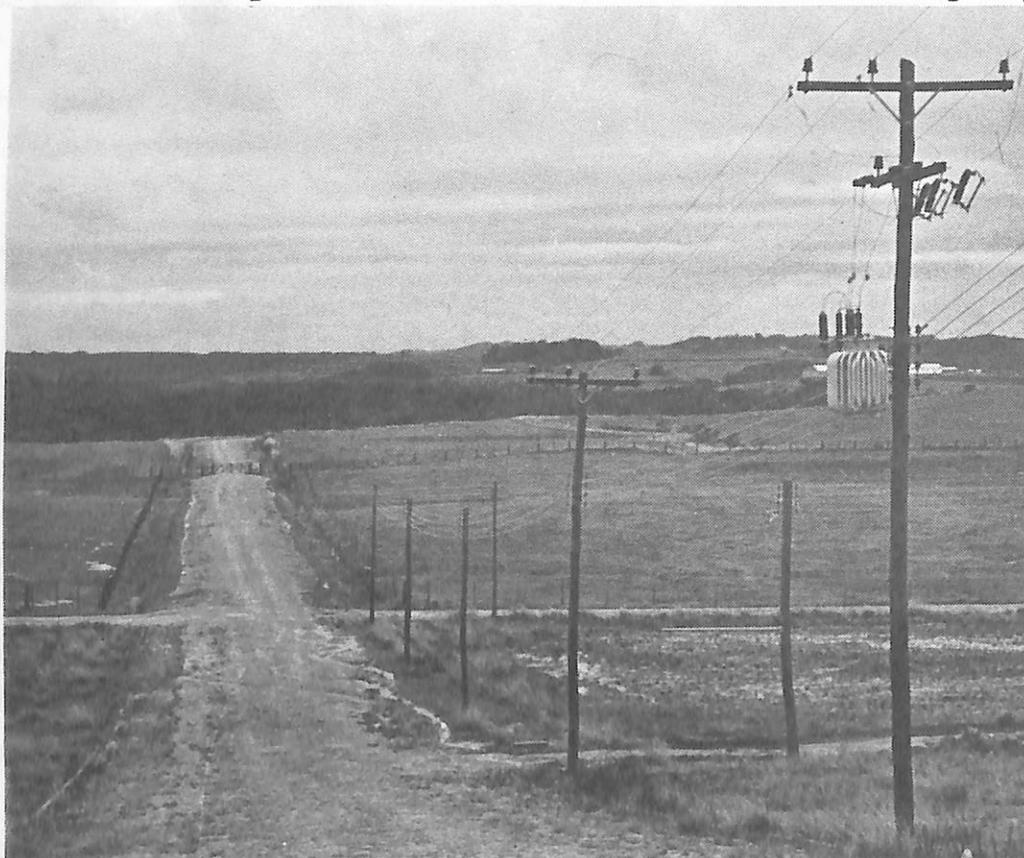
Mais tarde, novos conhecimentos sobre a biologia das tilápias vieram a lume. O mais interessante se refere à obtenção de híbridos, de crescimento mais rápido que os pais. O cruzamento do macho de *Oreochromis niloticus* com a fêmea de *O. macrochir* resultou em 75 por cento de machos e 25 por cento de fêmeas. O cruzamento da fêmea de *O. niloticus* com o macho de *O. hornorum* resultou em 100 por cento de machos híbridos. Por isso

é que essas duas espécies foram introduzidas nos açudes cearenses em 1971, e hoje também se encontram no Sul e Sudeste.

A criação de tilápia-do-nylo no Nordeste é intensa. Em 101 açudes controlados pelo DNOCS, registrou-se a captura total de 664 mil quilos de tilápia-do-congo em 1981 e de 5.815 mil quilos e 4.975.700 quilos de tilápia-do-nylo em 1981 e 1982, respectivamente.

Aumento de peso — Quando alimentada com

Mais do que nunca o homem do campo precisa de luz.



Quem trabalha na terra precisa de energia para produzir alimentos e outras riquezas.

A CEEE sabe disso muito bem. E tem trabalhado firme, levando energia elétrica aos mais distantes rincões gaúchos.

Tanto que hoje o Rio Grande do Sul é o Estado brasileiro campeão em eletrificação rural, com mais de 250 mil propriedades rurais com energia elétrica.

Imagine o que isso representa em economia de óleo diesel em motores, em surgimento de agroindústrias, em melhoria da qualidade de vida de milhares de pessoas.

Tudo isso porque a CEEE acredita que um Estado se constrói rico com força e energia.

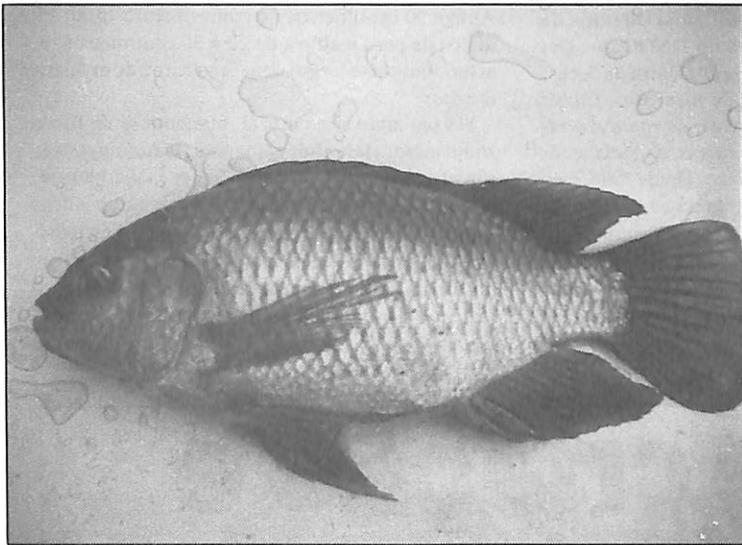


fezes de aves, essa tilápia mostrou aumento de peso bem significativo a partir de 84º dia.

Em ambiente estuarino, recebendo alimento natural, ela chegou a crescer 3,1g/dia. Com farinha de aves, cresce, em média, 1g/dia; com farelo de arroz, 0,66g/dia; com fermento de cervejaria mais farelo de arroz, 0,65g/dia; com torta de palmeira, 1,39g/dia; com polpa de cervejaria, 2,84g/dia.

Também a densidade afeta a produção: para 650 peixes, 1,57g/dia; para 1.300 peixes, 1,16g/dia; para 2.600 peixes, 0,78g/dia, utilizando-se 65,5, 131,0 e 262,0 quilos de farinha para aves, respectivamente. Com esterco de suínos, na África, os machos cresceram 1,3g/dia e, as fêmeas, 0,79g/dia.

Os híbridos, alimentados com farelo de arroz, apresentam crescimento de 1,26g/dia; com restos de produtos hortícolas e fertilizantes minerais, 1,5g/dia; com fertilizante orgânico, 0,6g/dia;



A tilápia-vermelha de Israel tem grande aceitação em vários países e possui uma vantagem em relação à tilápia comum: carne mais saborosa

com alimento vegetal, 0,7 a 0,9g/dia; com fezes de bovinos, 2,6g/dia.

Machos — A diferença de crescimento dos machos em relação às fêmeas dessa tilápia é bem acentuada, como mostrou J. C. Micha em 1973: em sete meses, as fêmeas chegam a pesar apenas 40g, enquanto que os machos atingem 125g, ou seja, mais de três vezes. É por essa razão que se prefere separar os machos e engordá-los. Essa separação é possível quando os alevinos pesam de 50 a 60g, observando-se os orifícios genitais: no macho nota-se o ânus e a uretra, enquanto que, na fêmea, além desses dois, há a saída do oviduto.

A grande vantagem de se engordar só machos é que a população não cresce em número de indivíduos, mas se apenas uma fêmea for introduzida ocorrerá a reprodução. No nosso meio, um elemento que pode participar na transferência de uma fêmea de um tanque para outro é o popular bem-te-vi, *Pitangus sulphuratus*, que tem o hábito de pegar tilápias de um lugar e largá-las em outro, o mesmo acontecendo com o martim-pescador.

No caso de criação, tanto de machos quanto de fêmeas de tilápia-do-nylo, também se faz uso de um predador. Na África, começaram a usar a espécie *Hemichromis fasciatus*, na proporção de 2 a 5 por cento. Essa espécie controla bem uma população de tilápias, mas, como atinge tamanho pequeno, tem pouco valor comercial. Por isso, passaram a utilizar jovens de *Lates niloticus*. Apenas três deles num viveiro de quatro ares são suficientes para controlar uma pequena população.

Tilápia-vermelha — Agora, a moda é criar a

Ponha uma Cabina Real na sua máquina e colha mais produtividade e lucro.



Com uma Cabina Real você veste a sua máquina e se protege, garantindo conforto e segurança para um bom trabalho, do plantio à colheita.

Sol, chuva, calor, vento, poeira e resíduos tóxicos você vence fácil, ganhando tempo e dinheiro.

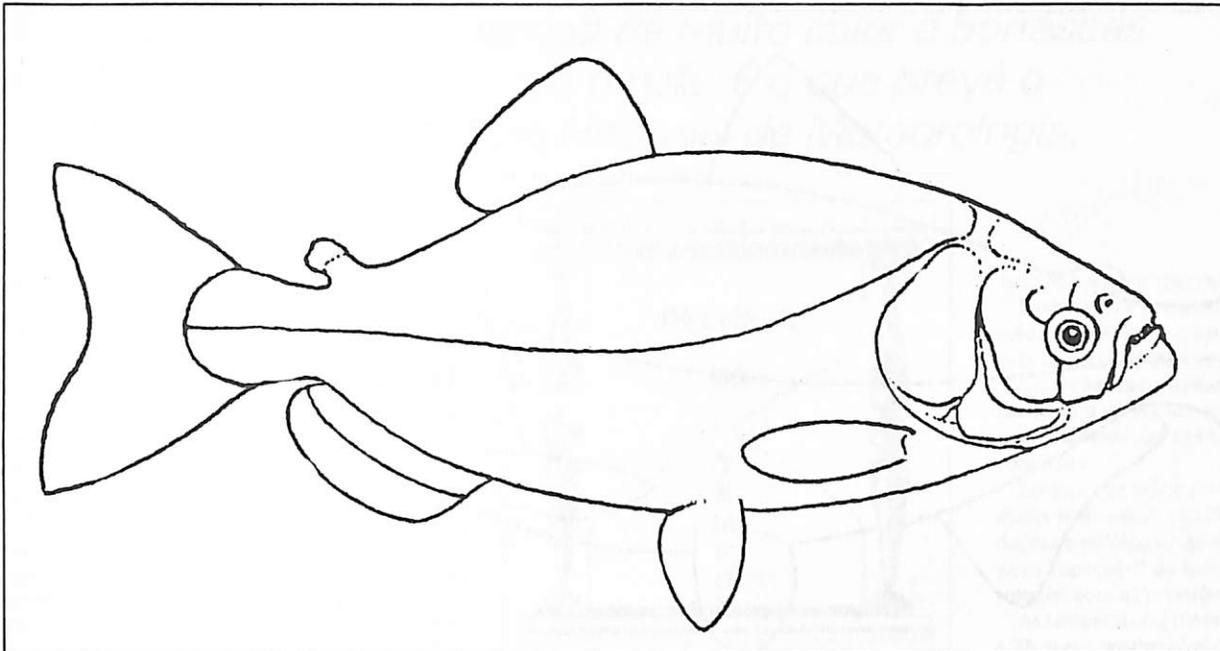
Converse com o seu revendedor e ponha uma Cabina Real na sua máquina. Ela vai dar tudo o que tem. E você vai ter tudo o que quer: produtividade, lucro e segurança.



Cabinas Real Ltda.

A proteção simples que vale ouro.

Rua Demétrio Ribeiro, 494 - Caixa Postal 341 - Fone (0512) 95-4490
Telex (051) 2936 - CEP 93300 NOVO HAMBURGO - RS



Tambaqui:
cinzento
ou escuro
no dorso e
esbranquiçado
no ventre

as sementes são eliminadas com as fezes e vão germinar em outros locais, garantindo a disseminação das plantas.

Captura — Goulding e Carvalho (1982) examinaram o conteúdo de tambaquis jovens. Verificaram que o estômago é elástico e pode ser distendido, principalmente quando se torna maior, para

alojar frutos e sementes.

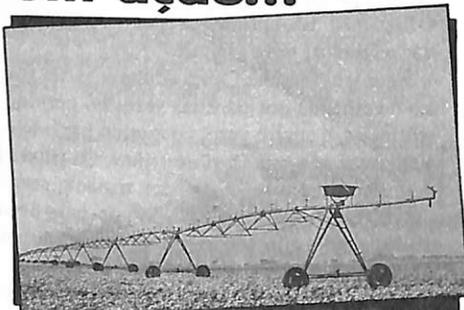
Os exemplares medindo de 13 a 51 centímetros de comprimento padrão, provenientes do Rio Solimões, durante a cheia (março a agosto), apresentaram 44 por cento de frutos e sementes, seguidos de 30 por cento de zooplâncton e 22 por cento de arroz selvagem. Durante o período da vazante (se-

tembro a fevereiro), foram capturados 125 exemplares, sendo que 17 apresentaram estômago vazio, enquanto que o restante tinha 70 por cento de zooplâncton e 10 por cento de outros itens, como algas filamentosas, camarões e moluscos.

O tambaqui é consumido fresco, seco ou moqueado. O caboclo amazônico o prepara da se-

Eis o pivot da história... aquele das safras lucrativas!!!

em ação...



não deixa rastros e distribui a água uniformemente. Suas pegadas só são conhecidas na época da colheita... **o lucro!** (produtividade: 3 a 4 vezes mais do que a média nacional).

de perto... de cima...



é forte e robusto, trabalha anos a fio sem descansar, detesta desperdícios, principalmente de água e energia elétrica, e não tira férias... Nas áreas onde há somente uma safra anual, ele garante de 2 a 3 safras (seu custo anual por hectare baixo, o da terra também),



poucos o conhecem, mas quem vê nunca esquece. Quem o tem jamais abandona, torna-se seu cúmplice (afinal lucrar é um direito de todos).

ATENÇÃO: age por todos os cantos do território nacional desde 1979, e suas marcas estão presentes em mais de 40.000 hectares, e sem problemas (assistência técnica e reposição de peças permanente).

CUIDADO: muitos querem seu lugar de destaque, e tentam imitá-lo, mas só o legítimo Pivot Central leva a marca registrada **VALMATIC**.

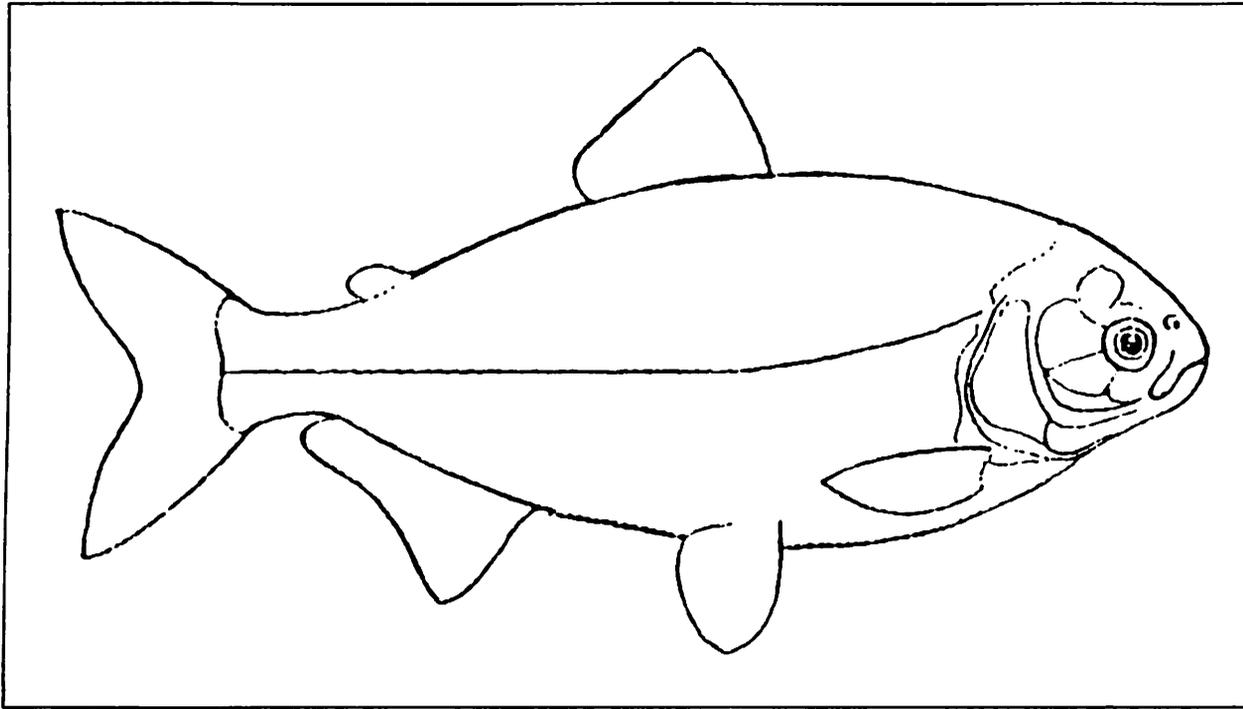


VALMATIC®
IRRIGAÇÃO LTDA
O MELHOR SISTEMA DE IRRIGAÇÃO DE LAVOURAS

AV. SENADOR VERGUEIRO, 3.327 — RUDGE RAMOS
CEP 09720 — SÃO BERNARDO DO CAMPO — SP.
TEL.: (011) 455-3266 — TELEX (011) 44831 VTIC BR

Uberlândia MG (034) 232-0117 — Rio de Janeiro RJ (021) 232-0022 Recife PE (081) 221-4733
Brasília DF (061) 223-7817 — Belo Horizonte MG (031) 462-1522 — Panambi RS (055) 375-2422
Rondonópolis MT (065) 421-4768 — Londrina PR (0432) 27-0141 — Barreiras BA (073) 811-1441 — Petrolina PE (081) 961-0295 — Montes Claros MG (038) 221-5333 — Guairá SP (0173) 31-2167 — Cascavel PR (0452) 24-2131 — Campo Grande MS (067) 382-2542.

FABRICADO INTEIRAMENTE NO BRASIL POR ASBRASIL ASPERSÃO NO BRASIL S.A.



Pirapitinga:
prateada
no dorso e
alaranjada
nas laterais
e no ventre

guinte forma: mete-o na rachadura de um pau fendido ao meio, de ponta a ponta, e coloca-o sobre o fogo lento, à guisa de espeto, sem perfurar a sua carne. Tempera-o depois com sal, transformando-o num petisco delicioso. Como se trata de uma espécie robusta, sua gordura é aproveitada na fabricação de óleo, também chamado de manteiga de tambaqui, usado na cozinha e na iluminação.

Sua captura se faz com rede (tarrafa), linha, tapagem e outras armadilhas. O método regional mais empregado é o gapuiar, inventado pelos índios. Esse método consiste em amarrar uma pequena pedra na extremidade da linha, em substituição ao anzol. Quando mergulhado na água, ela imita perfeitamente o som da queda dos frutos de sua predileção. Imediatamente, o tambaqui abocanha o objeto, e o pescador o puxa para bordo da canoa ou margem do lago ou igarapé, dependendo do lugar em que está pescando. Pode-se, também, disfarçar o anzol com um dos frutos preferidos, colocando-se uma bóia de cortiça em certa parte da linha e fazendo o anzol correr pela superfície da água, fisingando-se facilmente o peixe.

O tambaqui é muito cotado no mercado de Manaus, onde aparece o ano todo. Sabe-se que desova de dezembro a janeiro, em resposta ao aumento do volume de água nos rios Amazonas e Negro. Sua fecundidade é alta, cada fêmea pode desovar até um milhão de óvulos.

Reprodução — Os cientistas do Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia estão realizando experiências visando o aproveitamento do seu fígado, rico em vitaminas A, D e E.

O DNOCS recebeu 24 alevinos em 1966, que foram colocados nos tanques de sua estação localizada em Maranguape, Ceará. Em 1972, esse lote foi transferido para a estação de Pentecoste, Ceará, e, em 1974, os machos estavam com 7,2 quilos e as fêmeas com 11 quilos.

Outro lote, constituído de 74 alevinos, oriundos de Iquitos, Peru, foi introduzido em 1972 nessa estação. Em fevereiro de 1977, foi conseguida a re-

produção induzida desse lote. Os alevinos resultantes dessa desova foram levados para a estação de Icó, Ceará. Quando estavam com cinco anos e um mês de idade, em fevereiro de 1982, foram conseguidas quatro sucessivas reproduções por indução.

Os reprodutores foram selecionados levando-se em conta o grau de repleção do abdômen das fêmeas e emissão de sêmen dos machos por pressão abdominal. Num dos casos, foram separados uma fêmea de 4,17 quilos e 61 centímetros de comprimento e dois machos, um de 5,86 quilos e 63 centímetros e outro de 4,2 quilos e 58 centímetros.

As hipófises de curimatã-comum, *Prochilodus cearaensis*, diluídas em soro fisiológico, foram aplicadas em quatro doses: na primeira dose foram usadas sete hipófises e 3cc de soro; na segunda dose, 14 hipófises e 3cc de soro; na terceira dose, 21 hipófises e 3cc de soro e na quarta dose, 10 hipófises e 1cc de soro, a intervalos de seis horas.

Três horas depois da aplicação da quarta dose, foi feita a extrusão dos óvulos e dos espermatozoides. Os ovos eclodiram 12 horas após a fecundação e as larvas foram colocadas em incubadeira durante cinco dias e cinco horas, consumindo seu saco vitelino.

Na criação dos alevinos, preparou-se um viveiro sete dias antes do seu uso: ele foi esvaziado, lavado e adubado com esterco bovino, bem curtido, na proporção de 0,5 quilo por metro quadrado, repetindo-se a operação a intervalos de 20 dias, segundo Lopes e Fontenele (1982).

Então, abasteceu-se o viveiro com água passada através de tela de náilon de um milímetro de malha. Nos onze primeiros dias, os alevinos alimentaram-se de plâncton e, a partir do 12º dia, receberam ração de aves em pó, substituída por outra ração após 15 dias. Com dois meses e 26 dias de idade, os alevinos estavam com 80 milímetros de comprimento e 8,1 gramas de peso, prontos para serem capturados e levados para os açudes.

Identificação — Quando jovem, o tambaqui pode ser confundido com a pirapitinga, mas eles

são distinguíveis quando se examina a nadadeira adiposa. Na pirapitinga, esta é carnosa, enquanto que, no tambaqui, é óssea, contendo pequenos raios finos. Quando adulta, a pirapitinga é prateada em cima e alaranjada lateral e ventralmente, enquanto que o tambaqui é cinzento ou escuro dorsalmente e esbranquiçado ventralmente.

A pirapitinga atinge 79 centímetros de comprimento total e 11 quilos de peso, aparecendo nos mercados de Manaus de janeiro a julho. Ela se alimenta de frutos.

Em fevereiro de 1974 foi iniciada uma experiência de criação em Pentecoste, Ceará. Foram colocados 784 tambaquis num tanque de 2,077 hectares e 94 pirapitingas em outro, de 2,632 hectares. O peso médio dos primeiros era de seis gramas, e o dos segundos, nove gramas.

Ambos os tanques foram adubados com 16 quilos de estrume bovino duas vezes no período de seis meses, e quatro vezes no mesmo período com 600 gramas de superfosfato triplo. Os peixes foram alimentados seis vezes por semana, com ração peletizada, constituída de 29 por cento de proteínas, sendo oito por cento de origem animal. Ambas as espécies aceitaram bem essa ração.

Em 405 dias, os tambaquis passaram de seis gramas para 1.245 gramas, com ganho diário de três gramas, enquanto que as pirapitingas, de nove gramas passaram para 992 gramas, com ganho diário de 2,4 gramas. A conversão alimentar foi da ordem de 3,07:1 para o tambaqui e de 3,38:1 para a pirapitinga.

A pirapitinga aceitou bananas, pedaços de melancia, milho, abobrinha, feijão, etc., em cativeiro, enquanto que o tambaqui se alimentou de várias espécies de frutos, porém em menor extensão do que a primeira espécie.

No Rio Negro, ambas as espécies suportam água com pH entre 3,5 e 6,0 (ácidas), dependendo da estação do ano. Em cativeiro, na estação de Pentecoste, a água tinha pH entre 7,9 e 8,3, sendo bem alcalina, mas ambas as espécies não mostraram nenhum problema de adaptação ao novo ambiente. □

*Verão é tempo de muito calor e borrascas
por todo o país. É o que prevê o
Instituto Nacional de Meteorologia.*

Este período de verão é a época em que se registram as temperaturas mais elevadas em quase todo o território brasileiro, em consequência do grande aquecimento do continente, causado pela presença das massas de ar equatoriais e tropicais, cujas características de umidade e instabilidade favorecem muitas vezes a ocorrência de aguaceiros acompanhados de ventos fortes e trovoadas. São "chuvas de verão".

O nosso alerta será, então, dirigido principalmente aos habitantes dos grandes centros urbanos e populações ribeirinhas que, nesta época do ano, sofrem graves problemas devido às grandes chuvas, muito comuns nas regiões Sudeste, Sul e Centro-Oeste do país e que são causadoras das inundações verificadas em muitas cidades destas regiões.

Medidas preventivas deverão ser tomadas pelas autoridades quanto às condições de escoamento pluvial nos grandes centros urbanos, assoreamento dos rios, proteção de encostas e condições das habitações ribeirinhas, a fim de que sejam evitadas perdas materiais e de vidas humanas.

A Região Norte, sob o domínio da massa equatorial continental, apresenta-se nesta época do ano com precipitações maiores no litoral do território do Amapá e estado do Pará, aumentando de 300 a 500 milímetros (em março), causadas pela ação da convergência intertropical. O período é chuvoso em toda a região, exceto ao norte do território de Roraima, onde as chuvas ficam em torno de 50 milímetros. As chuvas intensas de curta duração são mais frequentes no estado do Acre e no estado de Rondônia, podendo causar inundações e obstruções nas estradas de rodagem.

As temperaturas máximas muitas vezes ultrapassam os 39 graus centígrados, e a temperatura



média varia entre 24,5 e 27,5 graus centígrados.

O início do trimestre é de chuvas nos estados do Maranhão, Piauí e norte do Ceará e, em fevereiro, então, começam as chuvas nos estados do Rio Grande do Norte, Paraíba e Pernambuco, principalmente no litoral.

As chuvas intensas de curta duração poderão ocorrer mais frequentemente, nesta época, ao norte do Maranhão, Piauí, Ceará, centro-oeste do Rio Grande do Norte, Paraíba e Pernambuco, sendo que a incidência aumenta em fevereiro, estendendo-se até abril. Nos litorais de Sergipe, Alagoas e Bahia, a chuva apresenta-se mais intensa a partir de março. As temperaturas poderão ser superiores a 40 graus centígrados no interior desses estados.

O período é de grande incidência de chuva em toda a Região Sudeste, destacando-se parte centro-sul e sudeste do estado de Minas Gerais, parte sul e litoral do Espírito Santo, todo o Rio de

Janeiro e a parte central e o litoral de São Paulo.

Essa região é a mais afetada nesta época do ano pelos ventos fortes e aguaceiros que ocorrem nas cidades, provocando inundações.

Uma situação característica das chuvas no verão se dá quando da permanência de frentes frias semi-estacionárias na região, ocasionando chuvas contínuas.

Sempre que existe probabilidade de ocorrência destes fenômenos, são divulgados, para as autoridades e o público em geral, os "Avisos Meteorológicos Especiais" do Instituto Nacional de Meteorologia, com as previsões.

As temperaturas médias estarão em torno de 22 e 28 graus centígrados, e as temperaturas máximas, em algumas cidades do Espírito Santo e Minas Gerais, poderão ultrapassar 40 graus centígrados e, no Rio de Janeiro e São Paulo, 43 graus centígrados.

As áreas mais quentes da Região Sul são as dos vales do Rio Paranapanema, na parte oeste do Paraná; do Rio Uruguai, a oeste do Rio Grande do Sul; dos Ibicuí e Jacuí, na Depressão Central do Rio Grande do Sul, e no vale do Uruguai, onde as temperaturas máximas podem ultrapassar 42 graus centígrados.

As chuvas de curta duração são mais comuns na parte leste e litoral dos estados do Paraná e Santa Catarina. No Rio Grande do Sul, as chuvas intensas são mais frequentes no mês de fevereiro.

Na região Centro-Oeste, as chuvas aumentam de sul para norte, de dezembro a março, com grande probabilidade de ocorrência de chuvas intensas em toda a região, podendo ocasionar enchentes em muitas cidades. As temperaturas são elevadas e as máximas podem ser superiores a 39 graus centígrados. □

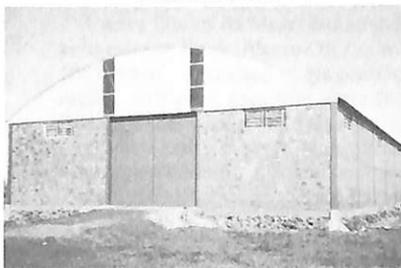
METALÚRGICA MODELAR

CAIXA D'ÁGUA METÁLICA



CAIXA D'ÁGUA METÁLICA
— Desde 2.000 litros até 30.000 mil litros. Res. fabricado em chapa de aço. Acab. Interno com Desengraxante Industrial e EPOXI. Acab. Externo com Zarcão e Alumínio. TORRE em Ferro Cant. Possui tampa de inspeção, escada, visor de nível, suporte p/ antena de TV ou Pára-Raios. Fornecemos instalada no local.

ARMAZÉNS



ARMAZÉNS metálicos ou de alvenaria em qualquer modelo e tamanho, abrigos e garagens.

FABRICAMOS: Graneleiros — Carretas Tanque — Reservatórios para Combustíveis — Inoculadores de Sementes — Lavadoras Manuais Inox — Tachos — Extratores Centrífugos de Mel — Prensa de Banha e Canos para Irrigação.

MÁQUINA DE CORTAR GRAMA



MÁQUINA DE CORTAR GRAMA
— Elétrica, robusta, leve e versátil. Largura de Corte de 85cm. Motor Trifásico ou Monofásico de 3CV.



METALÚRGICA MODELAR — Ind. e Comércio Ltda.
Rua Erno Fritz, 1 105 - Distrito Industrial - Caixa Postal 199 - Fones: (055) 332-4202 - 332-4102 e 332-4027 - Telex: 055.2196 - CEP 98.700 - IJUÍ - RS

Um bom agricultor

Um jardim arborizado, o pátio feito de pedras largas, que separou o galpão da casa agradável e bem cuidada, me lembraram, imediatamente, de uma cena numa fazenda européia. Tinha aquele ar de solidez de um lugar onde os habitantes pretendiam morar para sempre. Enquanto sua esposa, Dona Bárbara, cuidava da preparação do churrasco, Teodorus Shreurs, sorridente, levou seus convidados para ver o gado no pasto no primeiro Dia de Campo na sua Fazenda Paraíso, em Paranapanema, no estado de São Paulo.

Se seus olhos azuis brilharam com orgulho, havia muita razão para isto. Pois eu me lembro também o dia, há nove anos, em que Teodorus comprou o primeiro touro Santa Gertrúdis de nossa propriedade, numa exposição de gado em Avaré, SP. Desde então, ele tem trabalhado constantemente para construir um dos melhores rebanhos de Santa Gertrúdis puro por absorção.

Apesar da seca brava, os pastos de braquiária humidícola estavam abundantes e as vacas fortes e viçosas, com bons bezerros de dois a quatro meses ao pé. Depois de visitarmos o pasto, fomos ao confinamento, onde, do seu plantel de touros, Teodorus engorda 75 animais cruzados ou refugados por ano.

Os piquetes de madeira, com cobertura somente sobre os cochos de concreto, eram amplamente sombreados e protegidos dos ventos fortes por fileiras de velhos eucaliptos. Nas mangedouras, os animais recebiam feno à vontade e, nos cochos, uma ração de silagem de milho com cama de frango e torta de algodão, numa quantidade proporcional ao crescimento e ganho de peso dos animais.

No seu "português-holandesado", rápido como seu pensamento, mas fácil de entender, Teodorus explicou que costuma colocar os animais em confinamento com um peso entre 250 e 300 quilos nos meses de abril e maio, justamente quando o pasto começa a diminuir. E prefere vendê-los em setembro e outubro, quando o preço e a capacidade de ganho de peso do boi — mais de 1,2 quilo por dia — chegam a seu nível máximo.

Mostrando uma silagem de cor boa e cheiro gostoso, feita em silos trincheiras e aéreas, Teodorus explicou, também, que considera da maior importância uma ração consistente e bem feita, pois qualquer mudança em qualidade resulta em queda no ganho de peso.

Além de arraçãoar boi, outra prática comum na Fazenda Paraíso é o engorde das vacas velhas junto as suas últimas crias. O resultado disso é que as vacas estavam gordas e prontas para venda, ao invés de ficarem esgotadas e magras, como geralmente acontece com as matrizes velhas na hora do desmame. E, enquanto isto, os bezerros estavam muito bem criados.

Com um prazer especial, notei como os visitantes atenderam a cada palavra que Teodorus pronunciava e tenho certeza de uma das razões da atenção geral: embora todos fossem extremamente sérios em relação ao trabalho com o gado, Teodorus era um dos poucos que morava no campo e vivia exclusivamente de sua atividade. Por isto, seu sucesso podia ser explicado, obviamente, pelo fato de que tudo que ele faz é bem estudado e extremamente prático.

Mas eu também acredito que esta capacidade de manejar a sua fazenda é, em grande parte, devido a sua formação. Em 1951, seus pais, pequenos lavradores na Holanda, resolveram deixar a sua propriedade de cinco hectares naquele país para adquirir 50 hectares na colônia de Holambra, perto de Campinas, SP. Teodorus ajudou a família a formar a fazenda de criação de porcos e gado leiteiro. E quando iniciou uma nova Holambra em Paranapanema, SP, Teodorus, um homem jovem, com instrução equivalente ao grau de bacharel em Agronomia no Brasil, decidiu formar a sua própria propriedade.

Nos primeiros anos, fez uma agricultura mista aproveitando financiamento barato e a longo prazo para investir em equipamento para a lavoura de cereais e feno. Teodorus teve sucesso e aumentou seus 50 hectares iniciais para mais de 300. Ultima-

mente, ele está se dedicando cada vez mais à criação de Santa Gertrúdis, usando a maior parte de nossas terras férteis para produzir alimentos para o confinamento e suplementação dos pastos no tempo da seca. Nesta operação, todo o esterco do confinamento está sendo revertido às terras, principalmente na adubação dos pastos.

A prova de que a criação vai bem está no fato de que, tendo começado com um touro puro e novilhas quase todas mestiças, os seus produtos conseguiram um primeiro prêmio e os melhores preços no leilão tanto para puros como M-1' e M-2', na última Exposição Internacional de Gado Santa Gertrúdis, em Avaré.

É lógico que não tem sido fácil. Teodorus e Dona Bárbara têm trabalhado muito e, na maior parte, com suas próprias mãos. Contudo, a produção destas mãos e cabeças tem possibilitado uma vida muito boa, que proporciona uma educação universitária para a filha do casal e, de vez em quando, viagens para o exterior. Nessas viagens, Teodorus visita universidades e campos experimentais para saber o que está acontecendo de novo na agropecuária que possa ser adaptado no Brasil. Com estas excursões e a leitura constante de publicações agrícolas, este profissional trabalha, como qualquer outro, para conseguir um balanceamento ecológico e, conseqüentemente, uma produção cada vez melhor das suas terras.

Enfim, Teodorus Shreus é um produtor que vive bem e que contribui bastante para a agricultura em geral. Cada vez que penso nele, não posso evitar de lembrar que existem outros homens inteligentes e trabalhadores que vivem do que produzem. Sobre a maioria deles, Teodorus tem algumas vantagens: a Holambra, que lhe dá assistência técnica e uma infra-estrutura financeira e comercial que lhe possibilita fazer planos a longo prazo. Outra vantagem é o seu nível de instrução, que lhe dá a capacidade de entender a complexidade dos negócios, ciência e tecnologia que compõem a agricultura de hoje. É a falta destes dois fatores, mais do que qualquer coisa, que debilita o homem do campo brasileiro. Por isto, acredito que é necessário iniciar com a educação básica. Quanto antes melhor.

Ellen B. Geld

SELECIONADORAS DE SEMENTES • PRÉ-LIMPEZAS • SILOS SECADORES • ELEVADORES



Querendo produzir sementes de qualidade:
SELECIONADORA KNACK-ERVIKO.

**KNACK
ERVIKO**

Guilherme Knack - Ind. e Com. de Implementos Agrícolas
Rua Paissandú, 692 - Fone: (054) 312-3510 - Caixa Postal 196
99100 - Passo Fundo - RS

AGENDA

CARNE CAPRINA

O processamento de carne caprina, a nível de chácaras e fazendas, é o tema do curso que será promovido de 15 a 17 de março de 1985 pela Caprileite — Associação Brasileira de Criadores de Cabras Leiteiras, em convênio com a Escola Agrotécnica de Florestal — Cedaf, localizada no município de Florestal, MG, vinculada à Universidade Federal de Viçosa. O objetivo do curso é ensinar aos criadores de cabras leiteiras a valorizar sob a forma de carnes processadas (embutidos, defumados, etc.) a carne menos valorizada de bodes e cabras velhas de descarte, sendo a técnica, contudo, aplicável também a animais jovens ou de qualquer idade. Neste curso, o criador aprenderá como aproveitar o couro na confecção de artefatos como bolsas e sandálias. O curso será coordenado pelo professor Nilton de Alencar e há 30 vagas disponíveis. Os interessados poderão buscar informações com a Caprileite, situada à Rua Aquiles Lobo, 119 A, CEP 30000, Belo Horizonte, MG, ou pelo fone (031) 222-3458.



GLIFOSATE

As Indústrias Monsanto S/A inauguraram, em São José dos Campos, SP, a sua primeira unidade de produção de glifosate, princípio ativo do herbicida Roundup. Para essa produção, foram investidos, aproximadamente, oito milhões de dólares, que resultarão numa economia de divisas de 20 milhões de dólares anuais.

Em dezembro, foi iniciada a produção de Roundup totalmente brasileiro, e a capacidade anual de produção da nova unidade é de 1.250 toneladas.

Neste ano, serão aplicados sete milhões de dólares numa nova unidade, que produzirá a acetanilida, matéria-prima dos herbicidas Boxer, Machete, Spark e Laço e que também permitirá a produção do Fist no Brasil, herbicida usado nas culturas de cana e soja.

Em 1986, quando a unidade de São José dos Campos estiver produzindo glifosate e acetanilida, serão economizados 30 milhões de dólares em divisas e exportados 10 milhões de dólares para a América Latina.

NOVO DIRETOR

A CNDA — Companhia Nacional de Defensivos Agrícolas está com novo diretor-geral, Michel Maupu, que tem como prioridade o incremento das atividades de desenvolvimento de produtos a partir das moléculas sintetizadas no Brasil pela própria empresa. O objetivo da ampliação da área de desenvolvimento da CNDA — empresa resultante da associação entre o Grupo Maissonave e a Rhodia —, conforme Maupu, é o de continuar colocando no mercado produtos adaptados às condições locais e que atendam integralmente as necessidades da agricultura brasileira. O diretor-geral da CNDA acrescenta que, seguindo a tradição da Rhône-Poulenc Agrochimie, que ocupa o quinto lugar no ranking mundial das empresas do setor, o desenvolvimento de novos produtos da empresa é e será orientado por duas premissas básicas: riscos mínimos para o homem e o meio ambiente e maior eficiência técnica possível.



INAUGURAÇÃO

A Masal inaugurou uma nova fábrica que produzirá, exclusivamente, silo, o mais recente lançamento da empresa, que em pouco tempo já vem destacando-se em volume de vendas no mercado interno e externo.

O silo Masal é um produto planejado e construído para proporcionar a solução econômica e eficiente dentro dos padrões atuais da agroindústria. Trata-se do mais avançado sistema de conservação de grãos, com grande vantagem sobre os similares, segundo a empresa fabricante.

A nova fábrica da Masal está situada à beira da auto-estrada Porto Alegre-Osório, numa área de 100 mil metros quadrados. Na ocasião da inauguração, estiveram presentes Amarílio Pelegrino Pontes, Jäder Caxias de Souza e Bruno Russol, da diretoria e gerência do BCN, acompanhados dos diretores da Masal, Cláudio Bier e Pedro José Rangel, e do publicitário Sérgio Barbosa do Monte, da Ponto-Serviços de Comunicação (foto).

DISCO

Com repertório escolhido e apresentado por Rolando Boldrin, a Stauffer Produtos Químicos Ltda. mandou editar pelo Estúdio Eldorado o disco Raízes da Terra, para ofertar aos seus clientes no final do ano que passou. Um trabalho de pesquisa que mostra algumas das principais obras do nosso cancionário popular.

PROÁLCOOL

A Secretaria de Tecnologia Industrial do Ministério da Indústria e do Comércio, através da Coordenadoria de Informações Tecnológicas, está lançando o livro "Previsão e análise tecnológica do Proálcool", em dois volumes. Este trabalho propõe-se a levantar e avaliar uma série de impactos gerados pelo programa do Proálcool, possibilitando a proposição de alternativas para seu desenvolvimento futuro, chegando a identificar questões relativas à oferta e demanda de combustíveis líquidos até o ano 2000. Os interessados podem dirigir os seus pedidos à Secretaria de Tecnologia Industrial, Coordenadoria de Informações Tecnológicas, Serviço de Editoração, SAS quadra 02, lotes 5/8, bloco "G", caixa postal 040442, SHS, CEP 70300, Brasília, DF.

MINERAÇÃO

Dentro de sua política de desenvolvimento do mercado de mineração, a JI Case do Brasil entregou, recentemente, uma escavadeira hidráulica Poclair, modelo SC150 para a Nacional de Grafite Ltda. A máquina montada na versão "Shovel" já está operando na mina de Pedra Azul, MG, e substituiu, na aplicação, equipamentos importados e/ou nacionais.

CURSOS

A ABEAS — Associação Brasileira de Educação Agrícola Superior tem dois cursos de especialização por tutoria à distância com início previsto para o mês de março. "Fontes Alternativas de Energia para a Agricultura" tem as inscrições abertas até 20 de fevereiro, início do curso programado para o dia 1º de março e término em dezembro deste ano.

O outro curso de especialização por tutoria à distância, "Prevenção e Controle de Incêndios Florestais", aceita inscrições também até 20 de fevereiro, inicia dia quatro de março e termina em agosto. Maiores informações podem ser conseguidas junto a ABEAS, no seguinte endereço: SCS — Edifício Ceará, salas 507, 508 e 509, CEP 70303, Brasília, DF, ou pelo fone (061) 225-5928

CONGRESSO

De 29 de julho a dois de agosto deste ano, será realizado o IX Congresso Estadual de Medicina Veterinária. A promoção é da Sociedade de Veterinários do Rio Grande do Sul e da Associação dos Médicos Veterinários do Centro do Estado e terá lugar no Campus da UFSM — Universidade Federal de Santa Maria. Ao mesmo tempo, serão realizados outros eventos: I Congresso da Associação Brasileira de Veterinários Especialistas em Suínos — Seção RS; III Exposição de Equipamentos, Produtos e Serviços de Medicina Veterinária e XII Reunião Anual da Associação Brasileira de Ensino de Medicina Veterinária. Maiores informações podem ser obtidas junto a Associação dos Médicos Veterinários do Centro do Estado, caixa postal 258, CEP 97100, Santa Maria, RS, ou pelo fone (055) 226-1616 (UFSM), ramais: 2162 — professor Air Fagundes dos Santos; 2242 — professor Antonio Jorge Dreon de Albuquerque; 2107 — professor Wladimir Silveira Moreira.

ESCOLHA SEU TRATOR

MARCA	MODELO	TIPO	RODAGEM	PREÇO (Cr\$)
-------	--------	------	---------	--------------

AGRALE	4100	HSE-24	8x24 4.00x15	12.046.600
	4200	HSE-24	12,4/11x24 550x16	19.182.500
	4300	HSE-24	14,9/13x24 600x16	21.778.800

CASE	580 H	Retrocavadeira	—	97.451.000
	580 H	Aplicação em várzea	—	101.017.000
	W 18	Escavo-carregador	—	131.000.000
	W 20B	Escavo-carregador	—	457.910.000
	W 36	Escavo-carregador	—	320.564.000
	4490	Agrícola	—	234.521.000
	LC 80	Hidr. sobre esteiras	—	266.392.000
	LY 2P	Hidr. sobre rodas	—	276.219.000
SC 150	Hidr. sobre esteiras	—	Sob encomenda	

CBT	2070	Standard	7.50x16 14x30	33.737.471
	2070	Convencional	7.50x16 15x30	33.798.535
	2080	Standard	7.50x16 14x30	35.684.716
	2080	Convencional	7.50x16 15x30	35.749.486
	8240	Standard	9.00x16 15x30	44.472.102
	8240	Arrozeiro	10.00x16 18x26	47.332.791
	8240	Cultivo	7.50x18 12x38	43.869.474
	8240	Agrícola	10x16 15x34	45.387.189
	*8240	Standard	9.00x16 15x30	47.718.678
	*8240	Arrozeiro	10.00x16 18x26	50.579.366
	*8240	Cultivo	7.50x18 12x38	47.116.253
	*8240	Agrícola	10.00x16 15x34	48.633.764
	8440	Standard	9.00x16 15x30	44.485.087
	8440	Arrozeiro	10.00x16 18x26	47.345.781
	8440	Cultivo	7.50x18 12x38	43.882.462
	2105	TM c/br.tr.ind.	7.50x18 15x34	50.038.465
	2105	TMM c/br.tr.agr.	7.50x18 15x34	50.092.448
	2105	TMA c/br.tr.agr.	7.50x18 15x34	49.883.527
	2105	TMA c/br.tr.agr.	7.50x18 18x26	52.744.213
	2500	TMA c/br.tr.agr.	10.00x16 15x34	59.317.720
	2500	TMA c/br.tr.agr.	10.00x16 18x26	62.178.409
	2600	TMA c/br.tr.agr.	10.00x16 15x34	62.284.457
	2600	TMA c/br.tr.agr.	10.00x16 18x26	65.145.113
	2600	TMA c/br.tr.agr.	10.00x16 18x30	65.639.013
	*3000	TM c/br.tr.ind.	7.50x18 15x34	40.844.657
	*3000	TMM c/br.tr.agr.	7.50x18 15x34	40.897.435
	*3000	TMA c/br.tr.agr.	7.50x18 15x34	40.693.232
	*2105	TMA p/car. de cana	7.50x18 15x34	46.078.948
	*3000	TMA p/car. de cana	7.50x18 15x34	37.908.563
	*8240	TMA p/car. de cana	9.00x16 15x30	42.078.948
	*8240A	TMA p/car. de cana	9.00x16 15x30	45.325.949
	*8440	TMA p/car. de cana	9.00x16 15x30	42.091.937

MARCA	MODELO	TIPO	RODAGEM	PREÇO (Cr\$)
-------	--------	------	---------	--------------

VALMET	68 Cafe.	Dir. mec. emb. sim.	6.00x16 11x28	24.336.000
	68 Cafe.	Dir. mec. emb. sim.	7.50x16 13x28	25.629.000
	68 Cafe.	Dir. mec. emb. ind.	6.00x16 11x28	26.119.000
	68 Cafe.	Dir. mec. emb. ind.	7.50x16 13x28	27.387.000
	68	Dir. mec. emb. sim.	7.50x16 13x28	27.304.000
	68	Dir. hid. emb. sim.	7.50x16 13x28	29.148.000
	68 Arroz.	Dir. mec. emb. sim.	7.50x16 13x28	28.036.000
	68	Dir. mec. emb. sim.	7.50x18 14x30	28.510.000
	68 Cult.	Dir. mec. emb. sim.	7.50x20 12x38	28.453.000
	68	Dir. mec. emb. ind.	7.50x16 13x28	29.302.000
	68	Dir. hid. emb. ind.	7.50x16 13x28	31.194.000
	88	Dir. mec. emb. sim.	7.50x18 15x30	33.296.000
	88	Dir. hid. emb. sim.	7.50x18 15x30	35.603.000
	88 Arroz.	Dir. mec. emb. sim.	7.50x20 15x30	34.339.000
	88 Cult.	Dir. mec. emb. sim.	7.50x20 12x38	33.804.000
	88	Dir. hid. emb. ind.	7.50x18 15x30	31.950.000
	88 Arroz.	Dir. mec. emb. sim.	7.50x20 18x26	37.687.000
	88 Arroz.	Dir. hid. emb. sim.	7.50x20 18x26	39.995.000
	88 Arroz.	Dir. hid. emb. sim.	7.50x20 15x30	36.636.000
	88 Arroz.	Dir. hid. emb. ind.	7.50x20 18x26	42.239.000
	88 Arroz.	Dir. hid. emb. ind.	7.50x20 15x30	38.350.000
	88 PCR	Normal	9.00x16 15x30	33.741.000
	88 PCR	Rotart	9.00x16 15x30	36.310.000
	88 PCR	Rot. (rod. dupla)	7.50x16 13x28	40.193.000
	*88	Dir. mec. emb. sim.	7.50x18 15x30	35.293.000
	*88	Dir. hid. emb. sim.	7.50x18 15x30	37.741.000
	*88	Dir. hid. emb. ind.	7.50x18 15x30	40.116.000
	*88 PCR	Normal	9.00x16 15x30	35.764.000
	*88 PCR	Rotart	9.00x16 15x30	38.480.000
	*88 PCR	Rot. (rod. tras. dup.)	7.50x16 13x28	42.598.000
	118	Dir. hid. hidr. emb. sim.	9.00x16 15x34	49.943.000
	118	Dir. hid. hidr. emb. ind.	9.00x16 15x34	52.452.000
	118 Arr.	D. hid. hidr. emb. sim.	9.00x16 18x26	53.040.000
	*118	D. hid. hidr. emb. sim.	9.00x16 15x34	52.934.000
	*118	D. hid. hidr. emb. ind.	9.00x16 15x34	55.602.000
	118-4	D. hid. hidr. emb. sim.	13x26 15x34	67.223.000
	118-4	D. hid. hidr. emb. ind.	13x26 15x34	69.909.000
	118-4 Arr.	D. hid. hidr. emb. sim.	13x26 18x26	70.366.000
	*118-4	D. hid. hidr. emb. sim.	13x26 15x34	71.257.000
	*118-4	D. hid. hidr. emb. ind.	13x26 15x34	74.098.000
	138-4	D. hid. hidr. emb. sim.	13x26 15x34	84.439.000
	138-4	D. hid. hidr. emb. ind.	13x26 15x34	87.925.000
	138-Arr.	D. hid. hidr. emb. sim.	13x26 18x26	87.574.000

FORD	4610	Mecânico	6.00x16 13x28	32.309.388
	4610	Hidráulico	6.00x16 13x28	33.746.490
	4610	Hidráulico	7.50x16 14x30	34.419.923
	4610	Hidráulico	7.50x16 12x28	34.490.537
	5610	Mecânico	7.50x16 12x38	36.950.335
	5610	Hidráulico	7.50x16 15x30	39.524.102
	5610	Hid. car.	7.50x16 14x30	35.713.439
	6610	Mecânico	7.50x18 12x38	40.146.440
	6610	Hidráulico	7.50x18 15x34	43.060.742
	6610	Hidráulico	7.50x16 18x26	45.406.883

ENGESA	1.124	Rodagem dupla	15x34	228.309.313
	1.124	Rodagem simples	18x26	221.399.958
	1.124	Rodagem dupla	18x26	241.796.052
	1.124	Rodagem simples	18x30	224.016.524
	1.124	Rodagem dupla	18x30	243.745.252
EE-510	Florestal	—	300.006.972	

MÜLLER	TM 14	—	—	142.375.000
	TM 25	C/cabine e 8 pneus	18x26	224.227.000
	TM 28	C/cabine e 8 pneus	18x26	245.039.000
	TM 31	C/cabine e 8 pneus	18x26	250.851.000
	TS 22	—	—	271.774.000

TOBATTA	M 140	Cul. mot. c/enx. rot.	—	12.544.351
---------	-------	-----------------------	---	------------

IANMAR	TC-11	Cult.	—	11.824.900
--------	-------	-------	---	------------

MASSEY FERGUSON PERKINS	MF 235	Standard	—	23.439.000
	MF 235	Stand. Arrozeiro	14.9/13x24	23.712.000
	MF 235	Stand. Estreito	11.2/10x28	22.897.000
	MF 235	Stand. c/ emb. dupla	—	24.272.000
	MF 235	St. c/emb. dupl. Arroz.	14x9/13x24	24.404.000
	MF 235	St. com emb. dupl. Est.	11.2/10x28	23.748.000
	MF 265	Standard	—	30.980.000
	MF 265	Standard	13.6/12x38	31.166.000
	MF 265	Standard	18.4/15x30	31.636.000
	MF 265	Stand. Arrozeiro	18.4/15x30	31.891.000
	MF 275	Standard	—	36.996.000
	MF 275	Stand. Arrozeiro	18.4/15x30	37.256.000
	MF 275	Standard	13.6/12x38	36.552.000
	MF 275	Standard	14.9/13x28	36.346.000
	MF 290	Standard	18.4/15x30	39.181.000
	MF 290	Stand. Arrozeiro	18.4/15x30	52.354.000
	MF 290	Standard	13.6/12x38	38.720.000
	MF 290	Stand. Arrozeiro	23.1/18x26	—
	MF 290	—	9.00x16	42.211.000
	MF 290	Stand. Pavt.	18.4/15x34	41.647.000
	MF 290	Stand. Arroz.	23.1/18x26	—
	MF 290	—	9.00x16	42.121.000
	MF 290	Stand. s/hid. p/car. de cana	18.4/15x30	—
	MF 290	Stand. s/hid. p/car. de cana	7.50x16	46.484.000
	MF 290	Stand. s/hid. p/car. de cana	14.9/13x28	—
	MF 290	—	9.00x16	46.219.000
	MF 290	St. c/tr. nas 4	—	58.687.000
	MF 290	St. Ar. c/tr. nas 4	23.1/18x26	60.330.000
	MF 295	Stand. s/hid.	—	42.849.000
	MF 295	Stand. c/hid.	—	47.948.000
MF 295	St. Ar. c/hid.	23.1/18x26	48.623.000	
MF 296	Stand. s/hid.	—	47.175.000	
MF 296	Stand. c/hid.	—	55.136.000	
MF 296	St. Ar. c/hid.	23.1/18x26	54.161.000	
*MF 290	Standard	18.4/15x30	42.766.000	
*MF 290	Stand. Arroz.	18.4/15x30	43.164.000	
*MF 290	Standard	13.6/12x38	42.259.000	

MARCA	MODELO	TIPO	RODAGEM	PREÇO (Cr\$)	MARCA	MODELO	TIPO	RODAGEM	PREÇO (Cr\$)
	*MF 290	Stand. Arroz.	23.1/18x26 9.00x16	45.795.000		MF 86	Carregador		15.418.000
	*MF 290	Standard	18.4/15x34	45.228.000		MF 86	Retroescavadeira		23.768.000
	*MF 290	Stand. Arroz.	23.1/18x26 9.00x16	47.048.000		MF 86	Retroesc. c/desloc. lat.		687.000
	*MF 290	S/hid. p/car. de cana	18.4/13x28 7.50x16	50.797.000			Caçamba de 0,46 M(18")		723.000
	*MF 290	S/hid. p/car. de cana	14.9/13x28 9.00x16	50.514.000			Caçamba de 0,61 M(24")		777.000
	*MF 290	Pavt. s/hid. p/car. de cana	18.4/15x34 7.50x16	39.555.000			Caçamba de 0,76 M(30")		839.000
	*MF 290	S/hid. p/car. de cana	14.9/13x28 9.00x16	38.418.000			Caçamba de 0,91 M(36")		902.000
	*MF 290	St. c/tr. nas 4	23.1/18x26	65.209.000			Caçamba p/limp. valet.		2.419.000
	*MF 290	St. Ar. c/tr. nas 4		66.882.000			Caçamba trapezoidal		4.013.000
	MF 4780	Standard		225.575.000	SANTA	300-C	E/Lâm. Diant.	Esteira	47.183.000
	MF 86	Tr. Car. de Rodas		45.662.000	MATILDE	300-C	C/pá Car.	Esteira	49.189.000
	MF 86	Tr. Car. de Rodas		36.661.000		400-CR	St. c/dir.hidr.	15x30	38.272.000
	MF 86	Caixa de Contrapeso		17.689.000		400-CR	St. ar. c/dir.hidr.	15x30	38.956.000
						500-CR	St. c/dir.hidr.	15x30	46.519.000
						500-CR	St. ar. c/dir.hidr.	15x30	47.220.000
						500-CR	St. ar. c/dir.hidr.	18x26	48.580.000

ESCOLHA SUA COLHEITADEIRA

MARCA	MODELO	TIPO	RODAGEM	PREÇO (Cr\$)	MARCA	MODELO	TIPO	RODAGEM	PREÇO (Cr\$)
NEW HOLLAND	4040	Colheit. autom. p/trigo e soja			LAVRALE	L300	Colheit. coxilha	14.9/13x24	73.359.000
		Plat. c/13 pés rígida	15x30 7.50x18	162.260.000		L300	Colheit. arrozeira	18.4/15x30 9.5/9x24	71.262.000
		Plat. c/13 pés flexível-CAAP	15x30 7.50x18	169.113.000	IDEAL	1170	Colh. Aut. Coxilha	15x30 7.50x18	137.994.000
		Plat. c/15 pés rígida	15x30 7.50x18	164.032.000			Arrozadeira	15x30 7.50x18	142.134.000
		Plat. c/15 pés flexível-CAAP	15x30 7.50x18	170.818.000			Arrozadeira	18x26 11x24	140.004.000
	P/arroz de sequeiro	Plat. c/13 pés rígida	15x30 7.50x18	163.888.000			Milho	Esteira 5 rolos e pneus 11x24	168.171.000
		Plat. c/13 pés flexível-CAAP	15x30 7.50x18	170.741.000			1175	15x30 7.50x18	167.983.000
		Plat. c/15 pés rígida	15x30 7.50x18	165.660.000			Colh. Aut. Coxilha	Plat. 3 linhas	
		Plat. c/15 pés flexível-CAAP	15x30 7.50x18	172.446.000			Arrozadeira	Plat. 3,75 R	155.930.000
	P/arroz irrigado	Plat. c/13 pés rígida	18x26 7.50x20	161.563.000			Arrozadeira	Plat. 3,75 F	1530 7.50x18
		Plat. c/15 pés rígida	18x26 7.50x20	163.335.000			Arrozadeira	Plat. 4,20 R	15x30 7.50x18
	923-4 p/milho (4040)	4 linhas	15x30 7.50x18	170.409.000			Arrozadeira	Plat. 4,20 F	15x30 7.50x18
	5050 p/trigo e soja	Plat. c/13 pés rígida	15x30 7.50x18	184.946.000			Arrozadeira	Plat. 3,75 R	18x26 11x24
		Plat. c/13 pés flexível-CAAP	15x30 7.50x18	191.799.000			Arrozadeira	Plat. 4,20 R	18x26 11x24
		Plat. c/15 pés rígida	15x30 7.50x18	186.718.000			Milho	Esteira 6 rolos e pneus 11x24	189.789.000
		Plat. c/15 pés flexível-CAAP	15x30 7.50x18	193.504.000			Milho	Esteira 6 rolos e pneus 11x24	190.831.000
	P/arroz sequeiro	Plat. c/13 pés rígida	15x30 7.50x18	188.139.000			Milho	Plat. 4 linhas	15x30 7.50x18
		Plat. c/13 pés flexível-CAAP	15x30 7.50x18	194.992.000	SANTA	1200	Graneleira-Arroz	18x26	92.050.000
		Plat. c/15 pés rígida	15x30 7.50x18	189.911.000	MATILDE	1200	Graneleira-Grão	15x30	88.462.000
		Plat. c/15 pés flexível-CAAP	15x30 7.50x18	196.697.000		1200	Ensacadeira-Arroz	18x26	90.521.000
	P/arroz irrigado	Plat. c/13 pés rígida	18x26 7.50x20	183.450.000		1200	Ensacadeira-Grão	15x30	86.934.000
		Plat. c/15 pés rígida	18x26 7.50x20	185.222.000		5105	Graneleira-Arroz	18x26	105.741.000
	923-4 p/milho (5050)	4 linhas	15x30 7.50x18	192.088.000		5105	Graneleira-Grão	15x30	101.922.000
						4.90	Plat. milho 4 linhas		29.232.000

MARCA	MODELO	TIPO	RODAGEM	PREÇO (Cr\$)
MASSEY FERGUSON PERKINS	MF 1630	Colheit. Autom. Grão		87.107.000
	MF 1630	Colheit. Autom. Arroz.		88.971.000
	MF 3640	Colheit. Autom. Grão		100.317.000
	MF 3640	Colheit. Autom. Arroz.		102.538.000
	MF 5650	Colheit. Autom. Grão		115.819.000
	MF 5650	Colheit. Autom. Arroz.		118.564.000
	MF 1134	Plat. Milho 3 linhas		17.324.000
	MF 1144	Plat. Milho 4 linhas		22.263.000

Os preços são posto fábrica, à vista, vigentes no dia 1º do mês da edição. Os asteriscos indicam modelo a álcool.

HORTAS E POMARES

HORTA DOS SERVIDORES

Cerca de 12 mil pés de legumes, plantados em 140 canteiros de um metro por 22 metros cada, é o resultado da experiência realizada pela Associação dos Funcionários e Servidores Públicos do Centro Estadual da Agricultura, órgão da Secretaria da Agricultura e Abastecimento do estado de São Paulo.

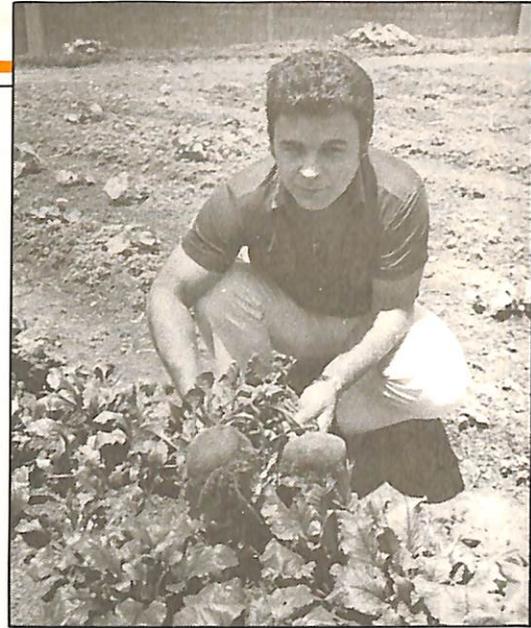
A horta possui 4.500 metros quadrados, onde estão plantados pés de alface, mandioca, brócolo, abóbora, abobrinha, repolho, rabanete, cenoura, couve, pepino, escarola, almeirão e salsa, além de um canteiro com 79 variedades de temperos.

O presidente da Associação, José Nilton Amorim, afirma que os servidores ganharam o terreno e, em apenas 10 dias, fizeram todo o planejamento. "A idéia básica foi ampliar as varie-

dades de legumes como forma de enfrentar possíveis problemas com o clima."

Partidário do cooperativismo, Amorim conseguiu também o auxílio de empresas: as sementes, os arados e, até mesmo, o sistema de irrigação são resultado de doações. Estudante do segundo ano da Faculdade de Biologia, Amorim recebeu a orientação de um técnico agrícola, quando optou pela adubação natural. "Adubamos a terra com esterco de vaca que conseguimos no parque de exposições, pois a horta funciona junto à Secretaria. E nas raras ocasiões em que aparece uma praga, resolvemos com uma mistura de fumo de corda e sabão."

Toda a produção da horta é consumida pelo restaurante da Secretaria da Agricultura e pelas creches do Instituto Botânico e da própria Secretaria.



CULTIVARES DE MILHO

O Centro Nacional de Pesquisa de Milho e Sorgo, unidade da Embrapa em Sete Lagoas, MG, lançou, recentemente, as cultivares de milho comum BR-300, BR-301 e BR-302, além de três novas cultivares de milho-doce-de-ouro (BR-401), superdoce (BR-400) e doce-cristal (BR-402). Este lançamento é o resultado de um trabalho desenvolvido pelos melhoristas do Centro durante oito anos, na busca de variedades mais eficientes, e em cuja produção haja menor risco para o agricultor.

O híbrido BR-300 é fruto de tecnologia de melhoramento desenvolvida a partir de populações oriundas de regiões tropicais e subtropicais. Resultou dos cruzamentos um híbrido intervarietal, com tipo de endosperma semidentado e coloração de grãos amarelo-laranja, que apresenta um ciclo de, aproximadamente, 135 dias para completar a maturação fisiológica.

A floração ocorre entre 62 e 66 dias após a germinação, para a inflorescência feminina. A altura da planta é de 220 a 240 centímetros, enquanto as espigas são bem empalhadas, sendo a planta bastante resistente no acamamento, mostrando também tolerância a doenças foliares, como o míldio, helmintosporiose e ferrugens. Adapta-se melhor nos estados do Paraná, Mato Grosso do Sul, São Paulo, Goiás, Distrito Federal e Minas Gerais. Em condições adequadas de plantio, a produtividade alcançada naqueles estados tem variado de 5.500 a 6.000 quilos por hectare.

O BR-301 tem mostrado melhor adaptação às regiões tradicionais de plantio de milho de Minas, São Paulo, Goiás, Mato Grosso do Sul, Distrito Federal e Paraná. Para o plantio deste híbrido, o Centro sugere uma densidade de 50 mil a 60 mil plantas por hectare e informa que a produtividade tem chegado a 6.000 quilos por hectare.

O BR-302 tem um porte mais baixo, apresenta uniformidade das plantas e uma cor verde intensa. Este híbrido compete, em produtividade,



com os melhores híbridos nacionais tardios, porém com a vantagem de porte e ciclo intermediários, apresentando grande estabilidade de produção. Indicado para o plantio em Minas, Goiás, Mato Grosso do Sul, São Paulo, Distrito Federal e Paraná, tem um ciclo de cerca de 140 dias para completar a maturação fisiológica, ocorrendo a floração de 64 a 68 dias. A densidade final é de 50 mil plantas por hectare. A produtividade média fica entre 6.000 a 6.500 quilos por hectare.

As cultivares superdoce, doce-de-ouro e doce-cristal podem ser plantadas em qualquer época do ano, onde não houver ocorrência de geadas. Porém, as maiores produtividades são conseguidas nos plantios de verão, sendo que o mesmo

sistema de produção utilizado para o milho comum poderá ser usado para o milho-doce.

As novas cultivares são de polinização aberta e desenvolvidas especialmente para a agroindústria, sendo adaptáveis para cultivo em pequena escala (consumo *in natura*). O doce-cristal é mais rústico, originado do germoplasma doce-de-cuba e, preferencialmente, indicado para hortas domésticas.

Os agricultores que quiserem receber, sem ônus, pequena quantidade das três cultivares podem se dirigir a Francisco J. B. Reifschneider, CNPHortaliças, caixa postal 07-0218, CEP 70359, Brasília, DF; e Elto E. G. Gama, CNPMilho e Sorgo, caixa postal, 151, CEP 35700, Sete Lagoas, MG.

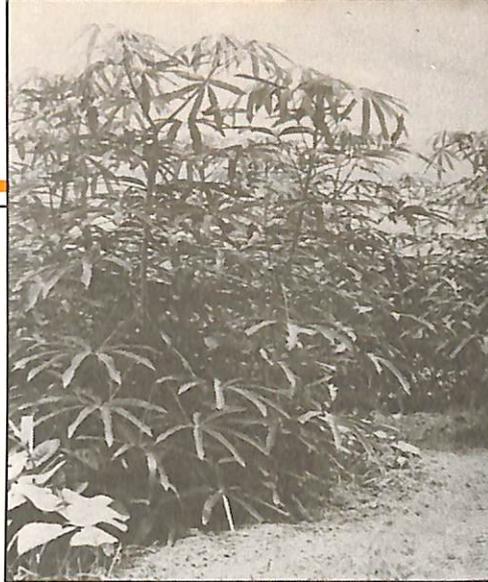
IRRIGAÇÃO DA MANDIOCA

Os pesquisadores acreditam que a mandioca teria sido originada numa região onde o período de seca é bem definido, sendo tolerante a esse fenômeno climático. Porém, a planta apresenta um sistema radicular fibroso bastante desenvolvido e profundo que lhe possibilita explorar grande volume de solo, de onde se obtém água e nutrientes.

Alguns trabalhos de irrigação já demonstraram que o crescimento da parte aérea é mais vigorosa sob condições de irrigação, o que provoca a utilização de toda a energia disponível para a formação de hastes e folhas, em prejuízo do engrossamento das raízes de reserva. É certo, também, que as raízes de reserva perdem amido durante os períodos de rebrota das plantas no início da estação das chuvas.

Experimentos realizados na Bahia evidenciaram que plantas irrigadas da cultivar Sutinga necessitam de 101 quilos de parte aérea para produzir 100 quilos de raízes. No caso relatado, o índice de colheita foi de 49,7 por cento. Já outros autores conseguiram índices de colheita bastante elevados em experimentos não irrigados, trabalhando com a cultivar Sutinga.

A mandioca adapta-se a diversos regimes de chuvas. No Nordeste, a planta é cultivada em áreas com menos de 600 milímetros anuais. Mas o índice de chuvas ideal, segundo a maioria dos autores, fica entre 1.000 e 1.500 milímetros por ano, bem distribuídos, sobretudo, nos primeiros meses de desenvolvimento da planta.



Por outro lado, a mandioca suporta precipitações maiores, de até 4.000 milímetros anuais, como se verifica na Indonésia.

Na microrregião do Recôncavo Baiano, as maiores produções alcançadas foram conseguidas quando a época de plantio coincidia com o início de períodos de maior precipitação pluviométrica, fato também observado por pesquisadores em outras regiões do território nacional.

Na primeira fase do seu ciclo, a planta precisa de um suprimento de água adequado, isto é, no período de estabelecimento da cultura, após o qual deficiências hídricas por períodos relativamente prolongados não causam problemas consideráveis.

A produção pode ser maior quando a chuva varia durante o curso do ano. Até agora, não se sabe os prejuízos que *déficits* leves de água possam desempenhar na planta, mas pode-se supor que afete a maturação das raízes tuberosas.

PLANTIO DE PEPINO

O plantio de pepino é feito em semeadura direta na cova ou no sulco, tanto na cultura rasteira como na estaqueada, semeando-se quatro a cinco sementes à profundidade de dois centímetros. Alguns olericultores preferem semear em copinhos de jornal, com 10 centímetros de altura e seis centímetros de diâmetro, como é o usual para tomate. Este procedimento possibilita algumas vantagens, como o melhor desenvolvimento inicial das plântulas, a menor possibilidade de haver covas falhadas e o aumento da precocidade da colheita. Este aspecto é importante para que o produto alcance melhor preço, especialmente em regiões de inverno muito frio. Nestas condições, é mais vantajosa a localização dos copinhos dentro de pequenas estufas de polietileno.

O espaçamento no plantio depende do tipo de condução da cultura, sendo de dois metros entre linhas por um a dois metros entrecovas, nas grandes culturas rasteiras. Na cultura tutorada, geralmente feita em rotação com o tomate, o espaçamento segue o dessa cultura, variando de um metro por 50 centímetros a um metro por 70 centímetros. É recomendável a rotação de pepino com tomate para aproveitamento do efeito residual de adubação, bem como das facilidades de tutoramento e irrigação.

RABANETE

As melhores variedades de rabanete são as seguintes: early scarlet globe, redondo-escarlate-precoce, redondo-rosado-de-ponta-branca, comet, cherry belle e French breakfast.

A adubação do rabanete é feita no canteiro com seis quilos de esterco de curral, 100 gramas de superfosfato e 20 gramas de cloreto de potássio, no canteiro; e com 20 gramas de salitre do Chile, dez dias após o plantio, em cobertura.

Para as variedades early scarlet globe, cherry belle e comet, o espaçamento indicado é de 15 por oito centímetros. Para as demais variedades, o espaçamento indicado é de 25 por 10 centímetros. A época de plantio é de abril a julho.

A época de colheita é diferente de acordo com a variedade: comet e cherry belle, a cada 20 dias; early scarlet globe e redondo-escarlate-precoce, a cada 25 dias; redondo-rosado-de-ponta-branca e French breakfast, a cada 30 dias.

Os tratamentos culturais necessários são as capinas e escarificações. O combate à erosão é feito com canteiros em níveis ou terraços. A irrigação recomendada é por aspersão, a cada dois dias. As melhores culturas para rotação são adubo verde, tomate, ervilha e feijão-vagem.

O rendimento normal da cultura é de 20 a 40 toneladas de raízes por hectare. A quantidade de sementes necessária é de 30 quilos por hectare.

ÇAÇA-MOSCAS

A instalação de 15 mil caça-moscas auxiliou no combate às pragas das frutas provocadas por estes insetos nos pomares gaúchos de pêssego, maçã, ameixa e nectarina. Segundo informações da Emater/RS, os caça-moscas diminuíram drasticamente o uso de venenos nas árvores frutíferas, representando uma economia de Cr\$ 40 milhões em agrotóxicos, com a vantagem de não poluírem o ambiente.

O caça-mosca é uma campânula de plástico, de 15 centímetros de diâmetro e 17 centímetros de altura, com um orifício na parte inferior, o qual é pendurado em um galho em cada cinco árvores do pomar. No seu interior, é colocada uma isca atrativa, composta por água, açúcar e inseticida. A mosca da fruta morre ao sugar este caldo, não transmitindo, por isso, doenças como a podridão do pêssego e da ameixa.

As 15 mil armadilhas vendidas no Sul atingem 150 hectares, pois em cada hectare há, em média, 500 árvores e 100 caça-moscas.

Cada caça-mosca exige somente 0,2 litro de água e 0,2 litro de inseticida para a formação de seu caldo nutritivo. Os 15 mil gastam, portanto, seis litros de inseticida. Durante o período de produção das frutas, a isca atrativa deve ser renovada a cada cinco dias. Assim, em dois meses, são feitas 12 renovações ou 72 litros de inseticida. Como o litro de inseticida está orçado em Cr\$ 30 mil, se todos os caça-moscas estiverem sendo usados, isto representa um custo total de Cr\$ 2,1 milhões.

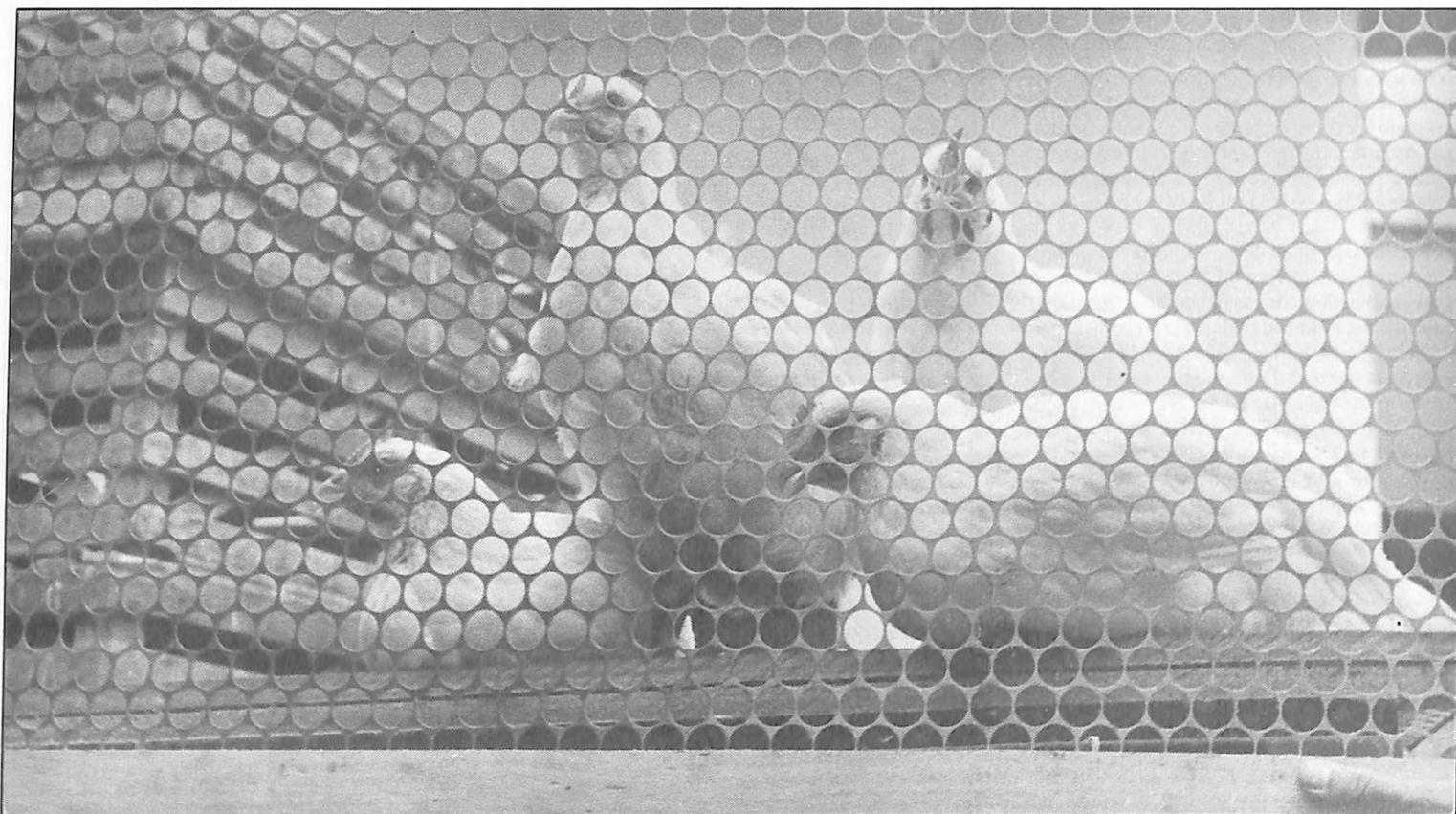
A pulverização tradicional do pomar exige 800 litros de água para 1,6 litro de inseticida em um hectare. São necessárias, também, seis aplicações, que, multiplicadas por 150 hectares, custam 1.440 litros de inseticida, ou seja, Cr\$ 43,2 milhões.

Além da redução dos custos, outra vantagem do caça-mosca é que não há contágio das frutas e do meio ambiente, beneficiando tanto o produtor como o consumidor, que recebe um produto menos tóxico.

MOSTARDA

A mostarda-de-folha é uma brássica folhosa encontrada, na sua forma selvagem, no meio de muitos cafezais paulistas. Tais variedades nativas são de sabor muito picante, sendo que as variedades americanas, como a Florida Broad Leaf, de melhor sabor, são mais apreciadas.

A planta prefere clima ameno. Por não ser muito exigente, pode ser semeada durante o ano todo, em muitas localidades. A semeadura é direta, feita em linhas, distanciadas de 30 centímetros, deixando-se uma planta a cada 20 centímetros após o desbaste. A colheita principia aos 40 dias, após a semeadura.



Resultados apontam redução do stress

Pesquisas mostram valor da vitamina C

Na ração, equilibra temperatura das aves sem prejudicar desempenho.

Uma série de pesquisas, realizada na Europa por diversos pesquisadores, sobre funções fisiológicas e nutricionais da vitamina C apontou vantagens do uso desta vitamina na suplementação de aves domésticas. Os resultados relatados confirmam que a diminuição do crescimento e do desempenho das aves atingidas por stress podem ser consideravelmente reduzidos pela adição da vitamina na ração.

Tanto o calor excessivo como o frio agudo frequentemente causam stress. Ambos impõem ao organismo a tarefa de manter o equilíbrio da temperatura do corpo em ambiente adverso, e a energia adicional requerida para isto é obtida basicamente às custas do desempenho.

Em experimento onde as aves foram inicialmente submetidas à baixa e depois alta temperaturas, P. A. Thornton mostrou que poedeiras suplementadas com vitamina C na ração (44mg/kg) foram capazes de obter um controle substancial de

seu equilíbrio de calor, mesmo sob o stress de temperaturas opostas. As temperaturas corporais das aves de controle (que não receberam suplementação) variaram de acordo com a temperatura ambiente, mas as flutuações corporais foram reduzidas de forma significativa com a suplementação de vitamina C.

Esta habilidade da vitamina em reduzir o stress pode ser a explicação de alguns resultados obtidos pelos cientistas. Scholtyssek e H. Häusermann, em seus experimentos, descobriram que galinhas em baterias recebendo 30mg/kg de ração melhoraram sensivelmente a utilização das próprias rações, quando comparadas às aves de controle não tratadas. E mostraram uma melhora definitiva na cor das gemas de seus ovos. Algumas das aves foram mantidas em temperatura ambiente de 15 graus centígrados, outras, a uma temperatura de 30 graus centígrados.

P. A. Thornton demonstrou que as deficiências

na constituição das cascas de ovo, devido às altas temperaturas, tais como casca fina, fragilidade e baixo peso específico, são também frequentemente uma consequência direta do descontrole da temperatura no animal. Isto pode ser corrigido pela suplementação de vitamina C. Mesmo no clima temperado da Suécia, A. Kivimäe obteve melhora na qualidade das cascas de ovos, usando suplementação de 100 miligramas por quilo de ração.

Estabilidade da casca — As investigações de F. B. Mather, de P. A. Thornton e de B. S. Gould contribuíram para um melhor entendimento das relações fisiológicas existentes entre o stress de calor, vitamina C e estabilidade da casca do ovo. Parece que a alta temperatura causa deformações no colágeno da casca, no qual o carbonato de cálcio é depositado, e estas deformações se manifestam na espessura reduzida e numa textura alterada, ocorrendo um aumento correspondente na fragilida-

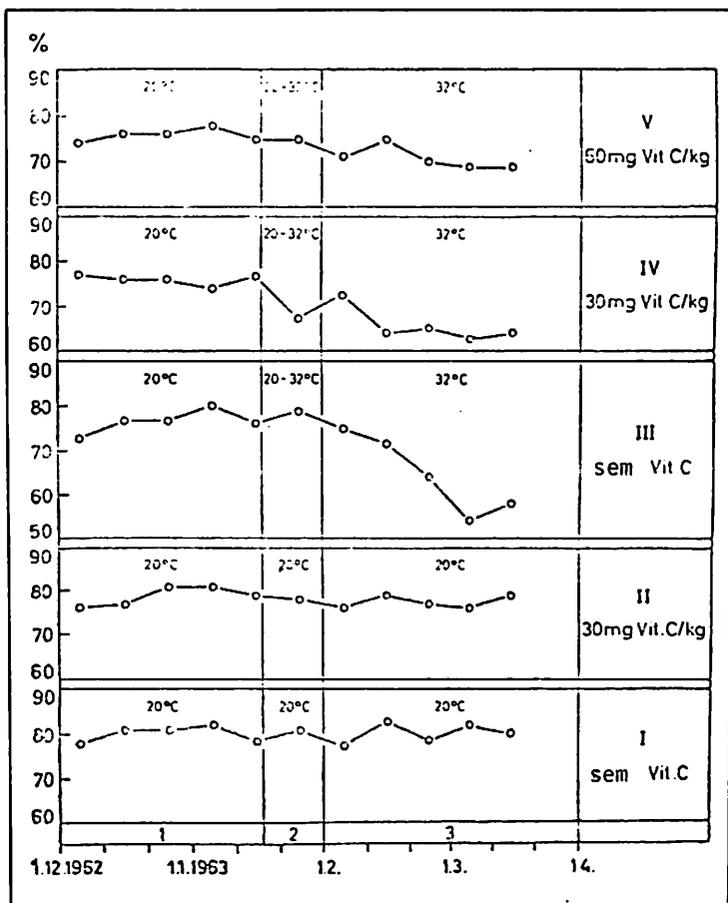


Gráfico 1: influência no desempenho da postura

de. Uma vez que a vitamina C está ativamente envolvida na formação do colágeno, segundo B. W. van Robertson, a sua adição em rações pode reduzir o aparecimento de defeitos na casca dos ovos às vezes evitá-los totalmente.

Não é de surpreender, portanto, que o baixo desempenho das aves domésticas, provocado pelo stress, é melhorado pela vitamina C. Naquelas publicações onde a vitamina C é tida como ineficiente, um exame mais profundo revela que os stresses eram suaves ou inexistentes. As aves estavam abrigadas e alimentadas quase que otimamente e em perfeita saúde. Por esta razão, não se poderia esperar que a vitamina C produzisse efeito.

Efeitos do calor — O calor é um dos fatores de stress que freqüentemente ocorre no verão. G. Strauch investigou o efeito de suplementar uma ração básica de aves de postura com várias quantidades de vitamina C: zero, 30 e 60 miligramas por quilo, em galinhas mantida a mais de 32 graus centígrados. Quando as aves de controle eram abrigadas a 20 graus centígrados, os diferentes níveis de vitamina C adicionados às rações não afetaram o desempenho de postura, nem a espessura e fragilidade da casca dos ovos. Entretanto, em aves abrigadas a 32 graus centígrados, onde a postura baixou de 76 por cento para 58 por cento nas aves de controle, a adição de 30mg/kg de vitamina C reduziu a queda no desempenho de 24 por cento para 17 por cento. A adição de 60mg/kg de vitamina C reduziu esta queda ainda mais, para 8 por cento. Além disso, como os gráficos acima indicam, as

suplementações de 60mg/kg de vitamina C diminuíram a fragilidade e finura das cascas dos ovos, induzidas pelo stress do calor, nas aves de controle.

Estas descobertas confirmam os estudos de M. Perek e J. Kendler, que, sob as condições climáticas extremas do Vale do Jordão — onde as temperaturas máximas alcançam 43 graus centígrados e a umidade relativa do ar flutua entre 15 por cento e 95 por cento —, descobriram que galinhas White Leghorn eram capazes de manter um alto desempenho de postura com uma suplementação de 25mg/kg de vitamina C, em contraste com as de controle, não suplementadas, que falharam neste respeito. A mortalidade e o índice de seleção foram inferiores e melhorou a eficiência alimentar. Da mesma forma, melhorou a produção de esperma de frangos Leghorn, mantidos sob condições quentes, pela suplementação de ração com vitamina C, ministradas por M. Perek na base de 100mg/kg.

Num teste conduzido por K. Salobir em frangas White Rock, mantidas diretamente sob o teto de um galinheiro durante o calor do verão, as aves suplementadas com 100mg/kg de ração alcançaram uma média de peso vivo de 1.230 gramas após 66 dias, enquanto o grupo de controle, mantido sob as mesmas condições, obteve somente uma média de 598 gramas. As aves supridas com vitamina C foram superiores na qualidade da carcaça.

Mais resistência — A vitamina C atua também no aumento de resistência a stress, induzido por

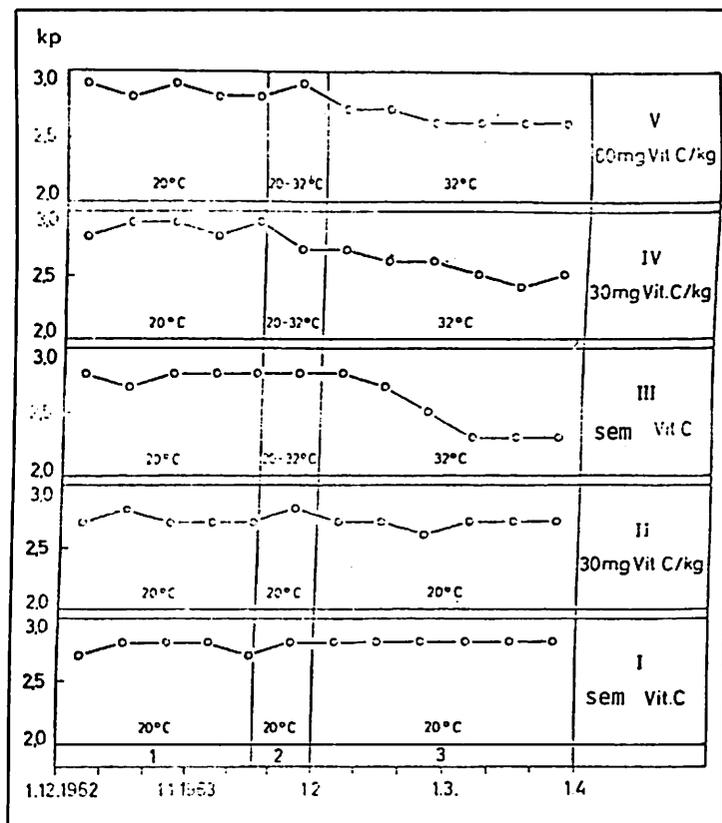


Gráfico 2: efeito na fragilidade da casca dos ovos

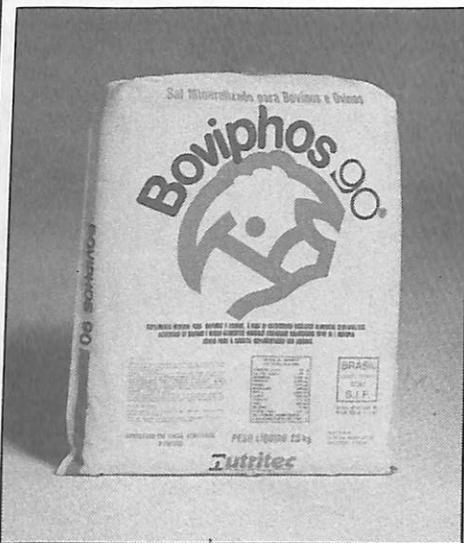
uma variedade de doenças. Como tem sido demonstrado, a "fadiga-de-gaiola" pode ser considerada como uma consequência do stress. Foi confirmado nas investigações, particularmente de J. Polster, que ela pode ser reduzida pela administração de vitamina C. Num experimento terapêutico, J. Polster teve sucesso em curar 123 entre 125 galinhas que sofriam de "fadiga-de-gaiola", com duas injeções consecutivas de vitamina C de 100 miligramas cada.

E. Gerriets e D. Ebner demonstraram o efeito notável da vitamina C no stress causado por doença, em algumas experiências de campo feitas em grandes plantéis que sofriam de coriza. O desempenho de postura, reduzido pela doença, melhorou de maneira significativa com a administração de vitamina C, na base de 50 e 100mg/kg de ração, tanto isolada como em combinação com clorotetraciclina. Também a recuperação foi acelerada.

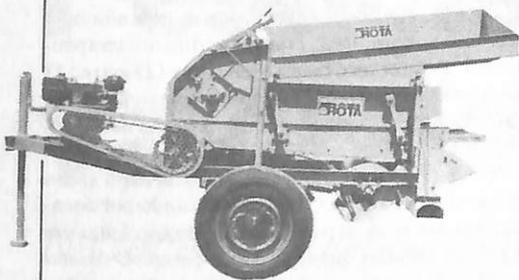
Os seguintes níveis podem servir como guia para a administração de vitamina C em aves domésticas:

Aplicação	Suplementação mg/kg de ração
poedeiras durante o verão	30 — 60
em caso de "fadiga-de-gaiola" reprodutoras durante o verão	100
aves domésticas em geral para maior resistência a doenças infecciosas	50 — 100

NOVIDADES NO MERCADO



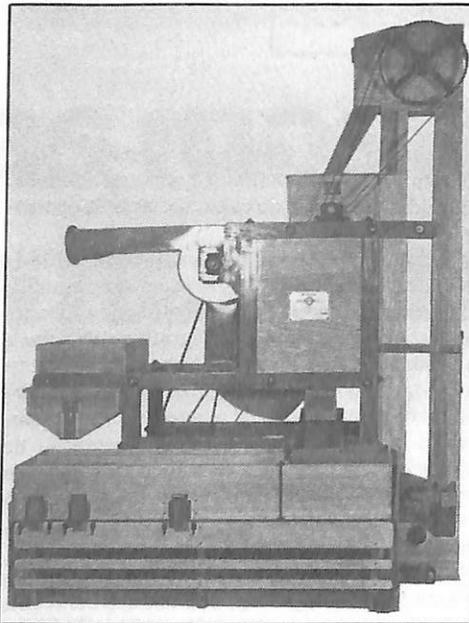
SAL MINERALIZADO — A Nutritec coloca à disposição no mercado sal mineralizado para bovinos em quatro diferentes composições: Boviphos-45, Boviphos-65 e Boviphos-90, significando o número de quantidades de gramas de fósforo por quilo, com o devido balanceamento dos demais componentes. O Boviphos Especial é fabricado especificamente para cada propriedade rural, levando em conta a terra, a pastagem e o rebanho. O produto é fornecido em embalagens de sacos plásticos valvulados com 25 quilos de peso líquido. **Nutritec — Indústria e Comércio de Produtos Agropecuários Ltda., Rua João Pessoa, 50-A, CEP 86100, Londrina, PR.**



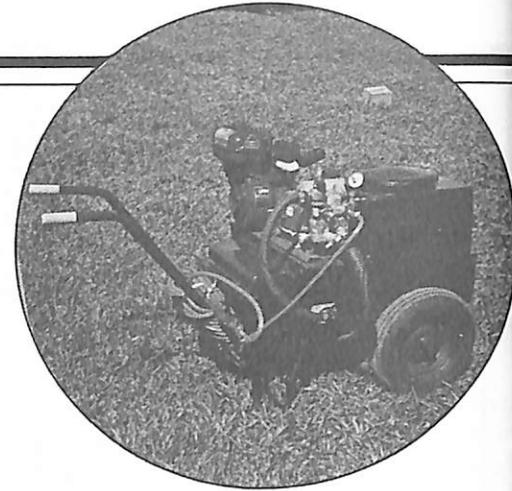
TRILHADORA DE PARCELA — A Rota/RT-1 é uma trilhadora de parcelas projetada e construída para trabalhos experimentais por agrônomos e outros técnicos em pequenas propriedades agrícolas, na trilha de cereais, leguminosas e forrageiras. A trilhadora é montada em chassi tipo trailer, equipado com rodas pneumáticas, possibilitando o seu deslocamento rebocado por automóvel, camionete ou trator. Um apoio regulável na parte frontal do chassi permite o nivelamento da trilhadora em solos inclinados durante a operação de trilha. **Rota, Rua João de Barro, 175, Parque das Indústrias Leves, CEP 86100, Londrina, PR.**



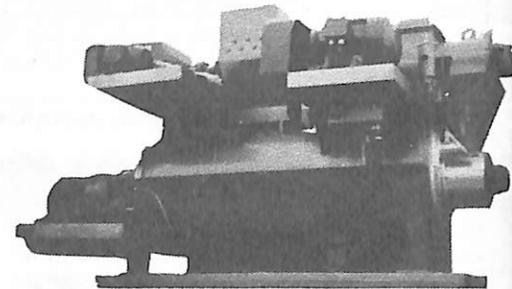
FASCIOLICIDA — O FasineX é um produto que atua em todas as formas da fasciola, permitindo um perfeito controle da parasitose já na fase de migração pelo fígado, evitando assim os danos comumente provocados naquele órgão em bovinos e ovinos, conforme a empresa fabricante. Este fasciolicida não interfere com outras substâncias, podendo ser aplicado simultaneamente com vacinas, tratamentos contra outros ectoparasitas e com quaisquer vermífugos. Apresentado em frascos de polietileno de um litro, o FasineX pode ser aplicado com qualquer pistola de vermifugação oral. **Ciba-Geigy Química, Subdivisão Saúde Animal, Avenida Santo Amaro, 5137, CEP 04701, São Paulo, SP.**



BENEFICIADORA PARA SEMENTE — A Metalúrgica Pinhal Ltda. projetou e construiu a beneficiadora para semente de capim Modelo MP-SC-2. A máquina limpa, descasca, brunea e classifica em três tipos (A, B e C) sementes de capim de todas as variedades, tais como braquiária, colômbio, jaraguá e holandesa. A beneficiadora é composta de moega de cana, peneiras para impurezas, elevador de carga, miolo interno, exaustor, motor elétrico de 7,5 HP IV Pólos 60 HZ. **Metalúrgica Pinhal Ltda., Rodovia Londrina Cambé, BR-369, Km 158, CEP 86180, Cambé, PR.**



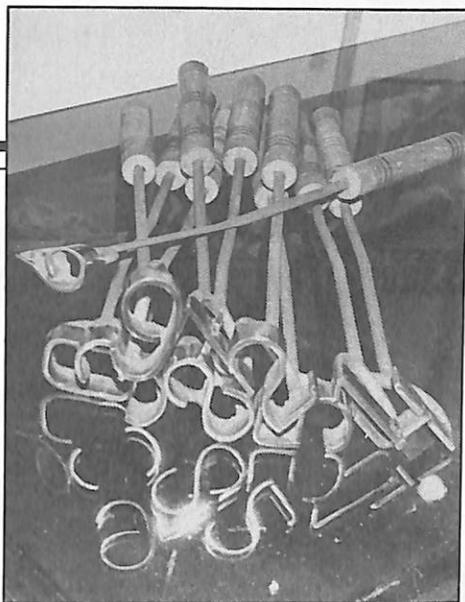
CONJUNTO DE PULVERIZAÇÃO — A Brasfibr fabrica conjuntos de pulverização para café, com tanques de fibra de vidro, incorrosíveis. O sistema de mangueiras enroladas permite que quatro homens, simultaneamente, pulverizem até 10 mil pés de café por dia. Com capacidades variáveis de 100 a dois mil litros, os conjuntos podem seracionados manualmente, por animal, camioneta ou trator, sendo acionados por motor ou tomada de força do trator. **Brasfibr Náutica e Agrícola Ltda., Avenida Colombo, 1530, CEP 87100, Maringá, PR.**



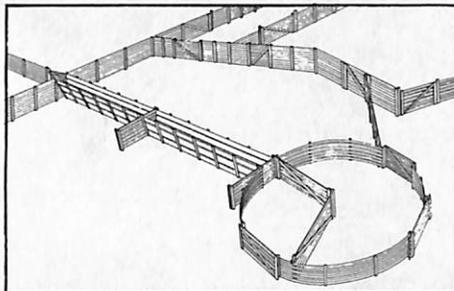
PASTONIZADOR — O projeto de confinamento bovino das Casas Sendas, em Magé, RJ, que já tem dois anos de funcionamento, é pioneiro na América Latina na utilização de capim com pastone na alimentação animal. O pastone é um alimento cozido e pastoso, administrado por via líquida e produzido a partir de matérias-primas não convencionais, constituindo-se numa "tecnologia de alimentos alternativos". Uma quantidade de aproximadamente 15 quilos por dia por cabeça é suficiente para obter ganho de peso bem superior ao obtido no sistema tradicional melaço/uréia. **Vomm — Equipamentos e Processos Ltda., Rua Manoel Pinto de Carvalho, 161, Bairro do Limão, São Paulo, SP.**



MOTONIVELADORA — A Dresser está lançando no mercado um novo modelo de motoniveladora, com chassi articulado. A motoniveladora articulada Galion, Modelo A-400B, foi projetada para fazer desde o valetamento profundo até o acabamento final de precisão. Pode ser utilizada como rígida, articulada ou deslocamento-diagonal, proporcionando assim total flexibilidade, além de mínimo raio de giro, segundo o fabricante. **Dresser Indústria e Comércio Ltda., Divisão HWB - Jeffrey, Avenida Paulista, 1.106, 3º andar, CEP 01310, São Paulo, SP.**

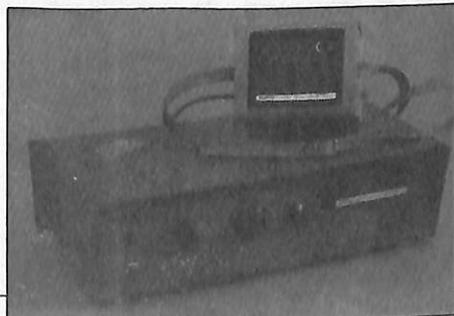


MARCADORES DE GADO — Os jogos de números para marcar gado da Ronnye são fabricados em aço inoxidável, em diversos tamanhos. **Indústria Ronnye Ltda., Avenida Faustina, 103, CEP 17400, Garça, SP.**



INSTALAÇÕES PARA OVINOS — A Muttoni tem instalações para trabalhar ovinos que consistem em conjuntos formados por bretes de 5,50 metros ou de 11 metros; curral redondo com portas giratórias; porta triangular na entrada e tranca de dentes. O curral redondo facilita a classificação dos animais para o banho. As porteiros giratórias guiam os ovinos para o brete. O conjunto é em madeira de lei e ferragem de aço SAE 1020. **Gustavo Muttoni & Cia Ltda., Rua Porto Alegre, 120, BR 116, Km 10, CEP 92500, Guaíba, RS.**

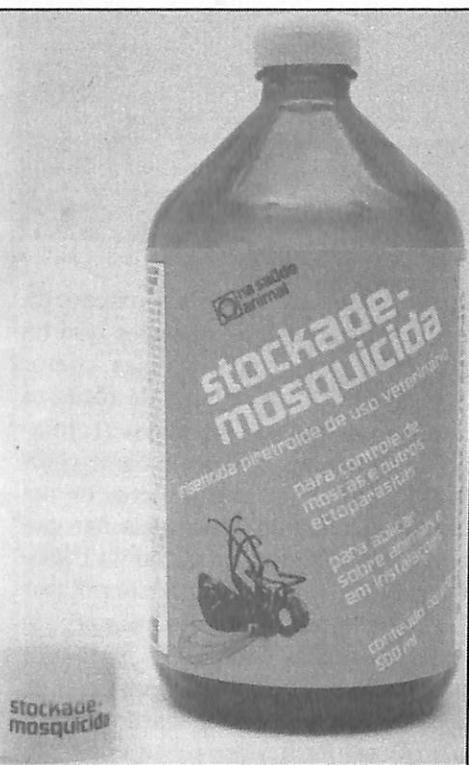
TERMOMETRIA — A Semical lança o equipamento de termometria Semiterm, dotado de alta precisão para garantir a segurança através de medição rápida da temperatura de cereais estocados em silos graneleiros. Os dispositivos sensores de temperatura consistem de termopares selecionados, montados em cabos de medição que, por sua vez, são suspensos diretamente no meio do cereal, cuja temperatura deve ser controlada. **Semical, caixa postal 1661, CEP 86100, Londrina, PR.**



PIRETRÓIDE — Sumitik 20 EC é um piretróide de que contém fenvalerato, indicado para o controle dos piolhos e ácaros que atacam as aves. Trata-se de um produto apresentado sob a forma de concentrado emulsionável a 20 por cento, em frascos de 50, 250, 500 e 1000 mililitros, pronto para ser diluído em água e aplicado em seguida. A dosagem média recomendada é de um litro de Sumitik 20 EC para 1000 litros de água. **Sumitomo Corporation do Brasil S/A, Divisão Agropecuária, Avenida Fábio Eduardo Ramos Esquivel, 633, CEP 09900, Diadema, SP.**



COMBOIO PARA LUBRIFICAÇÃO — A Destil tem um comboio para lubrificação com 2,40 metros de largura, 0,50 metro de altura, 4,80 metros de comprimento, com caminhão opcional. O tanque metálico para combustível é construído em chapa de aço de carbono SAE-1020 e teto chapa xadrez 3/16". As longarinas (inferior e superior) são feitas em chapa nº 8. O tanque tem capacidade para 4.550 litros e duas divisões. Uma divisão forma um tanque com capacidade para 3.800 litros de óleo diesel. A outra divisão é composta por dois tanques de 375 litros (cada) para óleo lubrificante. **Destil Metalúrgica Ltda. Rodovia PR 317, Km 2, caixa postal 721, CEP 87100, Maringá, PR.**



MOSQUICIDA — Stockade é um inseticida piretróide para uso veterinário que controla as moscas em geral e combate piolhos, sarnas, pulgas, baratas, etc. O produto pode ser usado em pulverizações de animais e instalações. Segundo a empresa fabricante, o Stockade apresenta baixíssima toxicidade para mamíferos e possui longo poder residual e efeito repelente. Os frascos do produto têm 500 mililitros. **Squibb Indústria Química S/A, Avenida João Dias, 1.084, CEP 04724, São Paulo, SP.**

Novos ventos

Ary Marimon (foto), presidente eleito da Federação da Agricultura do Estado do Rio Grande do Sul, não destoa do ruralismo brasileiro: está otimista.

Sem dúvida, novos ventos deverão soprar, não só no Rio Grande do Sul, mas também no Brasil. O dia 15 de janeiro deste 1985 que ora se inicia não só ficará registrado nos anais de nossa história como a data da eleição do Presidente da República, mas especialmente marcará o início de uma grande caminhada rumo a um maior desenvolvimento político, social e econômico da nação brasileira. Temos agora, com a abertura, um presidente civil e um político com larga experiência que, esperamos, haverá de possibilitar uma maior participação das classes econômicas no equacionamento dos problemas brasileiros.

Nós, que em 21 de janeiro (apenas seis dias após eleito o novo Presidente da República), fomos escolhidos, com expressiva maioria pelos legítimos representantes da classe rural rio-grandense para, juntamente com nossos companheiros de chapa, dirigirmos a Federação da Agricultura do Estado do Rio Grande do Sul — Farsul, nos próximos três anos, alimentamos fortes esperanças de que o senhor Tancredo Neves atenda aos apelos dos produtores brasileiros e, especialmente, dos agricultores e pecuaristas gaúchos, que de longa data reivindicam maior atenção do governo federal ao setor. É imperioso que se estabeleça uma política estável a partir de um plano que torne possível o atendimento das urgentes e permanentes necessidades do campo. É baseada nessas necessidades que a Federação da Agricultura espera do novo Presidente da República a indispensável sensibilidade, para, na formação de seu governo, escolher nomes cujo conhecimento do setor primário desde logo possibilitem a esperança de que novos rumos passem a ser definidos para a tão sofrida atividade rural. Bom seria que na indicação do Ministro da Agricultura es-



te importante detalhe já fosse levado em consideração.

A Farsul continuará na sua luta, com a força da representatividade que possui, na defesa das aspirações maiores dos produtores rurais rio-grandenses.

Esperamos que nossas contribuições e gestões, que serão sempre estabelecidas a partir do consenso de toda a classe, sejam examinadas com o devido critério pelos vários escalões governamentais, legitimando uma real prioridade ao setor primário, notadamente o segmento básico de nossa economia.

Vamos insistir junto ao governo federal por uma efetiva participação da classe rural nas decisões que afetem a atividade. Pretendemos promover o entrosamento com as demais federações e entidades do setor, a fim de que, de forma definitiva, possa o Rio Grande produtor falar a mesma linguagem.

Além de darmos prosseguimento ao incremento dos vários departamentos responsáveis pela estrutura interna da

Casa, vamos externar a posição da Farsul sobre todas as questões que há anos estão a exigir providências, como: liberação de maior volume de recursos (crédito) em épocas oportunas (formação das lavouras, colheita e comercialização, assim como aos projetos de pecuária); incremento à pesquisa agropecuária; contra a discriminação da Previdência Social ao homem do campo; por maior representatividade do setor primário no Conselho Monetário Nacional; contra as importações extemporâneas de carne e de cereais; pela realização de estudo profundo e criterioso sobre a situação fundiária brasileira, o problema da terra, os aspectos regionais, o êxodo rural; lutaremos pela preservação do meio ambiente (disciplinamento do uso de defensivos agrícolas). Enfim, vamos apoiar a criação de novos sindicatos rurais no estado, mantendo também o sistema de reuniões regionais, como forma de maior integração entre produtores, sindicatos e a Farsul.

No

*Ary Marimon (foto)
Estado do Rio Grande
otimista.*

Sem dúvida, novos ventos de soprar, não só no Rio Grande do Sul, mas também no Brasil. O dia 21 de janeiro deste 1985 que ora se iniciará só ficará registrado nos anais de história como a data da eleição do presidente da República, mas especialmente marcará o início de uma grande mudança rumo a um maior desenvolvimento político, social e econômico da brasileira. Temos agora, com a abertura de um presidente civil e um político com uma experiência que, esperamos, haverá de possibilitar uma maior participação das classes econômicas no equacionamento dos problemas brasileiros.

Nós, que em 21 de janeiro (apenas dois dias após eleito o novo Presidente da República), fomos escolhidos, com uma esmagadora maioria pelos legítimos representantes da classe rural rio-grandense juntamente com nossos companheiros de chapa, dirigirmos a Federação de Agricultura do Estado do Rio Grande do Sul — Farsul, nos próximos três meses, alimentamos fortes esperanças de que o senhor Tancredo Neves atenda aos anseios dos produtores brasileiros e, especialmente, dos agricultores e pecuaristas gaúchos, que de longa data reivindicam a maior atenção do governo federal. É imperioso que se estabeleça uma política estável a partir de um plano que torne possível o atendimento das urgentes e permanentes necessidades do setor.

É baseada nessas necessidades que a Federação da Agricultura espera do novo Presidente da República a indispensável sensibilidade, para, na formação de seu governo, escolher nomes cujo conhecimento do setor primário desde logo possibilitem a esperança de que novos rumos passem a ser definidos para a tão sofrida atividade rural. Bom seria que na indicação do Ministro da Agricultura es-

90000

ral por uma efetiva participação da classe rural nas decisões que afetem a atividade. Pretendemos promover o entrosamento com as demais federações e entidades do setor, a fim de que, de forma definitiva, possa o Rio Grande produtor falar a mesma linguagem.

Além de darmos prosseguimento ao incremento dos vários departamentos responsáveis pela estrutura interna da

fundiária brasileira, o problema da terra, os aspectos regionais, o êxodo rural; lutaremos pela preservação do meio ambiente (disciplinamento do uso de defensivos agrícolas). Enfim, vamos apoiar a criação de novos sindicatos rurais no estado, mantendo também o sistema de reuniões regionais, como forma de maior integração entre produtores, sindicatos e a Farsul.

ISR 49-369/82
UP SIQ. CAMPOS
DR/RS

CARTÃO-RESPOSTA COMERCIAL

Não é necessário selar este cartão

O selo será pago por
EDITORA CENTAURUS LTDA.
DEPTO. CIRCULAÇÃO
Av. Getúlio Vargas, 1558
Cx. Postal 2890
Porto Alegre - RS

Furamizol Solúvel. A opção solúvel contra DCR e Diarréia das aves.



FURAMIZOL SOLÚVEL

- Possui o mais eficaz dos nitrofuranos contra a maioria dos microrganismos.
- É de solubilidade rápida e total.
- Eficiente na prevenção e combate de infecções sub-clínicas devendo ser usado em épocas estressantes ou de queda da resistência.

FATEC QUÍMICA INDUSTRIAL S.A.

Associada a TAKEDA, desde 1976

TAKEDA CHEMICAL INDUSTRIES LTD.,

Liderança da indústria farmacêutica do Japão

Fábrica: Av. Fatec, 1300 - Arujá (SP)- Escritório e Vendas: Pç. da Liberdade, 130 - 10º a. - c/ 1003
Fone (PABX) 37-7161 - C. Postal 2500 - CEP 01051- SÃO PAULO - SP



“Sem irrigar, você precisa de duas fazendas iguais à minha para ter a mesma produção.”

José Antenor Fontes Xavier



O Sr. José Antenor Fontes Xavier, proprietário da Fazenda Cachoeira, em Conceição das Alagoas, MG.



“Eu comecei aqui em 1973, plantando soja, algodão e amendoim, sem irrigação. Aí, cheguei à conclusão que a terra ociosa de março até setembro poderia produzir, se irrigada. Em 1981, começamos com dois autopropelidos Combo. Isso me possibilitou cultivar primeiro o feijão, depois o arroz. Estas culturas são dependentes das chuvas, e com a irrigação consegue-se uma produtividade, no mínimo, 50% maior.”

“Com a irrigação você pode programar a colheita para uma época de escassez, obtendo então preços melhores. Sem contar que na área irrigada você tem certeza da colheita que, ainda por cima, é muito maior.”

“A irrigação é uma garantia para o investimento na lavoura, mesmo para o pequeno agricultor. A gente pode gastar com adubação, defensivos e correção do solo, sabendo que vai ter retorno garantido.”

“Com a irrigação do Carbomatic, eu duplico a produção de minhas terras. Transformo meus

400 ha em 800, porque o normal são duas safras por ano, mas aqui eu planto também na entressafra. Pelas perspectivas da agricultura, meus dois Pivôs Centrais Carbomatic já têm retorno assegurado: com uma safra de feijão, já estão pagos”. “O Pivô Central Carbomatic tem uma tecnologia bem mais moderna que os autopropelidos. Dá menos mão-de-obra, menos problemas de manutenção, é mais rápido e

mais perfeito. Mas a gente não se desfaz dos nossos Combo, não. É como diz o meu filho, José Luiz que administra a parte financeira: “Se os equipamentos Carborundum eram bons até hoje, não vão deixar de ser, agora”.



CARBORUNDUM

SISTEMAS DE IRRIGAÇÃO

Av. Presidente Castelo Branco, 1619 - CEP 13280 - Vinhedo - SP
Telex 0191958 CARB - BR - Tel.: (0192) 76-1522

À Carborundum - Sistemas de Irrigação
Av. Presidente Castelo Branco, 1619 - CEP 13280 - Vinhedo - SP
Desejo aumentar a produtividade das minhas culturas com o Carbomatic.
Envie maiores informações.

Nome: _____

Endereço: _____

Cidade: _____

Estado: _____

Telefone: _____

CEP: _____